

Livro que
inspirou o filme
original do

DISNEY CHANNEL

THE

SWAP



TROCA



MEGAN
SHULL



Harper
Collins

MEGAN
SHULL

a
TROÇA

Tradução
Lígia Azevedo



Rio de Janeiro, 2017

Título original: The swap

Copyright © 2014 by Megan Shull

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela CASA DOS LIVROS EDITORA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S565t

Shull, Megan, 1969-

A troca / Megan Shull ; tradução Lígia Azevedo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins, 2017.

272 p.

Tradução de: The swap

ISBN 9788595080539

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Azevedo, Lígia. II. Título.

16-38054

CDD: 028.5

CDU: 087.5

SUMÁRIO

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[1 | Ellie](#)

[2 | Jack](#)

[3 | Ellie](#)

[4 | Jack](#)

[5 | Ellie](#)

[6 | Jack](#)

[7 | Ellie](#)

[8 | Jack](#)

[9 | Ellie](#)

[10 | Jack](#)

[11 | Ellie](#)

[12 | Jack](#)

[13 | Ellie](#)

[14 | Jack](#)

[15 | Ellie](#)

[16 | Jack](#)

[17 | Ellie](#)

[18 | Jack](#)

[19 | Ellie](#)

[20 | Jack](#)

[21 | Ellie](#)

[22 | Jack](#)

[23 | Ellie](#)

[24 | Jack](#)

[25 | Ellie](#)

[26 | Jack](#)

[27 | Ellie](#)

[28 | Jack](#)

[29 | Ellie](#)

[30 | Jack](#)

[31 | Ellie](#)

[32 | Jack](#)

[33 | Ellie](#)

[34 | Jack](#)

[35 | Ellie](#)

[36 | Jack](#)

[37 | Ellie](#)

[38 | Jack](#)

[39 | Ellie](#)

[40 | Jack](#)

[41 | Ellie](#)

[42 | Jack](#)

[43 | Ellie](#)

[44 | Jack](#)

[45 | Ellie](#)

[46 | Jack](#)

[47 | Ellie](#)

[48 | Jack](#)

[49 | Ellie](#)

[50 | Jack](#)

[51 | Ellie](#)

[52 | Jack](#)

[53 | Ellie](#)

[54 | Jack](#)

[55 | Ellie](#)

[56 | Jack](#)

[Cinco meses depois | Ellie](#)

[Três anos depois | Jack](#)

[Agradecimentos](#)

[Ficha técnica](#)

Para Maggie Doyne e Margaret Riley King

Haverá milagre maior do que ver com
os olhos do outro por um instante?

— HENRY DAVID THOREAU

ELLIE

É VERÃO, FAZ SOL E nós três estamos sentadas na borda áspera de cimento da piscina do Clube Aquático Riverside, balançando os pés na água. Com “nós três” quero dizer eu (Ellie O’Brien), Sassy Gaines (minha ex-melhor amiga desde sempre) e Aspen Bishop (que há um mês se mudou para cá vinda da Califórnia e parece ter roubado meu lugar). Se quiser visualizar a gente, é melhor que eu diga: Sassy e Aspen estão uma ao lado da outra, ambas de biquíni laranja berrante de alça cruzada nas costas, “combinandinhas” (como elas gostam de dizer), o cabelo loiro, comprido, liso e brilhante emoldurando o rosto. Elas enganariam como irmãs — traços perfeitos, dentes certinhos, lábios cor-de-rosa-pálido brilhando à luz do sol.

Caso esteja se perguntando, meu cabelo ruivo-escuro está molhado e preso pra trás num rabo de cavalo. Passei um pouco de bloqueador solar no nariz. Estou com meu traje de mergulho da Roxy, curto e com zíper na frente, que eu adoro. Minha mãe o comprou pra mim.

— E aí, Ellie? — Sassy bate os pés com as unhas pintadas de cor-de-rosa e espirra água. — Qual é a dessa roupa? — Ela ri. — É tipo esporte fino?

Apoiadas nos braços uma da outra, as duas olham para mim, sorrindo.

Aspen levanta uma sobrancelha.

— E depois você tá planejando, tipo, pegar umas ondas com aquele short de menino?

As duas fazem a mesma cara e caem na gargalhada.

Sinto minhas bochechas ficando cada vez mais vermelhas.

— Ah... hum... é... — Tento falar, mas paro. Eu me forço a sorrir, embora sinta um desânimo.

Aspen cochicha alguma coisa no ouvido de Sassy e as duas dão risadinhas.

— Sem querer ofender, mas... — Sassy me encara e balança a cabeça. — A gente vai para o sétimo ano! Existem algumas regras básicas. Dããã! Acho que tem gente precisando seriamente trabalhar o estilo.

— Ellie — Aspen começa a falar em tom cantarolado, mas de repente se encolhe antes de continuar. — Não quero ser grossa nem nada, mas suas sardas estão, tipo, *completamente* fora de controle! Acho que você deveria considerar usar pelo menos um pouquinho de base ou corretivo.

— Total! — Sassy concorda. — Mas não daquele tipo reboco, vagabundo, que obstrui todos os poros, hein? Eca! Seria nojento.

Pois é.

Bem-vindos à minha vida.

Querem mais?

É claro...

Sassy: Hum, sem querer ofender, mas, gente, sério, vir de mochila de rodinha pra piscina não é legal.

Aspen: Não quero ser grossa nem nada, mas por que aquela menina está olhando pra mim? Tipo, desculpa se eu sou mais gata que você, ok?

Não são coisas boas de ouvir, mesmo quando elas não estão falando sobre você. Um sentimento horrível toma conta de mim. Olho para a beira oposta da piscina à minha frente e vejo O Príncipe

saltando do trampolim com um mortal para trás. Ele está com um bando de outros garotos, mas é o único com cabelo preto ondulado e todo bagunçado e olhos de um azul profundo. E certamente é o único com barriga tanquinho.

O Príncipe (como a Sassy o chama) é Jack Malloy, e Jack Malloy é um ano mais velho do que nós, e Jack Malloy está no oitavo ano, e Jack Malloy é o garoto mais popular da Escola de Ensino Fundamental Thatcher. Ele é lindo, misteriosamente quieto e bom em tudo, incluindo, mas não limitado a, todos os esportes que pratica e/ou apenas ser fofo sem dizer nada. É. Ele também faz isso superbem.

Fato: Sassy está *apaixonada* por Jack Malloy. Tipo, completamente obcecada. E ela não tem a *menor* vergonha de que todo mundo saiba disso. No começo do verão ela pirou totalmente com esse lance de garotos. É meio irritante e meio esquisito. Quando O Príncipe está por perto, Sassy começa a agir toda diferente. Fica literalmente batendo os cílios e agindo de maneira superfofa e superforçada. Assim que ele some de vista, ela volta a ser a Rainha Má. Isso não costumava me incomodar tanto, mas, por alguma razão, desde que Aspen se mudou para cá, as coisas horríveis que Sassy diz começaram a ficar ainda mais horríveis. Em geral ela fala o que quer, depois revira os olhos e ri muito, muito alto. “É brincadeira, Ellie”, diz depois. “Estamos só brincando.”

Quando digo isso, percebo como parece idiota da minha parte ser amiga dela, e querer desesperadamente que ela volte a gostar de mim (e eu quero, mesmo), mas Sassy é assim. Ela é aquele tipo de garota que a gente quer que goste da gente. Entende o que eu quero dizer? Parece que ela precisa colocar o selo de aprovação da menina-mais-bonita-do-colégio na sua testa para comprovar que...

As pessoas gostam de você!

As pessoas amam você!

Você é legal!

Porque foi Sassy Gaines quem disse!

Mas no dia de hoje, sob o sol quente de verão e o céu azul, bem aqui nesta piscina, enquanto nós três olhamos — e fingimos não olhar — para a barriga tanquinho de Jack-não-faço-ideia-de-como-sou-incrível-Malloy, Sassy diz:

— Ellie. — Ela olha para mim, sorrindo, passando os dedos pelo cabelo solto e jogando a cabeça para trás. — O problema não é *tão* grave assim. Mas é que existe uma fase superesquisita na vida em que o nariz parece grande demais para o rosto, e, por acaso, você está nela.

Sinto as lágrimas vindo lá de dentro, desde o estômago, subindo pela garganta. Engulo em seco. Juro, eu queria evaporar neste exato momento, ou poder bater os calcanhares como Dorothy em *O mágico de Oz* e simplesmente desaparecer. Baixo os olhos e encaro a água cristalina. Eu me imagino mergulhando com força, mergulhando primeiro os pés, prendendo o ar, afundando e sentando de pernas cruzadas no fundo — por um bilhão de verões, Sassy e eu fizemos isso várias vezes, nesta mesma piscina.

Só que eu não pulo.

E não desapareço.

Continuo aqui, sendo consumida pelo pior sentimento do mundo.

— Ai, meu Deeeeeus, Ellie! — Sassy exclama, olhando para mim de cima a baixo e franzindo o nariz.

Olho para ela como quem diz “O quê?”.

— Ai, meu Deeeeeeeeeeeeeeeeeus!

Tanto Sassy quanto Aspen caem deitadas na toalha que compartilham, o rosto voltado para o céu, rindo tanto que mal conseguem falar.

— Sério, Ellie — diz Sassy. — Você...

Ela para e fica ali apontando para mim. As risadinhas são tantas que ela nem consegue falar.

— Ai, meu Deus, *para!*

Aspen enxuga as lágrimas, tomando cuidado para não manchar o rímel.

Sinto como se meu corpo inteiro tivesse se desligado. A única coisa que eu quero é ir embora, mas

sequer consigo ficar de pé. Não consigo me mexer. Não digo nada. Não sei o que fazer. Olho para o outro lado da piscina lotada: O Príncipe, de bermuda azul caindo da cintura, salta do trampolim, dá dois giros e meio sem nenhum esforço, como uma bola de músculos voando, e mergulha quase sem espirrar água. Um segundo depois ele volta à superfície, afastando o cabelo molhado dos olhos, dando um sorriso discreto pros fãs. Os amigos dele vão à loucura.

— Cara! Isso foi demais! — Ouço um deles gritar.

E eu penso em como os garotos têm sorte de não precisarem lidar com esse tipo de coisa quando...

— Ellie.

Olho de volta para Sassy e me preparo para o pior.

— Ai, meu Deus! — diz ela, num gritinho. — Eu nunca ri tanto, sério. Vou morrer! *Ai. Meu. Deus!*

Sinto que todos estão olhando para a gente. Até os garotos do outro lado da piscina.

— Ellie, as suas pernas — diz Sassy num gritinho ainda mais agudo, segurando o riso. Então ela finalmente solta: — Você é uma macaca!

O quê?!

Forço um sorriso e olho para baixo. Eu nunca tinha notado a penugem ruiva crescendo nas minhas pernas. De repente sinto o rosto muito, muito quente.

O que dizer?

Eu mal consigo respirar.

Olho para Sassy, rolando na toalha em seu biquíni de alcinha minúsculo, segurando a barriga chapada como se os músculos estivessem doendo de tanto rir. Forço uma risada falsa. Entro na brincadeira. Porque, tipo, o que mais posso fazer? Sassy é assim. Ela provoca isso nas pessoas. Quando resolve falar, não se importa com o que você sente. Simplesmente diz as grosserias na sua cara e meio que espera que, por alguma razão (provavelmente porque ela é muito bonita, popular e tem a coragem de falar com qualquer garoto da escola), você aguente tudo numa boa.

Mas e por dentro? Cá entre nós? Rir faz com que eu me sinta ainda pior, porque na real não tem nada de engraçado em ser insultada pela sua melhor amiga de infância, que de repente parece ter decidido que você não é mais a melhor amiga dela, dois dias antes de começarem as aulas do sétimo ano.

Na real, isso não é nem um pouco engraçado.

— SIM, SENHOR — DIGO.

Estou falando com meu pai, e é assim que você tem que falar com ele.

— “Sim, senhor” o quê? — pergunta ele.

— Sim, senhor, eu entendo — respondo, tentando ao mesmo tempo não olhar para ele e fazer com que ele pense que estou olhando, porque é meio impossível escapar do contato visual quando se está falando com o Capitão. Dou uma olhada rápida ao falar, mas mantenho o olhar diretamente à frente, encarando pelo para-brisa da caminhonete o brilho intenso dos faróis que vêm em nossa direção e a escuridão sem fim lá fora.

Estamos a caminho do hóquei. Entrei no Boston Junior Bruins em abril para jogar a temporada anual e sou o primeiro aluno de oitavo ano a passar na peneira, o jogador mais jovem da história da franquia. É bem impressionante. O primeiro jogo será segunda à noite, e tenho muito a provar. Preciso estar em campo durante o jogo inteiro, não posso ficar um minuto sequer no banco, porque não quero ninguém pensando que não mereço a vaga ou que só a consegui por causa dos meus irmãos. Eu sempre tenho que provar, e isso é uma luta constante. Dou cem por cento de mim, cem por cento do tempo. Quando se quer realmente uma coisa, trabalhar duro não pode nunca ser um problema.

Meu pai está em silêncio. Já faz uns 15 quilômetros que ele dirige no escuro sem dizer nada. No mundo do Capitão, isso quer dizer que dei a resposta errada. *Preciso tentar de novo.*

— Vou dar mais valor ao seu tempo e não vou mais me atrasar — tento.

Procuro lembrar por que ele estava me dando um sermão, lembrar o que ele tinha dito que eu precisava melhorar. O que eu tinha feito de errado. Na real, não sei o que foi dessa vez. Ele já estava de mau humor antes mesmo de eu jogar a bolsa de equipamento na caçamba e sentar no banco do carona.

Garanto a você que nada é pior do que o meu pai em modo silencioso. Mesmo no escuro, posso sentir seus olhos em mim.

Vasculho meu cérebro em busca das palavras certas.

— Desculpe — tento de novo.

Nada.

O Capitão estica o braço e liga o rádio. Ele gosta de música clássica. Acho que o deixa mais calmo.

— Jack — meu pai finalmente fala. — Não quero ouvir suas desculpas. Esse comportamento é imperdoável, e eu não vou tolerar. Quantas vezes eu preciso dizer? Ações falam mais alto que palavras. Se você quer ser um homem, aja como tal. Seja responsável.

Ele olha para mim.

O que eu quero dizer é: *Nada que eu faça será bom o bastante.* Mas é claro que não digo isso. Não sou louco.

— Jack? — Meu pai parece bravo. — Jack! — repete ele. — Você não ouviu nada do que eu disse?

Exatamente!, é o que eu penso, mas obviamente não falo, porque dou valor à minha vida e não quero que meu pai encoste a caminhonete e me dê um sermão pelos próximos 15 minutos. Em vez disso,

mantenho a boca fechada e penso em como o dia foi divertido.

Hoje foi um dos últimos dias das férias de verão, e foi perfeito. Owen, Sammy, Demaryius, Dominic, Brayden, Trey e eu ficamos curtindo na piscina o dia inteiro, nadando e dando uns saltos irados do trampolim, comendo nada além de cachorro-quente e batata frita gordurosa da lanchonete. Ontem, dormimos na casa do Owen e jogamos videogame na TV de tela plana de sessenta polegadas que fica no paraíso que é o porão dele.

Agora as férias acabaram.

Encosto a cabeça no vidro da caminhonete e fecho os olhos. Tento respirar fundo em vez de brigar com o Capitão. Não dizer a coisa errada na hora errada. Não estragar tudo.

As aulas começam em dois dias, e se eu não tomar cuidado meu pai pode me tirar da Thatcher e me mandar para a Saint Joe's. Saint Joe's é onde meus três irmãos mais velhos estudam, e na Saint Joe's o uniforme é camisa social, gravata listrada e blazer azul-marinho. Sem jeans. Sem garotas. Sem graça. O Capitão só me deixou continuar na Thatcher porque os horários de lá se encaixam melhor com os do hóquei.

Ninguém gosta de jogar hóquei tanto quanto eu.

Hóquei é a única coisa em que o Capitão e eu concordamos.

Hóquei é a minha vida. Eu e todos os meus irmãos jogamos. É assim que é — todos ganhamos um taco de hóquei quando tínhamos, tipo, dois anos. Assim que eu aprendi a andar, já me colocaram patins e eu ia puxando meu pai pelo gelo com uma câmara de pneu na cintura. Meus três irmãos já sabem que vão pro Boston College.

Sempre fui o mais novo no time porque meu pai quer que eu treine mais e me torne melhor e mais resistente. Não há nada que eu preferiria fazer a jogar hóquei pelo resto da vida, e eu tenho um plano. Ponho toda noite no papel (mas só depois de fazer duzentas flexões e duzentos abdominais e repetir sete vezes a oração de São Sebastião). É isso que eu faço. É isso que eu sou. Escrevo no caderno com espiral de capa vermelha que guardo embaixo do colchão. Foi ideia da minha mãe. Ela disse: “Se você acredita, você pode alcançar.” Então sugeri que eu anotasse meus objetivos. E tenho feito isso desde então.

Escrevo sempre as mesmas três coisas. Toda noite.

1. Jogar pelo Boston College.
2. Ser draftado para a liga profissional na primeira rodada.
3. Assinar um contrato com um time da liga profissional.

Você pode achar esquisito ter um caderno secreto cheio dessas mesmas três frases escritas todas as noites desde que eu tinha dez anos, mas não estou nem aí. É o meu sonho, e não ligo a mínima para o que os outros pensam. Trabalhei a minha vida inteira para isso, mas ainda sou novo e tenho muito trabalho pela frente. Quando deito para dormir, me vejo assinando minha carta de intenção para a Boston College. Eu me vejo sendo draftado, vestindo a camisa de um time profissional. Eu me vejo fazendo *tudo*. Na minha cabeça, eu já fiz. Só preciso acordar todos os dias e pôr em prática. Dar tudo de mim. Não deixar ninguém me segurar. Meu pai vive dizendo: “A verdadeira prova do caráter de um homem está no que ele faz quando ninguém está olhando.”



ESTOU NOS DEGRAUS DE CIMENTO do Complexo Esportivo Riverside, ainda de caneleira e com a mochila cor-de-rosa das Thunderbirds nos ombros. Estou suada e grudenta, com o cabelo preso em um rabo de cavalo apertado, como sempre. Estou esperando minha mãe vir me buscar quando Claire aparece. Ela sorri, mas muito rapidamente.

— Oi. Eu só queria dizer que sinto muito pelo que aconteceu.

— Como assim? — pergunto. Olho por cima do ombro de Claire e vejo Sassy e Aspen correndo até a minivan da mãe de Sassy, parada no estacionamento. Acabamos de terminar o primeiro dia da peneira para o time sub-13 de futebol. Sassy e Aspen estão bem próximas, de braços dados e rindo alto, como se tivessem feito uma piada que ninguém mais fosse legal o bastante para sequer tentar entender. A mãe de Sassy costumava me dar carona também. Mas desde que Sassy começou a agir como se eu não existisse, o carro ficou “cheio” de repente. Tipo: “Ah, desculpa, Ellie, a gente...”. Sassy faz uma pausa e olha para Aspen, compartilhando uma frase inteira sem dizer uma palavra. “A gente não vai, tipo, direto pra casa.”

Eu me viro para Claire. Ela tem uma expressão estranha no rosto, e meu coração começa a doer imediatamente. No exato instante. É esquisito, não é? Como o coração dói. Como ele meio que sabe mais do que a gente mesma.

— Ah, esquece, não é nada. — Claire olha para mim como se estivesse realmente constrangida, como se não devesse ter dito nada. Ela tenta mudar o assunto depressa. — E aí, animada pro começo das aulas amanhã?

— Espera, o que você ia dizer? — Vejo o carro da minha mãe se aproximando e tento apressar as coisas. — Pode falar — digo. Minha voz sai tranquila, e eu forço um sorriso vacilante em meio ao silêncio.

— Ah, você não... — Claire começa, mas para.

Eu fico ali parada.

Não me mexo.

Meu coração bate forte e sinto meu rosto ficar muito quente.

— É... hum... É que não tem um jeito fácil de dizer isso. — Claire olha para mim, parecendo desconfortável, como se quisesse me alertar de que sente muito mesmo pelo que está prestes a contar. — Acho que você não viu o que Sassy escreveu no Facebook.

Balanço a cabeça. *Eu não tenho Facebook.*

Nenhuma de nós fala por alguns segundos.

Dou uma olhada para minha mãe no carro e levanto o dedo como quem diz “um segundo”.

— Ela disse... hum...

— Pode me contar, Claire. *Por favor.*

A essa altura, estou praticamente implorando.

— Ela disse... é... — Claire faz uma pausa e olha ao redor como se tivesse medo de que Sassy pudesse ouvir, mesmo que já tenha ido embora há muito tempo. — Ela disse que você, tipo...

A voz de Claire diminui conforme sua carona se aproxima. Primeiro ela recua alguns passos, depois se vira e corre para o carro. Antes de abrir a porta, olha por cima do ombro.

— Desculpe — diz ela, movendo os lábios sem emitir som.

— Espera, Claire! O que foi que...

Mas é tarde demais. Claire já entrou no carro e fechou a porta.

Seis garotos mais velhos saem do ginásio e praticamente me atropelam porque estou bem no meio do caminho. Fico ali parada por alguns segundos, meio congelada, meio em estado de choque. Acho que é nesse momento que cai a ficha. Finalmente eu entendo. Fui oficialmente *chutada*, ainda que extraoficialmente.

— FILHO?

— Senhor? — Eu paro, a mão prestes a abrir a porta da caminhonete, e viro para meu pai. É isso que acontece toda vez que o Capitão vai me deixar no treino. Não sei se é superstição ou apenas um hábito, mas sempre paro logo antes de descer da caminhonete e ouço. Meu pai é durão. Ele pressiona a gente. Foi capitão do Exército, e antes disso foi um dos melhores jogadores do país quando jogava pela Boston College, então entende do assunto.

— Entre lá e treine forte. Dê tudo de si. Sem arrependimentos — diz ele.

— Sim, senhor. Sem arrependimentos — repito. Ambos assentimos e então finalmente abro a porta e pulo da caminhonete.

O Capitão abaixa o vidro do meu lado e se inclina na minha direção.

— Ganhe as disputas na frente do gol — diz ele. — Mantenha o equilíbrio. A defesa é tão importante quanto o ataque.

— Sim, senhor.

Continuo atento do lado de fora da caminhonete, a sacola pendurada no ombro, meus dois melhores tacos na mão.

— Seja forte.

— Sim, senhor. — Balanço a cabeça. — Obrigado, senhor.

Meu pai é muito exigente quanto a “por favores” e “obrigados”. É esperado que todos os Malloy, abre aspas “fiquem atentos às formalidades básicas da vida em sociedade”, fecha aspas. Isso significa “por favor”, “obrigado”, “sim, senhor” ou “sim, senhora”, segurar a porta para alguém passar, ter um aperto de mão firme, e por aí vai.

— Jack? — chama o Capitão.

Olho de novo para ele.

— Senhor?

— Acabe com eles.

Não importa como esteja meu dia. No segundo em que piso no gelo, tudo melhora. É mágico. A primeira coisa que me atinge é o cheiro. Cada rинque é diferente, mas todos cheiram a hóquei. Mesmo se colocassem uma venda em mim e me levassem para qualquer rинque, eu saberia onde estou apenas pelo cheiro salgado e de suor, pela umidade e pelo ar gelado que nos atingem ao entrarmos. *BAM!* Você chegou. Você está no rинque. Há um clima de excitação no ar. É surreal. Quando entro no vestiário, o cheiro de hóquei fica mais forte que nunca. É uma coisa que está sempre ali, que nunca vai desaparecer. Amo esse cheiro. Não consigo explicar, mas é reconfortante, eu acho. No vestiário, você está protegido de tudo. Não há janelas. Não há visão do mundo lá fora. É como se a gente estivesse dentro de uma concha. O único contato que você tem é com os outros caras, seus colegas de time, e todos contam histórias, falam sobre uma porção de coisas — hóquei, música, aonde foram no fim de semana, o que

fizeram depois, quem saiu com quem, garotas, quem é gostosa, quem não é. Os caras fazem barulho, ficam tirando sarro uns dos outros, brincando. Tudo é permitido. A maioria dos caras nos Bruins é um ou dois anos mais velho que eu, então todos curtem pegar no meu pé e me zoar, e me chamar de “Mallsy” ou “Malls”. Eu adoro. Esse lugar é diferente de qualquer outro. Ficamos todos juntos, falando de qualquer coisa, sem distrações.

Olhando de fora, uma pessoa poderia pensar que é uma zona — 18 caras, 18 sacolas cobrindo quase todo o espaço no chão —, mas existe sim uma ordem ali. E todos nós sabemos que ordem é essa. São os pequenos ajustes na preparação para o gelo: colocar os patins direito, amarrar os cadarços na hora certa, acertar as caneleiras, dar alguns tapinhas no taco, dobrar as meias, cada um à sua maneira. É que nem amarrar o tênis — estamos tão acostumados que simplesmente fazemos, sem pensar. E quando sabemos que é a hora? Todo mundo parece meio igual e pronto. Vamos para o gelo.

Saímos do vestiário pisando em tapetes de borracha, mas, assim que atravessamos o portão e chegamos ao gelo, deslizamos sem precisar fazer qualquer esforço. É a melhor sensação do mundo. Você dá o segundo e o terceiro passos e pega velocidade, então o vento gelado atinge sua máscara e você inala aquele ar gelado pela primeira vez, se enchendo de energia para ir cada vez mais rápido. Você sente que pode fazer qualquer coisa, que é invencível. Então há um apito alto e todo mundo para, se reúne e começa os trabalhos.

Pelos próximos sessenta minutos, tudo acontece em uma espécie de transe.

Nada mais importa.

Nada mais existe.

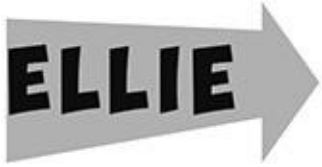
É como se eu estivesse lá, mas não estivesse.

Não tenho que pensar.

A trilha sonora é o aço dos patins cortando o gelo quebradiço a cada deslizar, o ruído do gelo quando freamos, os tacos atingindo o disco, o técnico dando instruções, apitos, todo o movimento, toda a dinâmica.

Quando estou bem, tudo se encaixa, tudo parece certo no mundo. O disco vai para onde eu quero que vá, meus pés se movem da maneira que eu quero que se movam. Tudo flui. Amo estar no rink. Fui feito para isso. É o que faço de melhor.

Depois, no vestiário, afundo no meu banco, ensopado de suor. Em geral, sinto uma espécie de onda, sei lá. Os outros caras também ficam superbem. Assim que deixamos o gelo, mudamos de assunto. Ninguém mais fala de hóquei. Alguém liga o som e, enquanto nos trocamos, falamos de garotas e da escola. Qualquer coisa menos hóquei. Os caras estão sempre brincando, zoando e jogando bolas de fita adesiva no lixo. Eu me sinto exausto — não só fisicamente, mas mentalmente também, o que é meio incrível, porque nos 15 minutos antes de eu sair e jogar a bolsa na caçamba da caminhonete do meu pai, sei que não terei mais qualquer preocupação na cabeça. Nenhuma. Eu desacelero, me troco, seco os patins, guardo minhas coisas e dou risada com os caras. Não tenho nenhuma preocupação no mundo. Estou livre.



O CARRO DA MINHA MÃE sai do estacionamento. Estou no banco do carona, fingindo que está tudo absolutamente normal enquanto ela me pergunta uma porção de coisas.

“Como foi o treino?”

“Você se divertiu?”

“O que acha de pedirmos comida japonesa para o jantar?”

O lance é que tem um caroço enorme na minha garganta, então fica difícil responder, porque no instante em que eu decidir falar, sei que minha voz vai entregar tudo. Então só aceno com a cabeça ou dou de ombros e olho pelo vidro. Consigo me controlar até entrarmos na garagem.

— Querida — minha mãe começa a dizer, e eu sinto as lágrimas começando a se formar. — O que houve?

Abro a boca para responder, mas em vez de palavras saem soluços.

Ela se vira para mim.

— Ah, meu bem... Qual é o problema? Aconteceu alguma coisa no treino?

— Não! — digo, mas agora estou chorando tanto que ela mal consegue me entender.

— Problemas com os amigos?

— Não! — minto, balançando a cabeça. — Estou bem, está tudo bem — soluço.

— Ah, Ellie, não é o que parece. — Minha mãe respira fundo, estica o braço e afasta meu cabelo do rosto. — Foi alguma coisa que alguém disse?

— Não, só...

Paro por um segundo. Estou morrendo de vergonha. Tento respirar com calma, mas... é. Começo a chorar de novo. Saio do carro, fecho a porta e vou em direção à casa.

— Ellie — minha mãe chama.

Eu viro e grito:

— Não é da sua conta!

Falar assim com minha mãe não faz com que eu me sinta melhor. Subo para o meu quarto e, sem tirar a roupa suada do futebol, entro debaixo das cobertas, enfio a cara no travesseiro e choro até que ele esteja ensoado e meu nariz comece a escorrer. Então, finalmente, pego no sono.

Quando acordo, olho para o espelho preso à porta do quarto. Meus olhos estão inchados e estou com uma dor de cabeça horrível. Meu cabelo está todo bagunçado e ondulado e minhas sardas idiotas continuam intactas. Deito de novo e fico olhando para as estrelas que brilham no escuro, coladas no teto desde quando eu era bebê. Dá para fazer um pedido para uma estrela cadente de plástico? Eu faço. Queria poder ser outra pessoa, uma que fosse segura e forte, que não ficasse o tempo todo tão preocupada com o que as pessoas pensam. Mas quem pede coisas pra um adesivo de plástico idiota?

Aparentemente, eu.

No exato momento em que faço o patético pedido, alguém bate na porta.

— Ellie?

É minha mãe.

Não respondo.

Não sei o que dizer.

— Você está dormindo?

— Não — digo. Minha voz sai abafada, porque estou com a cara no travesseiro de novo.

Ela abre a porta.

— Ellie, querida, o que houve? — Minha mãe senta ao meu lado na cama. Sinto sua mão nas minhas costas. — Precisamos conversar. Alguma coisa aconteceu e amanhã você tem aula. Você não quer ir pra escola nesse estado, quer?

— Eu não quero contar — começo. — Eu não quero contar porque sei que você vai dizer que estou sendo boba.

— Ah, querida, eu *nunca* diria uma coisa dessas. Você sabe disso. — Minha mãe se reclina e beija minha cabeça. — Estou vendo que você está sofrendo. Vamos, conte para mim.

Minha mãe se enfia embaixo das cobertas e se encolhe perto de mim, como quando eu era pequena. Ficamos assim por um bom tempo, até que ela finalmente fala. Sussurra, na verdade.

— Ellie, meu amor, eu só quero saber o que aconteceu. E quero que você seja capaz de falar a respeito. Vai se sentir melhor colocando isso para fora. Vai ajudar, eu juro.

Respiro fundo.

— Tem certeza de que não vai ficar brava?

— Brava? Por que ficaria?

— É a Sassy — digo.

Minha mãe solta um longo suspiro.

— O que ela fez desta vez?

— Mãe! Não fale assim!

Ela olha nos meus olhos.

— Você pode me contar qualquer coisa. O que Sassy fez? Só vou ouvir, juro. Não vou dizer nada contra ela.

— Promete?

— Prometo.

— Ela me odeia!

Quando ouço isso e percebo que estou com pena de mim mesma, começo a chorar de novo.

— Ah, querida, não acho que Sassy odeie você... Ela só...

— Odeia sim! De verdade!

— Meu bem... — Minha mãe para por um segundo e respira fundo. — Muitas vezes as pessoas nos dizem coisas horríveis porque são inseguras. Elas se sentem melhor consigo mesmas colocando os outros para baixo.

— Sassy não é *nem um pouco* insegura, mãe. — Recorro ao travesseiro de novo. — E na verdade tanto faz, porque eu não tenho amigos.

— Sassy Gaines é sua única amiga?

Minha mãe me dá um empurrãozinho, e nós duas meio que rimos — mesmo eu tentando *não* rir.

— E Claire, Mackenzie e Sammie, do futebol? — sugere. — E Kiana? Lembra quando vocês faziam aula de equitação juntas? Adoro ela!

— Então talvez *você* devesse ser amiga dela — respondo, malcriada.

— E Annie Hutchinson? Ela é tão boazinha. Sempre achei que deviam ser mais próximas, gosto tanto da mãe dela!

— Mãe, você não entende. Estou falando da Sassy! Só quero que ela volte a gostar de mim. Não sei o

que eu fiz ou por que...

Minha mãe observa meu rosto e se aproxima para tirar uma mecha de cabelo suado dos meus olhos. Estamos tão perto que nossos narizes quase se tocam.

— Querida, como você enxerga com todo esse cabelo na cara?

— Mãe!

Ela sorri.

— Olha, querida, Sassy é legal e tudo mais, mas ela tem um jeitinho meio maldoso. Ela consegue ser cruel, e eu vejo que às vezes ela não é legal com você. E quem diabos quer ser amiga de alguém assim?

Não respondo. Sinto uma lágrima rolar pelo rosto.

— Você precisa descobrir quem você é e quais são seus limites. Às vezes é preciso demarcar uma linha. Sei que é assustador se impor, meu amor, mas quando a gente faz isso... É tão bom se sentir forte, sabe?

— Mãe, por favor, para com isso! Você não entende!

— Ah, Ellie, tem tanta gente na Thatcher que você nem conhece. Seu próximo melhor amigo está lá, mas você está tão focada em Sassy que está perdendo a oportunidade...

— Mãe! — interrompo o que ela estava dizendo. — Você não entende!

— Bem, talvez não entenda mesmo.

Ela levanta da cama e vai em direção à porta, pisando nas minhas roupas no caminho.

— Ellie, por favor, arrume o quarto. Essa bagunça me deixa louca!

Não estou nem aí para a porcaria do quarto. Não estou nem aí para nada nesse momento. Meu rosto está enfiado no travesseiro de novo. Gosto da pressão sobre a cabeça, que está meio que latejando depois de tanto choro.

Minha mãe está parada na porta.

— Olha, você tem que ir para a escola amanhã, então precisa dar um jeito de superar isso e ficar minimamente bem consigo mesma, ok? E Ellie?

Eu olho para ela.

— O quê?!

— Querida, se você quer que eu trate você como se estivesse ficando mais velha e mais madura, então precisa se recompor, arrumar esse quarto e *blá-blá-blá*...

Fico olhando para minha mãe como se estivesse ouvindo, mas não estou.

— Ellie, por que você não prepara um bom banho de banheira e...

— Mãe, eu estou no sétimo ano! Não vou tomar banho de banheira!

— Bem, eu tenho 44 e tomo.

— Tá! Vou tomar!

— Ótimo. Você pode colocar aqueles saís de lavanda e ficar lá de molho. Depois vista o pijama, desça e vamos comer um ótimo jantar.

— Tá — digo, com a cara no travesseiro de novo.

— E no fim de semana...

— Eu sei! Meu quarto.

Dessa vez, eu viro e vejo que ela está com uma das mãos na maçaneta e a outra na cintura. Está sorrindo para mim como se soubesse de algo que eu não sei.

— Você vai superar isso, meu amor. Você é uma menina incrível, mas não pode controlar como as outras pessoas agem. Só precisamos ajudar você a ser mais forte, para que veja quem são seus amigos de verdade e...

— Mãe, Sassy é minha amiga de verdade. Você não entende. É só que...

Minha mãe me corta.

— Ellie, só digo uma coisa: *meus* amigos não me tratam assim.

É VÉSPERA DO PRIMEIRO DIA de aula, à noite, e meu irmão está dando tiros a distância. Estamos no porão, ou na Jaula (é assim que o chamamos), a sala vazia e inacabada que fica depois da escada íngreme da cozinha. Ficamos aqui embaixo praticamente todas as noites.

A Jaula é incrível. Meu pai pôs tela metálica nas janelas, colocou uma mesa velha de madeira virada para a gente usar como gol e basicamente deixou que a gente destruísse o lugar.

Quando éramos pequenos, brincávamos com bolas de tênis, mas agora que estamos mais velhos, a parede branca está coberta pelos milhões de marcas de discos pretos de borracha. Não tem nada aqui além de pesos, um rack de agachamento, um banco encostado num canto e nossa máquina de lavar antiga no outro, também coberta de manchas pretas e amassados de discos. É incrível quando estamos os quatro aqui, mas a maior parte do tempo somos apenas eu e Stryker, que é o mais novo depois de mim. Gunner e Jett estão sempre ocupados com o hóquei.

No que diz respeito à Jaula e à companhia dos meus irmãos, sou sempre o goleiro, porque: um, sou o único louco o bastante para encarar um pelotão de fuzilamento; e dois, sou o caçula e é isso o que acontece quando se tem três irmãos mais velhos — não se tem muita voz ativa. Eles gostam de brincar comigo, para que eu fique mais durão e tal.

— Você é casca-grossa, hein, Jack! — dizem meus irmãos quando impeço um gol.

É um elogio. Sinal de que eles acham que não sou um fracote. E, se você é um garoto, especialmente na minha família, não quer ser visto como um fracote. É a pior coisa que eu poderia ser.

Esta noite estou usando tudo — capacete, máscara, protetor — e Stryker começa a disparar. Não falamos nada um com o outro.

Ficamos assim por um bom tempo.

Estamos treinando mira.

Stryker poderia lançar discos dia e noite sem parar. E é isso que ele faz. Ficamos na Jaula até ouvir o Capitão.

— Já chega, rapazes! — grita ele do topo da escada.

Meu pai não é o tipo de cara que diz algo duas vezes.

Tiro o capacete e Stryker me pega com a guarda baixa. Ele dá um tiro e... *BAM!* Derrubo as luvas e vou ao chão, cobrindo o olho com ambas as mãos e encostando a testa no chão duro de cimento. Não, eu não choro. Não sou uma garotinha! Acha que quero meus irmãos me zoando pelo resto da vida? Os Malloy não choram. Isso não quer dizer que não doa pra...

Stryker agacha perto de mim. Posso sentir sua respiração em meu pescoço.

Por um segundo, acho realmente que ele se sente mal a respeito.

Então ele sussurra em meu ouvido:

— Aaaaaah... Está doendo, princesa?

— Vai se ferrar — respondo, mas ele mal consegue me ouvir, porque eu mal consigo falar.

— Não seja uma garotinha — diz Stryker, rindo. — Levanta!

Se eu fosse uma garotinha, estaria chorando.

Mas não vou chorar, de jeito nenhum.

Os Malloy não desistem, e não choramingam.

— Miau — diz Stryker, achando a situação hilária. — Miau, miau! Vamos, Sally!

Ele está de pé à minha frente agora. Meus irmãos adoram fazer isso, me chamar por nomes de mulher, tipo Sally, Nancy, Mary, ou então de mulherzinha, boiolinha, bebezinho, manteiguinha derretida.

— Vamos lá, sua manteiguinha derretida! Não seja um molenga! Você é durão ou não é? Vamos! Levanta!

Quero dar uma cotovelada na cara dele, mas quando consigo desajeitadamente ficar de pé, Stryker já está lá em cima. Simplesmente foi embora. Sabe-se lá como eu consigo subir a escada também. Passo pelo Capitão (lendo o jornal), por Stryker, Jett e Gunner (vendo um jogo de hóquei na TV) e me escondo no banheiro de cima, onde quase vomito de tanta dor.

— Ah, como você é casca-grossa, cara — grita Stryker. Então eu o ouço do lado de fora da porta: — Ei, está tudo bem aí, cara?

Não respondo.

— Vai ficar com um belo olho roxo, Jack!

Eu ficaria no banheiro jogando água gelada no rosto até não sentir mais os olhos. Em pouco tempo o local começa a inchar e escurecer. Olho para mim mesmo no espelho por um bom tempo.

Não saiu sangue.

Casca-grossa, eu penso, e meio que sorrio. Sinceramente? Estou meio que orgulhoso. É meu primeiro olho roxo, e não vai ser o último.



ASSIM QUE ACORDO, COMEÇO A procurar alguma coisa, qualquer coisa, para vestir no primeiro dia de aula que não me deixe parecendo com alguém que ainda dorme com um ursinho de pelúcia (eu durmo). Não importa o que eu vista, me sinto uma idiota ao me olhar no espelho. Tiro e tento outra roupa, mas parece que *tudo* me deixa horrível. Além disso, fico ouvindo a voz de Sassy em minha cabeça, comentando o que visto.

Essa blusa amarela? Credo, horrorosa! Você parece um marca-texto ambulante.

Jeans de boca larga? Não dá.

Legging? Não dá nem pra chamar legging de calça direito!

Em matéria de estilo, minha noção é zero. Porque, na boa, quando foi que isso se tornou assim *tão* importante? Ninguém ligava pra esse tipo de coisa na minha escola antiga. Não faço a menor ideia de como parecer estilosa e descolada. Antes dessas últimas férias eu nem me importava. Mas, de repente, uma hora antes de estar oficialmente no sétimo ano, eu me importo, me importo muito, e *odeio* isso. Entende o que quero dizer? E eu já mencionei meu cabelo? Acho que não. A situação não anda muito boa nesse departamento.

Acabo me conformando com minha camiseta e meu jeans preferidos, prendo meu cabelo vermelho e bagunçado em um rabo de cavalo e desisto.

Lá embaixo, minha mãe está com um humor bom demais para o primeiro dia de aula.

— Bom dia, querida! — diz ela, cantarolando.

— Não tenho roupa! — digo, sentando à mesa da cozinha. — Sério, não tenho, tipo, nada pra usar! Podemos por favooooooooor sair pra comprar roupa? Por favor?

— Ellie. — Minha mãe está de pé ao lado do fogão e, pela maneira como diz meu nome, sei que vai me dar algum tipo de sermão. — Não vou brigar com você esta manhã, mas, falando sério, querida, você está sendo um pouco ridícula. Se você procurasse entre todas as suas roupas que estão no chão, provavelmente encontraria um monte de opções legais que você sequer lembra que tem.

— Deixa isso pra lá — reclamo.

Mas ela ainda não terminou.

— E se essa história de precisar de roupas novas é por causa de você sabe quem, Ellie, eu não acho que precise mudar seu estilo. Acho que precisa começar a pensar em mudar de amigos.

— Meu Deus, mãe! — digo. — Deixa isso pra lá!

Ela coloca um prato de waffles com calda e manteiga derretida — meu café da manhã favorito — na minha frente.

— Vamos focar o lado bom. — Ela abre um sorriso ainda maior. — Dá para acreditar? Sétimo ano!

Afasto o prato.

— Tanto faz. Não estou com fome.

— Não seja boba nem mal-educada. Por favor, Ellie. Você precisa comer, não é bom ficar em jejum até o almoço. Quer levar um sanduíche pra comer no ônibus?

Dou de ombros.

— Tá.

Minha mãe senta na cadeira do outro lado da mesa.

— Você precisa melhorar essa maneira de agir — diz ela, sorrindo. — Querida, confie em mim, você vai fazer novos amigos hoje, tenho certeza disso, e tudo vai ser muito melhor do que imagina.

— Tá, tanto faz — digo.

* * *

Não tenho palavras para dizer como estou morrendo de medo de voltar para a escola hoje. Na porta, antes que eu saia de casa, minha mãe enfia um sanduíche na minha mochila e me dá um abraço.

— Querida, por favor, tente não levar tudo tão a sério — diz ela, então fecha os olhos e respira bem fundo. Quando volta a abri-los, solta o ar, segura meu rosto e me dá um beijo na testa. — Ah, Ellie. Eu queria que pudesse ter a mínima ideia do quão incrível você é. — Ela olha para mim com um otimismo imenso. — Você pode fazer o que você quiser.

Estou parada, com metade do corpo dentro de casa e metade fora.

Minha mãe estende o braço para afastar meu cabelo dos olhos, como sempre faz.

— Não esqueça o futebol. Vou pegar você depois da aula.

— Não vou para o futebol — anuncio, tomando a decisão naquele segundo. — Já tenho que ver Sassy e Aspen na escola... Não tenho condições de lidar com aquelas duas no treino também.

— Bobagem — diz minha mãe. — Ellie, você não pode simplesmente desistir das coisas quando elas ficam difíceis. Se quer algo, tem que se esforçar para conseguir. Não pode desistir. Você sempre se divertiu tanto no futebol.

— Tá, só que agora não é mais tão divertido — digo. — E eu não vou. Não mesmo!

Eu me viro e começo a andar em direção ao ponto de ônibus.

Isso não desencoraja minha mãe. Ela me segue até a calçada. Com o roupão cor de lavanda e suas pantufas de coelhinho.

— Ellie — chama ela. — Pego você às três na saída dos fundos do ginásio. E você vai arrumar seu quarto este fim de semana. É sério. Não consigo nem entrar lá... E Ellie!

Eu paro e me viro para olhar para ela. Minha mãe está segurando a caneca de café na mão como se brindasse. Tenho certeza de que está sorrindo quando grita:

— Você consegue, querida! Tenho certeza!

É SABIDO — É PRATICAMENTE UMA REGRA — que os homens da família Malloy não falam antes do café. Isso significa que, durante a vistoria das camas às cinco da manhã (cantos perfeitos como os de uma cama de hospital, lençóis enfiados sob o colchão, cobertor bem esticado), a corrida de cinco quilômetros no escuro, o treino de força e o condicionamento na Jaula, ninguém costuma dizer uma palavra. É trabalho. A gente simplesmente faz.

“O esforço é a medida de um homem”, meu pai gosta de dizer.

Quando chega o café da manhã, nada de porcaria. Nada de cereais açucarados. Só grãos integrais, proteína magra, vegetais, frutas e castanhas. Bem-vindo à mesa dos Malloy: fruta, omelete de clara, mingau de aveia e a famosa vitamina matinal do meu pai (óleo de peixe, manteiga de amendoim, leite de amêndoa, espinafre, *blueberry*, grama de trigo, ovo cru e banana congelada). Pois é.

“Comida serve para fornecer combustível, melhorar o desempenho e fortalecer, não é prazer. Nosso corpo é um templo”, diz o Capitão. “A gente não leva biscoitos para dentro do templo, leva?”

Eu levaria se pudesse!, é o que queria ter coragem de dizer.

O Capitão sai para o trabalho depois da inspeção nos quartos. Após as seis, somos só nós quatro, seguindo o “código de honra”. De certo modo é até legal. Pelo menos não me sinto pisando em ovos, me esforçando para que não gritem comigo. Com meus irmãos, fico numa boa. Eu me garanto.

Depois do banho, visto jeans, cinto e uma polo azul, então desço e faço minha refeição (pão integral com manteiga de amendoim, geleia de uva e banana fatiada, #lanchedoscampeões) e me junto aos meus irmãos na mesa da cozinha. Hoje é meu primeiro dia de aula e Gunner, Jett e Stryker estão me enchendo o saco. As aulas na Saint Joe’s só começam na semana que vem, então eles podem voltar a dormir depois do café. Por que as aulas na Thatcher voltam em uma sexta-feira é algo além da minha compreensão. Mas sei lá. É assim que é.

Assim que toma seu lugar à mesa, Jett começa a pegar no meu pé.

— Vai começar a rodar hoje ou pretende ficar o dia inteiro em casa sozinho jogando *Call of Duty*?

Para meus irmãos, “rodar” significa o mesmo que passar o rodo: pegar todas as garotas que puder.

Bebo minha vitamina verde, como o mingau de aveia e aguento.

— Isso aí é ridículo — diz Stryker.

— Hã?

— Essa polo. É péssima. — Gunner balança a cabeça, com um meio sorriso. — Zero *swag*. Você acha que vai rodar usando um negócio desses? Podia ter tentado colocar um pouco de estilo nessa roupa.

Jett entra na onda.

— Acho bem grunge esse visual.

Os três riem.

— Tanto faz, gente — digo, rindo também.

Eu não posso dar muita atenção, senão eles não param.

— Tô brincando, cara. — Gunner pisca o olho para mim. — Não fica bravinho. Está legal. Está

usando esse olho roxo aí com estilo!

— Tanto faz — repito.

Jett tira o boné suado e bate na minha cabeça com ele.

— Cara, cobre esse negócio ou corta!

Jett e Gunner sorriem um para o outro. Os dois têm um brilho meio selvagem no olhar.

Sei no que estão pensando.

— Ninguém mexe no meu cabelo — respondo, e não estou brincando. Demorou um ano inteiro para crescer desde a última vez que o Capitão me fez cortar.

Stryker levanta e solta um baita arrote.

— Bom trabalho com a comida.

Jett põe os pratos na lava-louça.

— Juízo, rapazinho — diz ele. — E não faça papel de bobo.

Gunner também levanta.

— Hora da soneca — diz ele, bocejando, e então me prende em um mata-leão. — Seja homem, Jack-boy, e fique longe de encrenca.



DEPOIS QUE DESÇO DO ÔNIBUS e entro no Mundo Thatcher, as coisas vão ladeira abaixo rapidinho. Estou na primeira aula há menos de dez segundos quando tenho uma sensação horrível, e não é aquele horrível tipo frio na barriga. É muito pior. Não só porque peguei a última mesa disponível, no fundo da sala, ao lado de Henry Hodges, que está fazendo barulhos de peido. É porque Sassy (primeira fileira, terceira mesa a partir da janela), com uma blusa preta justa de alcinha, olha para mim, e o olhar dela não diz: “Ellie! Oba! Estamos na mesma turma!”

Não. Se aquele olhar falasse, teria dito algo como: “Uau, que roupa incrível... hahaha! Só que não!”

Noto que, com sua sombra cintilante e seus cílios cheios de rímel, Sassy me olha de cima a baixo. Começa pelo tênis, então sinto seus olhos subirem pelo meu corpo até chegar ao rosto. Sassy se vira pra Aspen, sentada (surpresa!) bem ao lado dela, e cochicha alguma coisa. Então as duas começam a rir.

Olho em volta, primeiro para a sra. González, que escreve alguma coisa na lousa, então para a porta ainda aberta, porque o sinal não tocou, e me imagino pulando do meu lugar e saindo em disparada pelo corredor quase vazio da escola, passando pelos armários, pintados em um tom berrante de laranja, e fugindo pela saída de emergência. Talvez eu pudesse ir para a sala da coordenação, ligar para minha mãe, implorar para ela vir me buscar e começar a deixar que eu estude com um professor particular em casa, ou então... meu Deus, qualquer coisa menos estar aqui agora. Qualquer coisa menos *ser eu*.

Cada aula do dia é mais ou menos uma reprise da mesma cena que acabei de descrever. Eu entro na sala, Sassy (e quem quer que não seja eu e esteja sentado ao seu lado) me olha com desprezo, revira os olhos e então começa a rir. No almoço, depois de ter andado sem rumo pelo refeitório lotado parecendo perdida, estou parada de pé com um sanduíche de queijo e um iogurte na mão quando a ouço.

Sassy.

Olho por cima do ombro e noto que ela está perto das máquinas de refrigerante no canto do salão, rodeada de gente como se fosse uma celebridade. Ela fala alto o bastante para que eu possa ouvir.

— Sem querer ofender — diz, então faz uma pausa e joga para trás seu cabelo dourado, como se fosse uma atriz famosa tentando chamar a atenção do público à sua volta (e conseguindo). Então diz (tambores rufando, por favor): — É preciso admirar pessoas que, tipo, nem penteiam o cabelo! Vergonhaaaa. (Hahahahaha!)

Sassy para de novo e me encara por tempo o suficiente para que toda a sua gangue de garotas (inclusive Aspen) se vire em minha direção e lancem olhares fulminantes.

— Não quero ser grossa nem nada, mas gente, sério, jeans com tênis não dá. É horrendo! (Hahahahaha!) Fica a dica!

Na aula de canto, a única que eu realmente amo, o sr. Pratt me coloca ao lado dela. Depois de uma música, Sassy se debruça e sussurra na minha orelha:

— Talvez fosse melhor se algumas pessoas só mexessem os lábios. — Ela para um segundo, tomada pelo riso. — Meio desafinada, não?

Na oitava aula, a última, sei que não posso mais aguentar. Realmente odeio minha vida. Essa tem sido a pior semana da história. Hoje é sexta — como é que eu vou sobreviver ao fim de semana? Eu já disse que ia à festa do pijama da Claire e tenho a próxima fase da peneira. Terei pela frente um fim de semana inteiro de Sassy Gaines, e hoje ainda falta uma aula com ela: educação física.

Entro no vestiário feminino, rezando secretamente para que o universo me surpreenda com algum tipo de doença horrorosa que me obrigue a ficar de cama a semana toda. Catapora? Faringite? Apendicite? Posso fingir que fiquei menstruada?

Provavelmente não.

No que talvez seja o único golpe de sorte do dia, localizo uma cabine vazia no banheiro. Entro, penduro minha mochila de 150 quilos no gancho da frágil porta de metal e tiro dela o uniforme de ginástica da Thatcher: short e camiseta azul e laranja. Pelo menos não preciso me trocar na frente de todas as meninas.

Educação física. Posso sobreviver a isso, não? Sou mais rápida que Sassy e provavelmente também tenho mais coordenação motora. Eu me imagino acertando sem querer uma bola de *softbol* na cara dela. Então mudo para uma de basquete, de futebol, um disco de hóquei. Admito que em todas as hipóteses ela saia com o nariz sangrando. *Sinto muito, só que não.*

E, gente, por acaso já tentaram trocar de roupa em uma dessas cabines apertadas de banheiro? Não há muito espaço para se mover, e eu estou literalmente tentando fazer o jeans escorregar pelas minhas pernas — me equilibrando em cima dos tênis para não ter que encostar a meia no chão nojento — quando ouço a voz de Sassy do lado de fora.

Meu coração acelera de imediato, e eu congelo apenas de calcinha e sutiã com estampa de margarida, apertando o uniforme de ginástica contra o peito, olhando para minhas pernas e morrendo de medo de que Sassy de alguma forma me veja. “Eca, depile as pernas!”, posso ouvi-la dizer.

Sendo mais silenciosa possível, visto o short, enfio a camiseta laranja pela cabeça e fico olhando pela fresta entre a porta e a lateral da cabine. Sassy está com uma garota chamada Tori, que eu não conheço direito porque ela é legal e bonita demais e...

Enfim, alguém que jamais andaria comigo.

As duas já se trocaram e estão em frente ao espelho, arrumando o cabelo e retocando a maquiagem. Por quê? Para a aula de educação física?! Uma aula de educação física só com garotas.

Exatamente.

É isto que eu ouço:

Sassy: “Não acredito que fiquei na classe do sr. Tate. Ele cospe quando fala.”

Tori: “Que nojo!”

Sassy: “Não é? Ah, e a sra. Dennison? Parece que ela passa, tipo, muita lição de casa. Que irritante. Será que ela não sabe que eu tenho uma vida? Segura aqui.”

Tori: “O quê?”

Sassy: “O negocinho de cabelo. Aqui. Eu me sinto nua sem elástico.”

Tori: “Ameudeus, eu te odeio, com esse cabelo todo sedoso.”

Sassy: “Eu sei! É a chapinha nova.” (Sassy sorri para si mesma no espelho.) “Ainda bem que estamos na mesma turma de educação física. E, sério, como a gente pode estar separadas em estudos sociais este ano? Do lado de quem eu vou sentar pra ficar conversando durante a aula?”

Tori: “Ameudeus, sério. Como você consegue ser tãããã linda? Ficou maravilhosa assim!”

Sassy: “Aaah, obrigada, gata! Ai, meu Deus, espero que Ellie tenha entendido a dica e pare de me perseguir.”

Tori: “Ai, eu sei.”

Sassy: “Tipo, será que vou ter que falar na cara dela?”

Tori: “Pois é!”

Sassy: “É, tipo... Alôô? Não fala comigo. Não olha pra mim. Tchau!”

Tori: “Hahahaha. Sério. Cai fora.”

Sassy: “Total. Tipo, não quero ser grossa nem nada, mas ela é...”

Tori: “Muito infantil?”

Sassy: “Isso! Totalmente infantil! As roupas dela são horríveis. E o cabelo? Oi? Ela usa o mesmo cabelo repartido ao meio com rabo de cavalo desde o jardim de infância! Ela nem *tem* um secador ou uma chapinha!”

Tori: “Foi você quem me disse que ela ainda tem, tipo, bonecas na estante?”

Sassy: “Pois é! Vergonha total!”

Tori: “Você consegue imaginar Ellie falando com um garoto? Rá!”

Sassy: “Eu sei! Não é? Hahahaha! Não consigo imaginar nem um pouco. Seria superesquisito!” (Elas olham para o espelho, fazem biquinho e passam gloss rosa-shocking.)

Sassy: “Aimeudeeeus, ficou lindo! Cara, a gente tem que sair juntas! Você vai na Claire amanhã, né?”

Tori: “Siiim! Superanimada! Mal. Posso. Esperar.”

Sassy: “Uhuul!” (*High-five.*)

Tori: “Espero que certo *alguém* não tenha sido convidada.”

Sassy: “Credo, para! Affff. Nem lembra!”

SORRIO AO ENTRAR NO ÔNIBUS porque, na hora, vejo que Owen está usando a mesma camiseta que eu. Polo azul-clara, só que a gola dele está levantada e a minha, não, porque, bom, meus irmãos nunca iam deixar isso passar. Eu me joto no assento perto dele e de Sammy, como faço desde que nos conhecemos no sexto ano.

Sammy começa a falar antes mesmo de eu me acomodar.

— Jack, seu cabelo está muito maneiro agora, não vou mentir. — Ele abre um sorriso largo. — E o olho roxo? Todo mundo gosta de um cara durão. Imagino a quantidade de garotas que vai correr atrás de você, cara.

Sammy é doido.

Nós três somos melhores amigos. Com exceção do hóquei, fazemos tudo juntos. Sammy é bem legal, tranquilão e muito inteligente. Todas as garotas gostam dele. Owen é mais quieto e usa óculos enormes. É viciado em videogame. Só pensa em *Call of Duty*, *Halo* e *fantasy games* de futebol americano (nessa ordem). Adoro o cara. A gente fica bastante na casa dele porque tem um monte de coisa legal lá — TV de tela plana de sessenta polegadas, PlayStation, Xbox, mesas de pingue-pongue e de sinuca. Quando a mãe dele bota a gente pra fora porque acha que já jogamos videogame demais, ficamos na cama elástica no quintal dele, que é enorme. E, caso a gente esteja entediado, ele mora do lado de uma escola primária com um monte de gramados e uma quadra de basquete.

O primeiro dia de aula é uma loucura. Todo mundo está animado para ver os alunos novos e quem está diferente. Assim que descemos do ônibus, Sammy começa a comentar sobre as garotas.

— Ei, cara — diz ele, dando uma cotovelada no meu estômago. — Gostosa total à sua direita.

Vejo Sassy Gaines.

A maior parte dos caras do oitavo ano acha que Sassy é a menina mais bonita da escola. (Sammy: Uma gostosa. Supergostosa.) Nunca troquei uma palavra com ela em toda a minha vida. É bom eu dizer logo: não levo o menor jeito pra isso. Sou um cara quieto e bastante tímido quando o assunto é garotas. Bastante tímido como um todo, ponto. Não faço a menor ideia do que dizer a elas ou de como agir. Queria ter um manual de instruções ou algo do tipo. Para poder chegar em uma garota e simplesmente saber o que dizer. Se estivéssemos em um mundo perfeito, eu nem precisaria dizer nada.

Sammy me dá outra cotovelada.

— Vai ser o melhor ano da minha vida! — diz ele, arregalando os olhos para uma aluna nova, Aspen Bishop.

— Tá bom, Sammy — digo.

— Cara, você não viu?

— Vi — respondo, balançando a cabeça.

— Uma gata, né?

— Acho que sim.

Dou de ombros. Sammy é muito mulherengo.

— Qual é, cara? Ela é absurdamente gata. Eu casaria com ela agora!
Sammy me empurra na direção de Owen e nós três rimos. O cara é maluco.

Sempre almoçamos juntos. Eu, Owen, Sammy, Demaryius, Trey, Dominic e Brayden. Sentamos na mesma mesa do ano passado, no canto, perto da sala de orientação.

Trey é fanático por beisebol e pelos Red Sox.

— Vocês viram como eles entregaram o jogo ontem à noite? — pergunta ele.

Brayden ri.

— Nem me fala, cara.

— Total — diz Dom, concordando. — O arremessador reserva é um desastre.

Sammy entra na conversa.

— Cara, acho que até *eu* conseguiria finalizar melhor as jogadas para os Sox.

— Aí sim estaríamos perdidos — brinca Trey.

Adoramos zoar o Sammy. Ele cai na pilha fácil.

Falamos todos ao mesmo tempo.

Brayden: “Os Pats estão demais, vocês viram o jogo ontem.”

Demaryius: “Cara, eles vão arrasar este ano.”

Oewn: “Não vai nem ter graça. Ninguém consegue parar os caras.”

Eu: “É a melhor defesa da liga, fácil. Não tem nem o que discutir.”

Trey: “Não sei não, cara. O *quarterback* novo do Buffalo é uma máquina!”

Dominic: “Que nada. Ele não é tudo isso.”

Trey: “Cala a boca, Dom. O cara vai ser uma lenda!”

— Ei! — Sammy ergue a voz acima das demais e aponta com a cabeça de um jeito esquisito para as alunas do sétimo ano que estão passando. — Duas palavras: Sassy Gaines. Muito gata!

— Foram quatro palavras, Sammy — diz Owen.

Todos rimos.

Owen levanta a mão. Como eu disse, adoro esse cara.

— Querem ir lá em casa hoje de noite para jogar um campeonato de *Madden*?

— *Madden*? Não! — reclama Trey. — *Call of Duty*, cara!

— Tá, pode ser, tanto faz. Acabo com você no jogo que for — diz Owen, sorrindo.

Sammy levanta a mão para um *high-five*.

— Boa, cara! Tô dentro! — diz ele.

— Tenho que perguntar pra minha mãe — diz Trey.

Owen vira para Dominic.

— Dom?

— Sim, senhor!

— Demaryius?

— Tô dentro.

— Brayden?

— Nem precisa perguntar.

— E você, Jack?

— Claro, cara. Vai ser legal.

Sendo totalmente honesto, estou meio surpreso com quão indiferente ao oitavo ano estou. A única coisa até agora é esse cara chamado Porter Gibson, um babaca que fala demais. Eu e Owen estamos indo para a aula do sr. Graves quando Porter dá um encontrão em Owen, que pesa, tipo, cinco quilos, derrubando os livros e os óculos dele.

Eu me ajoelho e ajudo a recolher tudo.

— Cara — digo —, eu ficaria bem feliz de dar um soco na cara dele.

— Deixa pra lá — Owen dá de ombros.

Mas sei que ele está nervoso. Devolvo os óculos dele.

Porter continua me irritando na aula de ciências. O cara é um pentelho, fica tentando chamar a atenção, precisando que alguém ria das bobagens que ele fala. É um babaca. Está louco para arrumar confusão.

Owen e eu dividimos uma mesa na primeira fila.

— Como vocês não param de falar — anuncia o sr. Graves —, vou mudar os lugares de vocês. Meninas, levantem-se. Vocês vão ficar intercaladas com os meninos.

Porter chuta o encosto da minha cadeira.

— Ei, Jack — diz ele baixinho. — Vai lá, primeiro as damas!

Não vou mentir.

Fico com raiva.

Permaneço sentado pelo resto da aula considerando seriamente virar e dar um soco na cara dele.

No corredor, depois da sexta aula, Owen tenta me acalmar.

— Não vale a pena, Jack — diz ele. — Não deixe o cara irritar você.

E, olha, vou dizer a verdade. Não sou fã de briga. Quer dizer, eu brigo com meus irmãos o tempo todo, é claro. Mas na escola?

Não.

Meu pai me mataria.

Paro para tomar água no bebedouro. Quando me viro, vejo Porter vindo na minha direção em câmera lenta.

Não tenho tempo de desviar.

— Olha por onde anda — diz ele, dando um encontrão em mim.

Potter me encara. Olho no olho. Posso sentir o cheiro de peixe no hálito dele. Então o cara começa a falar bobagem.

— Você é bonitão, Malloy, mas se acha demais, não? Pensa que é melhor do que os outros?

— Sai da minha frente, cara — digo e dou as costas.

Juro. Dou as costas e tento ir embora, mas Porter me empurra. Dessa vez um pouco mais forte.

— Ai, que garotinha você é — diz ele.

Balanço a cabeça e continuo a me afastar. Então ele me dá outro empurrão, dessa vez nos ombros. Eu me viro e o encaro.

— O que foi? — pergunta ele. — Vai ligar chorando pra mamãezinha?

— Cai fora, cara — aviso.

— Quando ligar, peça pra ela parar de me mandar mensagem — diz ele, rindo.

Chega.

Jogo a mochila no chão.

— Você fala demais, cara. Vai encarar agora? — digo.

De canto de olho, vejo uma multidão se formando e sei que querem ver briga.

— Acaba com ele, Jack!

— E aí? — pergunto.

— O que foi? — Porter me lança um olhar assustado. — Eu só estava brincando...

Não consigo mais parar.

— Vamos lá, cara — digo, pegando Porter pela alça da mochila e dando um cruzado de direita nele. Um único soco. Porter é jogado para trás, bate as costas nos armários e começa a agitar os braços. Quero dar outro soco nele. Quero colocar o cara no chão. Puxo o braço e solto, encaixando um direto na

mandíbula. Porter está desesperado para terminar a briga. Investe contra mim, abraça minha cintura e tenta me derrubar, mas acaba fazendo com que eu bata de cara na parede.

Sinto meu nariz quebrar.

Sangue escorre até meu queixo.

Eu assumo o controle e fico por cima dele. Não paro de atacar. Ele cai de costas e tenta levantar com tudo. Eu o seguro com o joelho, coloco um braço em seu pescoço e começo a socar. Acerto uns golpes fortes, até que sinto a mão de alguém me tirar de cima dele.

— Chega!

É o sr. Graves.

Pela primeira vez, noto quantas pessoas estão olhando. É como se o oitavo ano inteiro estivesse em volta da gente.

— Certo, pessoal, o show acabou. Voltem para as suas salas! — diz o sr. Graves, e então se vira para mim: — Jack, para a enfermaria.

Fico parado por um segundo.

Meu coração bate forte.

Sinto gosto de sangue.

— Agora! — ordena o sr. Graves, parecendo bravo.

Não sei de onde surge um rolo de papel higiênico, que Owen entrega pra mim com um sorriso enorme no rosto. Antes de sair, dou uma olhada em Porter, ainda jogado no chão, o lábio aberto sangrando. *Achou que podia me derrubar? Pode esquecer.*

Eu o encaro por um segundo, até ter certeza de que me nota. Então balanço a cabeça e sorrio para ele.

No caminho para a enfermaria, meu coração bate loucamente. Não consigo me acalmar. Estou tremendo e minha mão lateja. Uma multidão me segue pelas escadas. Todo mundo está animado.

Brayden: “Você virou bicho, cara!”

Trey: “Ééééé! Acabou com ele!”

Demaryius: “O moleque é gigante, mas você destruiu ele!”

Dominic: “Está com sangue nos olhos, hein, Jack!”

Sammy põe o braço por cima do meu ombro.

— Você é totalmente sinistro! Destruiu o garoto! Colocou Porter na lona! Deu uns socos incríveis. Ele não vai esquecer!

Quando chego à porta da enfermaria, somos só eu e Owen no corredor vazio. Ele me entrega a mochila, enquanto eu tento manter o papel higiênico ensopado de sangue no nariz.

— Você ainda vai lá em casa hoje à noite, né? — pergunta Owen.

— Bem... — começo a dizer, mas a realidade começa a me atingir. — Provavelmente vou ficar de castigo. Quer dizer, meu pai...

— Putz, cara. — Ele parece preocupado. — Seu pai vai matar você.

— É, então... — começo, mas é difícil com todo aquele sangue escorrendo.

— Bem, me liga quando souber.

— Tá — digo.

— Jack?

Olho para ele.

Owen abre um sorriso enorme.

— Valeu por calar a boca do cara — diz.



NÃO SEI SE É POSSÍVEL me imaginarem de tênis, short azul e camiseta laranja, todos parte do uniforme da Thatcher, andando o mais rápido possível por um corredor vazio enquanto lágrimas escorrem pelo meu rosto, mas a cena é essa.

Eu pareço um bebê.

Pareço ridiculamente infantil, mas não me importo.

Não me importo porque a única coisa que passa pela minha cabeça é ir embora daqui, chegar em casa e nunca mais sair do meu quarto. Nunca! Penso em todas as coisas que eu *não* vou fazer enquanto atravesso o corredor deserto...

Não vou jogar futebol!

Não vou à festa da Claire!

Nunca mais vou a uma festa de aniversário que seja. Na vida!!!

Passo pelas portas fechadas das salas. Passo direto por dois professores.

Nem ligo.

— Mocinha — chama um deles.

Mas eu não paro.

Parece que de repente me tornei o tipo de garota que mata aula e não dá ouvidos a ninguém.

— Ellie. Ellie O'Brien? — diz a sra. Walker. — Ellie, aonde você está indo?

Eu nem olho para ela. Vou direto ao meu armário e passo um tempo tentando acertar a senha idiota. Depois que finalmente consigo abri-lo, enfio o restante dos livros na mochila. Estou possuída. Sinto meu rosto queimar e minha cabeça latejar, porque estou...

Com ódio.

MORRENDO de ódio!

Fecho o armário e olho em volta, avaliando os próximos passos. Falta só mais uma aula para o fim do dia. Olho pelo corredor, tentando encontrar um lugar onde me esconder. *Posso fazer isso, não é? Só esperar o sinal tocar. Ninguém vai saber.*

Parece uma ótima ideia na minha cabeça.

É exatamente o que *eu vou fazer!*, penso. E aqui estou eu, andando com meu uniforme de ginástica e a mochila pesada nos ombros até o nicho entre a sala da banda e o corredor quando ouço uma voz.

— Mocinha?

Sei quem é sem nem olhar.

A sra. Dean.

E por sra. Dean quero dizer a diretora da Thatcher. Por que eu sequer imaginei que isso funcionaria? Tipo, sério. Hoje não é exatamente meu dia de sorte.

Fico parada no corredor, cercada por um milhão de armários laranja, então forço um sorriso fraco e ajo como se eu não estivesse matando aula, como se eu não estivesse tendo um colapso nervoso, como se eu não fosse...

Eu.

Nunca troquei uma palavra com a sra. Dean. Nunca me atrasei, muito menos matei uma aula. “Você é tão certinha, Ellie!”, Sassy gosta de dizer.

Olho para a sra. Dean e tento pensar depressa nas palavras que devem sair da minha boca. Então olho para baixo, mexendo nas alças da mochila, e engulo em seco.

— Ellie O’Brien, certo?

Levanto a cabeça e consigo assentir. Não faço ideia de como ela sabe meu nome.

— De onde você está vindo?

— Da quadra — respondo, com a voz trêmula.

— E por que você saiu de lá, Ellie?

Por um segundo, considero contar tudo, mas algo me impede. E esse algo que me impede é o fato de que não quero — além de tudo de ruim que já me aconteceu hoje — me tornar uma dedão-duro. Não consigo imaginar quão felizes certas pessoas ficariam com isso.

Ouçõ a voz de Sassy na minha cabeça, me ridicularizando: “Você é tão puxa-saco, Ellie.”

Em vez de responder, apenas olho para a sra. Dean com uma expressão vazia e idiota.

— Ellie, é claro que tem alguma coisa chateando você. Se você não me contar o que é, não vou poder ajudá-la.

— Hum — digo, sem força na voz. Você já falou com a diretora, sozinha, no corredor? É estranho, pode ter certeza. Eu praticamente pulo quando o celular dela toca.

— Um segundo.

A sra. Dean vira e leva o celular à orelha. Não consigo ouvir o que está dizendo. Tem algo a ver com uma briga. Alunos do oitavo ano. Algo a ver com a sala dela...

Paro de tentar ouvir e começo a pensar em quão patética devo estar com esse uniforme da ginástica. Procuro endireitar a postura. Tento esconder que estava chorando há poucos instantes. Solto o rabo de cavalo e deixo o elástico no pulso. Tenho certeza de que meu cabelo ruivo e bagunçado caindo sobre os ombros não melhorou a situação como eu esperava que melhorasse.

Recomponha-se, Ellie!, digo para mim mesma.

A sra. Dean se volta para mim.

— Desculpe, mas preciso correr para resolver um... — Ela para por um segundo e respira fundo. — Quer saber? — recomeça. — Venha comigo até a minha sala e me conte o que está acontecendo.

Então eu solto tudo.

Não sei por quê. Assim que saem da minha boca, quero segurar as palavras e enfiar tudo de volta goela abaixo.

— Fiquei menstruada! — digo.

(Mas ainda não fiquei. Isso é outra coisa que Sassy ficou jogando na minha cara o verão todo. “Ellie”, dizia, “que pena que você ainda não é uma mulher!”)

Os olhos da sra. Dean se iluminam.

— Bem, isso é perfeitamente compreensível — disse ela, sorrindo como se estivéssemos compartilhando um segredo feminino, se é que você entende o que quero dizer, porque eu mesma não entendo.

De repente, começo a falar.

Cada palavra que digo aumenta a mentira.

— É — continuo. — Estou com *muita* cólica e, bem, hum, tenho educação física e... — Eu ponho a mão um pouco abaixo do estômago, como se de repente fosse uma especialista em cólicas menstruais. — Estou com *muita* dor — minto.

E piora.

Você acha que consigo mentir e continuar agindo normalmente? Posso sentir as lágrimas vindo. Sou

certinha demais, mesmo. É verdade. Fico quieta e tento me recompor, mas é tarde demais para interromper o que comecei.

— Ah, cólica é uma coisa horrível! — diz a sra. Dean, como se soubesse exatamente como me sinto. Exatamente como eu me sentiria se não fosse uma mentirosa. — Coitada! — Ela me olha como se sentisse muito. — Acha que consegue aguentar por mais uma hora?

Faço que sim com a cabeça e enxugo as lágrimas e o nariz com as costas da mão.

— Respire fundo, está bem?

Faço que sim outra vez.

A sra. Dean começa a seguir pelo corredor e faz um sinal para que eu a siga.

— Vamos ver se conseguimos deixar você um pouco mais confortável — diz ela.

No caminho, de tempos em tempos ela olha para mim e sorri. Isso só faz com que eu me sinta ainda pior.

Como vou me livrar dessa?

BASTOU UM ÚNICO OLHAR E a enfermeira atrás da mesa deu um pulo da cadeira. Acho que foi o sangue.

— Minha nossa! — diz ela. — O que aconteceu com você?

A moça tem um quê meio descontrolado no olhar e um cabelo preto-arroxeadado preso no alto da cabeça. Está com uma calça de oncinha que parece de pijama e um estetoscópio pendurado no pescoço.

— Cacilda! — A enfermeira olha para mim, com os olhos arregalados. — Primeiro dia de aula e já temos sangue! — Parece quase animada quando me passa uma toalha molhada. — Aqui, querido. Entre e sente-se.

Caminho para a maca e tiro a toalha do nariz, e aí ela se inclina e olha de perto.

— Hum... — diz a enfermeira. — Não parece quebrado. — Ela está a, tipo, uns cinco centímetros do meu rosto. O perfume dela é floral. — Acho que não vai precisar dar ponto, mas... Uau! — Ela faz uma pausa e abre um largo sorriso. — Dia difícil, hein?

Eu me endireito na maca. Não consigo parar de tremer. A adrenalina continua percorrendo meu corpo.

— Por que não se deita? — sugere ela.

Não é a mesma enfermeira do ano passado. Eu nunca vi essa moça.

— Estou bem — digo.

Mas não me sinto bem. De repente estou muito cansado e um pouco tonto. Seguro na beirada da maca e tento me manter firme.

— E vai me contar o que aconteceu com o olho? — Ela sorri. — Não parece ter sido hoje.

— Hóquei — respondo.

Seus olhos se iluminam.

— Hóquei? Que maneiro!

Eles são de um azul irreal. A enfermeira é meio gostosa, como Sammy diria. Observo enquanto ela pega uma bolsa de gelo de um frigobar e troca comigo pela toalha ensanguentada.

— Deve estar doendo — diz ela.

Dou de ombros, como se aquilo não fosse nada. Mas, na verdade, está doendo sim. Muito.

A enfermeira se inclina de novo e me olha nos olhos de perto.

— Sua vista está embaçada?

Nego com a cabeça.

— Está enxergando duplo? Tem duas de mim aqui?

Ela dá um sorriso.

— Não, senhora — respondo.

— Isso seria assustador, né? Duas de mim! Credo! — diz ela em tom de brincadeira. Percebo que ela tem uma mulher seminua montada em um tigre tatuada em seu pescoço, um desenho que vem subindo até a palavra DESTEMIDA, feita em uma fonte manuscrita preta e cheia de curvas, parecida com as de grafite. Ela não parece uma típica enfermeira escolar.

Tento não dar bandeira. Estou meio que olhando fixamente para ela.

— E o nariz? — pergunta ela. — Qual é a história?

— Hum. — Fico pensando no que dizer. — Bati na parede.

— Na parede, hein? Devia ser uma parede bem malvada.

Ela ri. Sua risada é divertida e reconfortante. Aperto os olhos para ter uma visão melhor dela, porque meu nariz está inchando e a bolsa de gelo está no meio do caminho.

— Querido, você *realmente* precisa se deitar. — A enfermeira põe a mão no meu ombro e eu vacilo.

— Deite e continue pressionando o nariz. Não tire a bolsa de gelo, tá?

— Sim, senhora — digo.

Devagar, eu me deito na maca. A sensação do travesseiro é boa. Cara! Meu coração ainda está acelerado. Estou a mil por hora. Fico deitado olhando para o teto, reprisando a briga na minha cabeça. As pessoas meio que devem ter visto como se fosse um destaque na programação da ESPN. Sinto como se estivesse me vendo no YouTube em câmera superlenta.

Jack Malloy *versus* Porter Gibson, 660 mil visualizações.

Eu ganhei ou perdi? Quantos socos acertei? Olho para os nós dos dedos, vermelhos e machucados. Devo ter acertado alguns. Ele deu uns golpes desajeitados, mas não me acertou em cheio exceto... Bem, exceto pela parede... Acho que acertei dois ou três golpes. Tenho certeza de que estava no controle. Ele é maior, mas eu sou mais forte, mais rápido — e fui com tudo! Repriso a briga na minha cabeça de novo e de novo. Cara, como eu odeio covardes. Porter estava assustado. O cara era só papo. Mas quando eu entro em uma briga, é pra valer. Não vou me acovardar pra ninguém.

Primeiro, penso que estou sonhando. Então percebo que é a enfermeira.

Ela está sentada na beirada da maca agora.

— Esquecemos algo meio que superimportante. — Ela para e sorri. — Seu nome?

— Jack — digo, sentando um pouco rápido demais. — Jack Malloy.

— Opa. — Ela põe as mãos nos meus ombros de novo. — Calma, querido, você precisa mesmo ficar deitado.

Não estou acostumado a ser chamado de querido.

É estranho, mas tem algo nessa enfermeira que, tipo, me acalma.

— Escute, Jack Malloy — diz ela —, que tal se a gente ligar para o seu pai?

Sério? Talvez hoje seja o dia mais esquisito e afortunado da minha vida, porque assim que a enfermeira menciona meu pai, tipo, no *exato* momento, uma garota de roupa de ginástica entra pela porta chorando. Tipo, se desfazendo em lágrimas. Não tenho ideia de quem ela é, mas fico muito agradecido.

A menina que salvou minha vida tem o cabelo ruivo e comprido mais lindo que já vi, olhos verdes e milhares de sardas. Ela é *muito* bonita. Quero sorrir para ela, de um jeito obrigado-por-salvar-a-minha-vida, quando vejo com o canto do olho...

— Sr. Malloy — diz a sra. Dean. Sua voz sai severa.

A garota, a Ruiva, olha para mim e imediatamente desvia os olhos. Eu a observo jogar a mochila pesada no chão, subir na outra maca e enfiar a cabeça nas mãos. A enfermeira vai direto falar com ela, enquanto a sra. Dean vem até mim.

A diretora não aceita enrolação. Está sempre muito bem vestida e com um olhar sério no rosto. Pelo que parece uma eternidade, fica parada, com os braços cruzados, olhando diretamente para mim. Meu coração ainda está acelerado por causa da briga e meu nariz está cheio de sangue, então sinto um frio no estômago — nunca estive *tão* encrencado antes.

— Sr. Malloy — diz ela, finalmente —, fiquei sabendo que o senhor se envolveu em uma confusão.

Não digo nada.

— Então? — pergunta ela. — Esta afirmação é correta ou não?

— Sim, senhora — respondo, baixo.

— Como?

— Sim, senhora — repito, levantando os olhos.

— Jack, não consigo dizer o quão desapontada estou.

Mais silêncio.

Ela dá um longo suspiro.

— Honestamente, sr. Malloy, o que aconteceu é simplesmente inaceitável.

Olho para o chão.

— Sim, senhora, mas ele começou quando... — começo a me explicar, mas então paro. Primeiro, porque quanto mais eu falo mais meu nariz dói. Segundo, porque ouço a voz do meu pai latejando na minha cabeça: *Ações falam mais alto do que palavras, Jack.*

A sra. Dean balança a cabeça.

— Eu esperava mais de você. Tomou uma decisão muitíssimo equivocada.

— Sim, senhora — concordo.

— Todos na Thatcher o consideram um exemplo a ser seguido.

— Sim, senhora — digo, com um nó na garganta.

— Você está no oitavo ano, Jack — Pausa longa. — É um bom aluno. — Pausa ainda mais longa. — Sinceramente... — Ela para e olha para o relógio na parede. — Não estou nem um pouco ansiosa para ligar para o seu pai.

Sabe aquela sensação de que você está prestes a chorar? Mordo o lábio inferior, para segurar a vontade, para manter as lágrimas guardadas.

Nada de hóquei.

Nada de dormir fora de casa.

Nada de amigos.

Nada de vida.

Ele provavelmente vai me tirar da Thatcher e me obrigar a ir para a Saint Joe's.

— Jack?

Levanto os olhos.

— Quer dizer mais alguma coisa?

— Não, senhora — minto.

Não sou idiota de dizer o que estou pensando, o que estou sentindo.

— Sr. Malloy. — A sra. Dean olha para o relógio de pulso, então para mim. — Por enquanto não vou ligar para o seu pai, mas vou ter uma conversa séria com ele na segunda.

Fico aliviado por um momento. Então percebo. *Segunda está logo aí. Que diferença faz?*

Observo a sra. Dean se virar e sair.

— Opa, vamos com calma — diz a enfermeira, então sinto sua mão em meu ombro. — Relaxe. Deite-se.

Eu obedeco. Caio para trás.

Desisto.

Tudo está meio embaçado.

Viro de lado e olho para a Ruiva.

Ela não parece feliz.

Lágrimas pesadas escorrem por suas bochechas.

— O colégio é uma bosta, né? — sussurro, oferecendo um sorriso gentil. Ela parece muito triste.

— Minha vida como um todo é uma bosta — responde ela.

— É? — pergunto. — Sei bem como é.

— Provavelmente, não — resmunga ela. — A vida é fácil para os garotos.

— Hum. — Viro a cabeça de novo para ela. — Você olhou pra minha cara?

A Ruiva deixa escapar um sorriso, mas então, tão rápido quanto veio, ele se desfaz, quase como se ela tivesse se lembrado de algo.

— O que houve com você? — pergunto.

Ela parece tão... sei lá. Derrotada. Não diz uma palavra. Afasto a bolsa de gelo para que ela possa ver meu rosto.

— Quer trocar de lugar comigo? — sugiro.

Ela quase ri.

— Sim — diz ela em um tom tão baixo que mal posso ouvir. Ela fecha os olhos. — A gente poderia magicamente trocar de vidas, né?

Faço que sim com a cabeça e fecho meus olhos também.

— Você seria eu — sussurro. — E eu seria você.

— Minha nossa! Isso não seria divertido? — Ouço a enfermeira dizer. — Vocês dois poderiam fazer uma troca, dar uma agitada nas coisas. — Ela ri. — Ajudar um ao outro.

A mulher é meio maluca, mas de um jeito bom.

A sala fica em silêncio.

As luzes se apagam.

A última coisa de que me lembro é da enfermeira sussurrando na escuridão, como se estivesse fazendo um feitiço.

— Ver o mundo com outro olhar, até aprender o que é mesmo verdadeiro. Um coração corajoso, para sentir e falar, levará você para casa inteiro.



ACORDO COM A VOZ DA sra. Dean saindo dos alto-falantes.

— Todos os ônibus vão sair com atraso hoje em virtude da orientação aos alunos do sexto ano. Por favor, permaneçam em sala por mais 15 minutos até que sejam dispensados.

Tudo bem, eu penso. Abro meus olhos devagar e fico encarando o teto. Tudo está meio embaçado. As luzes parecem fracas. Por alguns segundos, fico confusa... Tipo, quem sou eu? Onde estou? Por que me sinto como se tivesse sido atropelada por um ônibus? Então eu lembro.

Sou Ellie.

Sou patética.

Estou na maca da enfermaria.

Matei a aula de educação física e fui pega.

Não tenho amigos.

Ótimo.

Não levanto a cabeça. Não mexo um único músculo. Fico deitada, completamente imóvel e mais uma vez repasso o que aconteceu no vestiário. Fecho os olhos e tento pensar em alguma coisa, qualquer coisa, que eu possa ter feito para Sassy de repente me odiar tanto. *Não entendo o que fiz e por que ela me odeia*. É muito bizarro como as coisas podem mudar rápido. Eu faria qualquer coisa para que voltassem a ser como antes.

Enxugo com as mãos as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Ai, meu Deus, sinto meus olhos sensíveis e inchados como... como se eu tivesse levado um soco. E meu nariz... está me matando!

E a cabeça. Lateja. Como eu tivesse batido na parede.

Nesse momento, neste exato segundo, percebo que a enfermeira sumiu.

Para onde ela foi?

A sala está silenciosa.

Com um ar misterioso.

Então começo a me lembrar. Não estou sozinha.

Aimeudeus.

Jack Malloy.

Que humilhação! O Príncipe da Thatcher me viu no uniforme ridículo da ginástica e ainda por cima chorando! Jack Malloy. Me. Viu. Chorando.

Minha vida está oficialmente acabada.

Viro a cabeça para olhar para o Príncipe dormindo, então...

Mas que d...

Fecho os olhos, depois abro e vejo de novo.

Estou sonhando, certo? Estou sonhando. É claro que estou!

Quando me viro para a maca, para onde o Príncipe estava deitado da última vez em que olhei...

Não é ele deitado ali.

Sou eu.

O que acontece em seguida é que eu piro. Pulo da maca. E isso vai soar completamente absurdo, mas vou até o meu corpo adormecido e belisco meu braço.

— Ei! — digo.

A voz que sai da minha boca é tão rouca e profunda! Eu pareço... Ai, meu Deus, pareço um garoto!

— Ei! Levanta! — digo.

Tem que ser um sonho, certo?

Estou de pé ao lado da maca, olhando para o meu próprio corpo, de short azul e camiseta laranja da Thatcher. Tem um pouquinho de baba escorrendo da minha boca. Será que eu morri?

Devo estar tendo uma alucinação.

Cutuco de novo. Dessa vez com força. Então me debruço e aproximo bem os lábios da minha orelha.

— Eeeeeeeei! — grito.

Nada.

Então pego uma mecha de cabelo solto e puxo. Forte.

Quase desmaio quando vejo meus próprios olhos se abrirem e me olharem de volta.

Cara a cara, a centímetros de distância.

É como se eu estivesse olhando no espelho...

Só que não tem espelho.

Estou olhando diretamente para...

MIM!

EU JÁ BATI A CABEÇA algumas vezes, é claro. Nas eliminatórias do ano passado, levei uma pancada feia. É uma sensação esquisita. Tipo um transe, sabe? Ou um sonho. Quase como se eu estivesse pairando acima do meu próprio corpo, vendo tudo o que acontece comigo.

É exatamente assim que me sinto quando acordo, totalmente grogue, na enfermaria, com alguém cutucando meu ombro.

— Acorda! — É minha própria voz que praticamente grita no meu ouvido. — Ei! — Eu me ouço dizer. — Eeeeeeeei!

Devo estar sonhando, certo?

Eu afasto a mão que me cutuca.

Calma aí!, penso, abrindo os olhos devagar.

Minha nossa!

Por favor, não pense que sou louco. Eu juro que é verdade.

Sabe o que acontece quando abro os olhos?

Eu vejo *meu próprio rosto* me encarando.

Por alguns segundos, tenho certeza de que pareço um bebê brincando de se esconder. Aperto os olhos, então abro de novo.

Fecho. Abro!

Fecho. Abro!

Fecho. Abro!

Todas as vezes o resultado é o mesmo: meu próprio rosto a centímetros de mim, me olhando como se eu fosse algum tipo de personagem de show de horrores.

E para piorar?

O eu ali parado? O eu que estou encarando?

Não está com uma cara boa.

Meus olhos estão roxos, meu nariz está amassado e tem uma linha de sangue seco no meu lábio superior.

Isso é algum tipo de sonho muito doido! Estendo a mão e toco minha bochecha. Meu rosto se retrai e eu ouço minha voz sair em um guincho.

— Ei!

Ok, isso está ficando esquisito. Garanto que nunca guinchei nessa vida.

Fecho. Abro!

Fecho. Abro!

Fecho. Abro!

— Quer parar de fazer isso? — diz a voz, *minha voz*, parecendo irritada e muito mais profunda do que costuma soar na minha cabeça.

Por um nanossegundo, respiro fundo e espero em silêncio que meus irmãos saiam de trás da mesa vazia

na enfermaria. “Surpresa!”, eles vão gritar. “Estamos só zoando com você, Jack-boy!”, meus irmãos dirão. “Calma, cara, fica tranquilo!” Só que eles não estão aqui. Não tem ninguém aqui. Além de...

— Oi — digo em voz fraca.

E por “fraca” quero dizer com vergonha de admitir que estou falando com o que parece ser meu fantasma parado bem à minha frente. Para piorar, a voz que sai da minha boca soa como a de uma GAROTA!

— Mas que d... — murmuro.

É óbvio que estou sonhando. Estou falando comigo mesmo, afinal de contas. Portanto dá para imaginar minha surpresa quando meu corpo — de polo azul-clara e jeans — pega minha mão e me vira para o espelho de corpo inteiro pendurado na porta fechada.



— OLHA!

Aponto para o espelho. Estamos os dois diante dele, lado a lado, eu e Jack. Só que... Hum. Não sei muito bem como dizer isso, porque, se eu disser, se eu falar, tipo, em voz alta, hum, você vai pensar que eu...

— Mas que d... — Jack começa, enquanto eu o observo olhando para o espelho. — Isso... Peraí, cara, uau! Qual é, gente! Isso não pode estar acontecendo. Não faz o menor sentido!

Ele me pega pelos ombros e me chacoalha.

— Para com isso — digo. — O que você está fazendo?

— Você é *real*? — pergunta ele.

Eu o empurro, um pouco mais forte do que pretendia, e ele se desequilibra.

— Isso parece real? — pergunto.

Nós dois nos viramos de volta pro espelho, como se ele pudesse subitamente mudar o que estamos vendo.

O que temos consciência.

O que está claro como o dia.

Eu estou no corpo de Jack e ele está no meu!

— NÃO ESTOU ENTENDENDO! — digo. — Na verdade, fico repetindo isso loucamente. — Não estou entendendo! Não estou entendendo!

Caminho pela pequena enfermaria, de uma maca a outra, indo e voltando, como se de algum modo isso pudesse mudar as coisas.

Pra piorar, a Ruiva começa a chorar como uma garota, só que...

Ela é eu.

Nunca me vi chorar.

É surreal.

— Ruiva! — falo, percebendo que nem sei o nome dela. — Cara, você precisa parar de chorar, entendeu? Estou ficando assustado!

— Ah, tá, só que seu nariz está me matando! — diz ela, segurando os soluços. — O que você fez com a sua cara?

Olho para ela, quer dizer...

Olho para *mim*. Pareço destruído.

— Isso é surreal — digo, olhando para o espelho de novo. — É como se eu estivesse em um filme!

— Acho melhor a gente chamar alguém, não? — A Ruiva consegue segurar as lágrimas por tempo o bastante para dizer isso. Ela olha para mim. — Tipo, a sra. Dean ou...

— De jeito nenhum! — corto. — Eles vão pensar que a gente pirou! Quem vai acreditar nisso? O que a gente diria?

— A gente diria o que aconteceu, ué! — diz a Ruiva, como se fosse simples assim.

— Ah, legal. — Quase rio. — A gente vai dizer que pegou no sono e então acordou e tinha trocado de corpo?

A Ruiva parece brava.

— Por acaso você tem uma ideia melhor? — Ela se joga na maca. — Ai, minha cabeça...

Entrego a bolsa de gelo para ela e me sento ao seu lado. De verdade? Pela primeira vez na vida eu realmente não sei o que fazer.

Pense, Jack. Pense.

Quando foi a última vez que senti que estava no meu corpo?

— A enfermeira maluca! — Olho para a mesa vazia do outro lado da sala. — Ela deve ter, tipo...

— Enfeitiçado a gente de alguma forma? — conclui a Ruiva, que parece estar tão em pânico quanto eu. — O que a gente vai fazer? — Ela começa a chorar de novo. — Temos que encontrar aquela mulher, certo?

— Ei, calma aí, calma aí, respire, está bem? Fique tranquila — digo.

Toda vez que falo, quase morro. Minha voz soa tão suave e... *feminina!*

Fico tonto. Deito no colchão fino. E, sim, se você está pensando que isso deve ser esquisito, realmente é! Dou uma olhada no meu — da Ruiva, na verdade — short azul justo e nas pernas magrelas e femininas,

e, olha, não vou nem dizer, tipo, em voz alta, mas estou em um corpo cem por cento feminino. Incluindo a metade de cima e a metade de baixo, e tudo no meio!

Meu Deus.

Fecho os olhos, mas só dura um segundo, porque a porta de repente se abre e a conselheira, a sra. Buchanan, entra.

— Tudo bem com vocês? Estão se sentindo melhor?

Eu me levanto muito rápido. Não digo nada.

— Ainda bem que é sexta, não acham? — Ela sorri ao ver que estamos sentados lado a lado. — Vocês podem ir agora pegar suas coisas. O sinal vai tocar daqui a uns dez minutos, então... — A sra. Buchanan para. — Ellie, você está bem?

Então ela repete a pergunta, olhando para mim, o que é estranho, porque ela está falando com...

Ah.

A Ruiva me dá uma cotovelada na barriga.

— Ah, hum... — digo, começando minha primeira conversa oficial como Ellie. — Acho que sim?

— Você acha, hein? — A sra. Buchanan cruza os braços e fica parada na nossa frente, olhando para nós dois. — O que *exatamente* estava acontecendo aqui antes que eu entrasse? — pergunta ela, ficando desconfiada de repente.

Ellie pula.

— Nada! — diz ela, parecendo ofendida, só que com a minha voz. E é o meu corpo que se move pela sala, pega a minha mochila e olha pra mim. Entro em pânico. Aonde ela vai?

— Espera! — chamo a Ruiva com minha nova voz estridente, pulando também.

A sra. Buchanan vai até a porta.

— É melhor vocês dois se recomprem. Como eu disse, o sinal vai tocar. E deixem a porta *aberta*. Sem gracinha. Entenderam?

— Sim, senhora — respondo. — Entendemos, senhora.

— Ah, obrigada, Ellie. Agradeço por se dirigir a mim tão educadamente.

Olho para Ellie — quer dizer, para mim — e noto que meus olhos parecem aliviados quando a sra. Buchanan finalmente vai embora.

ELLIE

APESAR DO QUE A SRA. BUCHANAN DISSE, corro para fechar a porta, trancando só pra garantir.

— Isso foi uma loucura! — digo.

Não sei se estou falando com Jack ou comigo mesma, mas de qualquer maneira dá para ver que estou começando a surtar de novo.

— Ellie? — diz Jack. — É esse o seu nome, certo?

Faço que sim com a cabeça.

— Olha — diz ele —, não temos muito tempo. Logo o sinal vai tocar e nada vai mudar aqui, então precisamos encarar...

— Eu sou você — digo, interrompendo Jack.

— Exatamente, você é eu e eu sou você — diz ele, sorrindo pela primeira vez. Sei que parece loucura, mas me sinto mais calma ao me ver sorrir.

Jack sorri de novo.

— A gente só tem que sobreviver ao fim de semana, está bem? Então voltamos aqui, encontramos a enfermeira maluca e...

— *O fim de semana!* — digo, cortando o que ele dizia. — Você ficou maluco?

Jack olha no relógio.

— Cara, é sério que você quer perder tempo discutindo?

— Tá — eu respondo. — Vai lá, me conta esse seu plano tão incrível e maravilhoso — digo, soando um pouco mais cruel do que pretendia.

— Bem, primeiro, você vai pra casa com meu pai. Ele vai estar esperando por você numa caminhonete na porta do ginásio e...

— Que cor?

— Que cor o quê? — pergunta Jack.

— A caminhonete.

— Preta — ele diz. — Cara, você está fazendo perguntas demais. Olha, só vai com meu pai e fica de boca fechada, não dê papo para os meus irmãos e, o que quer que faça, não fale nada sobre a briga, está bem?

— Tá bom, tá bom — digo. — Não vou contar.

— Não, falando sério, Ellie. Promete pra mim, por favor. — Jack parece realmente preocupado. O que significa que *eu* pareço realmente preocupada.

— Ok, ok, eu prometo — digo. — Mas ele não vai perguntar o que aconteceu com o seu rosto?

— Pode dizer que foi na Jaula com Stryker ontem — diz ele.

— Você estava em uma jaula com alguém chamado Stryker?

Meu Deus.

— Stryker é meu irmão. Tenho três.

Meu queixo cai.

— Três irmãos!

— Olha, você vai ficar bem, ok? Só não saia do quarto. Mesmo que Owen ligue, ou qualquer outra pessoa, fique em casa.

— Ok — eu concordo.

— Meu pai, ele tem, tipo... — Jack para por um momento, então continua: — Ele tem o jeito dele, então...

— Então?

— Fale o mínimo possível.

— Tá — digo.

— E aí?

— E aí o quê?

— E eu? — pergunta ele. — Como eu sou, ou, tipo... — Jack para e me olha, ansioso. — O que eu faço?

Imagino minha mãe esperando no carro atrás do ginásio. Ela já deve estar lá, esperando com um lanche e minhas coisas do futebol.

Ah, não o *futebol!*

Sassy!

Tudo volta à minha mente. Começo a entrar em pânico e, pois é, sinto as lágrimas se acumulando nos meus olhos.

— Cara, é sério, você realmente precisa parar de chorar — diz Jack. — Se você vai ser eu, não pode se comportar feito uma GAROTA!

É muita maluquice.

— Sei que parece surreal — diz Jack.

Ele segura a minha mão, o que é esquisito, porque nunca pensei que ficaria de mãos dadas com o Príncipe da Thatcher no primeiro dia do sétimo ano.

Ou que eu *seria* o Príncipe da Thatcher no primeiro dia do sétimo ano.

Jack solta minha mão, e eu fico meio agitada.

— E aí? O que eu faço? — pergunta ele de novo.

— Hã... Minha mãe vem me buscar nos fundos do ginásio. E, bem, primeira coisa: *não vá para o futebol, não importa o quanto ela insista. Invente qualquer coisa. Vá direto pro meu quarto e fique lá o fim de semana inteiro.*

— Ok, nada de futebol — repete ele. — Ficar no quarto. Certo!

— Isso, só fique no quarto. Por favor! E prometa que, não importa o que minha mãe diga, você não vai *a lugar nenhum.*

— Ok — ele diz. — Relaxa!

— Sem futebol — eu repito.

— Sem futebol, eu entendi, você já disse isso.

— E independentemente de qualquer coisa, nada de dormir fora de casa! Ou de festas de aniversário!

— Cara — diz ele. — Calma! Eu não vou a uma festa de aniversário de menina, não se preocupe.

— Jura?

— Juro.

De repente ele parece preocupado de novo.

— Ah, cara...

— O quê?

— Hóquei — diz ele com a voz trêmula, e por um segundo acho que vai chorar também. — Não vá ao hóquei, em hipótese alguma — diz ele.

— Hóquei? — Dou risada. — Não sei nem patinar.

— Bem, aham. Ok. Então... simplesmente não vá. Invente alguma coisa, certo?

— Claro. — Dou de ombros. — Sem problemas.

— Olha, Ellie. — Jack respira fundo. — A gente tem que fazer isso dar certo. Um fim de semana, são só dois dias. Não pode ser tão difícil.

Ele quase me convence.

— Não pode ser tão difícil — repito.

— A gente se encontra na diretoria na segunda cedinho. Combinado?

Ele estende a mão para mim.

— Combinado — digo, apertando minha própria mão.

E, isso é constrangedor, mas é que eu, hum, não posso segurar muito mais, então solto: — Jack, você, quer dizer, eu... Hum... Preciso fazer xixi.

Ele me empurra na direção do banheiro da pequena enfermaria, abre a porta e aponta.

— O que eu faço? — digo com a voz esganiçada.

— Só entre lá e tipo... — Jack se encolhe. — Só, tipo...

Ele para e engole em seco. É óbvio que está tão constrangido quanto eu.

— E?

— Segura, mira e balance quando tiver acabado.

QUANDO O SINAL TOCA, NÃO VOU mentir... A Ruiva tem que me empurrar.

— É agora ou nunca! — diz ela, pegando meu pulso fino de garota e me puxando pra fora da enfermaria.

Quando piso no corredor cheio fico petrificado como nunca na vida. O lugar está uma zona. E barulhento. *Muito barulhento*. Parece que cada aluno da Thatcher está empurrando, trombando e gritando. Ficamos lado a lado, os braços se encostando, as costas para os armários, meio congelados, olhando para a cena.

Pego a mão de Ellie por um segundo antes de me tocar o que vai parecer.

Que a gente é, você sabe, um casal de mãos dadas. Então solto.

— Jack! O que você está fazendo?

— Eu sei, é só...

Eu paro. *Cara, eu sou realmente uma menina!*

Não digo isso em voz alta, mas basta um simples olhar para a Ruiva de pé no corredor, com minha cara estourada — olho roxo, nariz inchado — e sei que ela está tão atônita quanto eu.

— Ei — digo, falando meio alto para que ela possa me ouvir acima da multidão. — Vamos nos mexer no três, está bem?

Ela faz que sim.

— Certo — digo. — Pronta?

— Pronta.

— Um — dizemos juntos. — Dois... — E...

Exatamente no três, Sammy aparece do nada e joga o braço no pescoço dela.

— E aí, cara?

Ela olha para mim, tipo: *Isso pode ficar mais bizarro?* Então olha para Sammy como se ele fosse completamente maluco.

Sério, *a gente é que é maluco!*

Faço que sim com a cabeça para ela, como se dissesse “*Eu sou você e você é eu, lembra?*”, e, caso não seja o bastante, vou até atrás dela e dou um cutucão em suas costas.

— Esse é meu amigo Sammy — sussurro.

A Ruiva olha para mim.

— Eu sei quem ele é!

Sammy olha em volta, parecendo confuso.

— Hum... Quem é essa, Jack? — Então aponta na minha direção, para o corpo da Ruiva. — Tô vendo que as garotas já estão curtindo você hein, garanhão.

A Ruiva olha para Sammy parecendo em transe.

— Hã, cara. — Ele sorri. — Você está se sentindo bem?

Surreal.

Não consigo mais ver isso.

Então me afasto.

— Segunda — digo para a Ruiva, sem emitir quase nenhum som.

SAÍMOS PELA PORTA DOS FUNDOS para o ginásio. Sammy não para de falar, e ele é nojento!

— Cara, aguenta aí! — Sammy sorri para mim, então pigarreia e cospe uma bolota verde de catarro que gira no ar e aterrissa na calçada. — Essa foi boa, hein?

Olho para Sammy Armstrong como se ele fosse um porco, porque é mesmo.

— Eca! — digo, antes de me lembrar que o Príncipe da Thatcher provavelmente não diz “eca”. — Quer dizer, hum, maneiro, maneiro.

Tento balançar a cabeça como vejo os garotos fazerem. Sammy sorri para mim.

— Cara, com que força você bateu a cabeça? Está agindo bem esquisito!

Vasculho a área do estacionamento à procura de minha mãe ou Jack. Mas não vejo nenhum conhecido. Sammy bate no meu braço de repente.

— Gunner — diz ele.

— Quem??? — digo, praticamente dando um pulo de tanto susto que levei.

Sammy começa a rir.

— Você está me assustando, Jack! — Ele aponta para a caminhonete preta. — Seu irmão? Gunner? Alôôô? — Sammy me empurra pra me acordar. — Ele está aqui, cara!

Olho para a caminhonete preta estacionada. *Irmão? Jack disse que eu ia embora com o pai dele.*

Sammy vai comigo até lá. É imenso. O carro, digo. Quase preciso de uma escada para chegar ao assento. Os vidros estão abaixados, deixando a música country escapar. Abro a porta e me lanço para cima, olhando para o garoto que está no banco do motorista. Parece uma versão mais velha e ainda mais bonita de Jack. Se é que isso é possível. Ele tem as mesmas covinhas, um sorriso largo e está usando jeans e uma camiseta cinza justa o bastante para delinear os bíceps.

Então ele se vira para mim e diz:

— Minha nossa! O que aconteceu com você, irmãozinho?

Eu me ajeito no banco do passageiro. Meu coração — *o coração de Jack* — está batendo forte, e vasculho minha mente em busca do que devo dizer. Algo sobre uma jaula e nada sobre a briga. Mas, antes que eu consiga falar, Sammy assume. Ele se enfiou entre mim e a porta aberta da caminhonete, então não consigo fechar, mesmo que queira. *E eu quero.*

— Ele entrou em uma briga — diz Sammy. — Você precisava ver. Ele acabou com o outro cara.

— Boa — diz Gunner, me lançando um sorriso.

Ele dá partida na caminhonete, mas isso não para Sammy. Ele salta da porta onde estava empoleirado e vai correndo ao lado do carro.

— Se você não aparecer no Owen amanhã à noite, dou um chute no seu saco! E Jack... — Eu viro e olho para ele, correndo atrás da caminhonete. — Põe as mãos pra fora da janela e aperta. Parece um peito.

Ai, meu Deus.

— Experimenta! — grita ele, se dobrando de tanto rir.

— Olha só esse moleque — diz Gunner, olhando por cima do ombro e sorrindo. — Ele é doido!

Saímos da Thatcher e pegamos a via principal.

— Então, está surpreso? — pergunta Gunner.

— Surpreso? — repito.

Ótimo. *Por que será que eu deveria estar surpresa?*

— O Capitão teve um negócio no trabalho, então podemos aproveitar e nos divertir, irmãozinho!

Eu viro e olho pela janela. *Quem diabos é o Capitão?*

Gunner me lança um olhar estranho.

— Está se sentindo bem, cara?

Balanço a cabeça e rezo para que ele não perceba que estou quase chorando.

Mas não funciona.

— Qual é, cara? Não seja molenga! — diz ele. — Conta por que você está quase chorando feito uma garotinha.

É exatamente isso que estou fazendo, penso. Continuo olhando pela janela.

— Pode tirar a saia, gracinha!

Oi?

— Cara, relaxa. Você só se defendeu, está bem?

Continuo quieta.

— Você ganhou ou perdeu?

Dou de ombros. Não tenho ideia do que dizer.

Ele repete a pergunta:

— Você ganhou ou perdeu?

— Ganhei, acho — finalmente consigo dizer.

O rosto de Gunner se ilumina por completo.

— Mas é mesmo um casca-grossa! — diz ele, esticando o braço para apertar meu ombro.

Casca-grossa?

— Você resolveu seu problema, cara. Só que, você sabe, agora vai ter que aguentar. Vamos evitar contar para o Capitão por enquanto, ok?

— O Capitão? — pergunto.

Aparentemente eu disse algo engraçado. Gunner ri e olha para mim.

— Você está meio fora do ar. Bateu com a cabeça ou algo do tipo?

Dou de ombros de novo.

De canto de olho, vejo o garoto olhar para si próprio pelo retrovisor.

— Perdi uns três quilos suando hoje de manhã. Patinei bem com os caras. Chorar agora pra rir depois, certo? — Ele aumenta a música. — Não tem nada melhor do que dirigir com os vidros abertos. Posso cantar tão alto e tão mal quanto quiser. — Ele para e sorri pra mim. — Acho que vou dar uma parada para fazer um corte. Topa?

— Hum, tá... — digo. Não tenho ideia do que está falando.

Gunner parece surpreso.

— Sério?

— Pode ser.

Dou de ombros. Não sei com o que concordei, mas deixei Gunner muito feliz. Os olhos dele se iluminam. Gunner estica o braço para apertar meu joelho com força.

— Boa! Estou orgulhoso, cara. É isso aí. O que as garotas acharam do seu olho?

— Hã?

— Fica bem em você, Jack. Fica selvagem!

Garotos são tão esquisitos!

Gunner é meio engraçado. Ele sorri bastante.

— Cara, a dor não é nada comparada à sensação de desistir, certo? Como o outro cara ficou?

— Que outro cara? — pergunto.

Gunner ri.

— O babaca que você destruiu.

— Ah, hum, nada bem, eu acho.

Sim, estou simplesmente inventando coisas agora.

— Você acabou com ele?

— Acho que sim.

— Isso aí, cara. Briga pra valer! Pra provar do que você é feito! — Ele estica o braço e bagunça o meu cabelo. Meu não, digo... de Jack. — Mostrando a que veio!

Reúno coragem para olhar para ele de novo. Deve ter uns 16 ou 17 anos. E tem os mesmos olhos azuis e o mesmo cabelo preto rebelde de Jack. Gunner me pega olhando. É esquisito.

— Tem certeza de que está bem, irmãozinho?

— Sim — consigo dizer. — Estou — confirmo com uma risada nervosa.

Mas não estou exatamente bem. Estou em uma caminhonete com um garoto que acabei de conhecer, no corpo de Jack Malloy.

ASSIM QUE SAIO PELA PORTA dos fundos do ginásio, eu congelo. Um pequeno problema: me esqueci de perguntar para Ellie que tipo de carro devo procurar.

Fico parado, olhando para a fila de pais estacionados esperando para pegar os filhos e continuo pensando: *Isso tem que ser um sonho... Me digam que isso não está acontecendo.* Mas tenho quase certeza de que está. Não, mentira, tenho certeza absoluta. Primeira pista? Vejo uma mulher alta, de cabelo ruivo comprido e ondulado, roupas de ginástica e um sorriso radiante sair de um Volvo branco e fazer sinal para o professor que controla o tráfego, indicando que só vai demorar um minuto. E então ela vem em minha direção. Não tenho tempo de evitar o abraço. Ela me puxa e me envolve com os braços bem apertados. É esquisito, principalmente porque pressiona meu rosto contra seus peitos.

— O primeiro dia já é passado! — sussurra em minha orelha, e sinto cócegas. — Você conseguiu!

Não é preciso ser gênio para deduzir que a ruiva de legging é a mãe de Ellie. Primeiro de tudo, ela tem a pele branca como leite e é cheia de sardas, bem como a Ruiva. Segundo? Ela me chama de Ellie. Na verdade, “Ellie, querida”. Tipo: “Ellie, querida, tenho uma surpresa incrível para você!” Ao falar, ela parece sorrir com todo o rosto, e não diz simplesmente “incrível”, diz “In-críííííííííí-vel”.

Os olhos da ruiva de legging são grandes e de um verde muito claro. Quando ela me abraça, sinto um cheiro muito bom, como... Não consigo explicar, porque, sinceramente, não me abraçam desse jeito há um bom tempo. E quando ela solta meus novos braços de menina e meus novos ombros de menina, pega a mochila de duzentos quilos de Ellie e carrega pra mim!

Eu poderia me acostumar com isso, é o que penso enquanto entro no carro. A ruiva de legging me lança um sorriso doce e desconcertante e me entrega uma sacola para viagem do Chipotle e um refrigerante.

— Você deve estar morrendo de fome — ela diz.

Olha, vou ter que falar, ok? A mãe da Ruiva é muito linda, nada assustadora, cheira bem e *me trouxe comida*. Não apenas comida, mas um burrito de frango com guacamole, queijo, molho e *sour cream*!

Então, enquanto saímos da Thatcher, penso: *Talvez não seja tão ruim. Posso conseguir.*

Sinto o cheiro da comida e a sensação é de que não como há dias. O Capitão proíbe qualquer tipo de fast-food. Em outras palavras: nada do Chipotle é permitido na mesa de treino dos Malloy. Estou com tanta fome que esqueço que provavelmente deveria, tipo, me acalmar e não comer como um participante do *Survivor*. A ruiva de legging dá uma olhada e sorri.

— Uau, está devorando. Estava mesmo com fome, hein?

— É — digo, com a boca cheia, limpando o *sour cream* do queixo com as costas da mão e pensando em como o Capitão ficaria bravo se eu fizesse aquilo na frente dele. Na verdade, meu pai nem deixa que comam no carro.

A ruiva de legging estica o braço e põe a mão em meu pescoço.

— Entãããã?

Tento não recuar.

— Entãããã — diz ela novamente, dessa vez apertando minha nuca. — Não está curiosa para saber o que é a surpresa in-críííííííí-vel?

Tomo uma decisão rápida: quanto menos eu disser, melhor.

Melhor ficar quieto, certo?

Errado.

Quanto mais quieto eu fico, mais perguntas ela faz.

A ruiva de legging olha para mim e dá um largo sorriso.

— No que você está pensando?

— Como foi o primeiro dia?

— Por que você ainda está com o uniforme da educação física? Não teve tempo de se trocar?

— Está animada com as aulas?

Continuo comendo e espero que de alguma maneira isso sirva de desculpa para não responder.

A ruiva de legging não parece brava.

— Quer saber? Tudo bem. Não precisa falar. Pode relaxar.

Obrigado, eu penso.

Ela olha de novo e me lança o maior dos sorrisos.

— E a surpresa? Não está mesmo nem um pouco curiosa?

— Acho que sim — digo, dando de ombros.

— Bem, vou deixar você curiosa até depois do futebol.

— Futebol? — deixo escapar, me lembrando das instruções de Ellie.

— Querida, já falamos sobre isso. Não me sentiria bem se deixasse você desistir por causa de algumas frutas podres.

“Frutas podres”? O que isso quer dizer? Eu me viro e pressiono a testa contra o vidro, como faço quando meu pai começa a me passar um sermão.

— Carolyn está esperando por você, Ellie.

Carolyn é a treinadora do time feminino. Alguns segundos passam sem que ninguém fale.

— Ellie, estou falando com você.

Pela primeira vez, a ruiva de legging parece um pouco chateada.

— Não estou me sentindo bem — digo.

Não é exatamente uma mentira, penso, baixando os olhos para meus joelhos sardentos de menina.

— Ellie, sério, não estou dando opção, ok?

Ela me lança um olhar rápido. Não parece brava, é o oposto do Capitão. Está mais para preocupada, acho.

— Querida, você vai para o treino e vai ficar tudo bem. Tente se divertir, está bem? Não precisa levar tudo tão a sério.

Eu me recosto no assento. Fico observando a ruiva de legging dirigir.

Não falo nada.

— É por causa de você-sabe-quem? — pergunta ela por fim.

— Hã?

— Está preocupada com, você sabe, aquela-que-não-deve-ser-nomeada?

Olho para ela como se fosse maluca.

— O quê?

— Olha, vou dizer o que sempre digo, e sei que você já está cansada de ouvir, mas é verdade.

Querida, quanto mais você se abrir em relação a seus sentimentos, melhor vai se sentir.

Concordo com a cabeça. Mas por dentro? Cara. Estou confuso.

— Está preocupada? — pergunta ela de novo.

Dou de ombros. Sinceramente, a única coisa com que me preocupo no momento é o fato de ser uma G-

A-R-O-T-A e de a ruiva de legging ter colocado a mão de novo no meu pescoço.

Paramos na frente do Complexo Esportivo Riverside. Já estive aqui um milhão de vezes com Sammy e Owen. Festas de aniversário. Jogos. Olho para a escada e para um monte de alunos carregando suas bolsas de equipamento. Tenho certeza de que isso vai rolar, eu querendo ou não.

A mãe de Ellie se vira para mim e me entrega uma mochila. É cor-de-rosa.

E, olha, não tenho opção aqui. Pego a mochila e forço um sorriso.

— Você pode fazer isso, querida — diz ela. — Você consegue!

PULO DA CAMINHONETE GIGANTESCA E sigo Gunner, porque não tenho ideia do que concordei em fazer ou de para onde estamos indo.

Ele bagunça meu cabelo de novo.

— Cara, você está com umas ondas maneiras.

— Hã? — digo.

— Nada como uma boa aparada pra começar a temporada. É bom agitar as coisas, né?

Ainda não sei do que ele está falando, então decido que o melhor a fazer é continuar concordando.

— É, claro — digo, e faço que sim com a cabeça para garantir.

Gunner põe o braço no meu ombro e andamos lado a lado.

— E aí? — Ele pisca. — É surreal voltar aos tacos com os caras!

— É — eu repito, com mais um daqueles acenos masculinos.

— Estava pensando em deixar um *mullet* — diz Gunner. — Está na moda. Um ar sério na frente e malandrão atrás!

Olho para o irmão de Jack de um jeito estranho de novo. Não posso evitar. Simpatizo com ele, mas não entendo uma palavra do que diz. Gunner mantém o braço no meu ombro.

— Hoje é um dia daqueles. Vou precisar voltar correndo. Vamos terminar logo com isso!

Ele me lança uma piscadela e para de repente. Então segura uma porta aberta para mim.

— Depois de você, Jack-boy!

O nome do barbeiro é Geno. Geno Anthony DiAngelo, para ser precisa. Só sei disso porque estou surtando legal, então mantenho os olhos na licença profissional dele. Está em uma moldura em cima no balcão, apoiada no espelho.

Acho que acidentalmente posso ter concordado com, tipo...

Raspar o cabelo de Jack!

Putz.

Subo discretamente na grande cadeira de couro da barbearia, tremendo. Gunner saca o iPhone e começa a filmar.

— Vamos dar um jeito nessa cabeleira, Jack! — Ele ri. — Dá tchau pras ondas!

O barbeiro olha para mim.

— O de sempre? — pergunta ele.

— Eu, hã...

— Isso aí, Geno. — Gunner responde por mim, então me olha pelo espelho. — Dégradé, certo?

— Dégradé? — repito. Não tenho muita certeza se a língua que os garotos falam é a mesma que a nossa.

Gunner se vira para o barbeiro.

— O cara teve um dia difícil hoje — explica ele. — Máquina dois em cima e um em volta dessas

orelhas maravilhosas.

Ele ri e se joga no assento perto de mim.

Tudo acontece muito rápido.

O barbeiro se move atrás da minha cadeira, liga a máquina e em seguida estou olhando pelo espelho enquanto grandes mechas do cabelo grosso, preto, ondulado e lindo de Jack caem. Ninguém diz uma palavra. Além do som da maquininha, o silêncio é completo.

Não demora muito.

No máximo sete minutos.

— Pronto — diz Geno, segurando um espelho para que eu possa ver atrás. Não há motivo para isso, no entanto. Além de uma minúscula camada espetada, que mais parece uma lixa, o cabelo de Jack...

JÁ ERA.

ACABO DE ENTRAR QUANDO UMA garota quase me bota pra fora com um daqueles abraços corroté-você-e-te-derrubo.

— Garota! — diz com voz estridente em meu ouvido antes de finalmente me soltar. — Aimeudeus! Faz séculos que a gente não se vê!

Olho pra ela com uma cara de “Conheço você?”. Tenho certeza de que me lembraria. Quase posso ouvir a voz de Sammy em minha cabeça dizendo “MAIOR GATA!”.

Maior Gata tem cabelo comprido com mechas loiras e olhos azuis. De acordo com o que está escrito na parte superior direita do moletom dela, seu nome é *Mackenzie*. Tem muito cor-de-rosa rolando — meiões brancos com listras cor-de-rosa, short cor-de-rosa e moletom cor-de-rosa com THUNDERBIRDS escrito em letras brancas, grossas e brilhantes costuradas na frente.

— Garotaaa! — Mackenzie arregala os olhos. — A gente precisa marcar alguma coisa! Agora que estou na Mount Saint Mary’s nunca mais vi você no ônibus! Faz tanto tempo que a gente não se fala! Tenho um monte de coisa pra contar! Você vai amanhã, né?

— Amanhã? — pergunto.

Pra ser honesto, a voz que sai da minha boca ainda me deixa muito chocado.

— Na Claire, boba! — Mackenzie ri.

Olho fixamente para a garota. Falando sério, como não olhar? Eu não consigo sequer falar com garotas, imagina falar *como* uma garota.

— Ellie! Você prometeu! Estou com saudade. Quero ver você! Você vai, né?

Respiro fundo, mas, antes que tenha tempo de responder, Mackenzie pega meu braço e me arrasta, passando pela vitrine de troféus e pela lanchonete. Os olhos dela se iluminam enquanto fala.

— Você está aérea hoje, mas vou deixar você em paz. Está nervosa?

Rá. Eu quase solto uma risada. *Nervoso? É, acho que podemos dizer isso.*

— Não se preocupe, garota! Somos melhores amigas de ônibus, lembra? Do time Sem Peitos!

Oi?

Mackenzie de repente para, vira e me olha nos olhos. Cara, ela é bonita.

— Ellie, você está meio, sei lá... estranha hoje. Mas olha, você *nunca* seria cortada, ok? Você é, tipo, muito boa. Super-rápida!

Consigo dar um sorriso fraco.

— Não pira, tá? Você vai entrar para o time. — Ela parece ter certeza disso. — E vai ser incrível!

Fico ali parado feito um completo idiota e concordo com a cabeça. *Estou nervoso, mas não porque tenho medo da peneira que vai rolar hoje no futebol da Ruiva. É mais porque olho por cima do ombro de Mackenzie para o campo verde e as cerca de vinte meninas que estão se alongando, então percebo que preciso me trocar. Trocar de roupa!*

— Ótimo — murmuro.

— O quê? — pergunta Mackenzie.

— Ah, hum, é...

— Ellie. — Ela baixa a voz e sussurra: — Você está superesquisita. Sério, está se sentindo bem?

— Está tudo bem — minto, então enfio o braço na mochila cor-de-rosa da Ruiva e pego o short, as chuteiras e a camisa. Dane-se o banheiro. Na frente de todo mundo, visto a camisa (cor-de-rosa) e o short (cor-de-rosa) por cima do uniforme da educação física. Então me ajoelho no chão de cimento e coloco os mesmos meiões brancos com listras cor-de-rosa que Mackenzie usa.

— Hã, Ellie? — Ela parece confusa. — Você não vai, tipo, tirar a roupa que está por baixo?

Levanto os olhos do cadarço da chuteira que estou amarrando apertado.

— Não precisa — digo, levantando.

— O que você tem, garota? — Ela ri. — Não está esquecendo de nada?

Olho para baixo. Tenho certeza de que meninas não usam proteção para as partes íntimas.

— Caneleira? — sugere ela.

— Ah, hum, é, claro — digo, constrangido por não ter pensado nisso. Tiro as caneleiras da mochila de Ellie e ponho dentro dos meiões, o que me faz pensar em hóquei, o que me deixa ao mesmo tempo com medo e preocupado. Sou o cara mais novo do time. Nunca perdi um treino na vida! Vou ter que rezar para que Ellie se mantenha no quarto e não acabe com minha carreira.

— Alôôô! — Mackenzie está passando a mão na frente dos meus olhos. — Tem certeza de que está bem? — Ela parece confusa. — Não consigo acreditar que está assim nervosa com a peneira, Ellie! Você é superincrível! Dez vezes melhor que, tipo, qualquer outra menina no time!

Mackenzie se debruça e faz uma conchinha com a mão pra falar no meu ouvido.

Eu já disse que, sou, tipo, o cara mais tímido do oitavo ano, né? Sinceramente, nunca estive *tão* perto de uma garota em toda a minha vida.

Engulo em seco.

— Se estiver se sentindo um pouco estressada... — Mackenzie faz uma pausa e respira fundo. — É só continuar em frente, garota! Não tem erro!

SIGO GUNNER PELO SINUOSO CAMINHO de pedra na entrada da casa, mas não entro direto. Não. Fico parada na porta, olhando para as paredes cor de mel como se eu fosse uma visita — até me tocar.

Eu sou JACK.

Estou praticamente careca.

Moro aqui!

Meu nariz está me matando e minha cabeça ainda dói.

Gunner entra, deixa as chaves da caminhonete em um ganchinho na parede e admira seu novo visual no espelho que há perto da porta. Geno fez sua magia em Gunner também, e agora estamos assustadoramente parecidos, como gêmeos da Marinha, a não ser pelo olho roxo e pela cara detonada, e por eu ser uma garota no corpo de Jack!

— O Geno detonou, né?

— O quê?

— Ficou perfeito, cara.

Gunner dá uma batidinha no topo da minha cabeça careca antes de subir a escada.

— Espera! — chamo, consciente de que pareço desesperada. — Aonde você vai?

De cima, Gunner olha para mim.

— Ha-ha, você é uma figura, cara. Vai descansar. Amanhã vai ser um grande dia.

O que quero é correr atrás dele e abraçar suas pernas, como se eu tivesse dois anos, e não soltar nunca. Quero perguntar o que ele quis dizer com “grande dia”, além de coisas mais óbvias, como “Onde fica o quarto de Jack?” e “O que eu faço agora?”.

Em vez disso, fico sozinha na entrada de casa, com a mala no ombro. Dou uma olhada rápida no espelho e passo a mão pelos poucos centímetros de cabelo espetado que restaram na cabeça de Jack.

Hum. *É. Ele realmente vai me matar.*

Lá em cima, a primeira porta que eu tento *não* é do quarto de Jack. Sei disso porque, quando abro, jogam um tênis na minha cara.

— Deixa eu ver se ficou show, Jack-boy — eu ouço, então abro mais um pouco a porta.

O Irmão Número Dois está deitado na cama com uma calça de moletom cinza e sem camisa, o que faz eu me afastar depressa.

— Desculpa.

— Volta aqui, bonitão!

Abro uma frestinha de porta e dou uma espiada. É o segundo irmão de Jack que estou conhecendo, e que deve ser o mais velho. Ele tem o mesmo — quer dizer, o antigo — cabelo de Jack, longo, ondulado e preto, e está usando óculos grossos de acetato tipo Clark Kent, aqueles que fazem qualquer um parecer um gênio. Além disso, Irmão Número Dois estava lendo, e qualquer cara segurando um livro parece inteligente.

— Minha nossa! Se livrou da cabeleira! Não acredito que cortou tudo, cara. Estava com uns cachos animais. Achei que não fosse desistir. Mas já estava mesmo na hora. — Ele me analisa por um tempo, sempre sorrindo. — Zerou pra deixar crescer durante a temporada. Mandou bem!

O Irmão Número Dois é simplesmente lindo, e acho que mencionei que ele está sem camisa, né? Tenho quase certeza de que minhas bochechas estão vermelhas.

— Não fica chateado, cara, vai crescer de novo. — Ele ri. — Em seis meses! — O Irmão Número Dois está gargalhando. É difícil não ser contagiada, então fico ali parada na porta e acho que abro um sorriso.

— Não tem nada de mais. Esfria um pouco o telhado. E ainda está bonitão. — Ele joga o outro tênis na minha cabeça. — O que está esperando, besta? Arrasta a bunda pra cá e senta.

Entro no quarto e imediatamente noto algo desagradável. Cheira muito mal, a peido e chulé.

— Desculpa, cara — diz ele, tirando os olhos do livro. — Estou desde cedo soltando uns gases tóxicos aqui.

Olho em volta para ver se há alguma dica de com quem estou falando, mas, além das estantes lotadas de medalhas e troféus de hóquei dourados e prateados, e três camisas de hóquei enquadradas e penduradas na parede, nem parece o quarto de um adolescente. Com isso, quero dizer que não é, tipo, bagunçado. Na verdade é muito, muito arrumado, começando pelo fato de que o Irmão Número Dois está deitado em cima da cama, e não embaixo das cobertas. A cama está perfeitamente arrumada, com tudo esticado, dobrado e vincado, sem nenhuma sobra dos lados, a borda do lençol virada sobre a manta de lã xadrez. Não tem nada jogado no chão! *Minha mãe iria amar esse garoto*, penso, e sento bem no cantinho da cama.

Por alguns segundos fico sentada ali, desconfortável e em silêncio, enquanto Clark Kent lê o livro em seu quarto perfeitamente arrumado. Fico pensando o que deveria estar fazendo.

Então ele fala, sem levantar os olhos do livro.

— Fiquei sabendo que você se estranhou com algum panaca na escola.

Faço que sim com a cabeça. Pelo menos isso eu sei.

Ele ergue o olhar.

— O cara estava falando besteira ou o quê?

— Oi? — pergunto, olhando para ele de um jeito estranho.

— Você está de brincadeira com a minha cara? — Ele balança a cabeça. — E aí? Finalizou?

— Finalizei? — digo, mas então paro, confusa, e espero que ele continue a falar.

— Cara, você é hilário. — Ele faz uma pausa. — Quero saber se você desceu o pau? Tocou o terror?

— Acho que sim — repito o que disse para Gunner, sem ter muita certeza do que estou confirmando.

— Não vou mentir, sua cara tá meio feia. — O Irmão Número Dois ri, balançando a cabeça. — O Capitão vai ficar puto.

Dããã! Caiu a ficha! *O Capitão deve ser o pai deles.*

— Não vou contar pra ele — digo.

O Irmão Número Dois pisca.

— Bom plano, irmãozinho.

Eu me jogo para trás na minha parte da cama e fico olhando para o teto. Aqui não tem estrelinhas de plástico que brilham no escuro. Nada de desejos. Só um ventilador fazendo o cheiro de peido e chulé circular. Fecho os olhos apenas por um segundo, então sinto um chute forte nas costelas.

— Ai! — digo, conseguindo de alguma maneira fazer a voz rouca de Jack soltar uma espécie de guincho.

— Relaxa, Sally.

Ele balança a cabeça.

Olho como quem pergunta “Quem é Sally?”.

— Só falo uma coisa, Jack-boy, não é qualquer um que encara. Mas é um pouco zoadado fazer isso na escola. Não pega bem. Vamos lá, cara, pensa direito.

Não tenho ideia do que Jack tinha na cabeça ou do motivo de ter entrado em uma briga, muito menos sei com quem foi!

O Irmão Número Dois me cutuca com o pé.

— Não seja tão burro da próxima vez.

Balanço a cabeça, estranhamente agradecida com o conselho que não é para mim.

— Coisa de novato — diz ele, fechando o livro e endireitando o corpo para se sentar na cama. Noto que no pescoço dele há uma correntinha fina com pingente de ouro igual ao...

Ponho a mão no meu pescoço e procuro. Igual ao meu.

— E aí? — diz ele, erguendo as sobrancelhas. — Além do quebra-pau, como foi o primeiro dia? Conheceu alguma gata?

Olho para ele como quem diz “Do que você está falando?”.

Então o Irmão Número Dois me dá um sorriso largo.

— Na boa como sempre, né? Batalhando pelas conquistas! Mostra esse sorriso pra mim, bonitão! — Ele me chuta de novo, mais forte agora. — Meu irmãozinho está crescendo rápido!



NÃO É À TOA QUE não sei como me comportar com as garotas. Elas não fazem o menor sentido. Chego a essa conclusão uns dois segundos depois de jogar minha mochila no chão e me sentar na frente do gol, onde o resto das Thunderbirds — ou pelo menos todas que estão tentando entrar para o time — se prepara para o treino.

Assim que faço isso, uma garota animada, sorridente e simpática surge ao meu lado.

— E aí??? — diz ela, um pouco parecida demais com Sammy. — Quando é sua entrevista?

— Entrevista? — repito.

— Dããã! Com a treinadora! — Ela ri, mostrando o aparelho com borrachinhas cor-de-rosa em todos os dentes.

— Ah, hã, não sei — digo. Pelo menos isso é verdade. Tento ver o nome costurado no moletom dela.

Sammie. É o Sammy menina!

— Relaxa, cara! Você parece nervosa! Provavelmente ela vai nos chamar uma por uma.

— Claro, é, acho que sim — digo.

Olho em volta procurando a treinadora. Não consigo nem expressar o quanto quero que isso tudo termine.

— Minha nossa! — diz Sammy Menina, e então se joga no gramado e fecha os olhos. Ela usa o mesmo uniforme cor-de-rosa, dos pés à cabeça. Estou olhando para ela e quase sorrindo ao pensar em como tem uma aparência engraçada, então seus olhos se abrem e Sammy Menina se senta.

— Aimeudeus, Ellie, quer dizer, espero que a gente consiga, e aí — ela pega meu pulso e me puxa em sua direção — já pensou que demais passar a temporada toda juntas?

Na verdade só quero que você solte minha mão, obrigado.

O sorriso de Sammy Menina de repente se dissolve e ela baixa a voz.

— Chegando — diz, e acena com a cabeça na direção de...

Olho para cima. Sassy Gaines e a garota nova, Aspen, vêm andando em nossa direção com o mesmo moletom das Thunderbirds e o cabelo preso com uma faixa cor-de-rosa combinando. Vejo quando param a dois passos de distância, de costas para nós, e largam as mochilas no campo. Não vou mentir. Sassy Gaines é bem gata. É preciso se esforçar pra não ficar olhando. Quando ela me vê fazendo justamente isso, não sorri como costuma fazer na escola ou como fez na piscina durante as férias todas. Não. É um olhar gelado.

— Por que algumas pessoas acham normal usar o uniforme do futebol por cima da roupa da educação física? — diz ela, olhando para mim por cima do ombro.

Aspen também me olha, parecendo irritada, e franze o nariz.

— Pois é! Ridículo!

Sassy se vira para ela.

— É tão constrangedor quando a gente diz alguma coisa e a pessoa pensa que estamos falando delas

— Exatamente. Se você estivesse falando com essa *pessoa* — Aspen sorri de maneira afetada —

falaria isso na cara.

Sassy começa a rir histericamente.

— Era exatamente o que eu estava pensando! A gente pensou a *mesma* coisa na *mesma* hora!

— Tipo gêmeas! — gritam as duas.

Sassy talvez seja gostosa, mas é impressionante como alguém pode passar de nota dez a nota dois apenas abrindo a boca. Que idiota. Só olho para ela e balanço a cabeça. Quer dizer, se eu estivesse no vestiário e um dos caras dissesse aquele tipo de coisa pra mim, eu jogaria um rolo de fita na cabeça dele pra que calasse a boca. “Segura a onda aí, cara”, eu diria, rindo. “Isso é tudo o que você tem a dizer?” Aí os outros caras entrariam na roda. Mas não estou no vestiário e não sei qual o protocolo pra quem tem peitos, então mantenho a cabeça baixa e fico remexendo nos meiões listrados da Ruiva.

Sammy Menina chega mais perto.

— Sinto muito, Ellie — diz ela. — Odeio como as pessoas podem ser duas-caras.

Dou de ombros.

— Ela é ridícula — digo baixinho.

— O quê?

— Ah, quer dizer...

Eu paro e tento pensar em algo além do que realmente quero dizer, que é: “Não tô nem aí para Sassy Gaines. Ela é uma idiota, simples assim.”

Não se preocupe! Não é isso que digo.

Levanto e começo a brincar com a bola. Não jogo futebol desde os nove anos. O Capitão não acha bom fazermos outras atividades fora da temporada. É o item de número quatro na lista de máximas dele: “O sucesso depende do foco em um objetivo único.” A gente joga hóquei o ano todo. Cem jogos. Mesmo se eu quisesse jogar futebol, não poderia. Treino fora do gelo, levantamento de peso, mira, gravações de jogos. Só hóquei 24 horas por dia, 365 dias por ano. O trabalho nunca termina. Eu e meus irmãos treinamos sete dias por semana. É preciso se dedicar. Você sempre pode ficar mais forte, mais resistente, mais rápido.

Brinco um pouco com a bola antes de ouvir o apito nos convocando para formar uma rodinha. Não sei nem por que a treinadora se incomoda em usar o apito. Ela tem uma daquelas vozes que exigem atenção geral.

— Muito bem, meninas — grita a treinadora. Ela parece mais uma ginasta pequenininha do que uma estrela do futebol. Usa agasalho preto, com o zíper totalmente fechado, viseira e um rabo de cavalo. E está sorrindo.

Ela espera alguns segundos até que os sussurros e a agitação passem. Olho em volta e tento não pirar com o fato de que estou em meio a vinte outras garotas. Vinte e uma, incluindo eu. Minhas orelhas estão vermelhas e sinto as mãos suadas. É bizarro o quanto as coisas podem mudar em tão pouco tempo.

— Hoje e domingo de manhã são os últimos dois treinos antes do corte. — A treinadora olha para mim. — Vamos ficar com apenas dez. Vai depender de quem trabalhar mais, de quem quer mais estar no time. Vocês querem?

— Siiiiiiim! — gritam todas a plenos pulmões.

Minha nossa! Tenho que me esforçar pra não tampar os ouvidos.

Todo mundo coloca a mão em cima da mão da treinadora.

— Thunderbirds no três — diz ela.

Olho em volta como se alguém pudesse perceber o que estou escondendo... você sabe, que não sou a Ruiva! Sou *Jack*.

Segunda-feira precisa chegar logo.

Então, quando começo a me acostumar com a ideia, Mackenzie surge do nada e se enfia ao meu lado na

rodinha, colocando o braço nos meus ombros. Ficamos muito perto. A bochecha dela está praticamente encostada na minha. Meu coração começa a bater a milhão.

Quer dizer... não é como se eu tivesse alguma coisa melhor pra fazer. *Enfim.*

Então coloco minha mão sobre as outras também.

Vinte minutos de investidas, agachamentos com prancha, tiros de corrida e todo tipo de aquecimento militar depois, não estou rindo. As Thunderbirds não são brincadeira. Eu me esforço no treino de Ellie como se fosse uma missão. Só funciona desse modo, pode perguntar aos meus irmãos. Estamos sempre batendo boca por causa disso. Mas não importa o que eu esteja fazendo, ajo sempre da mesma maneira e tem sido assim a vida inteira. Eu sou assim. Competitivo. Gosto de ganhar. Odeio perder.

Sassy fica implicando comigo o tempo todo.

— Algumas pessoas deviam se poupar da vergonha e simplesmente desistir — diz ela, alto o bastante para que eu possa ouvir.

Covarde.

Eu nunca bateria em uma garota, mas, aqui entre nós? Adoraria meter o punho da Ruiva na cara da Sassy.

A treinadora me chama logo no começo do treino. Não vou até ela de início. Teria obviamente pulado se ouvisse “Malloy!” ou “Malsy!”. O fato de que a treinadora precisa gritar comigo por um minuto até que eu responda não é bom. Quando finalmente entendo que todo mundo está dizendo “Ellie!” e que isso significa *eu*, corro para onde a treinadora está parada, perto do banco de reservas, e me curvo, apoiando as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego. Estou exausto.

Essas garotas sabem jogar.

A treinadora nem liga que estou ali. Apoia a prancheta no peito e grita:

— Vamos, Claire, capricha no primeiro toque. Sassy, levanta a cabeça. Você tem que ver o que acontece em volta. Mackenzie, bom apoio. Antecipou bem, continue assim! — Finalmente ela vira para mim. — Ellie O’Brien!

— Senhora? — digo.

Ela parece surpresa.

— “Senhora?” — repete a treinadora, rindo. — Que educada!

Sentamos no banco de metal.

— Meu Deus, Ellie, pode ficar um pouco mais perto de mim, ok? — Ela ri. — Não tenho piolho.

— Desculpe, senhora — digo, e me aproximo um pouco.

— Então?

— Senhora?

— Como foi o primeiro dia?

— O primeiro dia, senhora? — repito, sem saber do que ela está falando.

— Na escola — explica, olhando para mim de um jeito engraçado. — Você está bem, Ellie? Está agindo de um jeito meio diferente.

Congelo por alguns segundos.

Não estou bem.

— Estou bem, senhora. — É o que consigo dizer.

Ela olha para as anotações, então para mim.

— Você sabe que pode falar comigo se tiver alguma coisa errada, certo?

— Sim, senhora — digo, assentindo.

— Olha. — Ela suspira. — Tenho que tomar algumas decisões importantes. Vou ficar só com seis garotas no ataque. Você topa jogar em qualquer posição?

A única coisa de que tenho certeza é de que Ellie me disse para *não* ir ao futebol. Então tento pensar.

— Ellie?

— Senhora?

A treinadora parece preocupada.

— Tem certeza de que está bem?

Na verdade, tenho muita certeza de que não estou bem.

— Vou ser completamente honesta. — Ela faz uma longa pausa, e eu tenho uma sensação desagradável.

— Seu ponto forte é a velocidade, mas seu ponto fraco? Precisa acreditar em você. Quero ver mais demonstrações desse tipo de coisa que é difícil de medir: coragem, confiança. Você precisa se arriscar em vez de sempre passar a bola. Vá para o ataque. Se você perder a posse de bola, o que pode acontecer de pior? Você é rápida, é só recuperar. Mostre mais determinação de fazer o gol, ok?

Minha mente acelera... Talvez eu possa ajudar, sabe? Talvez possa fazer a Ruiva se destacar, tentar alguma coisa para que seja notada.

— Ellie? Ellie! Você está me ouvindo?

— Sim, senhora — digo.

— Você é uma boa menina, às vezes até demais. Tem velocidade e habilidade. Segura bem a bola. Domina a técnica. Sabe driblar. Tem boa visão de jogo. Preciso que parta para o ataque, seja firme lá na frente. É uma questão de ter confiança. — Ela faz uma pausa e sorri, erguendo a sobrancelha. — Você tem algo de especial, Ellie. E só se soltar um pouco! Seja criativa com a bola. Divirta-se.

Ela parece tão certa disso, é tão convincente. É muito mais pé no chão do que meu técnico. Por um segundo, esqueço de tudo, de quem eu sou, de onde estou ou...

— Bem, o que está esperando, garota? — Ela sorri e levanta. — Parte pra cima!

QUANDO ENTRO NO QUARTO DE Jack, tenho certeza de que é o certo porque tem uma placa de carro na parede — não uma de verdade, mas uma daquelas que a gente ganha no aniversário de sete anos — escrito JACK. Então, sim, pelo menos agora tenho certeza de que estou onde deveria estar.

Não é um quarto grande, mas percebo imediatamente que não é só dele. Tem outra cama. Outra cama e uma faixa de fita branca grossa cruzando o carpete cinza. Os dois lados do quarto são quase idênticos. Cada um tem uma cama de solteiro, uma escrivaninha e uma estante repleta de troféus e medalhas brilhantes penduradas.

Fico meio paralisada por alguns segundos, logo na entrada, concluindo que é melhor tirar os tênis fedidos de Jack. O cômodo parece um museu ou algo assim. Sabe quando você fica com medo de encostar em algo? É tão... o oposto do meu quarto, que até eu admito que parece ter sido atingido por um furacão. O quarto do Príncipe da Thatcher é basicamente o mais arrumado do mundo! Não tem camadas de roupas sujas e amarrotadas pelo chão. Nada está fora do lugar. Não tem um grão de poeira. Tudo é perfeito. As duas camas estão feitas, os cobertores esticados, sem nenhuma ruguinha.

Ando até o meio do quarto, sem nenhum motivo além do fato de que não sei o que mais poderia estar fazendo. De meias, piso na fita branca como se fosse uma ginasta andando sobre a trave, oscilando e saltando, pé esquerdo, direito, e quando chego ao fim? Exatamente. Abro os braços no ar, toda sorridente, como as atletas que a gente vê nas Olimpíadas.

E é então que ouço aplausos.

E é então que morro de vergonha.

E é então que conheço o Irmão Número Três, uma versão um pouco maior do Príncipe. Puro músculo. O mesmo cabelo escuro. Tenho certeza desse lance dos músculos porque, assim como o Clark Kent no quarto ao lado, o Irmão Número Três está — surpresa! — sem camisa. “Tanquinho” não é o suficiente para descrever os irmãos Malloy. É tipo um tancão. Eles parecem heróis de filme de ação. Dá para ver cada mínimo músculo saltando. Nem um grama de gordura. Quando ele fala, tento me lembrar de não ficar olhando fixamente ou vermelha por causa da coisa humilhante de você-me-viu-pisando-numa-linha-branca-como-se-fosse-uma-ginasta.

Espera. Não. Primeiro ele ri, depois balança a cabeça e só então fala.

— Não vou nem perguntar o que você estava fazendo, Nancy.

Ainda bem que o Irmão Número Três se distrai com...

— Manteiguinha derretida zerou a cabeleira!

Sem pensar muito, entendo imediatamente o que ele está dizendo. Levanto a mão e corro os dedos pelo restinho de cabelo arrepiado que Geno deixou.

Sem aviso, o Irmão Número Três se aproxima, segura minha cabeça e começa a esfregar, como se eu fosse uma estátua de Buda e ele estivesse precisando de sorte.

— Inacreditável! — diz ele, com um sorriso no rosto que some quase de imediato, quando se toca que meu nariz está machucado e inchado. — Peraí, isso não é por causa de ontem na Jaula, é? — Ele parece

preocupado. — Jack-boy, foi mal se deixei você com essa cara feia.

— Não foi você — digo, me surpreendendo com a rapidez com que me tornei uma especialista em Jack. — Eu, hã, me meti...

— Em uma briga? — pergunta ele, me cortando.

O Irmão Número Três parece mais animado do que se eu tivesse dito que tinha acabado de ganhar um milhão de dólares.

— Tipo isso? — digo.

— Cara, ou você se meteu em uma briga ou não, e pela sua cara eu diria que tomou um sacode.

Ele se joga na cama, colocando o travesseiro embaixo do pescoço e cruzando os braços.

— Eu não tomei um sacode! — digo. E, sim, é estranho que de repente eu esteja usando expressões que não tinha ideia de que existiam quando acordei de manhã. — Detonei o cara — acrescento, pra impressionar.

— Tá bom, cara, relaxa. Já entendi. Se você encerrou o chão com o cara não precisa ficar choramingando, credo. — O Irmão Número Três se vira e se aninha na cama, dando as costas pra mim. — Vou tirar um cochilo, bonitão. Descansar pra amanhã. Vai ser pesado!

Sento-me na beirada da cama de Jack e imagino se acabaria sendo presa caso me enfiasse debaixo dos lençóis e desarrumasse aquilo. E por que estão falando tanto de amanhã? Como assim, “pesado”? Meu coração acelera, então fico ali sentada e imito o que minha mãe fez hoje de manhã, inspirando e expirando devagar. Repito uma vez e outra até...

— Cara, se vai ficar respirando assim pesado é melhor ir pro banheiro e dar um jeito nisso!

— Desculpa — sussurro.

— Jack?

— O quê? — digo.

— Eu estava errado, você está certo. Sou burro, você é esperto. Sou feio, você é bonito. — O Irmão Número Três dá uma risadinha, ainda de costas pra mim. — Firmeza, cara. Estou orgulhoso de você, não se preocupe. Vou guardar seu segredo.

Por um momento, penso: *Meu Deus, ele sabe*. Então me dou conta do que ele quis dizer.

— Não vou contar pro Capitão.

— Valeu — digo.

Fico sentada na cama por um bom tempo, o bastante para descobrir que o nome do Irmão Número Três é Stryker — por conta da imensa placa dourada acima da cama dele, com a gravação STRYKER MALLOY, TACO DE PRATA, MELHOR JOGADOR DA DIVISÃO BANTAM AAA.

Stryker. Nome legal. *Combina com ele*, penso, enquanto vejo suas costas subindo e descendo com a respiração.

Olho ao redor do quarto silencioso. Nem parece que alguém usa a escrivaninha de Jack. Exceto pela presença de um porta-retratos. Eu o pego, tomando o cuidado de não fazer barulho para não acordar o adolescente gigante dormindo a poucos passos.

A moldura é prateada e definitivamente é Jack na foto, mais novo, talvez com 11 anos. Ao lado dele — deve ser a mãe. A mulher tem o mesmo cabelo preto ondulado, os mesmos olhos azuis. Ela é linda.

Seguro o porta-retratos mais perto e leio o que está gravado abaixo da foto:

MAMÃE. SEMPRE EM MEUS PENSAMENTOS E ETERNAMENTE EM MEU CORAÇÃO, NUNCA ESQUECEREI VOCÊ.

Fico olhando e, de repente, tenho um pressentimento horrível. A mãe de Jack. Ela...

Nem consigo pronunciar as palavras.

Ela...

— Também sinto falta dela, irmão — ouço Stryker sussurrar no silêncio. — Não passo um dia sem pensar nela.



DEPOIS DO TREINO, ENTRO NO banco da frente do carro da mãe da Ruiva e tento falar o mínimo possível. Para conseguir isso, afasto o assento o tanto quanto posso, então cruzo os braços e fico olhando pela janela.

A Ruiva de Legging me enche de perguntas e, como meu pai diria, não “demonstro satisfatoriamente que estou escutando”. Estou quebrando todas as regras do Capitão. Não olho diretamente para quem fala, não respondo imediata e respeitosamente, e, considerando que estou de lado, olhando pela janela, dá para dizer com segurança que evito o contato visual — o que o deixaria furioso. Mas eu não disse que não estava escutando *totalmente*. Estou *meio que* escutando. Quando nos afastamos do campo, registro uma coisa que a mãe da Ruiva diz. E não é uma coisa boa.

— Sei que você está cansada, mas a dra. Swenson me fez um favor enorme encaixando você.

— Dra. Swenson? — repito.

É isso o que eu faço agora, aparentemente. Repito a última coisa que me dizem. Não é uma estratégia ousada, mas...

Olho para a Ruiva de Legging. Ela se vira e olha para mim também.

— A culpa é toda minha, querida — diz ela, tirando uma das mãos do volante e colocando na minha perna. A princípio eu me contraio, mas então... sinto o calor de sua mão. E deixo para lá. Estou muito cansado. — Esqueci completamente — continua a dizer, voltando a mão para o volante. — Sei que é a última coisa que você quer fazer agora, mas só pode concluir a peneira no domingo com um exame físico.

Minha garganta se fecha.

— Exame físico? Não!

— Sinceramente, Ellie, temos sorte de a dra. Swenson ter encaixado você tão de última hora. Vai ser rapidinho. E não vai doer nada.

Entro na sala de espera. Passo o tempo todo — a cada passo com meus joelhos ossudos e sardentos — tentando pensar em uma maneira de escapar. Quer dizer, tenho certeza de que qualquer um concordaria, certo? Vou passar por um checkup! Estando no corpo de uma *garota*! É errado em todos os níveis. A mãe da Ruiva para na frente da fileira de cadeiras de plástico verde encostadas na parede.

— Sente-se um pouco, querida. Vou falar com a recepcionista.

Continuo de pé.

— Por favor, esquece isso — digo.

— Não seja boba, querida, com certeza está tudo bem com você. — ela sorri e tira uma mecha de cabelo suado do meu rosto. Ela está tão perto de mim. — Respire fundo.

Desmorono em uma cadeira.

Ai meu Deus. Isso é...

Isso é completamente absurdo! Encaro o chão. Ainda estou com as chuteiras da Ruiva, dois shorts, as ridículas meias brancas com listras cor-de-rosa e, sim, está bem? Sutiã! (Muito embora, até onde sei, não

parece que a Ruiva precise de um.) Inspiro lentamente, levanto a cabeça e olho em volta. A sala de espera está lotada e meio que cheira a vômito. Conto três bebês chorando, uma criança de uns dois anos mal-humorada e uma menininha chorando, tremendo e gritando.

— Quero ir pra casa! — diz ela, soluçando. — Quero ir pra casa!

É, eu penso, olhando bem para ela.

Eu também.

Vinte minutos depois, estou seguindo uma enfermeira baixa e rechonchuda com uniforme verde de bolinhas por um corredor com as cores do arco-íris. Ela para na frente de uma porta aberta e aponta para uma salinha com uma maca coberta por um papel branco e grosso.

— A dra. Swenson estará aqui em minutos — diz ela para nós.

Sim, nós. Não quero parecer um maldito de um bebê chorão, mas não consigo explicar meu alívio quando a mãe da Ruiva me acompanhou até a sala. Isso não quer dizer que eu esteja gostando. Só quer dizer...

Meu Deus. Nem sei o que quer dizer.

Respire, Jack. Respire.

Fico de pé, de costas pra parede, braços cruzados, os olhos colados no pôster brilhante de uma orelha enorme. A mãe da Ruiva senta na cadeira perto da pia e começa a ler uma revista que pegou na sala de espera. Ficamos juntos em silêncio total por um tempão, até que não aguento mais.

— Não vou tirar a roupa! — solto.

Ela olha para mim, sorrindo, com as sobrancelhas levantadas.

— Querida, não acho que você vá precisar tirar. Relaxe, é só rotina.

Solto um longo suspiro.

Ela olha para mim.

— O que está acontecendo? — pergunta, com uma voz doce. — Você está bem, querida?

— Estou — digo.

— Foi um longo dia — diz ela, com um sorriso delicado. — Quando a gente chegar em casa, você pode tomar um bom banho de banheira. O que acha?

Banheira? Não tomo banho de banheira desde... Bem, faz muito tempo. Continuo de pé, olhando para a orelha gigante.

A mãe da Ruiva volta a ler.

Pelo menos não é um pôster gigante de um pênis, penso, deixando uma risadinha escapar.

Ela olha para mim, sorrindo.

— O que foi? — Seus olhos se arregalam. — Está escondendo alguma coisa de mim?

Depois de dez longos minutos, a dra. Swenson aparece, sorrindo como se fosse o dia mais feliz da vida dela.

— Ellie! Não me diga que já está no sétimo ano!

— Estou no oitavo... — começo a explicar, então me corrijo. — Sim, senhora.

A dra. Swenson parece um pouco surpresa, e só então desconfio que talvez seja melhor abandonar as regras de conduta do Capitão.

— Hã, quer dizer, é — murmuro, desconfortável, tentando parecer mais normal.

Dou de ombros e olho para a médica. Ela tem uma pele bonita, morena, e o sorriso mais branco que já vi. Está usando um jaleco branco e um estetoscópio no pescoço, o que me lembra da enfermeira da escola, o que me lembra de...

— Como você está? — pergunta a dra. Swenson.

Dou de ombros novamente.

— Ótimo! Então... — Ela para e lança um sorriso, depois se inclina na minha direção. — Quer falar de alguma coisa agora que sua mãe não está aqui?

Balanço a cabeça negativamente.

— Falar pode ajudar, Ellie.

— Está tudo bem — digo.

Por favor, que isso termine logo.

A dra. Swenson levanta e anda na minha direção.

— Bem, vou ouvir seu coração e seus pulmões para garantir que está tudo bem.

Desde que eu não precise virar a cabeça e tossir, sem problemas.

A dra. Swenson se aproxima ainda mais, ficando bem ao meu lado, e de alguma maneira enfia o estetoscópio debaixo das duas camadas de roupa. Pulo com o toque.

— Desculpe, querida, sei que é gelado.

— É — concordo, quase sussurrando.

— Nossa, Ellie. Seu coração está batendo bem rápido. Nunca vi você tão nervosa. — Ela se afasta e me encara. — Tem certeza de que está bem?

— Estou — repito, parecendo impaciente e meio mal-educada, mesmo sem querer.

A médica vai para trás de mim e coloca o estetoscópio nas minhas costas. Dessa vez eu me esforço para não pular.

— Respire fundo algumas vezes — diz ela. — Muito bom — acrescenta, depois que eu solto o ar.

A dra. Swenson confere meus ouvidos.

— Ótimo.

Minha boca.

— Nada de cáries. Muito bem!

Toca meu pescoço.

— Bom.

Olha nos meus olhos.

— Vou só acender essa luz rapidinho e... — Ela fica em silêncio enquanto me analisa. — Você tem olhos verdes maravilhosos!

Ela bate no meu joelho com o martelinho de borracha.

— Ótimos reflexos!

A médica volta para o banquinho e o arrasta um pouco mais para perto.

— Bem, você parece linda e saudável como sempre. Não há nada que a impeça de se divertir no futebol. — Então faz uma pausa e assina um papel na pasta. — Está oficialmente liberada para fazer atividades físicas — diz ela, olhando para mim.

Pulo imediatamente da maca.

— Obrigada, doutora.

— Opa, espere um pouco, não tão depressa — ela me chama de volta. — Quero falar mais um pouco com você.

Não me dou ao trabalho de me sentar sobre o papel amarrotado. Só apoio minha bunda nele e cruzo os braços enquanto espero que ela diga o que quer.

— Então, Ellie. — A médica faz uma pausa e sorri. — Notei que você cresceu um pouco este ano. Já ficou menstruada?

Ah. Não.

Sabe como as criancinhas tapam os ouvidos e começam a cantar, tipo, “lá lá lá lá” bem alto quando não querem escutar alguma coisa? É o que estou considerando fazer neste momento. Quer dizer, poderia ficar pior?! É, ok. Poderia.

A dra. Swenson se senta diante de mim e fica esperando que eu responda. Percebo que não vou

conseguir sair daqui se não disser *alguma coisa*. Tenho cinquenta por cento de chance de acertar.

— Hã... não — gaguejo. — Acho que não.

— Tá. Alguém já falou com você sobre o assunto?

Consigo sentir meu rosto queimando. Estou literalmente suando. Eu endireito a postura e olho para ela como se dissesse: “Por favor, não faça isso comigo. Por favor.”

Mas a médica apenas sorri.

— Ellie, escute, não precisa ficar tão envergonhada. É uma parte perfeitamente normal de ser garota.

— Ela para, então recomeça: — Você está entrando na puberdade, é melhor estar preparada.

— Preparada? — repito.

— Imagino que você deva estar imaginando quando vai acontecer, certo? E talvez como vai ser. — Ela para por um momento. — Você está bem? Parece assustada.

Não digo nada.

Nem uma palavra.

— Talvez você esteja com um pouco de medo. — Ela sorri. — Vamos ver se consigo fazer com que se sinta mais confortável a respeito. A primeira vez normalmente é precedida por cólicas na parte inferior das costas ou desconforto abdominal. Então vem um pouco de sangue. Às vezes não é vermelho a princípio. É mais um marrom-escuro, o que não é um problema, mas pode ser meio esquisito ver sangue saindo...

— Legal, legal — eu a corto. — Já entendi, de verdade. Pode parar.

A dra. Swenson se apoia na beirada da mesa para dar impulso ao banquinho e chegar até mim.

— Ellie, sei que pode ser desconfortável falar sobre isso, mas é uma parte *linda* da jornada do amadurecimento feminino. Parando para pensar, é um momento incrível. Não acha? — Ela me lança um olhar genuinamente feliz. — Toda garota no mundo inteiro em algum momento fica menstruada pela primeira vez. Que nada mais é do que uma maneira de o corpo demonstrar que tudo está funcionando bem, do seu cérebro ao seu ovário ao seu útero. É como um relógio milagroso! É incrível, de verdade, e absolutamente normal.

Respiro fundo e apenas olho para a médica.

Ela ainda está sorrindo.

— Tem certeza de que está bem? — pergunta ela. — Não quer me contar nada?

— Estou — insisto, esperando que tenha acabado.

A dra. Swenson finalmente fica de pé e me entrega uma porção de panfletos cor-de-rosa.

— Leve com você para quando precisar de mais informações — diz ela. — Podemos falar mais a respeito na sua próxima consulta.

Faço que sim com a cabeça. Estamos de pé agora, e metade do meu pé já está do lado de fora do consultório, já no corredor arco-íris.

— Pode me ligar se precisar de alguma coisa, está bem?

— Sim, obrigada.

Dou um sorriso educado e me afasto.

— Ellie?

Viro.

— Às vezes a vida é dura. Ficar sem um dos pais é... — A dra. Swenson faz uma pausa, estica o braço e apoia a mão no meu ombro. — Só quero dizer que sinto muito que tenha que passar por isso. Sei que é difícil. E, se algum dia precisar conversar ou coisa do tipo, venha me ver. Está bem?

— É HORA DE ACORDAR!

— Levanta! Levanta!

— O sol já raiou!

— Bom dia, flor do dia!

Alguém está falando muito alto, e por um segundo me esqueço completamente de onde estou. Então abro os olhos e vejo Stryker Malloy sorrindo para mim.

— Acorda pra vida, Jackie Chan! — diz ele, ainda sem camisa.

Fechar os olhos dói, mas eu fecho mesmo assim. Sinto como se tivesse sido atropelada por um ônibus no meio da noite.

— A boa notícia é que você ainda tem cinco minutos antes de estar oficialmente atrasado. A má notícia é...

Stryker para e começa a rir descontroladamente.

Abro os olhos de novo, e de alguma maneira ele se multiplicou. Agora Gunner está olhando para mim, com seu cabelo supercurto de oficial da Marinha e seu sorriso cheio de dentes. Ele também está rindo.

— A barraca tá armada, hein, cachorrão?

Oi?

Atrás deles vejo Clark Kent chegando, com seus óculos, seus bíceps trabalhados e o cabelo amassado de quem acaba de levantar.

— E aí, rapazes? — pergunta ele.

— Olha só — diz Stryker, morrendo de rir e arrancando o lençol de cima de mim. — Jack está com a arma carregada!

Estou bem lenta. Ao me mover. Ao respirar. Ao tentar entender sobre o que eles estão falando. Olho para Clark Kent em busca de ajuda.

— Minha nossa. — Ele sorri. — Não se preocupe, acontece com todo mundo.

A essa altura Stryker cai de costas na cama, rindo, mas ainda não estou entendendo nada até que...

Aimeudeus.

Desculpe, Jack. Mas solto um gritinho.

Gunner dá uma piscadinha.

— Melhor jeito de começar o dia, hein?

Clark Kent estende a mão e eu a pego, deixando que ele me levante com um simples puxão.

— Não perca tempo com isso, irmão — diz ele. — Só relaxa, se controla e vamos nessa!

Gunner vasculha a cômoda e pega uma calça e um moletom preto e, do outro lado do quarto, joga as roupas em mim.

— E essa nareba aí? Como está?

— Bem — digo. Mentira total.

Ele olha para mim de um jeito engraçado.

— É sério, você está bem? Parece meio viajandão.

Balanço a cabeça enquanto aperto a calça no peito, como se fosse um cobertorzinho de infância.

— Hum... Só preciso ir ao banheiro — digo.

— Vai lá soltar seu barro, cara, mas seja rápido. Ainda tem que fazer a cama e o tempo está passando.

Ele aponta com a cabeça para o relógio na cabeceira.

— Cinco horas! — deixo escapar.

Está *muito* cedo. Sinto um friozinho na barriga. Meu coração acelera. Juro que estou prestes a chorar.

Stryker e os outros dois ficam olhando pra mim.

— Você tá de brincadeira, né? A gente levanta essa hora todo dia! — Clark Kent me pega pelos

ombros e me chacoalha. — O sol está saindo e a gente tem que correr, não dá tempo de ficar de bobeira aqui.

Ele me dá um empurrão e eu voo até Stryker, que rapidamente me prende em um mata-leão. Sinto pelos de sovaco e cheiro de desodorante na boca.

— Para os rapazes, com os rapazes, manteiga derretida! Fala!

— Você está me estrangulando! — grito.

Ele aperta ainda mais.

— É só dizer!

— O quê? — suplico.

— Para os rapazes, com os rapazes!.

— Para os rapazes, com os rapazes! — repito.

— Não foi bom o bastante, Jackie Chan. — Stryker aperta ainda mais. — Que moleza hein, Nancy.

Mais alto!

— Para os rapazes, com os rapazes! — eu grito.

Embora o som saia abafado graças aos pelos do sovaco dele, Stryker me solta. Caio no chão e passo a mão no pescoço, sentindo o pingente na corrente.

— Anda, cara! — diz Gunner, me ajudando a levantar. — Sua cara está horrível e você ainda tem uma mancha de sangue seco na boca. — Ele estica a mão e esfrega minha nova cabeça espetada da sorte. —

Vai, se mexe, irmão. Nunca pensei que diria isso, mas só dessa vez vou quebrar seu galho.

— Oi? — digo.

Gunner ri.

— Eu faço sua cama para a inspeção, mané.

Olho para ele de um jeito esquisito.

— Espera. O quê? Inspeção?

— Anda! — Eles gritam juntos.

Ando de costas até a porta, olhando para os três, despidos em níveis diferentes, arrumando rapidamente a cama da qual acabei de sair. Stryker está de cueca ajeitando o travesseiro; Gunner está de calça e camiseta, fazendo os vincos no lençol; Clark Kent, com seu cabelo maluco, de calça e sem camisa, sacode o cobertor e o dobra com cuidado. Permaneço na porta, congelada, e seu olhar encontra o meu.

— Sorria. Problema resolvido. As coisas estão prestes a melhorar.

No banheiro no fim do corredor, lavo o rosto o melhor que consigo, faço xixi (sentando no assento frio antes de lembrar que não é assim que funciona nesse corpo), enfio a calça e o moletom e sigo a voz dos garotos até o andar de baixo. Eles estão em fila, todos de calça e moletom. Só que tem uma quarta pessoa ali, e ela não está sorrindo.

Boquiaberto, olho bem nos olhos do Capitão, como se ele fosse uma espécie de herói das lendas. Certamente ele se parece com um. É bonito, de um jeito bruto, exatamente como Jack e seus irmãos — os

mesmos olhos azuis, os mesmos ombros atléticos de super-homem —, só que é uma versão mais velha deles. O cabelo grisalho é bem curtinho, cortado quase à máquina zero, e há uma sombra de cavanhaque branco no queixo quadrado.

— O corte de cabelo é uma melhora significativa — diz ele, em cumprimento.

Meu coração bate acelerado e minhas mãos tremem. Mordo o lábio inferior, tremendo também. Mal posso olhar para ele. Não tenho ideia do que dizer.

— Obrigado, senhor — sussurra Gunner, em alerta.

— Obrigado, senhor — repito.

Engulo em seco quando vejo os olhos do Capitão na minha cara destruída.

— O que em nome de Deus aconteceu com você? — pergunta ele.

Olho de lado para Gunner. Mas é Stryker quem me salva.

— Fui eu, senhor — diz ele. — Acertei um disco em cheio ontem na Jaula.

Olho para os irmãos de Jack. Todos estão eretos, com os ombros abertos. Eu me endireito também.

— Estou bem — deixo escapar. — Estou bem, senhor — tento de novo.

Não sou idiota.

Ficamos todos em silêncio por um bom minuto. Então o Capitão sorri, primeiro para mim, depois para Gunner, Stryker e Clark Kent — *ainda não tenho ideia de qual é o nome dele*. O Capitão verifica o relógio, franze o nariz e abre a porta da frente. Nenhuma palavra é dita. Então faço a única coisa na qual consigo pensar: sigo os outros. Correndo.

JACK

É NOITE. ESCAPEI POR POUCO do banho de banheira. Como a lasanha de Summer vestindo uma calça de pijama florida e uma camisa gigante dos Patriots que encontrei no chão do quarto da Ruiva. Aliás, vamos falar sobre esse chão. Nenhuma peça de roupa está guardada. É como se a cômoda dela tivesse explodido. Fica difícil saber onde dá para pisar. Está completamente coberto. Roupas amassadas, livros, papel de bala. As gavetas estão todas abertas e não tem mesa. Fico num canto e respiro fundo.

Não sei como ela aguenta. É como se...

— Esse lugar está uma zona — digo em voz alta.

Mas estou tão cansado. Acho que nunca fiquei assim na vida.

Tentar ser outra pessoa é exaustivo.

Apago a luz e vou atropelando as coisas, passando por cima delas, deixando meu corpo cair na cama bagunçada e incrivelmente confortável da Ruiva. É enorme, quase uma cama de casal.

Fecho os olhos e penso no meu quarto, na minha casa e na minha cama. *Espero que a Ruiva esteja bem*, penso, olhando para as estrelinhas brilhando no teto. Tomara que Stryker não esteja enchendo muito o saco dela. Penso em como o dia de hoje foi uma loucura.

— Segunda-feira — sussurro para o alto.

Só preciso aguentar até segunda-feira, penso, e começo a contar as estrelas. É o que faço quando não consigo dormir, conto coisas. Isso desde quando, bem...

Basta dizer que não costumo dormir muito bem.

Estou prestes a pegar no sono quando lembro. Jogo as pernas para fora da cama e piso no chão, em seguida me ajoelho, abrindo espaço no carpete. *Duzentas flexões e duzentos abdominais*, digo para mim mesmo, e começo a trabalhar.

O corpo de Ellie não é tão forte quanto o meu, mas não desisto. Quebro o exercício em séries de dez. Entre elas, fico deitado no chão e conto as estrelas. Levo um tempo, mas consigo. Quando termino, fico de joelhos e faço o que faço todas as noites desde que minha mãe me ensinou. Faço a oração de São Sebastião sete vezes.

A única coisa que falta é o caderno.

Eu fico de pé, acendo o abajur da mesa de cabeceira e vou chutando as coisas de Ellie até achar papel e caneta. Então me sento na cama e escrevo, como faço todas as noites. Tudo em minha vida gira em torno de fazer meus sonhos acontecerem. Eu os visualizo enquanto ponho no papel. Apenas um lembrete daquilo pelo qual estou trabalhando. Ninguém vai conseguir isso pra mim. Tenho que fazer o que for preciso.

1. Jogar pelo Boston College.

2. Ser draftado para a liga profissional na primeira rodada.

3. Assinar um contrato com um time da liga profissional. Depois, dobro o pedaço de papel com cuidado, coloco embaixo do livro na mesa de cabeceira da Ruiva e apago o abajur. Então...

— Querida?

Mal consigo enxergar na escuridão. Summer está parada na porta, e por alguns segundos imagino há quanto tempo está ali e o que viu.

— Ah, Ellie, meu bem, eu mal consigo entrar no seu quarto.

Ela ri, e consigo distinguir o sorriso e o contorno de seu cabelo comprido. Summer se aproxima e se senta ao meu lado na beirada da cama. Eu me encolho em posição fetal, puxo o cobertor até o queixo e enfio o travesseiro debaixo da cabeça.

— Querida, está tudo bem?

Ela coloca a mão na testa da Ruiva e passa os dedos gentilmente por seu cabelo comprido. Não vou mentir. É gostoso. Faz muito tempo desde que...

— Estou bem — digo finalmente, bem baixinho, e me viro.

— Querida, está na cara que não é verdade. — Ela para e respira fundo. — Olha, não adianta dizer que você está bem quando obviamente não está.

Não sei o que responder. Engulo em seco e fico encarando a parede.

— Ellie?

— Está tudo bem, é sério — repito baixinho, no escuro.

O quarto está muito quieto. Fecho os olhos. Por algum tempo, ficamos os dois exatamente assim. Em silêncio. Debaixo das cobertas, a mão dela acha a minha e a segura. Eu não a afasto. Deixo ali. Não me mexo.

— Ah, meu bem. — Ela suspira. — Sei que as coisas ficaram complicadas depois que seu pai foi embora e...

A voz dela vacila, e eu sinto o peso do seu braço em volta de mim.

Ela está tão perto.

Mordo os lábios.

— Querida — diz ela, a voz quase um sussurro. — Sei que é difícil se manter aberta quando o primeiro impulso é se fechar.

A mãe de Ellie para e se aninha tão perto de mim que sinto seu coração bater.

Por um bom tempo, nenhum de nós diz nada.

— Sei que você está magoada, meu amor. Mas não tem que guardar isso pra si.

Sinto o cheiro do cabelo dela, e um cheiro de... Inspiro profundamente e tento engolir aquele sentimento. Impedir que transborde.

— Ah, Ellie — sussurra ela para a noite.

Então me abraça apertado. Está escuro. Ainda bem. Ninguém vai saber. Ninguém pode enxergar a lágrima rolando pelo meu rosto.

SUBIMOS OS MAIS DE DOIS quilômetros íngremes de montanha correndo no breu e no silêncio. Só quando chegamos ao topo, na clareira lamacenta, que apoio as mãos no joelho, ofegando, e vomito. Meu coração está a mil e minhas pernas queimam, mas tenho certeza de que ainda não é hora de parar.

Isso porque, enquanto morro, agora com o estômago vazio, Gunner para, lá longe, e grita:

— Vamos! Vira homem, cara! Cadê o guerreiro em você? Não há vitória sem sacrifício, levanta!

Não me movo. Não consigo. Sinto a ardência da bile no fundo da garganta e no nariz. Está silencioso e escuro demais. Clark Kent, Stryker e o Capitão já estão descendo.

— Jack, se esforça e levanta! — Sinto que Gunner me dá um chutinho. — Para de brincadeira! Você sabe que não vale até você encostar.

— Encostar no quê? — pergunto.

Estou quase certa de que ele não pode me ouvir, já que agora estou deitada, a testa colada no chão lamacento, a cara enfiada em um monte de folhas.

— Você não pode estar falando sério.

Gunner parece chocado. De canto de olho, vejo seus tornozelos. As meias, os tênis e as barras da calça estão cobertos de lama e grama molhada.

— Custe o que custar, Jack! Vamos!

— Não consigo — digo, choramingando mais do que gostaria.

— Não acredito que ouvi isso. — A voz de Gunner fica mais alta. — O que deu em você, cara? Você nunca desiste. *Nunca*.

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

Viro o rosto. Sinto o gosto de lama. O chão parece estranhamente reconfortante no meu rosto.

Gunner está quase gritando.

— Vamos, cara, levanta!

Não me mexo. Fico imóvel. Fecho os olhos e penso em Jack deitado na minha cama, debaixo das minhas cobertas. *Ele que se deu bem!* Estou com frio. Acabo de subir uma montanha correndo. Acho que nunca acordei tão cedo na vida.

Gunner se agacha perto de mim.

— Sei o quanto você quer isso, Jack. Respire. Continue respirando. Agora vamos. Se cair sete vezes, levante oito.

Minhas mãos estão congeladas e tremendo sob meu corpo.

— Vamos, cara. — Ele para por um momento, então levanta a voz de novo. — Estou mandando. De pé.

Ouçõ a voz de Jack na minha cabeça: *Se vai ser eu, você não pode se comportar como uma garota.*

— Cara — Gunner começa de novo. — Se não virar homem sozinho, vou ter que obrigar você. O que acha disso?

Sinto suas mãos fortes em cada braço. Gunner literalmente me põe de pé. Ficamos cara a cara.

— Pronto! Muito bem! Coragem! — grita ele, sorrindo de orelha a orelha, enquanto tira os galhos e as

folhas molhadas e cheias de lama dos meus ombros e do meu peito. — Seu corpo pode fazer qualquer coisa. Você só precisa convencer seu cérebro.

Olho para ele sob a luz nascente. Seu rosto e seu cabelo estão cobertos de suor; seus olhos azuis estão arregalados. Ele está praticamente reluzindo. Acho que está realmente *gostando* disso aqui.

— Vai lá — ordena ele.

— Lá onde?

— Você não é fácil, cara. — Ele balança a cabeça raspada, ainda sorrindo. — Encosta na porcaria da pedra.

Sigo seus olhos até a pedra arredondada despontando no extremo a montanha. O sol está nascendo de trás das colinas verdes a distância.

— Anda — diz Gunner acenando com a cabeça. — Encosta logo naquilo ou vamos passar o dia inteiro aqui. Não acho que o velho gostaria disso.

Consigo dar um sorriso fraco e começo a andar com cuidado até a pedra. Minhas pernas parecem fios de espaguete. Estico o braço e apoio com delicadeza a mão na pedra fria. É bem esquisito, mas quando a toco, quando encosto a mão nela, eu juro, um arrepio percorre meu corpo, e de repente parece incrível que eu tenha conseguido. Que esteja de pé. Respiro fundo e devagar, olhando através do vale. O céu da manhã está inacreditavelmente laranja e cor-de-rosa. Consigo ver toda a cidade estendendo-se à minha frente. E não só isso. A distância, dá para ver até mesmo o lago. Parece quase verde-esmeralda. Dou mais alguns passos e me aproximo da beirada, olhando para baixo, para a montanha inclinada que acabamos de subir. Então penso que é meio maluco estarmos ali. Meio maluco sequer estarmos acordados a essa hora! Ver todas as coisas que acontecem enquanto geralmente estou dormindo. E é nesse exato momento que percebo que tudo está silencioso demais...

— Ei! — grito, já me virando. — Gunner! *Gunner!* — Mas é tarde demais. Ele já foi embora. Eu o vejo descendo a montanha.

— Você é um guerreiro! — diz ele, sem parar de seguir, a voz ressoando no ar da manhã. — Você é uma fera, cara. Hora de trabalhar!

E não sei se é porque o sol está nascendo ou pelo modo como me sinto desde que toquei a pedra. Não consigo explicar direito, mas esse sentimento, de que *eu consigo*, toma conta de mim.

— Eu consigo! — sussurro para ninguém mais. — É! — grito com todas as forças para o céu aberto, para a montanha. E corro.

Corro até chegar em casa. Descendo à toda velocidade pela montanha inclinada, pulando pedras, galhos e folhas escorregadias, atravessando os quintais e dando um pique no meio da rua, agora banhada de sol. Corro o caminho todo, e não paro até chegar, energizada, ao caminho que leva até a porta da frente da casa de Jack. Encosto minha mão nela.

— Isso! — digo para mim mesma, em voz alta.

Tento não me mostrar orgulhosa demais, porque não é nada assim tão importante. Mas deixo escapar um gritinho. Sim. E é nesse momento, é claro, que o vejo.

Gunner. Ele está parado debaixo da tabela de basquete, as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego.

— Muito bem, cara! — grita ele, as covinhas se formando com um sorriso. — Superou e conquistou!

— Valeu — digo, e então me jogo no chão ao lado dele.

Gunner me encara.

— O que você está fazendo, cara?

— Estou descansando — explico.

— Sério, você está ficando muito molenga. — Ele ri, mas de repente parece preocupado. — Você ficou maluco? Quer meter todo mundo em encrenca? Levanta daí antes que o Capitão...

Vejo o sorriso desaparecer do rosto dele e seus olhos vagarem. Sinto uma coisa ruim no estômago. O

que se traduz mais ou menos assim na minha cabeça: *O Capitão está bem atrás de mim, não está?*

Aham.

Fico de pé lentamente, me viro e enxugo com a manga o suor que escorre pelos meus olhos e pelo meu rosto.

— Que bom que as garotas decidiram se juntar a nós — diz o Capitão.

Garotas?, penso, confusa. Olho para Gunner. Stryker e Clark Kent de repente se materializam ali também. Estão todos com a coluna ereta. Completamente imóveis. Eu os imito, empertigando os ombros, os olhos colados no Capitão.

— *Querer não é fazer* — diz ele.

— Sim, senhor! — Todos respondem juntos.

Estou lenta. Falo um ou dois segundos atrasada.

— Sim, senhor!.

Olho para os irmãos de Jack. Ninguém está rindo ou brincando agora. O sol está batendo nos meus olhos. O mundo ao nosso redor está despertando. Posso ouvir tudo, como se estivesse extremamente alerta. Um cachorro late do outro lado da rua. Pássaros cantam acima de nós.

— Senhores, se não derem cem por cento de si, a cada manhã, a cada dia... — Ele para e olha diretamente pra mim. — Se não estão dispostos a se sacrificar, é porque não querem tanto quanto pensam.

— Sim, senhor! — deixo escapar.

Sou o único dessa vez, o que é estranho. Os outros apertam os lábios. Sei que estão tentando não rir. Sinto a cabeça esquentar e o coração acelerar. O Capitão pigarreja.

— Os que alcançam o topo não caem quando chegam lá. Se esforcem, rapazes. Treinem duro. Façam a coisa certa.

Dessa vez, estou preparada.

— Sim, senhor! — digo.

Fico tão focada em responder direito que, de novo, pareço fora de tom. Um pouco rápida demais. Um segundo à frente dos outros.

Dessa vez os garotos não conseguem se controlar.

O Capitão ergue as sobrancelhas e deixa escapar um sorrisinho.

— Membros inferiores hoje. São as pernas que alimentam o lobo.

São as pernas que alimentam o lobo? Oi?

— A ideia é desenvolver os músculos, não exibi-los — prossegue. — Levantamento terra, agachamento, afundo reverso com peso, escada de agilidade, deslocamento de trenó de peso, salto na caixa. Trabalhem explosão. Puxamento de trenó de peso para terminar.

O Capitão para de falar e vai até Clark Kent.

Há um silêncio completo até que ele diz:

— Jett, confio em você para seguir o protocolo. Sem erros.

Jett! É claro que ele tem um nome legal. Olho para o irmão de Jack. A não ser pela corrente dourada que todos temos no pescoço, ele está com o peito nu, parecendo um gladiador com o cabelo preto e suado para trás.

— Jack!

Ah, não. Estão falando comigo.

— É com você — diz Gunner, sugerindo que eu faça algo, mas não tenho ideia do quê.

— Hãã...

Fico paralisada. Olho de volta para ele, em pânico.

Gunner faz um aceno de cabeça para o chão.

— O protocolo inicial, você sabe. Circuito de aquecimento. Vamos lá!

Como você pode imaginar, isso não ajuda.

Todos me encaram, esperando que eu comece. Jett. Stryker. Gunner. *O Capitão*.

— Hã...

Olho para eles com a expressão vazia. Então...

Graças a Deus, Stryker cai no chão.

— Eu começo! — diz ele, me salvando.

E então começa a fazer flexões, como se fosse fácil. Como soldados, todos nos jogamos no chão também. Minhas mãos pressionam o piso duro da garagem. Parece loucura, mas, depois de correr montanha acima no escuro, as flexões parecem fáceis. O corpo de Jack se move com facilidade, de maneira quase automática. “Um, dois, três, quatro, cinco, seis...” Os rapazes vão gritando os números, e eu também, a voz baixa e crepitante se misturando à contagem. “Vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três...”

Meu Deus do céu. Quando acordei ontem, não tinha como imaginar que hoje estaria detonando nas flexões na garagem do Príncipe. Muito menos que *seria* o Príncipe. Paramos em cem. Stryker lança um sorriso para mim. Ninguém me ajuda.

Eu me levanto em um pulo.



QUANDO ACORDO NO QUARTO DA Ruiva, na cama de princesa da Ruiva, abraçando apertado o ursinho de pelúcia da Ruiva, fico confuso. Milhões de perguntas passam pela minha cabeça. Imagino que você saiba quais. Tipo... *Quem sou eu? Como isso aconteceu? Por que estou no corpo de uma garota?* E, é claro, eu admito: a primeira coisa que faço quando meus olhos se abrem é levantar as cobertas para ver se...

Aham.

Menina ainda.

Fecho os olhos de novo, bem apertados, e tento imaginar o que meus irmãos fariam se fosse eu — ou, no caso, se estivessem aqui agora. Jett provavelmente falaria “anda, cara!” e diria para eu dar um sorriso. Falaria para eu não ser tão molenga. Segurar a onda. Virar homem. Virar homem quanto ao fato de ser uma garota. Rá! Não faz o menor sentido.

Dou risada e viro para o outro lado. Sinceramente, nunca achei que diria isso, mas sinto falta dos meus irmãos. Os três são aquele tipo de cara que você quer ter por perto. Eles me ensinam tudo o que sabem, me desafiam todos os dias, me pressionam para crescer. Estamos todos atrás do mesmo sonho e faríamos qualquer coisa para chegar lá. Eles sabem o que é preciso para se tornar melhor e mais forte.

Mal posso esperar para estar com eles de novo.

— Mais 48 horas — digo em voz alta, então me espreguiço e bocejo.

Enfim.. Quer dizer, as coisas poderiam ser piores. Estou deitado em uma cama superconfortável com lençóis macios e cobertas quentinhas e aconchegantes. Afundo a cabeça no travesseiro. Sinto a luz do sol tentando entrar pela janela e...

Fico de pé muito rápido.

Se é tarde o bastante para que o sol tenha saído... Quase em pânico, olho para o relógio na mesa de cabeceira.

Dez e meia.

— Uau — sussurro.

Não consigo sequer me lembrar da última vez que acordei tão tarde.

Respira, Jack. Respira.

Deito de novo, fecho os olhos e penso no que meus irmãos devem estar fazendo. A mesma coisa de todas as manhãs. Passa na minha mente como um filme: corrida montanha acima ao nascer do sol, flexões na garagem, treino de perna na Jaula. Abro os olhos e encaro os botões no rosto do ursinho velho da Ruiva.

— Espero que ela esteja bem — sussurro. Sim. Estou maluco. Agora eu falo com bichinhos de pelúcia. Rá. E, minha nossa, meu hálito está parecendo chulé. — Nojento, cara! — Dou risada. — Melhor jogar uma pasta de dente nisso aí, mané.

Aparentemente agora eu mesmo implico comigo, já que meus irmãos não estão por perto.

Eu me viro, tiro o cabelo emaranhado da Ruiva dos olhos e fico esparramado na cama, meu rosto

apertado no colchão por uns bons dez minutos, até me dar conta do que preciso fazer.

Demoro cerca de 45 minutos para arrumar todo o quarto da Ruiva de acordo com os padrões do Capitão. Primeiro recolho todas as roupas jogadas. Não sei dizer o que está sujo, porque nada chega a feder, então dobro tudo e guardo na cômoda ou penduro no armário gigantesco.

Tudo mesmo. Até calcinhas e sutiãs. De nada.

Debaixo das roupas, encontro quatro copos de vidro vazios. Parecem aqueles vidros de laboratório.

— Credo! — sussurro, e os coloco alinhados perto da porta.

Gatorade? Ou... Levo um até o nariz. Algum tipo de refrigerante? Cascas de laranja emboloradas, um biscoito meio comido, miolo murcho de maçã. Jogo tudo no lixo, como se jogasse basquete no quarto — “cesta de dois pontos!” Organizo os livros, empilho o equipamento de futebol, 17 bichinhos de pelúcia e três bonecas são posicionados lado a lado ao longo de toda uma parede, como se fossem melhores amigos. Por último, eu me volto para a cama. Não posso ver uma cama desarrumada e não fazer nada. É automático. Provavelmente conseguiria resolver de olhos fechados: esticar o lençol de um lado a outro, acertar a parte de baixo com o colchão, alisar, fazer as dobras, tirar as rugas com a mão. Estender a colcha, virar na parte de cima, a cinco centímetros do travesseiro afogado e arrumado na parte superior. Ursinho no meio e no centro. Por que não?

Então me sento no canto inferior da cama e inspeciono meu trabalho.

— Nada mal.

Dou de ombros. Sinceramente, o quarto da Ruiva nunca passaria na inspeção do Capitão. Seria preciso esvaziar o cesto de lixo, aspirar o carpete e... Olho para as bonecas e os bichinhos de pelúcia, os livros enfiados na prateleira, os doces na mesinha de cabeceira, as três bolas de futebol... Tem coisa demais aqui para o padrão do Capitão. O Capitão não gosta de coisas.

“As melhores coisas na vida não são coisas”, diz ele.

Eu me jogo de novo na cama e olho para as estrelas. Com a luz acesa, parecem apenas adesivos amarelos idiotas.

No segundo em que fecho os olhos, ouço uma batida e Summer cantarolando do outro lado da porta:

— Bom dia, querida!

Eu a conheço há apenas um dia, mas consigo imaginar a mãe de Ellie sorrindo, o cabelo ruivo longo e indomado, as bilhões de sardas.

— Bom dia — respondo.

A porta abre e Summer entra, seu sorriso imediatamente iluminando o quarto.

— Meu Deus! — Ela fica boquiaberta e arregala os olhos. — Uau! Nossa! Ellie, isso é... — Summer para de falar, abre o armário e passa a mão pelos cabides virados todos para o mesmo lado. — Não sei o que dizer! — exclama. — Você realmente me surpreendeu!

Dou de ombros.

— Não foi nada — digo, tentando parecer tranquilo, mas estaria mentindo se não dissesse que a sensação ao ver Summer tão feliz é boa.

Ela se vira. Assim como eu, ainda está de pijama — um roupão de seda lilás e pantufas de coelhinho. Quando sorri, seus olhos verdes brilham.

— Uau! Uau! Uau! — diz ela. — Não sei o que deu em você, mas adorei! — Summer pula ao meu lado na cama e me dá um imenso abraço e um beijo molhado na bochecha. A princípio recuo, mas...

Quer dizer. Não quero ser mal-educado. Aceito quando ela me puxa. Não ofereço resistência.

Summer fala bem perto de mim.

— Meu bem.

A voz é gentil, quase um sussurro. Ela olha para mim por um bom tempo, sorrindo e tirando o cabelo dos meus olhos. Tento não desviar o olhar. Tento e deixo rolar. Tento e consigo.

— Querida — recomeça ela. Nossos narizes quase se tocam. — Acho que esse acontecimento raro e maravilhoso merece uma comemoração, não acha?

— Como assim? — pergunto.

— Ué, temos que comemorar, porque isso é...

Summer se inclina e deixa nossas testas se tocarem.

— Não é nada de mais — garanto, recuando. — Sério. Não tem problema.

— Nada de mais? Está brincando? Isso é... — Summer levanta — espetacular!

Tá bom. Não é como se eu discordasse quando ela me diz para “voltar pra cama e me aconchegar nas cobertas”. Muitas vezes meus irmãos e eu nem usamos as cobertas, só para não precisar fazer a cama às cinco da manhã.

Mas sabe como é... a Ruiva me pediu para ficar no quarto, certo?

Então, por que não?

Volto para debaixo das cobertas e afundo na cama confortável de Ellie. Trinta minutos e quarenta páginas de Harry Potter depois, Summer aparece com uma bandeja. É tipo serviço de quarto! Como se eu estivesse em um hotel! Eu me sento e coloco um travesseiro nas costas, como se fizesse isso sempre.

Summer coloca a bandeja em cima das minhas pernas com todo o cuidado.

— Princesa Ellie. — Ela ri. — Para vossa majestade hoje temos...

Ela para de falar para se sentar na beirada da cama, ao meu lado. A comida tem uma cara e um cheiro ótimos! Ontem eu estava lutando para engolir uma vitamina de espinafre com óleo de peixe, e hoje... Volto a olhar para Summer.

— Panquecas de banana com framboesa, chantili e manteiga. Bacon, dois ovos pochê e, por último, mas não menos importante...

Ela me entrega um copo de suco de laranja.

— Nossa, isso é tão... — Procuo as palavras certas. — Muito obrigada.

Fico olhando para o prato. Não como tantos carboidratos desde... Desde nunca.

E quer saber? Que se danem as regras! Parece delicioso!

Ouçõ a voz de Stryker na minha cabeça, “Boa, cara!”, enquanto enfio uma garfada de panqueca na boca. Às vezes as menores coisas são as que nos deixam mais felizes.

Summer parece impressionada ao me observar comendo.

— Opa, ei, calma aí. Você deve estar em fase de crescimento. Parece uma morta de fome. Acho que não ando dando comida o bastante para você!

— Não, é só que, tipo, está uma delícia — digo entre as mordidas, pensando que da próxima vez é melhor engolir antes de falar.

— Calma, querida, mastigue. — Ela sorri e olha para mim como se nunca tivesse visto alguém comer. Ficamos quietos juntos por um tempo.

— Então... — começa Summer. — Eu queria perguntar se a dra. Swenson falou com você sobre...

Ela para de falar no meio da frase e o sorriso em seus lábios aumenta. Olho como quem diz “oi?”. Ela estica o braço e tira o cabelo do meu rosto com delicadeza, colocando as mechas atrás da orelha dessa vez.

— Detesto quando não consigo ver seus olhos, querida. — Ela faz uma pausa. — É que você anda tão cansada e mal-humorada e, meu Deus, faminta! Achei que talvez fosse um bom momento para falarmos sobre as mudanças pelas quais seu corpo está passando e, você sabe, sobre aquele período na vida em que...

Levanto os olhos do prato e penso por um segundo.

— Que momento? — pergunto, confuso.

— A sua primeira menstruação.

A voz de Summer é doce e calma. Seus olhos chegam a brilhar.

Não. De novo, não!

Pego o suco de laranja e bebo, enquanto a expressão em meu rosto provavelmente diz: “Por favor, não fale comigo sobre isso!”. Só pra garantir, abaixo o copo e faço minha melhor — e única — imitação de garota de todos os tempos. Faço um beicinho, jogo a cabeça para a frente e tiro o cabelo do rosto como sempre as vejo fazer.

— Hum — começo. — A gente pode, por favooooor, não falar disso? — Sim. Deixo minha voz ainda mais estridente. — Por favor! — acrescento.

Summer dá um sorriso fraco.

— Ah, querida, sei que é um pouco chato, mas todas ficamos menstruadas um dia. Vai acontecer com você também.

— Eu estou bem — digo.

— Eu sei. Mas falando sério, querida, você anda um pouco estranha. Tem certeza de que está bem?

— Sim — repito, oferecendo um sorriso.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela para e apenas fica olhando para mim por um longo tempo. — Olha, talvez você não queira falar agora, mas quando quiser, se quiser... — Ela sorri. — Avise, ok?

— Ok. — concordo.

— De verdade?

— De verdade — digo, e enfio uma tira de bacon inteira na boca.

Summer levanta e segue em direção à porta.

— Ei, lembra que ontem eu disse que tinha uma surpresa?

Balanço a cabeça e engulo a metade de uma panqueca que tinha enfiado na boca.

— Quando terminar de comer, tome um banho e se arrume. Vamos sair para nos divertir!

— Divertir? — repito.

Os olhos de Summer se iluminam.

— Um dia de mãe e filha!

E, olha, sei que não é o combinado, mas sou um menino de 13 anos no corpo de uma menina de 12. Não estou em posição de poder aqui. Não posso exigir ficar em casa. E o mais engraçada disso tudo é que não quero ficar sozinho. Não é o tipo de coisa que eu anunciaria na ESPN ou coisa assim, mas... A verdade é que estou sentindo uma mistura de alívio e felicidade. Alguma coisa em Summer faz com que eu me sinta calmo.

Penso na minha mãe todo dia.

Sinto muita saudade dela.

— Claro — digo, e dou um sorriso. — Um dia de mãe e filha. Por que não?

NA JAULA, OS RAPAZES NÃO falam nada. Eles grunhem. Suam. Vomitam (Stryker). Sangram pelo nariz (Gunner). Mas só depois que subimos a escada do porão e sigo Stryker pela porta dos fundos até o quintal todos começam a voltar lentamente à vida.

— Duas horas de levantamento de peso — diz Stryker, contraindo os enormes bíceps. — Olha esse muque! Irado, cara!

Concordo com um sorriso no rosto e me jogo na grama.

— Ahhh — diz ele. — Boa ideia, cara. — Stryker deita ao meu lado. — Vou ficar aqui de boa com o colega de quarto. Curtindo as pequenas coisas da vida, né, Jackie Chan?

Dou um sorriso de lado. Estamos ambos de barriga para cima. Pela primeira vez no dia, eu meio que entendo Stryker.

— Sim. — Suspiro e olho para o céu sem nuvens. — As pequenas coisas.

Stryker estica o braço e toca meu peito. Sinto o calor e o peso da palma pesada na camiseta encharcada.

— Cara, você matou a pau naqueles agachamentos.

— Valeu — digo.

Eu me pergunto se ele está apenas apoiando a mão ou se vai me pegar em um golpe ninja de luta livre e me fazer beijar o chão. Então me viro para observar Stryker. Seus olhos estão fechados e a boca está aberta. Ele não fala e não se move.

Observo o suor escorrer pela lateral do seu rosto e tenho uma visão detalhada da sombra de bigode acima do lábio superior. Ele parece tranquilo e doce quando não está me estrangulando. Deve ter, tipo, 15 ou 16 anos. Provavelmente já faz a barba.

Stryker solta o ar demoradamente, fazendo barulho, e então fala:

— Estava acabado no fim, cara.

Nem tenho o que falar. Apenas faço que sim com a cabeça.

— Jogue como se fosse o primeiro, treine como se fosse o segundo — diz ele. — Certo, cara?

— Jogue como se fosse o primeiro, treine como se fosse o segundo — concordo.

— É a mais pura verdade, Jackie Chan.

De repente a voz dele fica mais baixa, como se estivesse sussurrando.

— Nada melhor que ver meu irmão mais novo detonar. Você estava demais hoje, cara.

Sorrio para o céu.

— Valeu — digo. — Quer dizer, desde que eu não tenha mais que me mexer pelo resto da vida, acho que dou conta — falo com uma risada.

— Verdade — concorda Stryker. — Nada vem de graça.

— Nada vem de graça — repito.

Ficamos os dois ali. Esticados lado a lado na grama. Sinto o calor do sol. Sinto meus lábios salgados de um jeito estranhamente gostoso. E posso dizer com sinceridade que ficar imóvel nunca foi tão bom.

Então ouço Gunner gritando do outro lado do gramado:

— Valeu pela ajuda, vocês dois!

Olho para Gunner. Ele não parece feliz. Sem camisa, vem andando em nossa direção, carregando duas enormes lixeiras de plástico.

— Valeu mesmo pelo apoio — concorda Jett.

Ele vem logo atrás de Gunner, também sem camisa, carregando duas lixeiras ainda maiores.

Levanto de imediato.

Stryker também.

— Anda, cara!

Jett lança um olhar para nós dois e deixa as lixeiras no chão. Cada um de seus músculos contraídos brilhando ao sol.

Talvez eu esteja olhando fixamente para ele.

— Vai buscar o gelo! — grita ele.

Depois que carregamos oito sacos de cinco quilos de gelo do enorme freezer na garagem pela lateral da casa até o quintal, tenho a impressão de que Stryker e eu devemos esperar. Gunner e Jett encaram o que quer que estejam fazendo como uma ciência: Gunner esvazia os sacos de gelo nas quatro lixeiras de plástico dispostas lado a lado enquanto Jett o segue com a mangueira, completando o volume com água. Stryker e eu ficamos de lado até que...

Absolutamente sem qualquer aviso, os três começam a *tirar a roupa!* Sapatos, depois meias, depois... é. Hum. *Aimeudeus*. Caso não tenha ficado claro, o que estou dizendo é que eles TIRAM TODA A ROUPA! Cubro os olhos com as mãos.

— O que vocês estão fazendo? — solto um gritinho, olhando por uma fresta entre os dedos para as três bundas branqueadas desaparecendo na água gelada.

Stryker praticamente grita:

— Cara, está congelando! Minha nossa! Odeio isso! É maluquice! Precisamos entrar de corpo todo?

Jett desliza para dentro da lixeira como se não fosse nada, é claro. Ele tira os óculos e joga na grama.

— Até a metade do peito, cara. O mamilo tem que entrar na água. Sem roubar.

Gunner mergulha por completo, desaparecendo por um segundo sob a camada de água gelada e então voltando à tona como uma baleia assassina.

— AAAAAAHHHHH! Jesus Cristo! — grita ele, fazendo careta. — Está gelado pra #%*!

Cubro o rosto de novo, então olho...

Os três estão me encarando de suas banheiras cheias de gelo.

— Não vou entrar aí — digo com firmeza.

Não vou tirar a roupa. De jeito nenhum.

Gunner olha para mim genuinamente irritado.

— Não seja mulherzinha, cara. Entra logo!

— Não — deixo escapar. — Não mesmo. Estou bem aqui. Estou ótimo.

Recuo alguns passos.

— Qual é o seu problema? — pergunta Jett. Ele se inclina para trás dentro da lixeira, descansando os braços nas bordas. — Deve ter sido a pancada ontem. Você está irreconhecível. Vira homem! — Jett faz uma pausa. — Anda!

Dou mais um passo para trás e quase tropeço nos degraus que levam ao deque nos fundos.

— Chegou a hora, cara — diz Stryker, concordando. — Qual é o seu problema? Mostre que você tem bolas, Jack. A gente faz isso toda vez. E você sempre se sente melhor no dia seguinte. Faz parte da recuperação. Segura a onda!

Balanço a cabeça vigorosamente e vejo Jett afundar mais um pouco na lixeira cheia de gelo, derramando água.

Fico boquiaberta.

— Vê se cresce, cara — grita Jett, o cabelo molhado todo para trás. — Sério, ou você entra ou eu dou um caldo em você.

Por um segundo, o clima alivia e todos riem. Mas imediatamente Jett diz, sério:

— São só dez minutos. Coragem. Anda logo! — Ele se abaixa na água gelada. — Anda logo, Jack. O tempo não corre enquanto você não entrar.

Stryker joga gelo na minha cabeça.

— Anda, manteiga derretida! — Ele grita tão alto que juro que todos os vizinhos podem ouvir. — Cara, pelo amor de Deus! Quando foi que você ficou assim molenga? Você virou menina por acaso?

É o bastante. Não hesito.

Não penso muito.

Tiro os tênis, depois as meias, depois o resto da roupa, até que estou só de cueca — e vou ficar com ela, muito obrigada. Caminho e coloco a perna dentro do...

— MEUDEUSDOCÉU! — grito com toda a força. Então paro de gritar, porque perco o fôlego de tanto frio.

Posso ouvir os garotos rindo, e por alguns dos mais longos segundos da minha vida minha mente se esvazia completamente. Fecho os olhos. Escuto os três falando, mas é como se estivesse com a cabeça dentro da água. O som sai abafado. Tudo fica em câmera lenta.

Jett: Controla a respiração, cara. Você tem que sobreviver ao primeiro minuto e meio, aí melhora.

Gunner: É moleza. Encara.

Stryker: Vê se não faz xixi nas calças dessa vez, Jackie Chan!

Jett: Respira, cara. Só respira.

Jett está certo. A dor dura cerca de um minuto, então a anestesia é total. Abro os olhos e observo os três. Gunner está na primeira lixeira, Stryker na segunda e Jett ao meu lado. Estou na ponta.

Imito Jett e apoio os braços nas bordas.

— Não pense muito a respeito, cara — diz ele. — Só mais um dia comum na vida dos Malloy, certo?

— Hum... Eu... — começo.

— Vamos bater um papo, cara. — Jett faz que sim com a cabeça e sorri. — Tirar o foco do frio. Vamos trocar uma ideia de homem pra homem.

Dou de ombros congelados.

— Sobre o que você quer falar? — pergunto.

— Por que não me conta sobre a briga de ontem?

— Hã... é... — gaguejo

Então tenho uma ideia. *Vou falar sobre Sassy.*

— É que — olho para Jett quando respondo — alguém falou uma coisa muito, muito malvada.

— *Malvada?* — Jett solta uma risada. — Você está realmente parecendo uma menina agora, cara. Juro.

— Bem, e se eu for? O que você vai fazer a respeito? — digo, brincando.

Viu? Posso jogar esse jogo também.

Sorrio para Jett.

— Ah, cara, golpe baixo. Vai ser assim então, hein? — diz ele, brincando. — De qualquer jeito, não faz o menor sentido.

— O que eu quis dizer foi... — recomeço, tentando traduzir aquilo para a língua dos Malloy. — Ela é uma sem-noção — digo. Minha mente se volta para Sassy no refeitório. — Está sempre rindo de mim, revirando os olhos, tirando uma...

— Ela? — Jett ergue a sobrancelha e sorri. — Cara, acho que o gelo está mexendo com a sua cabeça.

— *Ele!* Eu quis dizer ele. É, hum, tipo... — Começo a falar, mas logo paro. Não sei como explicar. — Eu só... — tento, então desisto.

— Primeiro de tudo, irmãozinho. — Jett hesita e de repente sua voz fica séria. — Olha, foi corajoso da sua parte ir pra cima do cara. Você é fera. Casca-grossa mesmo. E eu sempre vou apoiar você, você sabe disso. — Ele me encara, faz que sim com a cabeça e fecha a mão.

Fico meio animada quando percebo que ele quer que eu retribua com um soquinho.

Os nós dos nossos dedos se encontram, e água congelada escapa das duas lixeiras.

— Mas vamos ser honestos. — Jett recolhe o braço. — O cara já ganhou só de conseguir uma reação sua.

Dou de ombros.

— Pode ser.

Os olhos dele se iluminam.

— Aí está a resposta. Simplesmente ignore o cara. Você não precisa disso. Deixa pra lá.

Faço que sim.

Jett dá um sorriso enorme.

— Fica na boa, Jack. Seja você mesmo. Não perca seu tempo com esse tipo de gente. Foque as coisas boas. Trabalhe duro. Seja humilde. Mantenha as pessoas certas por perto. Fique concentrado nas coisas que você pode controlar. — Ele dá uma piscadinha. — E siga em frente.

Ouçõ e concordo sem dizer nada. Mesmo não entendendo exatamente o que ele quer dizer, sempre que fala, Jett me faz pensar. Ele tem essa coisa especial, sei lá. Sei que é um cara muito confiante. Quando ele fala, a gente simplesmente escuta e acredita nele de verdade. Vejo rapidamente o brilho do pingente na correntinha dourada em seu pescoço. Por instinto, toco na correntinha no pescoço de Jack, e seguro o pingente idêntico como se fosse um amuleto.

— Quer saber? — Gunner entra na conversa. — Jett está certo. Eu não teria dito melhor. Os caras por aí falam coisas idiotas. Não escute o que falam de você. Não se deixe atingir. É preciso saber quando comprar a briga e quando seguir em frente.

— O cão assustado é o que late mais alto, irmão — concorda Stryker. — O moleque deve ser um inútil. Deve estar com inveja.

Sassy... com inveja? Penso nisso em meio ao transe induzido pelo frio. Por alguns longos minutos nós quatro ficamos em silêncio. Até que...

Sem nenhum aviso...

Jett levanta!

Levanta.

Sim. Eu vejo... Eu vejo...

T-U-D-O.

— Ok, foi ótimo, rapazes! — diz Jett, gelo e água pingando do corpo e transbordando da lixeira enquanto ele sai. Eu poderia simplesmente fechar os olhos, mas o frio me paralisa.

Então eu fecho. Bem apertado. E penso: *Uau. Tipo, uau!* E meio que dou risada. Quando acordei ontem, nunca pensei que acabaria vendo uma coisa dessas.

Quando abro os olhos, os três estão de pé na grama com seus músculos impressionantes e toalhas brancas na cintura, sorrindo para mim como se eu fosse uma idiota.

— Não dá pra ficar entediado com esse moleque. Parece que você não entendeu o recado, Jack. — Gunner olha para mim, balançando a cabeça e rindo. — Sai daí! Você vai se sentir como se tivesse pistões em vez de pernas! Vai se achar uma máquina! Confia em mim, cara!

Eu me levanto devagar e consigo sair da lixeira sem cair de cara na grama. Fora do gelo, minhas pernas quase queimam. O ar é muito mais quente do que a água. Fico perto do deque, apertando os braços, tremendo. Tenho quase certeza de que minha boca está azul.

— Uou! É bom pra caramba, né? — grita Stryker, jogando uma toalha na minha cabeça. Copio os outros e a prendo na cintura. Nós quatro parecemos idênticos, a não ser pela diferença de idade e pelo

cabelo que Gunner e eu raspamos.

Jett joga os braços nos meus ombros e me puxa para perto. Ele cheira a suor. Cheira a trabalho.

— Sabe qual é a melhor parte de ter irmãos? — Ele faz uma pausa e olha carinhosamente para mim. — Contamos tudo um para o outro. Sem segredos.

— Valeu, cara — digo baixinho. — Sem segredos — repito.

Para ser sincera, eu me sinto meio mal por um momento. Meio angustiada. Como se aquilo fosse especial e eu não devesse estar vendo. Mas justamente enquanto penso nisso, Stryker se aproxima por trás, puxa minha toalha e lá se vai...

Minha cueca.

Desculpe, Jack.

— Para com isso — digo.

Certo. Eu grito. Choramingo. Solto o maior berro.

Os três estão morrendo de rir.

Gunner mal consegue falar.

— Às vezes menos é mais, Jack. Eis aqui um exemplo!

Jett balança a cabeça, sorrindo.

— Não se esqueça, irmãozinho: tudo encolhe!

Stryker finalmente me joga a toalha de volta.

— Não se preocupe, não vai ficar assim por muito tempo.

Subo a cueca e prendo bem a toalha em volta da cintura.

Não entendo do que tanto riem, mas isso não os impede. Eles não param. É como se o motivo nem importasse. Estamos todos tão cansados, molhados, moídos e suados, que, sinceramente, tenho vontade de rir também.

— O que foi? — pergunto, então olho para eles com um sorriso irônico nos lábios.

Gunner se aproxima de mim e esfrega minha cabeça, sorrindo também.

— Às vezes você é burro como uma porta, mas eu te amo, cara. Te amo mesmo.

JACK

SUMMER ESTÁ DIRIGINDO COM O SORRISO de sempre no rosto. Então olha para mim.

— Acho que nos saímos bem apesar de tão pouco tempo!

— É — digo, tentando não parecer aliviado.

Nunca imaginei que sobreviveria a uma sessão de compras mãe-e-filha. Summer estica o braço e toca meu pescoço. É esquisito, mas não vou mentir: acho que meio que gosto.

— Minha pequena fashionista. — Ela dá uma piscadinha. — Não dá para acreditar em como cresceu. Você é uma ótima companhia, Ellie, e amei as roupas que escolheu. Desculpe a sessão de tortura com as provas de sutiã, mas você estava precisando, querida. — Summer olha para mim e sorri. — Você está crescendo!

Devolvo um sorriso. Não quero parecer ingrato.

— Agora acabou, certo? — pergunto. — Estamos indo pra casa?

Penso no quarto da Ruiva e na cama gigante dela. Uma soneca cairia bem.

— Para casa? — Summer parece chocada. — Você só pode estar brincando. Ainda tem a surpresa, esqueceu?

Ela abre um enorme sorriso ao dizer isso.

— Ah, é — digo, sorrindo também. É quase impossível não retribuir.

— Aguenta mais um pouco? Está muito cansada? — pergunta Summer.

— Não, tudo bem — respondo.

Sinto que tenho que continuar, pela Ruiva. Por Summer.

— Então, quanto à surpresa. Vou dar uma dica — diz Summer. — Você provavelmente vai resistir a princípio, mas escute até o fim. — Ela dá um sorriso de lado. — Envolve corte.

— O quê?

— De cabelo..

— Espera, o quê? — Ah, cara. A Ruiva e eu não tocamos nesse assunto. — Hã...

— Realmente precisamos fazer alguma coisa a respeito do seu cabelo.

Cara, se a Ruiva tocasse no meu cabelo eu ficaria muito bravo. Mas o que posso fazer?

— Pouca coisa, querida. Desse jeito ninguém consegue ver seus olhos.

— Tá — digo. — Só um pouco.

Fico preocupado quando percebo que não posso voltar atrás.

Dez minutos depois, Summer e eu entramos pela porta do Salão de Beleza e Spa Butterfly. Eu me vejo diante de uma reluzente mesa branca, com uma pequena cascata ao fundo. Sim, uma cascata de verdade. Com água e tudo.

— Está vendo, querida? — diz Summer, sussurrando. — Esse lugar não é superzen? A atmosfera é incrível, não acha? — A mãe de Ellie tem um grande sorriso no rosto. — Espere até conhecer Devon. Ela é uma verdadeira artista, você vai ver.

Nesse momento, uma garota que parece uma estudante universitária se aproxima de nós.

— Olá, queridas — diz ela, sorrindo.

Está usando um vestido vermelho curto e velhas botas de caubói. Tento não ficar boquiaberto. Ela é muito gata.

“Muita areia pro seu caminhãozinho”, é o que Gunner diria.

Sério, a garota parece uma estrela de cinema. Cabelo preto brilhante, rosto perfeito, sorriso de um milhão de dólares.

Ela olha diretamente para mim, com os olhos brilhando.

— Oi, linda!

O rosto dela se ilumina, e de imediato fico nervoso, porque ela é muito bonita e estou apaixonado. A garota joga os braços em volta de Summer, e as duas se abraçam como se fossem velhas amigas.

— Que bom ver você, querida — diz a mãe de Ellie, dando um beijo na bochecha dela.

Quando finalmente se soltam, Summer sorri para mim e diz:

— Devon, esta é minha filha Ellie!

Meu coração acelera.

— Muito prazer — digo, estendendo a mão e esperando que não esteja suada.

Devon tem um aperto forte. Firme.

— O prazer é meu, Elle!

Elle. Meu Deus. Adoro o jeito como ela diz. *Elle. Elllllle.* Elle. Elle. Elle.

Devon olha para nós dois com as sobrancelhas levantadas.

— Muito bem, lindas! Vamos começar! — diz, dando uma piscadinha. Alguma coisa em sua voz faz um arrepio percorrer minha espinha.

— Certo. — Minha voz parece muito alta e ansiosa. — Quer dizer, legal, vamos lá — tento de novo.

Devon faz sinal para que eu a siga.

E eu a sigo. Ah, se sigo.

Tento me controlar. Procuro não reparar em como ela se move quando anda. Eu juro que tento. Quando chegamos à porta que diz SALA DE TRATAMENTO, Devon para, sorri de novo, e eu respiro fundo, o que não ajuda, porque ela cheira a...

Cara, ela cheira muito bem.

— Então, Elle — diz Devon. Os olhos dela são, tipo, maravilhosos. — Aqui é o vestiário.

— Hum, não preciso me trocar — digo, tentando não encarar. — Estou bem assim.

— acredite em mim — diz ela, estendendo um roupão branco e macio. — Você vai adorar. Relaxe. Leve o tempo que precisar.

— Devon olha para meus pés. — Ah, e tire os sapatos. — Ela aponta para um par de chinelos brancos e felpudos dispostos com cuidado ao lado do banco. — Pise nessa gostosura e deixe seus problemas para trás.

Não vou mentir. Quando coloco o roupão e os chinelos, me sinto um idiota. Mas então saio e vejo Devon, e não tenho tempo de ser esquisito e tímido.

— Muito bom, não é?

Faço que sim com a cabeça.

— Você está uma graça, Elle. — Devon respira fundo e sorri para mim. — Entãããã, agora vamos para a sala de tratamento.

Eu a sigo até um grande espaço com piso de madeira e janelas enormes, que deixam a luz do sol entrar. A sala está vazia, a não ser por uma pia e duas cadeiras de couro que lembram as do Geno, a não ser pelo fato de que nada aqui lembra a barbearia do Geno, apenas as cadeiras.

— Bem-vinda ao meu paraíso particular! — diz Devon.

Ela se aproxima da pia e dá um tapinha na cadeira.

— Desde o último corte?

— Ah... hum... — gaguejo. Queria saber como não parecer tão idiota.

Pelo espelho, eu a observo estudar meu cabelo.

— Vamos acertar as pontas primeiro e então cortar em camadas. — Ela para e olha para mim. — Tudo bem?

— Acho que sim — sorrio.

— Certo. Camadas curtas? Mais longas? Posso fazer uma franja acima da sobrancelha?

— Hum...

— Bem, vamos tentar! — Ela dá mais uma piscadinha. — Você é do tipo que faz um rabo de qualquer jeito e sai? Não quero fazer um corte que não seja a sua cara.

— Sim — digo, rindo de leve. — Ninguém ia querer isso.

— Quer deixar comprido?

Concordo imediatamente. Não quero que a Ruiva me mate! E o cabelo dela é bem legal. Muito bonito, como o da mãe.

— Ok. Viu só? Estamos fazendo progresso? — Devon abre um sorriso largo. — Vou cortar uns dedinhos, o que vai realçar suas feições, dar mais movimento ao cabelo e valorizar a textura natural. Pode ser?

— É claro — digo, com um sorriso tímido.

Não tenho ideia do que ela acaba de dizer.

No começo, fico olhando pelo espelho. Ela se movimenta como uma profissional, segurando mechas de cabelo molhado e cortando. De vez em quando, para com os olhos arregalados e diz algo muito simpático.

— Uau, a cor do seu cabelo é maravilhosa, Elle. É, tipo, cobre-escuro, supervibrante!

— Valeu — digo.

— Sério, conheço um monte de gente que mataria por esse cabelo. É maravilhoso!

Fico olhando para ela.

Corta, corta, corta.

Após alguns minutos, meio que fecho os olhos. É bom não fazer nada. Não estou acostumado com isso.

É a última coisa de que me lembro durante o corte. Disso e da voz de Devon:

— Relaxe, Elle. Não mova um músculo. Estamos quase terminando.

Não sabia que era possível pegar no sono com um secador de cabelo a toda no ouvido. Mas estava tão gostoso. O calor, o cheiro de flores.

Acordo com a voz de Devon.

— Continue de olhos fechados — diz Devon, sussurrando. Parece muito empolgada. — Você é maravilhosa, Elle. Uau! Vou correndo buscar sua mãe. Consegue manter os olhos fechados? Promete não espiar?

— Prometo — digo. E cumpro a promessa.

Ouçõ as duas entrando.

— Pronta para a surpresa?

Reconheço a voz de Summer no mesmo instante.

— Claro — digo.

— Ok!

— Posso abrir os olhos? — pergunto para ter certeza.

— Manda ver! — diz Devon.

Eu abro.

E uau.

Devon está atrás de mim, parada, apoiando as mãos nos meus ombros e falando comigo pelo espelho.

— Você está absurdamente fabulosa.

— Uau — digo, baixinho.

A Ruiva ficou bem.

Viro a cabeça de um lado para o outro, olhando no espelho, dando uma conferida. Passo os dedos pelo cabelo.

— Uau — repito pela terceira vez, impressionado.

— Finalmente posso ver seus olhos — exclama Summer.

— Sua cabeça deve estar cinco quilos mais leve. Tirei bastante. Olha só. — Devon para de falar por um segundo e passa os dedos pelo meu cabelo. — Está vendo essa camada logo abaixo da bochecha? Sua estrutura óssea é incríííível! Adorei o comprimento e a maneira como as camadas mais longas emolduram seu rosto.

Sorriso. Acho que fico um pouco vermelho.

— Você é *linda*, Elle. Tem pele, sardas e olhos verdes incríveis. — Devon passa os dedos pelos meus cabelos. — Não precisa usar um pingão de maquiagem! Acho que as mulheres ficam muito melhores ao natural, não concordam?

— Com certeza — diz Summer.

Meio que entendo o que elas querem dizer. Muitas das garotas da Thatcher usam maquiagem demais. Ellie tem uma beleza meio clássica. Não precisa fazer nada, só ser ela mesma.

— Seu cabelo está fabuloso! — Devon continua falando comigo pelo espelho, os olhos brilhando. Ela passa os dedos pelo meu cabelo de novo. — Está superanguloso e o movimento... É como... — Ela para, balança a cabeça e sorri. — Você está deslumbrante, Elle, sério. — Outra piscadinha. — Suas amigas vão morrer de inveja.

SEIS HORAS APÓS O BANHO de gelo, estou parada na porta de Owen Cashman, tentando criar coragem para levantar a mão e tocar a campainha. O Capitão me deu uma carona. Não pude fazer nada a respeito. Estava desmaiada na cama de Jack até que ouvi o telefone tocar e dei um pulo, então ele apareceu na porta.

Eu nem sabia que ele estava em casa.

— Era a mãe do Owen — disse o Capitão. — Vamos.

E, olha, sei que Jack me mandou ficar no quarto, mas qualquer um que tivesse visto o Capitão, que tivesse visto a maneira como estava olhando para mim... Qualquer um teria feito o mesmo: levantado imediatamente, lavado o rosto e entrado obedientemente na caminhonete.

Estou de calça jeans e com o mesmo moletom preto do treino da manhã, embora esteja meio fedido.

O Capitão dirige em silêncio enquanto o sol se põe. Fala apenas três vezes.

Na placa de “pare”, antes de virar à direita:

— A diferença entre ordinário e extraordinário é um pequeno extra.

Quando passamos pelo campo de futebol americano da escola local:

— Se você estiver sempre confortável, nunca vai melhorar. Tem que entender que está lutando por uma vaga.

E enquanto estaciona na entrada de carros enorme da casa do Owen:

— Espero que seu desempenho seja tão bom quanto sei que pode ser. Consistência é a chave. Todos são durões. É briga de cachorro grande. Então esteja preparado para focar amanhã.

Ele olha para mim e juro que conto até cinquenta antes que conclua.

— Seis. Entendido?

— Sim, senhor! — Concordo sem pensar, muito embora não tenha ideia do que quer dizer. *Seis o quê?*

Quando finalmente crio coragem de tocar a campainha, começo um papo motivacional comigo mesma.

Você consegue fazer isso, digo. Afinal, qual é a dificuldade de dormir na casa de um amigo comparado a tudo que fiz hoje?

Sorrio ao pensar no que Gunner diria.

“Vira homem, cara! Você consegue!” Posso ouvir o irmão de Jack na minha cabeça. Toco a campainha, dou um passo para trás e quase imediatamente a porta é aberta.

— Oi, Jack — diz uma mulher que imagino ser a mãe de Owen. — Podia ter entrado direto, bobinho.

Fico olhando para ela, parada no capacho.

— Uau, que corte legal — diz ela, sorrindo com os olhos arregalados. — Entre. Os meninos estão lá.

— Lá? — repito, tentando conseguir alguma pista.

A mãe de Owen me lança um olhar meio estranho.

— Você é engraçado. — Ela dá uma risada simpática. — No porão. Afinal, é a segunda casa de vocês.

— Ah, claro, no porão — digo, mas continuo no mesmo lugar e puxo o jeans largo de Jack.

Ela balança a cabeça.

— Jack Malloy! Quantas vezes você já esteve aqui? Gosto de ver como é educado, mas, de verdade, não precisa. Pode entrar sem que eu o acompanhe. — Ela faz um sinal para que eu a siga, vai comigo até a porta da cozinha e a abre. — Pode descer — diz. — Eles vão adorar ver você.

JACK

DEPOIS QUE SAÍMOS DO SPA, Summer para diante de uma casa enorme. No quintal há um balanço e uma casa de boneca rosa debaixo de uma árvore.

— O que vamos fazer aqui? — pergunto.

— Como assim?

— Por que paramos?

Ela me lança um olhar como se me achasse maluco.

— Sério, querida? Você ainda não quer ir?

— Onde? — Deixo a palavra escapar e imediatamente desejo que não tivesse feito isso. *Pareço um idiota.* Mas não tenho ideia do que estamos fazendo aqui.

Viro e olho pela janela. Sei onde estamos. É a rua do Owen. Estamos três casas à frente da minha antiga escola, do outro lado do campo onde jogamos pique-bandeira depois que escurece. Passei uma centena de noites correndo por essa vizinhança. Mas... *O que exatamente estamos fazendo aqui agora?*

Eu me viro para Summer. Ela parece pasma comigo e apenas fica ali, sorrindo, enquanto permanecemos sentados no carro estacionado. Não tenho ideia do que está esperando.

Então ela estica o braço e passa os dedos pelo meu cabelo.

— É tão bom finalmente poder ver seus olhos, meu amor. — Summer analisa meu rosto por um segundo. — Hoje foi divertido, não foi?

Faço que sim e consigo retribuir com um sorriso tímido.

— Está se sentindo bem? — pergunta ela.

— Sim — respondo, e me viro.

Summer respira fundo.

— O que foi?

— Nada.

— Bem, ok então. — Ela sorri e completa: — Divirta-se!

Eu me viro para ela, em pânico.

— Como assim, divirta-se? A gente não... tipo...

Ela me corta.

— Ah, é verdade! — Os olhos de Summer se iluminam, e ela sai do carro. Ouço o porta-malas abrindo. Então Summer volta para o assento e me entrega uma sacolinha com a ponta de um papel de seda brilhante saindo, fechada por um laço rosa. — Quase esqueci!

Assim que vejo o presente, me lembro da Ruiva. *Nada de festas de aniversário,* foi o que ela disse.

— Ah, não — murmuro, e continuo exatamente onde estou, no banco da frente. Congelado. — Eu... Hum... preciso mesmo ir? — Tento.

— Meu bem. — Summer suspira, avaliando meu rosto. — Por que está com tanto medo da festa da Claire? O que foi? É por causa da Sassy?

Sassy? Olho para ela e dou de ombros. *Estou bem confuso.*

Summer sorri e estica a mão aberta para mim. Levo alguns segundos para entender o que ela quer, até que finalmente pego sua mão. Por um momento, ficamos sentados no carro, sem falar nada. Fico pensando se ela vai me deixar ir para casa. Talvez perceba o quanto estou desconfortável. Talvez me deixe voltar com ela.

Mas em vez disso...

Ela aperta minha mão.

— Não perca seu tempo com a Sassy. Vai ter um monte de outras garotas de quem você gosta na festa. Tire o foco dela e se divirta com suas outras amigas.

Respiro fundo e olho para fora. Para o gramado perfeitamente aparado, para a casa e as flores nos degraus da entrada.

— Divirta-se, só isso. Não se preocupe demais. É só uma noite. — Summer está com um sorriso enorme no rosto. — Amanhã de manhã pego você!

— Amanhã de manhã? — repito, incapaz de acreditar.

Minha expressão de pânico é inútil. Summer parece um pouco intrigada a princípio, mas então um novo sorriso se forma no seu rosto.

— Você já fez isso antes! Um milhão de vezes!

Seguro firme no assento. *Não vou sair daqui! Não vou. Vou ficar. É só...*

Mas ela não está acompanhando meu raciocínio. Ela olha para a porta ao meu lado, se estica e a abre.

— Fora daqui, sua boba!

— Mas... — gaguejo, sem sair do lugar.

Summer se debruça e, antes que eu perceba o que está acontecendo, dá um beijo molhado na minha bochecha.

— Xô! — diz, ainda sorrindo. — Divirta-se!

Saio do carro, segurando a sacolinha cheia de frescura o mais longe possível, como se ali dentro tivesse alguma coisa fedida. Dou alguns passos lentos na direção da casa até ter certeza de que Summer, seu Volvo branco e seu sorriso enorme estão longe o bastante para não ver o que vou fazer. Caso esteja curioso, vou fugir. Prometi para a Ruiva. Disse que não iria a festas, então não vou. Simples assim. Olho para os lados, para cima e para baixo na rua. Por um momento, penso em me esconder na casa do Owen. Mas como eu entraria lá assim, no corpo da Ruiva? É, não vai rolar.

Observo atentamente o jardim lateral e planejo uma rota de fuga. Estou prestes a me enfiar por entre as árvores quando a porta da frente se abre e uma mulher de avental fala comigo.

— Oi!

Ela acena.

Fico no jardim, uma das mãos enfiada no jeans novo e a outra segurando a sacolinha cheia de frescura.

A mulher vem em minha direção.

— Oi — repete, sorrindo. — Veio para a festa da Claire? Nesse caso, está no lugar certo!

Encaro de volta.

— Sei que já nos vimos. — Ela olha para mim, envergonhada. — Mas, para ser sincera, não lembro o seu nome. Sou Ruth, mãe da Claire. E você é a...?

— Eu... hum... — Faço uma pausa estranha, então digo: — Elle. — Pronuncio do mesmo jeito que Devon. *Elle*. Deixo que o nome escorregue pelos meus lábios e inclino educadamente a cabeça, dando um sorriso discreto. Tento parecer feminino e normal em vez de parecer...

Eu.

A mulher sorri de volta.

— Elle, é claro! — Ela faz um sinal para que eu a siga. — Entre, Elle. Por favor!

Por um segundo, considero novamente a ideia de sair correndo. Olho para a esquerda, em seguida para a direita e me imagino disparando pelo campo do outro lado da rua e dormindo ali sob as estrelas. Cara!

Como estou nervoso, meu Deus.

Uma festa só de garotas? A noite toda? Sério???

A mulher de avental percebe minha hesitação.

— Venha, Elle — diz, sorrindo. — Tem um monte de garotas fazendo uma farra no porão, nada que você não tenha visto antes, nada a temer.

— Ah, cara — murmuro, dando um passo relutante para a frente, então outro.

Mal posso acreditar quando começo a segui-la. Quando começo a me encaminhar para a casa. Quando subo os degraus da entrada. Quando piso lá dentro.

A casa de Claire é impressionante, imensa e cheira a pipoca. Posso ouvir o som abafado de risadas e gritinhos femininos vindo de algum lugar. Sigo a mãe dela pela sala e passo pelo pai e pelos irmãos mais novos diante da TV enorme. Faço um esforço para tentar ver o placar. Vinte e três para o Notre Dame contra 16 do Michigan.

— Boa, cara — deixo escapar, quando vejo o jogador do Notre Dame disparar pela lateral. Tenho certeza de que meus irmãos estão de boa no sofá, assistindo ao jogo. — O cara é um monstro! — digo, levantando o punho antes de lembrar que...

— Uau! *Adorei!* Uma menina que gosta de futebol americano! — diz a mãe de Claire, sorrindo surpresa. — Que legal!

Olho para ela e sorrio.

— Posso me sentar aqui um pouquinho para ver o jogo? — tento. *Não custa tentar, né?*

Ela ri.

— Mas aí você perderia toda a diversão. Posso colocar seu presente junto com os outros ou você mesma pode deixar ali. — Ela aponta para a mesa da cozinha lotada de embrulhos coloridos, sacolinhas cheias de purpurina e caixas com laços gigantes. Deixo a sacola cheia de frescura ali.

Enfio as mãos no fundo dos bolsos do jeans novo. A mãe de Claire fica ali parada, sorrindo para mim.

— Desculpe — diz ela. — É só que... não consigo parar de olhar para o seu cabelo! Esse vermelho profundo é maravilhoso. — Ela para, os olhos brilhando. — Você deve ouvir isso sempre.

Dou de ombros.

— Mais ou menos — digo.

A mãe de Claire me leva por um longo corredor amarelo-claro com um bilhão de fotos de família emolduradas. Ela fala enquanto viramos e nos dirigimos para a escada:

— Tem muita comida, espero que esteja com fome, Elle! Tem pizza, salgadinhos e uma salada deliciosa, minha preferida. — Ela ri. — E um monte de porcarias e bolo, muito bolo! Você gosta de pelo menos uma dessas coisas?

— Sim, senhora — deixo escapar. — Quer dizer, hã, claro, obrigada — digo, parecendo afobado.

Quando chego ao fim da escada, não estou preparado. A iluminação vem de um globo de discoteca pendurado no teto e a música explode de dois alto-falantes enormes — está realmente alto. Tem garotas espalhadas por todo lado, duas em pufes, quatro em sofás, duas jogando *Dance Dance Revolution* na frente da TV no tapete grosso e desgrehado. Acho que sou o único que não estou de calça de pijama, camiseta de futebol e meia listrada.

Dou um passo para trás, em vez de para frente, e reconsidero a ideia de correr.

Socorro!

Sinto um nó na garganta. Queria estar na casa de Owen, jogando *Call of Duty*. Em vez disso, estou em uma superfesta do pijama, com um monte de meninas que reconheço da escola, todas do sétimo ano. São muitas! Passo os olhos pelos rostos — Kaitlin, Blair Thompson, Tori, Sassy Gaines, Aspen, Sammie Menina. Nunca falei com nenhuma delas na vida, tirando o treino de futebol ontem. Já disse: sou tímido. Não converso com garotas. Não sou como Sammy. Não sou o tipo de cara que sabe o que dizer. Por

alguns segundos, ninguém me nota ali parado, até que...

— Meninas! — A mãe de Claire levanta a voz. Todas ficam em silêncio, então alguém abaixa o volume da música e todas param o que estão fazendo, se viram e olham para mim. — Elle chegou!

Sinceramente, nunca fiquei tão tenso. Estou de pé com todos os olhos voltados para mim e para a minha roupa nova: jeans e uma malha lilás. Nervoso, levanto uma das mãos e aceno sem jeito, sem conseguir falar. Estou no meio de uma tentativa de sorriso, pensando em quem será Claire e como vou descobrir isso, quando uma loira baixinha, com duas tranças curtas, usando uma camiseta com os dizeres DEUSA ANIVERSARIANTE em lantejola e uma coroa na cabeça vem correndo até mim. Lembro que a vi no futebol.

— Elle! — grita Claire. — Aimeudeus! Adorei o novo apelido! Elle! Que chique! — Claire grita bem na minha orelha e literalmente me agarra em um abraço. — Ai, meu Deus, estou tão feliz que esteja aqui! — Ela fala muito rápido e muito alto. — Você está *tão* linda! Seu cabelo ficou incrível! Tão, tão, tão lindo! Lindo não. *Maravilhoso. Très chic!*

Recuo e tento muito não fazer uma careta que diz, tipo: “*Nossa, cara, você está falando alto demais*”. Em vez disso, simplesmente agradeço em voz baixa e sorrio.

Por alguns segundos, fico ao pé da escada, meio incerto quanto ao que fazer. Então vejo Mackenzie. Do futebol. *Aquela Mackenzie*. Só que, dessa vez, ela não está com o uniforme das Thunderbirds. Está com pijama de seda e o longo cabelo loiro solto.

— Elle! — grita ela do outro lado e vem correndo também. Deixo que me envolva nos seus braços. — Por que não pensamos nesse nome fabuloso antes? Elle! Adorei. *Adorei!*

Mackenzie me segura por uns bons cinco segundos. Sei porque realmente contei. Ela cheira a canela. Tento parecer tranquilo quando ela pega minha mão, me puxa até a poltrona e senta bem perto, de braço dado comigo.

— Não é uma delícia? — pergunta.

Meu coração está acelerado. Minhas mãos suam. Tento não olhar para o corpo dela ou para os seus olhos azuis. Em vez disso, me concentro nos corações cor-de-rosa da calça do pijama.

— Ai, meu Deus! — exclama Mackenzie ao notar o que estou olhando. — Essa é *de longe* a roupa mais confortável que já usei na vida!

Paro por um momento e tento pensar.

— É, sim, bem legal — concordo.

Muito bom, hein? Só que não.

Mackenzie fica de pé e me encara de olhos arregalados e sorriso no rosto.

— Estou simplesmente obcecada pelo seu cabelo! Você está maravilhosa, e digo isso do jeito menos bizarro possível!

Consigo dar um sorriso tímido e olho para a dança e a gritaria fora de controle ao nosso redor. O lugar está muito barulhento. Pra piorar, meu coração bate a quinhentos quilômetros por minuto, porque Mackenzie está novamente sentada ao meu lado e segura meu braço enquanto nos apertamos na poltrona. Nossos ombros estão colados.

— Aliás — diz ela, se aproximando ainda mais e fazendo uma conchinha na minha orelha para falar. — Você-sabe-quem está se comportando de modo bem suspeito.

Mackenzie para, e sigo seus olhos até um grupo de garotas olhando para nós do sofá do outro lado. Ela se aproxima mais e enlaça meus dedos. Meu coração está pulando no peito. Estou em uma poltrona a centímetros de Mackenzie, segurando a mão de uma menina pela segunda vez na vida. Olha, realmente sinto um friozinho na barriga, viu? É muito esquisito, de um jeito bom. Posso ouvir Sammy dizer: “Cara, ela é muito gata!”

Estaria mentindo se dissesse que não concordo, mas... Sei que parece idiota, só que tem alguma coisa diferente nela, na Mackenzie. Ela é muito simpática, tranquila e legal.

Respiro fundo e olho ao redor. Minha nossa, estou suando. *Respire, Jack. Respire.*

Por um segundo, fecho os olhos e imagino se estou sonhando. E só sei que não estou, porque, quando os abro, Mackenzie aperta os dedos, me puxa para mais perto e sussurra no meu ouvido:

— Sério, quem ela pensa que é? Não é legal tratar os outros assim. Odeio isso.

Não tenho ideia de sobre quem ela está falando e me sinto um pouco mal por estar concentrado no toque das nossas mãos, no cheiro dela e em como eu quero que continue sussurrando.

Por favor. Continue. Sussurrando.

— Tipo, sério — continua ela. — Se você não gosta de alguém, é só deixar essa pessoa em paz. Segue em frente.

— Total — respondo, desesperado para impressionar. — Se alguém enchesse seu saco, eu arrancaria a cabeça dessa pessoa! — digo, então percebo o que acaba de sair da minha boca.

— Haha! Obrigada, Elle! — Ela ri e se aproxima ainda mais. — Mas, tipo, não estou brincando. — Mackenzie faz uma pausa, então continua: — Sério, ela é muito dramática!

— Espera. — Dou um sorriso tímido. — De quem você está falando? — finalmente pergunto.

Mackenzie se inclina.

Mais sussurros? Sim, por favor.

— Sassy! — diz ela.



QUANDO CHEGO AO FIM DA escada, noto que o porão está completamente escuro, a não ser pela luz da TV gigantesca. Tropeço em três caixas de pizza, e tento parecer tranquila quando afundo na ponta do enorme sofá de couro com os joelhos bem juntos e os braços cruzados. Tento não pensar no fato de que estou sentada em um porão escuro e fedorento com seis garotos do oitavo ano, todos sem camisa, de calça jeans e com a cueca à mostra.

— Bem-vindo à caverna, cara! Cabelo legal!

Reconheço a voz. Sammy.

— Ah. Hã. Oi — digo. E então, tento parecer relaxada: — Beleza?

Quase abro um sorriso.

De onde tirei isso?

Posso ver o rosto dele agora. É mesmo Sammy. Quando sorri, à meia-luz, um brilho travesso toma conta de seus olhos. Ele está no mesmo sofá que eu.

— Como está a nareba? As garotas curtiram o lábio inchado?

— Está bem — digo.

É esquisito, mas pela primeira vez acho que pareço com Jack. Recosto no sofá. Fico quieta. Acompanho o tiroteio na tela gigantesca. Ouço as explosões.

Owen está esticado no chão. Sem travesseiro.

— *Dutes* é demais — diz ele, hipnotizado pelo jogo.

— *Dutes?* — repito. Não é minha intenção, mas sai no automático.

— Cara, *Call of Duty!* — explica Sammy. — Tá viajando?

— Rá! — Solto uma risada desconfortável. — Só tirando uma com você.

— Cara — diz uma quarta voz. — Você está acabando com meu K/D! O cara está correndo com Marathon Pro e metendo a faca nas minhas costas!

Então uma quinta:

— Total! Sossega aí! Dominado! Viu isso?

E outra:

— Eu poderia ficar aqui a noite toda, só observando vocês, idiotas...

Oi?

Assim que meus olhos se acostumam com a escuridão, e com a ajuda da iluminação oscilante da TV, observo os rostos no porão. São os garotos do oitavo ano com quem Jack foi para a piscina durante as férias. Nunca falei com nenhum deles, mas sei quem são: Owen, Sammy, Demaryius, Trey. E dois outros caras, Brayden e Dominic Hersh, que estudaram comigo no ensino fundamental. São gêmeos. Cheira a chulé aqui embaixo. Salgadinhos, latas vazias de refrigerante. Não posso falar nada da bagunça dos outros, mas é meio nojento. Continuo encolhida no sofá, as pernas dobradas, até que Owen levanta, vem até mim e me passa o controle.

— Tenho que mijar — diz ele. — Assume aí.

— O quê? Não! — digo um pouco alto demais, tentando devolver o controle.

Owen olha para mim parecendo chocado.

— Cara, não consigo entender você. Tá de brincadeira com a minha cara? Não quer jogar? Anda, meu K/D vai despencar.

— Não, estou na boa, juro — respondo. Escondo as mãos e me afundo no sofá. — Vou ficar aqui assistindo.

— Tá maluco, cara? Dá aqui que eu jogo. — Demaryius pega o controle da mão de Owen. — Nunca vi Jack Malloy recusar uma partida de *COD*. Tem uma primeira vez pra tudo, acho.

Fico ali, pacientemente sentada por... Quanto tempo? Pelo menos uma hora sem ninguém falar nada. É muito estranho! Fico olhando para o cano das armas na tela gigante e acompanhando explosões e tiros enquanto ouço comentários aleatórios mais ou menos assim:

— Cara, *dominei* você!

— Cara, destruí você completamente.

— Cara, olha só esses *campers*.

Campers?

— Cara, tem dois *campers* naquela sala. Presta atenção!

A segunda hora é praticamente idêntica, só que, de vez em quando, Sammy fala de garotas. Se quiser visualizar a cena, pense que esses os garotos — ou ao menos estes daqui — não param o que estão fazendo para falar. Eles conversam completamente focados em atirar em zumbis e explodir qualquer coisa.

Sammy: Cara, sério! Sabe quem é muito gata?

Trey: Aspen?

Sammy: Putz, cara. Ela é demais!

Brayden: Total nota dez.

Dominic: Não vou mentir, ela detona quando usa *legging*.

Sammy: E logo vai estar louquinha por mim.

Trey: Vai sonhando. Você está mais na *friendzone* dela do que qualquer um de nós.

Sammy: Ah, então tá. Não vou ficar contando vantagem, mas você vai ver. É só eu querer.

Dominic: Cara, Sammy, você precisa parar de falar.

Todos riem, inclusive Sammy.

Fecho os olhos. Foi um dia muito cansativo. A montanha, a Jaula, o banho de gelo.

Não tenho ideia de por quanto tempo durmo. Ainda está escuro quando abro os olhos para a luz pulsante da arma e das explosões na tela. Os garotos ainda estão concentrados no jogo. Fico sentada em silêncio por alguns segundos antes que a mãe de Owen entre, carregando caixas de pizza e um pacote com 12 latas de refrigerante. Talvez seja a melhor visão que tive o dia todo.

Ninguém percebe a presença dela além de mim.

— Owen — diz ela, parecendo meio irritada. — Solte essa coisa e olhe para mim, por favor! — A mãe dele fica parada na porta, carregada de coisas nos braços. — Meninos, trouxe pizza e asinhas de frango superapimentadas, ok? E refrigerante. Tentem não fazer muita sujeira. Meninos! Owen!

Ele dá uma olhada rápida.

— Desculpa, mãe, não posso falar, eu... — A voz dele vacila. — Caaaaara! Inacreditável! Vocês viram isso? Obliterei o cara. Você está jogando com profissionais agora, meu filho!

A mãe de Owen deixa as caixas de pizza, as asinhas e o refrigerante na mesa. Levanto e ajudo a abrir espaço. Nem consigo dizer o quanto estou animada. *Comida!* Ela olha enquanto abro as caixas de pizza, tiro pedaços quentinhos, coloco nos pratinhos de plásticos e começo a passar para os garotos.

— Jack Malloy — diz ela, parecendo agradecida. — Sempre posso contar com sua educação.

Depois da pizza, jogamos um pouco de futebol americano. Não de verdade. Ainda estamos no porão escuro. Todos continuam sem camisa. É outro jogo de videogame. Owen é particularmente bom nele.

— Posso jogar *Madden* a noite inteira! — diz ele, com os olhos arregalados. — Quem acha que pode superar essa máquina, é só tentar. Vai ser destruído!

— Cara, acho que você tem um problema sério de vício em jogo — diz Demaryius.

Ele dá um empurrãozinho brincalhão em Owen, que se recompõe depressa, mantendo os olhos bem abertos na tela e sorrindo abertamente, com o controle firme nas mãos.

Todos riem. Até eu. Owen é tão bonzinho e fofo que é impossível não gostar dele. E, fazer o quê, mas até acabo jogando. Pego o controle e começo a apertar todos os botões, apesar de não ter a menor ideia do que eles fazem. Observo, sorrindo, enquanto meu personagem corre pelo campo, a bola presa debaixo do braço, a torcida apoiando. Nem me importo com os garotos tirando uma da minha cara.

— Péssimo, Mallsy. — Trey desata a rir. — Desiste de jogar com a gente, seu *noob*.

— Cara, você só pode estar brincando — diz Demaryius. — Está correndo pro lado errado!

— Bom trabalho, cara — diz Dominic, aplaudindo. — Excelente. Só que não.

Sinceramente? É meio que um alívio só sentar e jogar, sem bater papo. Na verdade, é divertido. Diria até que estou gostando. Estou exatamente pensando em como não é assim tão ruim quando, como se estivesse esperando uma deixa, Sammy revela seu plano para a noite.

Ele está mexendo no telefone.

— Ei, gente, acabei de receber uma mensagem — diz ele, sem tirar os olhos da tela. — Querem encontrar as garotas no parquinho?

Todos ficam em silêncio por alguns segundos tensos.

Garotas? Ah, não.

Trey arrota alto. Fede a pizza de pepperoni.

— Quem vai? — pergunta ele.

— Minha futura esposa — diz Sammy, então olha para nós. — Não, falando sério. Sassy, Aspen, Claire, todas as meninas do sétimo ano.

Demaryius vira para Sammy.

— Cara, Sassy Gaines? Ela é muito gata, mas...

— Usa maquiagem demais, cara — completa Dominic. — E fala tanto que até dá dor de cabeça.

— Caaaaara — diz Sammy, discordando. — Ela é demais. Totalmente gostosa. Tem um corpo incrível.

— Não estou dizendo que ela não é gostosa. — Demaryius faz uma pausa antes de explicar. — É alto nível, concordo. Mas, sério, fala demais. Eu fico, tipo, cala a boca! E, além disso, ela é muito grossa. Falsa. Desesperada por atenção. Já tentou conversar com ela por, sei lá, mais do que cinco segundos? Ela só tira sarro dos outros. Não gosto nem de ficar por perto. Tipo, vê se cresce, sabe?

Brayden se joga no sofá, levantando os pés.

— É isso aí, bota pra fora, Demaryius. Vamos falar umas verdades aí. Boa, cara!

— Ah, é, sou exatamente esse tipo de cara. De nada! — Demaryius ri. — Sério, cara, não adianta nada ela ser gata sendo tão cheia de negatividade.

Sinto um aperto no peito. Minhas orelhas queimam e tenho a sensação de estar ouvindo algo que não deveria. Entrego o controle para Owen e cruzo os braços, tentando agir como se não prestasse atenção, embora preste — e muita.

Meio que não quero que eles parem.

— Ei, Mallsy! — Brayden levanta a mão esperando um *high-five*. — Ela é totalmente a fim de você.

Aimeudeus. Isso vai ficar bem esquisito.

Trey me acerta com uma almofada.

— O cara tá com a cabeça nas nuvens, como sempre.

Eles riem.

— Sério, Mallsy — diz Brayden, acenando com a cabeça. — Pode negar, mas Sassy Gaines está apaixonada por você. Reparou no jeito como ela ficou secando você na piscina durante as férias inteiras? Total *stalker*.

— Que nada — murmuro, balançando a cabeça e tentando não parecer tão desconfortável quanto estou. Dominic ri.

— Vamos ser honestos, cara. Todo mundo sabe que as garotas são loucas por você. Cai na real. Você não precisa nem se esforçar, cara. Aproveita isso. Passa um pouco dessa *vibe* adiante!

Aimeudeus.

— Rá! Repara que ele não nega — diz Trey, rindo. — Só ri. É, Mallsy, tenho certeza de que a maioria dos caras adoraria ser você.

Preciso mudar de assunto rápido. Isso não vai terminar bem.

— Ah, por favor — tento. Quando ouço o que digo, vejo como soa patético. — Tipo, por favor, vai. Querem parar com isso?

Brayden enfia uma mão de pipoca na boca.

— E temos aqui um daqueles momentos desconfortáveis em que um cara age como uma garota e a gente fica sem saber o que dizer. Você é hilário, Mallsy!

Dou uma risada forçada. Posso sentir minhas bochechas esquentando.

Sammy levanta e limpa as migalhas da calça.

— Então vamos todos, né? Encontrar as garotas? Quem topa?

Owen me olha de relance, então alterna entre mim e a TV.

— Não dá pra gente ficar aqui? — pergunta ele, parecendo nervoso. — Podemos jogar *Minecraft*, *Halo*, *Madden*... Escolhe aí, Sammy. O que você quiser.

Owen larga o controle e levanta, então anda até o sofá e afunda ao meu lado.

— A verdade é... — Owen olha para Sammy enquanto fala. — Se a gente for pego, estou ferrado. Pra você não tem problema. Seus pais deixam você fazer o que quiser. Sério, Sammy, você se livra de praticamente qualquer coisa. Mas pros outros é diferente, você não entende. Jack e eu vamos ficar de castigo pelo resto da vida.

Sammy dá um sorriso brincalhão para Owen.

— Relaxa, moça! Você está com o mestre. Não precisa se preocupar. Sua mãe nunca vai descobrir. — Então ele vira para o resto de nós: — E vocês, garotas? — pergunta ele, os olhos cintilando.

Trey levanta num pulo.

— Eu topo!

— Vamos ver — diz Brayden, levantando. — Encontrar um monte de garotas ou ficar no porão com um monte de boçais? Rá. Tô dentro. Vamos nessa.

Demaryius dá de ombros, então levanta também.

— Você é maluco, Sammy. Mas tô dentro.

Sammy olha por último para mim.

— Mallsy, você vai ter que aceitar, nem tenta fugir. Você leva jeito pra coisa e as garotas amam você. — Ele sorri, revelando covinhas enormes. — Vamos, cara, todo mundo precisa curtir de vez em quando. Partiu?

Estão todos olhando para mim.

Esperando.

Como se eu decidisse.

Até Owen me olha, de repente parecendo animado com o grande plano de Sammy, como se quisesse que eu concordasse. Ele direciona um sinal positivo para mim e se levanta também.

— E aí? — Sammy pergunta de novo. — Vamos, cara. O que diz o homem, a lenda, o mito, Jack Malloy?

Estão todos parados diante de mim, sem camisa, a calça jeans caindo dos quadris, com as cuecas aparecendo, todos me encarando com um sorriso idiota no rosto.

— Anda, cara, vamos viver um pouco. — Sammy pressiona. Os olhos dele estão arregalados. — E aí, o que me diz? Qual vai ser?

Por um milésimo de segundo, aproveito a sensação de poder. Deixo os outros esperando. Sob o feitiço de Sammy, não penso nem por um segundo no que Jack gostaria que eu fizesse. Pedi que ele não fosse à festa de Claire, então ele não vai estar lá, não vai ficar sabendo. Eu me sinto estranhamente corajosa. Pela primeira vez em muito tempo não estou nervosa ou com medo.

Não acredito no que digo. Uma única palavrinha. Mas digo.

Dou de ombros e...

— Beleza.

Sorrio ao dizer isso.

TEM IDEIA DE COMO É difícil se sentir homem enquanto estão pintando suas unhas de rosa cintilante?

— Ficou lindo! — diz Mackenzie, espremida contra mim no sofá. — Aqui! — Ela pega um vidrinho coral com glitter. — Agora pinta a minha!

— Melhor não, não sou muito boa nisso — digo, balançando a cabeça.

— Tá maluca? — Ela sorri e pega minha mão. — Essa cor é tão linda! Por favor!

Pego o vidro e abro. Ela coloca a mão na minha *perna*. Preciso fazer muito esforço para me concentrar. É tipo pintar um daqueles carrinhos de montar, certo? É o que repito para mim mesmo. Que não estou fazendo isso. Que não estou morrendo de um jeito lento e doloroso, do tipo não-dá-para-ser-mais-moça-do-que-isso. Surreal. *Vão confiscar minha carteirinha de homem permanentemente depois dessa*, penso, quase rindo.

Em seguida, sou o primeiro a me servir de pizza (com queijo extra), batatinhas e balas de ursinho. Mando tudo pra dentro com chá gelado de pêssego e três fatias de bolo (baunilha com cobertura de chocolate). Então chega a “hora dos presentes!”. Claire pega minha sacolinha e observo enquanto ela procura entre o papel de seda, o suspense no ar, já que não tenho ideia do que dei pra ela. E ok, ok, pode tirar com a minha cara se quiser, mas sorrio quando a vejo arregalar os olhos e dar um gritinho de alegria ao descobrir o que é.

— Um travesseiro de bichinho! *Amei*, Elle, muito obrigada!

Claire pula e me dá um abraço apertado. Nunca tinha visto um travesseiro de bichinho antes. *Manteiga Derretida é meu nome*, penso, afundando no sofá.

Depois, Claire insiste para que eu ponha um pijama também. Ela me arrasta até o quarto lá em cima e tira uma calça roxa e felpuda da gaveta.

— Sente só! — Diz ela, animada. — É a minha preferida. Supermacia e confortável!

Sim. Tá bom?

Eu visto.

Agora estou sentado em um sofá grande em L, banhado pela luz que o globo reflete, assistindo a algum filme de menina na TV, com uma camiseta de manga comprida das Thunderbirds e a calça roxa. Minhas unhas estão pintadas de rosa e estou espremida entre Sammy Menina (que é hilária e muito legal) e Mackenzie. Não me incomodo com o fato de as pernas de Mackenzie estarem em cima das minhas. Ninguém acreditaria se soubesse onde estou agora. Jett vive dizendo: “Curte o momento, cara”. Acho que ele está certo.

Olho em volta e, pela primeira vez na noite, ninguém fala nada. Os olhos de todas estão no filme. Estou meio vendo, meio dormindo, quando Claire diz:

— Sabem o Sammy Armstrong?

— Nossa, ele é um gato! — comenta Tori.

Do outro sofá, Sassy desdenha.

— Uí, eca, nem um pouco! É uma pena quando as pessoas se contentam com pouco. Ele não é nada

interessante.

Sammy? Tenho que ajudar o cara.

— Acho que ele é muito legal! — digo, surpreendendo a mim mesmo. Balanço a cabeça e sorrio só para confirmar.

— Sério, alguém perguntou? — rebate Sassy. — Cala a boca, ninguém se importa com a sua opinião.

Sassy ri, Aspen também. Sinto Mackenzie me puxando para perto pelo braço.

— Ignora essa garota — sussurra. — Não sei qual é o problema dela.

Por um momento, ninguém diz nada. Então...

— Relaxa! — Sassy começa a rir, os olhos focados em mim. — Foi só uma *piada*. Supera. Meu Deus, as pessoas são tão imaturas!

Fico olhando para Sassy na penumbra. *Sério isso?* Cara, essa garota tem sorte de eu não ser eu. Se fosse um cara tirando uma assim comigo, ficaria preso no meu mata-leão por muito tempo. Respiro fundo e balanço a cabeça. *Que idiota!* Sassy Gaines definitivamente age diferente de quando está perto de mim na piscina, ou de como agiu o ano passado inteiro quando me encontrava nos corredores da escola. Estava sempre sorrindo e me elogiando. E olha que nunca sequer troquei uma palavra com a garota!

Sassy levanta de repente do sofá e vai para a frente da TV. Fica lá bloqueando nossa visão, com as mãos na cintura.

— Desliga — diz em tom de ordem.

Não gosto do jeito como ela fala com as amigas.

O cômodo fica em silêncio. A única luz vem da enorme tela atrás de Sassy. Todos os olhos estão nela e no seu cabelo loiro, brilhante e liso de chapinha, na sua calça de pijama de oncinha, na blusa justa demais e tão curta que nem cobre o umbigo. Ela joga o cabelo para trás.

— Hã-hã — diz Sassy, parecendo contente por ser o centro das atenções. — Tá. — Ela faz uma pausa para dar risadinhas e trocar olhares com seu clubinho exclusivo, formado por Kaitlin, Tori, Aspen e Blair. As Barbies da vida real, que adoram revirar os olhos para os outros e estão sentadas lado a lado no sofá mais afastado. — Esse filme é um saco. Vamos falar sobre garotos! — (Pausa para gritinhos.) — Espera, primeiro... — Sassy para e olha para seu pelotão. — Alguém me traz batatinhas, estou morrendo de vontade.

Obediente, Tori pula como um cachorrinho, levando um pacote para Sassy e até o abre para ela.

— Você é meu anjo da guarda, amiga! Te amo! — diz Sassy, voltando a se sentar.

— Muito bem, bobinhas. — Tori assume o lugar de Sassy. — Digam o nome do garoto de quem gostam. Eu começo! — Ela para e dá uma risadinha. — Amo completamente o Demaryius Jones.

— Ai meu Deus, total! — Kaitlin solta um guincho. — Ele é muito lindo!

— Uma gracinha — concorda Claire.

— E muito inteligente. Faz matemática comigo — completa Blair.

Todas viram para Mackenzie.

— Kenzi, agora é você — diz Sassy, liderando a conversa do sofá no qual está sentada.

Meu coração acelera. Não acredito que estou dizendo isso, mas meio que quero que ela fale meu nome.

— Não sei — Mackenzie dá de ombros. — Vai outra, isso é bobeira.

— É, fala sério — sussurro.

Dois dias atrás eu nem sabia que ela existia. Agora? Respiro fundo e sinto seu ombro pressionando o meu.

— Tudo bem — diz Sassy, então vira para Sammy Menina. — Sua vez, amiga!

— Ok, mas não vale rir. — Sammie enruga o nariz. Levanta os joelhos e os segura enquanto fala: — Então... Vocês prometem?

Ela dá uma risadinha.

— Prometemos. Anda, Sammie! — Aspen pressiona.

— Gosto do Owen Matthews. Ele é engraçado e...

— Boa! — interrompo. Não posso evitar. Quase perco o controle e começo a rir.

Sammie enterra o rosto nas mãos.

— Aimeudeus. Não comentem!

E, então, os portões se abrem. Todas começam a falar ao mesmo tempo. Parece que citam todos os caras que conheço.

Tori sobre Dominic: Bonitinho. Não vou mentir.

Kaitlin sobre Trey: Ele é legal, me ajudou com a lição de casa de francês no ano passado.

Sassy sobre Brayden: Eca, não! Nojento!

Blair sobre Sammy: Acho ele muito gracinha, mas é rodado demais. Nunca fica com uma garota só. É pegador demais.

Aspen sobre Keegan Lowe: Um pouco imaturo.

Sammie sobre Robby Donovan: Muito bom no basquete. E superengraçado!

Mackenzie sobre Mason Rice: Ele é fofo. Dá pra entender porque um monte de garotas gosta dele. Mas está no sexto ano. Então não!

Claire sobre Danny King: Muito, muito inteligente. Faço aula de ciências com ele.

Sammie sobre Everett MacGregor: Bonitinho, mas meio babaca.

Eu me sinto ainda mais molenga do que manteiga derretida sentado aqui ouvindo isso. Estou prestes a levantar e me esconder no banheiro quando o nome Porter Gibson surge.

Sammy Menina não parece muito brincalhona quando diz:

— Ele pode ser babaca, mas, tipo, tenho pena do cara. Meus pais são amigos dos pais dele. O irmão morreu no ano passado. Foi, tipo, câncer nos ossos. Ele tinha 15 anos. Muito triste. Porter enfrentou uma barra. — Ela se inclina para mim. — Horrível, né?

Nem consigo encarar Sammie. Foco os olhos à minha frente. Tudo parece estranho. Só vejo as luzes da TV. Fico instantaneamente enjoado. Isso explica por que Porter é sempre um babaca, imagino. Sinto pena do cara pra valer. De verdade. Se algo acontecesse com meus irmãos...

Meu coração dispara e a cena da briga volta à minha mente — minha camiseta ensanguentada, eu derrubando Porter com um único soco. Fiquei maluco na hora. Segurei o cara no chão. Fui com tudo. Descontei nele.

Estou sentado espremido entre Sammie e Mackenzie. Mas é como se, de repente, não houvesse mais ninguém ali e tudo fica distante. Tenho uma sensação horrível. Começo a pensar na minha mãe. Tudo mudou no dia em que ela morreu. *Tudo*. Lembro como se fosse ontem. Engulo o sentimento de volta. Escondo dentro de mim. Balanço a cabeça para impedir que ele venha à tona.

— Ei — Mackenzie sussurra. — Tudo bem?

— Tudo — digo, dando um sorrisinho.

Mackenzie suspira e apoia a cabeça no meu ombro.

— Não se preocupe — diz baixinho, para que ninguém mais possa ouvir.

Sassy está chamando a atenção de novo. Voltou para a frente da TV e começou a falar sobre um garoto que elas chamam de Príncipe.

— Razões pelas quais somos todas obcecadas pelo Príncipe, não necessariamente nessa ordem — anuncia ela. — Razão número um! — Sassy faz uma pausa dramática. — Ele é *tão* fofo e tem olhos lindos, com cílios enormes tipo... Aimeudeus!

— Ele é muito lindo! — grita Blair. — É bom em tudo!

— E é tão educado! Uma gracinha — diz Claire. — Ele é, tipo, durão e doce ao mesmo tempo. Tipo um cavaleiro!

— Com certeza! — Até Sammy Menina concorda. — É seguro de si, mas não é arrogante. Ele é muito legal!

— Já viram a barriga dele? — pergunta Kaitlin, rindo. — Tipo, sério! Aimeudeus! Só... Uau! Não dá pra descrever. E o cabelo?

— Ele é tão gostoso! — Tori conclui. — Maravilhoso! Um colírio total. Supergracinha!

— Total! — Aspen suspira. — Nenhum cara chega nem perto da gostosura dele!

— Ele é uma delícia — declara Sassy. — Estou completamente apaixonada, e *não estou de brincadeira!* — Então ela abaixa a voz para quase um sussurro, mas obviamente querendo que todo mundo preste atenção. — Eu não ia falar nada, mas... — Ela hesita, sorrindo.

— O quê? Conta! — grita Tori, rindo.

— Bem — diz Sassy —, ele beija superbem! — Ela ergue as sobrancelhas. — Podem acreditar — diz, sorrindo e parando para olhar as outras. — Adoro quando o Príncipe pega minha mão e me beija. “Você é minha”, é o que costuma sussurrar bem *no meu ouvido*.

— Aimeudeus, sério? — pergunta Claire. Os olhos dela estão arregalados.

— Sério! — Sassy conta vantagem. — Ele me disse isso nas férias, atrás dos armários da piscina.

— Ai meu Deus, ele sussurra no seu ouvido? É literalmente a coisa mais fofa do mundo! Vocês combinam — diz Blair. — Os dois são muito bonitos. Seus filhos vão ser uma graça!

Sassy suspira e sorri:

— Não é?

Não sei quem é esse Príncipe trouxe, mas tenho pena dele se está envolvido com essa garota. Ela é idiota. Gente assim me deixa morrendo de ódio. Preciso tirar uma com a cara dela. Vamos, Jack! Mexe com ela, aproveita.

— Ele é meu amigo — digo, me esforçando pra manter a cara séria. Nem sei quem “ele” é. Só quero irritar Sassy. — É, hum... — Faço uma pausa enquanto tento pensar na maneira como os caras falam no vestiário. — A gente conversa às vezes. De boa. Nada de mais.

Rá! Mordo o lábio para não rir na cara dela.

— Ah, então você é, tipo, amiga do Príncipe? É, tá bom! — Aspen estreita os olhos pra mim. Parece brava de repente. — Não força, Ellie. Só nos seus sonhos.

— Não precisa acreditar se não quiser — digo. Então dou um sorriso. Sei que Sassy está irritada. A garota é uma piada.

— Desculpa, me deixa rir só um pouquinho. — Sassy solta uma risada histérica. — Você? Amiga do Príncipe? Hahahahaha! É a coisa mais engraçada que já ouvi. Ellie, se poupa desse mico. Não inventa.

Mackenzie cutuca meu cotovelo.

— Nem responde. Ignora.

Sammy Menina também fala.

— Não dá atenção, Elle.

Sassy revira os olhos e suspira audivelmente.

— Sério, a falta de maturidade de *algumas pessoas* é impressionante. Acha que fazer escova no cabelo e inventar um novo apelido pra si mesma de repente muda quem você é? *Por favor!*

Sinto a adrenalina tomar conta de mim. Sei que provavelmente deveria parar. *Esquece! Mas, cara!* Essa menina me dá nos nervos. Olho de volta para ela, tipo, “Tá de brincadeira?”.

— Ridícula — murmuro.

— Por favor, meninas! — Claire parece chateada. — Estamos numa festa. Podem pelo menos tentar ser legais?

Por um minuto ou dois um silêncio desconfortável toma conta do lugar. Ninguém fala até que o celular de Sassy, que estava enfiado dentro da calça do pijama, toca, e ela o pega.

— *Excusez-moi!* — anuncia, com um sotaque francês péssimo.

Ela baixa os olhos para ler uma mensagem. Alguns segundos depois, ergue a cabeça, sorrindo.

— A coisa está prestes a esquentar — diz ela, e seus olhos têm um brilho selvagem. — Todo mundo

levantando — ordena, praticamente correndo até onde Aspen está e a colocando de pé. — Vamos dar uma voltinha!

— Hum... pessoal — diz Claire, que parece preocupada. — Se a gente sair e alguém ficar sabendo... Sério, não vai ser legal se a minha mãe descobrir.

Sassy revira os olhos.

— Ah, por favor, não seja tão criança. É uma festa. Você está fazendo 13 anos, não sete. Não estamos mais no quinto ano. Temos que nos divertir como gente grande!

Aspen pula.

— Vamos! — diz ela em um gritinho agudo.

Tori é a próxima.

— Tô dentro, nem sei do quê!

Kaitlin, Blair — todas topam. Até Claire acaba levantando.

— Tudo bem, vamos!

Sassy ri, então vira para mim, Sammie e Mackenzie — as últimas sentadas —, com um sorriso no rosto.

— Acho melhor vocês virem também. Ellie, você e sua imaginação fértil vão ter a chance de provar que estou errada.

— Hã? — pergunta Sammy Menina. Todos olhamos para Sassy, confusos.

— Você é tão patética que precisa inventar histórias. Vamos para o parquinho e... — Ela para e olha para Aspen, por tempo o bastante para que todo mundo perceba que está tramando algo. — O Príncipe vai estar lá também — informa, olhando diretamente para mim. — Então, Ellie, agora você vai poder passar vergonha na frente de todo mundo, porque eu o conheço *bem*, se é que você me entende. — Sassy para de novo, olhando para as garotas e sorrindo. — O Príncipe é meu, todo mundo sabe disso, e você está prestes a ser humilhada. *E muito*. — Ela espera por um segundo, então encerra: — Ou, se quiserem, as bebês podem ficar aqui.

— Tá, tá, parem de brigar. — Claire tenta me puxar, mas não me movo.

— Vamos lá. — Sammy Menina desiste. — Uma aventura à meia-noite. Vai ser divertido.

Até Mackenzie cede diante do poder de dominação de Sassy.

— Vou estar com você o tempo todo — sussurra ela para mim antes de ficar de pé.

Agora estão todas prontas para ir e só eu continuo no sofá. Meu Deus! Essa Sassy é totalmente sem noção. Ela não desiste. Só pra registrar, estou mordendo o lábio inferior para não dizer nada de que possa me arrepender.

Sassy olha para Aspen e Tori. Claramente está rolando algum tipo de piada interna entre elas.

— Vamos, Ellie. — Ela olha para mim com um enorme sorriso falso. — Prove que estou errada. Se conhece o Príncipe como diz que conhece, não precisa ter tanto medo. É ou não é?

Sassy joga o cabelo para trás ao dizer isso, rindo. Estão todas me encarando, e sou engolido pelo sofá gigante e vazio. E, olha, tento guardar pra mim, tento não falar nada. Porque, se elas querem sair e se comportar feito idiotas, posso muito bem ficar sozinho nesse sofá superconfortável. Simples assim. Mas não consigo aguentar. Essa menina é completamente maluca. *Tá*. Vou perguntar.

— Quem é o Príncipe? — finalmente solto.

Todas olham para mim como se eu estivesse totalmente doida.

Sassy sorri para seu bando, então volta a olhar para mim e diz, com a mão na boca:

— Sério, Ellie. Eu sabia que você estava mentindo. Algumas pessoas são tão patéticas, meu Deus... *Você*, amiga do Príncipe? Isso nunca, nunca, *nunca* vai acontecer! — Ela começa a gargalhar. — Aimeudeus — Sassy começa a arfar e inclina o corpo. — Vou morrer de rir!

Chega. Eu levanto. Tenho que fazer isso. Sem dizer uma palavra ando até ela e ficamos cara a cara.

— Quem é ele? — repito, meus olhos queimando os dela. Sinto que estou perdendo o controle. Meus

punhos estão fechados.

— Quem é ele? — Sassy me imita, afinando a voz e cantarolando. Algumas garotas riem, desconfortáveis... Então há um silêncio atordoado quando Sassy abre um sorriso irônico no rosto e diz:

— Desculpe, mas eu estar certa ofende você? Ou você curte dar essas encaradas?

Que menina ridícula.

Mantenho a boca fechada. Aperto o maxilar. Olho de volta para ela, tipo, “Está falando sério?”.

Sassy hesita por um segundo, sorrindo largamente, então começa a rir de novo.

— Quem é o Príncipe? — repete ela, rindo na minha cara. — Ai, meu Deus. Como se você não soubesse! Por favor, para de pagar mico, Ellie! Como se você não soubesse! — Ela olha diretamente para mim quando diz: — Dããã! É Jack Malloy!

SAMMY PRATICAMENTE ME EMPURRA PELAS portas de vidro de correr.

— Cara — sussurra —, prometo que vai ser demais!

Quando saio para a noite, o ar quente do outono atinge meu rosto. O cheiro é bom aqui ao ar livre, melhor do que no porão. Estamos os sete no enorme quintal. Jogo a cabeça pra trás e fico olhando para o céu cheio de estrelas. *Nunca vi tantas*, penso, sorrindo de leve enquanto absorvo aquilo tudo. É a primeira vez que saio no meio da noite. Nunca saí escondido. Meu coração está acelerado, mas de um jeito bom.

Sammy coloca a mão no meu ombro.

— Não acredito que você finalmente está se soltando, cara. Passei as férias inteiras implorando pra gente dar uma escapadinha e ir encontrar as garotas! É isso aí, cara! Um novo Jack! Quebrando as regras!

Olho para Sammy.

— Opa, espera aí — digo.

Talvez não seja uma boa ideia.

Olho para os garotos. Sammy e Owen estão ao meu lado, além de Brayden, Dominic, Demaryius e Trey. Todos estão com essa expressão meio selvagem, de quando, imagino, alguém está prestes a fazer alguma coisa que não deveria.

Sammy aperta a mão no meu ombro.

— Vai ficar tudo bem. Relaxa, cara. Estou orgulhoso de você. Até o grande Jack Malloy precisa se divertir um pouco.

Dou um sorriso fraco para ele e para todos os outros.

Trey ri.

— Cara, precisamos da sua presença. É você quem atrai as garotas. Sem você não vai ter graça.

Brayden faz que sim, sorrindo.

— Ele tem razão, cara.

— Tudo bem, vamos nessa — digo finalmente, esticando a mão como as Thunderbirds fazem no futebol. Eles imitam o movimento, colocando as mão uma em cima da outra. Sinto o peso, porque é a minha que ancora todas as outras.

Sammy ri.

— Rápido, fala alguma coisa inspiradora. Parecemos um monte de garotas parados desse jeito!

Eles olham para mim, à espera.

— Quando quiser, cara — diz Demaryius, rindo.

— É. — Trey lança um sorriso rápido. — Não queremos *ser* garotas, queremos *ver* garotas.

Todos riem.

— Relaxem — digo, surpreendendo a mim mesma com a confiança. Então um flash vem à minha mente, graças a...

— Para os rapazes, com os rapazes! — sussurro sob o céu estrelado. Noto pelo olhar deles que disse a

coisa certa.

— Para os rapazes, com os rapazes!

Em meio aos risos, o grupo entoa em um sussurro. Levantamos os braços e nos dirigimos para as árvores que separam a escola e o quintal de Owen. Sammy caminha ao meu lado, seu ombro tocando o meu enquanto abrimos caminho entre os galhos.

— Cara, aquele círculo provavelmente foi a coisa mais mulherzinha que já vi. — Ele ri. — Mas foi legal! Fechamento com os parceiros é sempre bom!

Então?

— O último a chegar é uma garota — grita Sammy, e todos corremos.

* * *

Quando chegamos às árvores, a corrida fica séria. Mal consigo ver à minha frente, já que os galhos bloqueiam o céu noturno. Está escuro e silencioso, a não ser pelo som leve e ritmado dos meus pés, que mal tocam o chão. Ultrapasso todos eles, um por um. Nada me segura. Pulo os obstáculos, sou atingido por galhos. Até me arrasto por baixo de uma tora. Voo por entre o bosque. Deixo todo mundo pra trás.

— Você é um monstro, Jack — grita Sammy lá de trás.

— Você é o cara, irmão! — Demaryius apoia.

— Você é sinistro, cara! — diz Brayden.

— Calma aí, gente! — grita Dominic.

Reduzo a marcha. Inspiro o ar quente, a quietude. Não consigo acreditar que ainda estou acordada, correndo em meio às árvores no meio da noite. Parece que não durmo há dias. Relembro a montanha, minha mão na pedra, o banho de gelo... Jett, Stryker e Gunner estariam orgulhosos de mim agora. É estranho, mas a escuridão me deixa mais rápida. Eu me sinto quase invencível. Sou a primeira a sair do bosque, a primeira a correr pelo parquinho coberto de lascas de madeira, a primeira a passar pelas janelas do jardim de infância.

— Casca-grossa — sussurro para mim mesma quando paro, apoiando as mãos nos joelhos. Levanto a cabeça e sorrio para os rapazes.

Um a um, eles chegam, sem fôlego. Agora que estamos em um espaço aberto, volto a enxergar direito. As estrelas estão absurdamente brilhantes, como purpurina no céu.

— Pô, Mallsy, você tem rodas — diz Demaryius, se jogando no chão e respirando depressa.

— Valeu, cara.

Eu sorrio. Já ouvi isso antes. Mas, dessa vez, acredito.



ISSO É UMA PÉSSIMA IDEIA, diz a voz na minha cabeça. Por quê? Hum. É. Boa pergunta. Estou agarrado ao braço de Mackenzie como uma garotinha assustada enquanto subimos a escada do porão de Claire na ponta dos pés. Pode zoar o quanto quiser. Não ligo. A situação é bem tensa. Nunca saí de casa escondido, sério. Você arriscaria se fosse filho do Capitão? Posso ouvir a voz do meu pai, está na minha cabeça: “Todos os dias, assim que levanta da cama, você toma decisões. Uma única decisão ruim é o suficiente.” Tento afastar a ideia. Bloqueio esse pensamento — quer dizer, literalmente, eu não sou eu mesmo neste momento.

Mackenzie olha nos meus olhos.

— Pronta? — pergunta.

Faço que sim lentamente. Sim. Estamos em nove e formamos um bloco amontoado perto da porta dos fundos. Sussurrando. Dando risadinhas. É tarde demais para voltar atrás.

— Vamos lá — digo baixo, mais para mim do que qualquer outra coisa. Então...

Saio para a noite e corro.

É um por todos e todos por um enquanto corremos pelo enorme quintal de Claire e passamos pelos arbustos densos e ásperos que ficam na lateral da casa. Parece que estamos correndo para salvar nossas vidas, pelo jeito que tomamos a rua escura! É tipo uma da manhã. Nada de carros. As luzes das casas estão apagadas. O silêncio é total. Parece que o mundo inteiro dorme. Nada se move além de nós, descendo a rua de pijama e dando risadinhas.

Quando chegamos na entrada da escola e diminuímos o ritmo, todo mundo começa a rir de verdade. Não vou mentir, eu também. No escuro da noite, coisas que não costumam ser engraçadas de repente são. Sabem? Olho para as estrelas piscando no céu. Milhares de pensamentos passam pela minha cabeça. O primeiro? Isso é maluquice! Estou correndo com um monte de garotas usando uma calça de pijama roxa emprestada, camiseta das Thunderbirds e os tênis da Elle. Apoio as mãos nos joelhos e recupero o fôlego. Ainda estou tentando aceitar o fato de que vamos encontrar todos os *meus* amigos — Sammy, Owen, Demaryius, Brayden, Dominic, Trey. Mal posso esperar para ver a cara de idiota de Sassy Gaines quando se der conta de que não estou com eles. Que Ellie não está, quero dizer. Ela não vai aparecer. Sei disso. É a única certeza que tenho. Foi o combinado, né? Por um momento, penso que também prometi que não iria à festa, mas...

Não. De jeito nenhum. Posso apostar. Ela não teria coragem de ir até o Owen sozinha. Imagino a Ruiva em segurança na minha cama. Espero que tenha sobrevivido ao treino de hoje porque cara, tenho que confessar, as manhãs de sábado são sinistras. Fico esgotado. Penso na Ruiva dormindo no meu quarto, com Stryker ao lado. Espero que isso tenha tornado as coisas um pouco menos assustadoras para ela, o fato de ter mais alguém ali. De não ficar sozinha. Stryker pode ser um pateta, mas é meu irmão e amo o cara. Sempre me sinto melhor quando os três estão por perto. São meus melhores amigos no mundo. Às vezes passo as noites na cama pensando que alguma coisa ruim poderia acontecer com eles ou com meu

pai. Ultimamente, tenho feito uma porção de coisas para evitar isso. Tipo, preciso colocar o equipamento de hóquei de determinado jeito, ou me vem um pressentimento ruim de que algo vai dar errado. De que alguma coisa horrível vai acontecer com a minha família. Não tenho mais ninguém além deles. Eles são tudo pra mim. Mas preciso agir como homem. Segurar a onda. Guardar tudo. Nunca falei disso com ninguém, nem com meus irmãos nem com meu pai. Eles pensariam que estou ficando molenga...

Faz um ano e sete meses que minha mãe morreu. Finjo o tempo todo que estou bem. Que sou forte. Mas ninguém sabe como dói. Não contei pra ninguém como me sinto. Não quero que as pessoas me tratem diferente — isso só pioraria tudo.

Estou no meio do estacionamento da escola, no escuro, e, de repente, estou preocupado com um milhão de coisas. *Elle está bem? Como vou voltar pro meu corpo? O que vamos fazer? Tipo, deitar nas macas da enfermaria e falar abracadabra?* Minha cabeça está girando quando a mão de alguém toca meu braço.

— Ei.

Ouçõ a voz dela antes de ver seus olhos. Quando viro, noto que parece ainda mais bonita aqui fora, sob as estrelas. Mackenzie.

— Está tudo bem? — pergunta ela com uma voz doce, andando ao meu lado enquanto subimos um morrinho.

Solto um suspiro.

— Estou — digo, com um sorriso.

— Promete que não vai cair na provocação de você-sabe-quem? — Ela me puxa pelo braço. — Não vale a pena. Promete?

— Vou tentar — respondo, dando de ombros.

— Tente bastante, ok? — Mackenzie dá um sorriso enorme. — Vamos só nos divertir. A vida é curta demais pra esse tipo de bobagem!

— É — concordo. — Falou e disse — acrescento, sorrindo para ela.

Mackenzie retribui o sorriso e balança a cabeça.

— Sério, você tem o melhor sorriso do mundo!

Blair, Tori, Sassy, Aspen, Sammie e Kaitlin estão esperando na quadra de basquete quando Mackenzie e eu chegamos. Olho de relance para a cesta. O aro é baixo o bastante para que eu consiga enterrar com as duas mãos. Faço isso algumas vezes, de brincadeira. Sassy, é claro, está falando alto, sendo desagradável como sempre.

— A-hã — diz ela, olhando para mim. — Não quero ser grossa nem nada, mas essas garotas que querem se mostrar e agem como se fossem populares quando claramente não são... Esse tipo de garota é literalmente a maior perda de tempo. Tipo, *pelamor*, né?

Cara. Não sei quanto tempo mais aguento antes de surtar. Olho para Sassy em sua calça de oncinha idiota e sua blusa curta e apertada e balanço a cabeça.

Mas parece que ainda não acabou. Ela não cansa. Joga o cabelo para trás e, com um meio sorriso idiota no rosto, lança um olhar para mim ao dizer:

— Acha que pessoas irritantes se dão conta do quanto irritam os outros?

— Gente! — Claire se destaca, abraçando nós duas, eu e Sassy, nos puxando uma para perto da outra. — Vamos nos divertir, tá? Viemos aqui encontrar garotos. Onde eles estão, aliás?

É. *Cadê eles?*, penso, me afastando para olhar em volta. Não poderia haver hora melhor para eles aparecerem. Preciso me livrar dessa garota. *Mal posso esperar para ver a cara de Sammy!*, penso, balançando a cabeça.

Sassy me vê sorrindo.

— Ah, acha isso engraçado? — pergunta ela. — Pensa que estou brincando? — A voz de Sassy fica

cada vez mais alta, ecoando pela quadra vazia. — Mais alguém aqui acha que Elle vai impressionar o Príncipe na nossa noite de aventura? — Ela espera um pouco, mas ninguém fala. — Não? Nem eu!

Então começa a rir.

— Sassy, qual é? — diz Mackenzie. — Não seja assim.

— O que foi? — Ela ri. — Todo mundo estava pensando a mesma coisa, a diferença é que eu simplesmente falei!

Cara, toda vez que a garota fala eu me pego balançando a cabeça.

— Vamos. — Mackenzie põe a mão no meu cotovelo e me tira dali. — Sério, Elle, não aguento mais. Vamos indo. Elas alcançam a gente.

A princípio, não consigo ver ninguém. Só o trepa-trepa, o escorregador e os balanços.

Então vejo um monte de...

— Sammy! — digo, e só então me dou conta do que acaba de sair da minha boca.

Mackenzie para e vira para as outras garotas.

— Sammie! — Ela chama a Sammy Menina. — Vem aqui com a gente.

Sammy Menina corre até nós e pega meu outro braço.

— Eba! Vai ser tão legal! — diz ela em um gritinho enquanto seguimos em direção aos garotos.

Dessa vez digo apenas na minha cabeça, observando a silhueta do outro lado do parquinho: *Sammy*. A cada passo, ficamos mais e mais próximos, e começo a abrir um sorriso como se, de alguma forma, ele fosse me reconhecer. Então sorrio abertamente. Aceno com a cabeça para ele.

Sammy! Owen! Demaryius! Trey, Dominic, Brayden! Uma reuniãozinha com os garotos!

Ah, não. Meu coração para.

Eu paro.

— Relaxa, Elle — sussurra Mackenzie. — Vai ser divertido, prometo!

Nããããã. Por favor, me diga que não estou vendo o que acho que estou.

— Meu cabelo — digo em voz alta, sem poder acreditar.

— O quê? O que tem seu cabelo? — pergunta Mackenzie. — Está maravilhoso, Elle, adorei. Não dê atenção a nada que você-sabe-quem diz. De verdade. Tudo bem?

Estou sem palavras. Sinceramente, não sei o que dizer.

Elle está à minha frente, a poucos passos de distância, com meu moletom dos Bruins e calça jeans.

— Você raspou minha cabeça? — As palavras escapam da minha boca.

— Espera aí, o quê? — pergunta Mackenzie, parecendo confusa.

— Meu cabelo... — Paro antes de dizer “sumiu”.

Porque, acredite em mim: estou sem palavras.



QUASE NÃO ME RECONHEÇO. NÃO tenho ideia do que Jack fez, mas pareço... Não sei. Tem alguma coisa rolando com meu cabelo. Tipo...

— Uau — digo em voz baixa. Nossos olhos se encontram. Os meus e os de Jack.

Acho que devo estar parecendo em choque.

Dominic sorri.

— Eu sei, cara — sussurra ele, olhando para as garotas. — Cada gata, né?

— Não, é, hum — gaguejo, verificando a fila de rostos a alguns passos de distância.

Kaitlin.

Blair.

Claire.

Aspen.

Tori.

Sassy.

Mackenzie...

Jack!

Sammie.

O que estou pensando é: *Isso não vai dar certo.*

Sammy me dá uma cotovelada.

— Cara — diz ele em um sussurro, olhando fixamente para Aspen —, preciso casar com ela.

— Hã? — digo.

Sammy balança a cabeça.

— Você não entende, cara! Tô apaixonado!

FICAMOS NO PARQUINHO, OLHANDO UNS para os outros. Eu e as garotas de pijama, eles de jeans e moletom, duas filas frente a frente, no terreno da Escola de Ensino Fundamental Riverside, todos com um sorriso ao mesmo tempo nervoso e animado no rosto. Estamos na parte das crianças menores. Escorregadores baixos, balanços para bebês, trepa-trepa, piso macio. Todo mundo fica se encarando. Preciso lembrar várias vezes que Sammy, Owen, Demaryius, Dom e os outros rapazes não têm ideia de que sou *eu* no corpo da Ruiva, olhando para eles e sorrindo.

Você é a Ruiva, lembra? Pelo menos por mais 36 horas.

Não posso evitar olhar para ela — para mim, acho. Meu nariz e meu olho melhoraram um pouco, mas, cara, fico bem feio sem cabelo. Sem as ondas. Droga. Tipo, já era. Zero cabelo. Não sobrou nada. Cortado no talo.

Bem, pelo menos não vou precisar pentear.

Fico pensando em quem convenceu a Ruiva a fazer isso. Aposto que foi Gunner. Certeza de que foram no Geno. Pode crer. Ele provavelmente pediu dégradé pra nós dois.

Estou tão feio que não posso acreditar.

Mackenzie se aproxima.

— Então o Príncipe cortou o cabelo, hein? — diz ela, soltando uma risadinha.

— Ficou péssimo, né? — Dou uma risada nervosa.

— Não, nem um pouco. Achei bem legal, na verdade. Bem másculo!

Viro pra ela.

— Sério?

— Total! Não acha? — pergunta ela.

Dou de ombros e sorrio.

— Se você diz...

Sassy nos ouve falar e decide aparecer. Ela solta um pigarro e começa:

— Então, galera, tenho uma pergunta! — Não está falando alto o bastante para que os garotos ouçam, só a gente. — O que é preciso pra que uma menina desesperada perceba que certo alguém não gosta dela e que está na hora de desistir?

— Sassy, sério, para com isso — diz Sammy Menina. — Se não tem nada legal pra dizer, fica quieta.

— Vocês precisam relaxar, de verdade. — Sassy ri. — É brincadeira, óbvio. Só estou argumentando!

— Ela vira pra mim com um sorriso falso enorme e sussurra: — Ellie, sério, você parece aterrorizada!

— Faz uma pausa. — *Você, amiga do Príncipe?* — Sassy revira os olhos e solta uma risada alta. — Você não passa de uma mentirosinha patética.

Então é assim que vai ser, hein?, penso.

Estaria mentindo se dissesse que essa garota não me tira do sério. Estou no meu limite. Meus punhos estão fechados. Não vou ficar aqui e deixar Elle ser hostilizada desse jeito. Preciso fazer alguma coisa.

Dou um passo à frente, me afastando de Mackenzie. Tudo acontece bem rápido, antes que eu perca o

controle. Meu olhar encontra o da Ruiva e, com a cabeça, aceno para que siga meus comandos.

E ela segue, ainda bem. A Ruiva dá um passo à frente e nos encontra no meio entre os dois grupos, os garotos atrás dela, as garotas atrás de mim. Sinto os olhos de todos em nós.

Elle está me olhando como se tivesse ficado doido.

— Enlouqueceu? O que está fazendo? — pergunta ela, sussurrando.

— Só me escuta — digo, com a voz baixa. — Chega mais perto.

Ela se inclina. Pra que isso funcione, sei que preciso dar a impressão de que foi o cara quem tomou a iniciativa.

— Mais perto — digo.

Ela dá mais um passo até que a ponta dos nossos pés quase encosta.

— Isso.

Elle me encara. Dá para visualizar a cena, certo? Estou vendo meus próprios olhos, meu nariz detonado, minha cara horrível, minha cabeça careca. Ah, cara. Elle parece aterrorizada.

— Pega minha mão — sussurro.

— O quê? Você ficou maluco?

— Só faz o que eu disse, por favor.

E então? Ela meio que sorri. Fico surpreso. Não me vejo sorrir desse jeito há um bom tempo. Uma chama parece acender nos olhos dela.

— Tá. — Elle diz, baixo. — Assim?

Juro que ouço todas as garotas prenderem a respiração.

Dou uma olhada rápida. Primeiro nelas, depois nos caras. Os olhos de Sassy estão quase saindo das órbitas. Todo mundo parece impressionado e enfeitiçado. Até Sammy observa de queixo caído.

— Vai nessa — digo, olhando diretamente para os meus próprios olhos. — Coloca a mão na minha cintura e me puxa pra perto.

Elle arregala os olhos — os *meus* olhos.

— Sério?

— Confia em mim! — repito. — Só...

Nem preciso terminar a frase. Ela estica os braços, apoia as mãos na minha cintura e me puxa. Ficamos colados. Não sei bem o que estou fazendo, mas, pelo silêncio absoluto, sei que está funcionando. Tenho a altura perfeita para Elle. Apoio a cabeça no meu próprio ombro e aproximo a boca do meu próprio ouvido. Ela... eu... cheiro a suor.

Cara, isso é bizarro.

— Elle — sussurro. — Vou pedir para você fazer algo que vai parecer loucura. Mas, por favor, se quer que essa confusão acabe logo, confia em mim, ok?

Sinto o corpo dela perto do meu. Ela respira fundo.

— Tá — diz Elle em um sussurro muito baixo, mas audível.

— Ótimo. — Respiro. — Tá, quando eu contar até três, você me solta, me olha por três segundos, então me puxa de volta e me dá um beijo na boca.

— Quê?! — Sinto que ela vai se afastar, mas então...

Ela fica e me segura. E sinto seu coração bater através do meu moletom dos Bruins.

— Confia em mim — sussurro. — Faz o que eu disse.

Vejo meu corpo, meu rosto, me olhar por um segundo e então...

Ela faz. E faz perfeitamente. A Ruiva se aproxima e me olha.

— Vai — digo sem som.

E BUM! Elle beija minha boca com os lábios entreabertos. É a coisa mais bizarra do mundo beijar você mesmo. Não consigo explicar. Mas dá pra imaginar, né? Não faz fogos de artifício explodirem dentro da gente, nenhuma descarga elétrica percorre seu corpo. Nada de frio na barriga. Acho que

nenhum de nós deveria considerar isso oficialmente como nosso primeiro beijo. É nisso que estou pensando enquanto os lábios dela continuam colados aos meus. Cara, esse beijo é mais pelo time. O time sendo eu e Elle. E está funcionando! Deixo que me puxe, fechando os olhos como vejo os casais fazerem no cinema. Sou convincente. Dura uns bons cinco segundos. E então? Eu me afasto, com uma cara de “uau!” e dou um sorriso. Então me aproximo do ouvido dela.

— Perfeito — digo. — Agora põe a mão no meu rosto.

— Você é mesmo doido. — sussurra Elle, parecendo chocada: — Jack, o que você...?

— Faz o que tô falando. Depois explico.

Ela faz. Levanta a mão devagar e a apoia no meu rosto.

— Boa. — Sorrio. — Você leva jeito pra coisa. — Pisco pra ela. — Última coisa. — Paro e respiro fundo. — Pega minha mão — sussurro, ainda sorrindo — e sai daqui depressa.

— O quê?

Elle olha pra mim totalmente confusa. Nos próximos segundos, é como se o tempo tivesse parado. Posso ouvir cada sussurro, a noite, as estrelas. Então...

Ela obedece! Sorri de orelha a orelha e pega minha mão.

— Boa, garota — digo. Digo em voz alta mesmo, deixo escapar. Estou orgulhoso dela de verdade, por mais estranho que pareça. Elle é muito corajosa. Faz meu papel de um jeito bem aceitável. Não parece nem um pouco constrangida. Pelo contrário, parece muito tranquila. Abre um sorrisinho e pega minha mão, entrelaçando nossos dedos, então andamos em um silêncio atordoado até o parquinho das crianças maiores, do outro lado da escola. Olho para a escuridão. Vejo as estrelas brilhando.

— Continue respirando — sussurro. — Continue andando.

Elle olha para mim e ri.

— Você está parecendo o Jett.

— Verdade — sorrio. — Acho que sim.

Parece esquisito, mas é como se ela me conhecesse agora. E acho que meio que a conheço também.

Viro para Elle e sorrio. Aperto sua mão mais forte enquanto caminhamos. Quando estamos a uma boa distância dos outros, olho por cima do ombro para Sassy.

Ah, sim. Se eu consigo me segurar? É claro que não. Sassy é a maior idiota de todos os tempos. Faço questão de dar um tchauzinho e sorrir.



MINHA NOSSA! MEU CORAÇÃO ESTÁ disparado! Sinto as bochechas ardendo. Jack segura minha mão, e estamos andando depressa para longe do pessoal.

— Pirou? — pergunto.

— Calma, já explico — diz ele, apertando mais minha mão. — Vamos até os balanços. — Jack acena para o parquinho das crianças maiores, do outro lado da escola. — Cabelo legal, aliás. — Ele balança a cabeça e sorri. — Você podia pelo menos ter me deixado apresentável. — Jack para, larga minha mão e passa a dele na camada espetada. — Cara, isso é esquisito!

Começo a explicar:

— Desculpa, é que...

— Deixa eu adivinhar.

Ele começa a andar, entrelaçando nossos dedos de novo, me conduzindo. Fico surpresa com o sentimento de alívio que seu toque me traz.

— Gunner levou você ao Geno?

Faço que sim com a cabeça.

— Pediu um dégradé? — Jack sorri e balança a cabeça.

— Aham. Pra mim e pra ele — digo, lembrando o ocorrido. A cadeira. A tesoura. As mechas de cabelo grosso e escuro caindo no chão.

Jack arregala os olhos.

— Gunner raspou mesmo o cabelo?

— Quase zero — digo, aliviada porque isso parece deixar Jack feliz. Continuamos andando. Ainda de mãos dadas. É engraçado, mas já não parece estranho. É como se eu estivesse com um grande amigo.

Chegando aos balanços, solto sua mão e olho ao redor. Não tem ninguém à vista. Todos estão do lado oposto da escola, onde os deixamos, no parquinho do jardim da infância. Está silencioso e escuro, exceto pelas estrelas, pelo coro de grilos e pelo ocasional coaxar de um sapo.

Eu me jogo em um dos assentos dispostos lado a lado e pego um pouco de impulso, balançando levemente no escuro. Por um minuto, nenhum de nós fala. Então...

— Ei — chama Jack, sentando no balanço ao meu lado. — O que você disse para o Capitão sobre o treino de hóquei amanhã?

Olho pra ele, confusa.

— Você tem hóquei amanhã?

Ah, não.

Ele olha para a frente, parecendo ao mesmo tempo triste e conformado.

— Cara, nunca perdi um treino na vida — diz ele. — Temos um jogo segunda à noite. — Jack vira pra mim. Parece chateado. — Não sei o que fazer. Acho que você vai ter que dizer que está doente.

— Doente?

Eu me imagino com uma compressa molhada na testa, fingindo tremer debaixo do cobertor fino da

cama de Jack.

Ele pega impulso e balança também.

— Olha, o problema é que o Capitão vai querer que você jogue mesmo assim.

— Mesmo doente? — repito. *Minha mãe nunca faria isso.*

Jack respira fundo e para de balançar.

— “Seja homem.” “Sem desculpas.” “Jogue pra esquecer.” É isso o que ele vai dizer.

Faço que sim, entendendo a situação. Me sinto mal por Jack.

— Você é boa atriz? — pergunta ele, parecendo esperançoso de repente.

Olho para ele com meu sorriso mais reconfortante.

— Bem, estou sendo você, não é?

— É — concorda Jack, finalmente dando um sorriso. — Mas estou avisando, a coisa vai ficar feia.

Com o Capitão, digo. Então, esteja preparada.

— Dou conta — digo, mesmo sem ter muita certeza disso.

Por um tempo, não balançamos. Só ficamos ali sentados, as mãos levantadas, segurando as correntes, olhando para a escuridão silenciosa.

— E quanto a você? — pergunto, virando pra ele. É tão estranho me ver. Abro um sorriso, tentando aliviar o clima. — Você não deveria estar aqui! — Solto uma risadinha para que saiba que estou brincando. — Falei pra ficar no quarto. Valeu, hein?

— É, bem. Foi mal. — Jack levanta, dá alguns passos e pula no trepa-trepa. Eu o vejo, com *meu* corpo, usar os braços pra escalar as barras. Ele faz parecer fácil, me faz parecer forte. Quando senta lá em cima, estica o braço pra me ajudar a subir.

— Pode deixar — digo, trepando. Sentamos lado a lado, longe do chão, nos equilibrando na barra de metal desconfortável, os ombros se tocando e as pernas balançando.

Ele olha pra mim e balança a cabeça:

— Esquisito, né?

— Total — concordo.

Sorrimos como quem entende pelo que o outro está passando.

— Ah, é... Já que estamos fazendo confissões... — Jack parece envergonhado. — Fui no treino na sexta.

— Espera. Você foi ao futebol?

Começo a reagir de forma exagerada, então me controlo. Também não segui as regras dele. Quer dizer, deixei rasparem o cabelo do garoto! Quase chorei na frente dos irmãos dele. Fui até a casa do Owen. Saí sem permissão. Fiz quase tudo o que Jack me pediu para não fazer.

Ele faz que sim e sorri.

— A treinadora adora você, aliás. Ela é bem legal, tranquila. Divertida, até. E, quer saber? — Jack vira e me olha. — Você é rápida, Elle. Tipo, muito, muito boa.

— Obrigada — digo, deixando um sorriso escapar.

— E, também, depois do futebol... hã... Você meio que foi no médico.

— Oi? Espera aí, você foi na dra. Swenson?

— É. — Jack ri. — Sério, você não vai querer saber. Não vamos falar disso.

— Ai, meu Deus. — Dou uma risadinha. — Não estou acreditando.

Jack se reclina, descansando os ombros em uma barra atrás de nós. Eu o imito. Não é exatamente confortável, mas tudo bem. Estamos perto um do outro. A lateral do meu corpo toca de leve a lateral do dele. Respiro no silêncio acolhedor, olhando para as estrelas. Normalmente, ficar na rua nessa escuridão me assustaria. Mas não neste momento.

Jack sussurra:

— Melhor que os adesivos, né?

— É — solto um suspiro. — Isso é verdade.

Mais silêncio.

— Ei, e o Capitão?

— O que tem ele?

— É que... Meu pai pode ser meio... meio intenso. Ele nem sempre foi assim... — Jack começa a explicar.

— Não tem problema. — Sorrio para que não se preocupe. — Mal nos falamos.

— Ele não é muito de falar. E meus irmãos? — pergunta Jack.

— Adoro os três! — respondo rápido, porque é verdade.

Ele solta o ar com força.

— Não achei que fosse sentir falta deles, mas sinto. Eles são...

— Demais — concluo por ele. — Minha vez — digo. É como se estivéssemos em um jogo. — E a minha mãe?

Os olhos de Jack se acendem.

— Cara, ela é *incrível*.

Ele fica em silêncio por alguns segundos, voltando os olhos para as estrelas.

De repente me sinto péssima.

Jack. A mãe dele.

Por quase um minuto inteiro, o silêncio é total. Acho até que ele fecha os olhos.

— Jack? — Finalmente chamo.

— Elle? — sussurra ele de volta.

Parece tudo um sonho sob o céu noturno.

— O que a gente faz agora? — pergunto.

Ele vira e me encara — o que é esquisito por razões óbvias! Estou olhando nos meus olhos, e Jack está olhando nos dele. Começamos a rir.

Ele respira fundo.

— Isso é tão esquisito!

— Demais! — repito, balançando a cabeça devagar. — Não sei o que mais podemos fazer além de procurar a enfermeira na segunda.

— Espera... — Ele vira pra mim de novo. — O que foi que ela disse? Você lembra?

— Algo do tipo... — Penso por um momento. — *Ver o mundo com outro olhar, até aprender o que é mesmo verdadeiro* — começo, mas não lembro o resto.

— *Coração corajoso para sentir e falar...* — Ele para. — Cara, só consigo pensar nisso. O que acha que quer dizer?

— Sei lá — respondo em voz baixa.

Jack se aproxima mais um pouco.

Voltamos a olhar para as estrelas e para a escuridão. É bom aqui em cima, ficar deitada ao lado dele no trepa-trepa. Por um longo tempo, fico observando o céu, traçando linhas imaginárias entre as estrelas que reluzem... como se ligasse os pontos com os olhos. Só depois de um longo silêncio minha mente acelera.

— Espera, e por que o beijo? — deixo escapar. — Foi, tipo, hum...

— Bizarro! — Jack balança a cabeça, e começamos a rir.

— Beijar eu mesma! — Paro. — É a coisa mais esquisita que eu já fiz.

Ele sorri.

— Beijar, abraçar, olhar nos próprios olhos? Meu Deus!

Quase caímos do trepa-trepa de tanto rir. Precisamos de uns minutos para nos acalmar. Quando finalmente o silêncio vem e sinto que ele aumenta, eu me sento e encaro a escuridão à frente.

Jack faz o mesmo.

— Ei — diz ele, jogando o braço nos meus ombros e me puxando para perto, como fazem Gunner e Jett. — Sabe por que fiz isso? O beijo, digo. Sua amiga, Sassy, ela é tipo... — Ele para. — Inacreditável.

Sinto o estômago vazio. *Jack gosta de Sassy?* Não estou apaixonada por ele, mas depois de tudo que passamos, não esperava...

— Calma — digo, então olho para ele. — Você acha Sassy legal, é isso? Você *gosta* dela?

Jack arregala os olhos.

— Legal? *Gostar* dela? Você tá de brincadeira, né? Sassy é a pessoa mais repugnante que já conheci!

— Jack! Não diga isso. Ela já me odiava, agora não vai falar comigo pro resto da vida!

Pela primeira vez reconheço um desespero em minha voz que não via desde que...

Desde que não tenho sido eu.

Jack balança a cabeça e se aproxima. Não poderíamos estar mais colados.

— Elle.

— Elle? — Acho que demorei um tempo pra perceber que Jack estava me chamando por outro nome.

— Elle. — Ele parece sorrir com os olhos. — Legal, né?

Concordo. Gosto de como soa.

— Olha, sério, Elle, me escuta. — Jack prossegue: — Sassy é péssima! Ela, tipo, não é nada legal, acredita em mim. Ela disse umas...

— Coisas horríveis? — interrompo.

— Exatamente! — Ele arregala os olhos, não está brincando. — Você entende, né? Tive que fazer aquilo. Posso explicar melhor depois, mas... Não podia deixar que ela tratasse você daquele jeito.

Sinceramente, parte de mim está comovida por Jack ter me defendido. Aliviada que alguém mais tenha visto o que eu fingia não enxergar. Acho que o tempo todo pensei que *eu* estivesse fazendo algo errado. Que tivesse algum problema. Mas... Nossa. Odeio admitir isso. Sei que Sassy pode ser horrível, mas ela sempre foi minha melhor amiga. Desde o jardim de infância. Pela primeira vez, o que realmente penso, o que sinto de verdade, escapa da minha boca.

— Sassy — olho para baixo — é a minha única amiga.

— Está de brincadeira, né?

— É sério. — Estou morrendo de vergonha, então olho para o chão enquanto falo. — Ela é minha melhor amiga desde...

— Elle, a menina é uma idiota! Ninguém precisa de uma amiga assim, ela...

— Sei que Sassy pode ser maldosa às vezes — eu o corto. — Mas... quando ela é legal, ela é muito legal.

Caio na real ao me ouvir dizendo isso.

Sassy não é legal há um bom tempo.

Jack olha para mim como se eu fosse louca.

— Você está zoando com a minha cara, Elle? Isso é sério?

— Você não entende! Ela...

E paro. Porque, pela primeira vez, percebo como soo patética. *Não acredito que estou defendendo Sassy.*

— Elle, olha...

Jack respira fundo.

Eu me deito de novo. Meus olhos passeiam pelo céu.

Ele também deita. Conversamos no escuro.

— Confia em mim — diz Jack. — Fica longe dela. Nenhum amigo trataria você assim, de verdade. — Ele vira pra mim de novo. Nossos rostos estão bem próximos. — E você não pode estar falando sério

sobre não ter outras amigas. Mackenzie e Sammie são demais. Você não entende?

— O quê? — pergunto.

— Você é demais, Elle — diz ele. — Todo mundo adora você.

Não sei o que dizer. É a coisa mais legal que alguém já me disse. Sinto meus olhos se enchendo de lágrimas. E é como se Jack tivesse um sensor, porque, mesmo no escuro, ele sabe.

— Opa, opa, opa! Nada de lágrimas, Ruiva!

E começa a rir. Nós dois começamos. Então ficamos olhando para a noite por um longo tempo até que Jack finalmente diz o que tentamos evitar:

— Como a gente vai conseguir voltar ao normal? O que vamos fazer?

— Não faço ideia — respondo. — Acho que vamos ter que descobrir.

— Acho que sim.

Ele respira fundo.

Dou um cutucada em Jack com o cotovelo.

— Nunca pensei que estaria no meio da noite olhando para o céu estrelado com o Príncipe da Thatcher!

— O Príncipe? Pelo amor de Deus! — Ele abre um sorriso e chega a rir um pouco enquanto balança a cabeça. — Promete que nunca mais vai me chamar assim de novo.

Dou um sorriso.

— Aceita. Todas elas são apaixonadas por você. Mas vê se não fica metido.

— Sei lá — diz ele, e sorri.

Mais uma vez ficamos um minuto inteiro sem falar. Então solto:

— Jack, sinto muito...

Paro.

— Por quê?

— Pela sua mãe — sussurro.

Posso ouvir a respiração dele. Sinto seu braço contra o meu.

— É — diz ele, por fim, com a voz bem baixa. — Valeu.



ESTAMOS PRESTES A DESCER DO trepa-trepa. Decididos a pular no chão e encarar as próximas 24 horas. Temos um plano. Vamos nos encontrar na enfermaria na segunda-feira, antes do sinal. Para resolver isso juntos. Não tenho ideia de como. Mas, pela primeira vez, estou confiante de que vai dar certo.

— Só mais um dia — digo.

— Só mais um dia — repete ela com os olhos se iluminando.

Então ouvimos o pessoal se aproximando e respiramos fundo.

— Lá vamos nós — sussurra Elle.

— Vamos conseguir.

O grupo inteiro — seis garotos e seis garotas — se aproxima da gente no escuro. Posso ouvir Sassy, é claro. Ela é muito escandalosa. Identifico suas risadinhas de escárnio.

Olho para Elle.

— Está tudo sob controle — digo.

Nós dois pulamos no chão macio.

Sammy passa direto por mim e vai até Elle com seu típico sorriso bobo no rosto. Ele nem tenta falar baixo. Dá pra ouvir tudo o que diz:

— Cara, você tá com tudo!

Por um segundo tenho medo de que Elle comece a rir, mas ela é ótima atriz. Perfeita.

— Sei lá. — Ela balança a cabeça para Sammy. — Não sou muito de falar sobre garotas.

Elle olha para mim quando diz isso com um sorriso no rosto.

— Ela é demais — diz Sammy, empolgado. — Adoro uma ruiva.

Demaryius balança a cabeça:

— Linda de rosto e de corpo. Você tem bom gosto.

— Isso aí, cara — diz Trey, dando um tapinha nas costas de Elle. — As ruivas de verdade são muito gatas.

Imaginem a cara de Elle. Estão todos falando dela pra... Bem, pra *ela*. Não consigo enxergar direito por causa da escuridão, mas tenho certeza de que está vermelha.

As meninas agem do mesmo jeito que os rapazes.

Claire corre pra mim com os braços abertos.

— Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! — diz sussurrando, só que meio alto. — Eu não fazia ideia! Nossa! Tipo, nossa! Sério, Elle, isso é, tipo, épico.

— Ninguém esperava! — Tori deixa escapar um gritinho quando vem até mim. — Ele é perfeito. Gato demais! Aimeudeus, você é literalmente a mais sortuda, Elle!

Olho para ela e quase balanço a cabeça e rio. É a primeira vez que Tori fala comigo esta noite. Virou uma pessoa completamente diferente, do nada. Pois é. As pessoas estão se revelando.

Kaitlin ri.

— Parece que você ganhou na loteria, Elle!

Respiro fundo e olho para Mackenzie. Cara! Nem pensei nisso. Nunca vou ter uma chance com ela se achar... Esquece. Não é hora de pensar em garotas. O objetivo é sobreviver às próximas 24 horas. Então talvez eu possa consertar isso. Dar um jeito. Olho para Mackenzie no escuro e sorrio levemente. Ela se coloca ao meu lado.

— Ei — diz em voz baixa. — Isso foi meio...

— Surpreendente? — completo, e damos risadinhas nervosas.

— Isso!

— Esquisito, né? Sei lá. — Desconfortável, tento deixar o assunto pra lá. — Acho que eu e Jack somos próximos — digo.

Não tenho ideia de onde estou tirando isso. Pareço uma garota falando. É constrangedor! Meu Deus.

— Bem, você tem sorte, Elle. — Mackenzie sorri e ergue as sobrancelhas. — Vou contar um segredo — diz ela, chegando perto de mim e cochichando de novo. — Eu era louquinha pelo Jack Malloy.

— Sério? — pergunto.

Deixo um sorriso tímido escapar e sinto uma coisa dentro do peito. Não consigo explicar. Mackenzie é tão, tipo, cheia de vida. Os olhos dela brilham mesmo no escuro. Tem alguma coisa especial nela, é difícil descrever.

— É — ela continua. — Desde, tipo, o sexto ano. Mas não se preocupe, já superei. — Mackenzie sorri para mim. — Ele é todo seu!

— Superou? — repito. Sinto um aperto no coração. — Mas, espera aí, não é assim também. A gente não tá...

Ah, cara, que confusão.

— Bem — diz ela, com os olhos brilhando. — Não se preocupa, tá tudo bem. Sempre vou ficar do seu lado, não importa o que aconteça. Elle, sério, fico muito feliz por você! Foi muito legal o jeito como ele chegou em você. Devia ter visto a cara de você-sabe-quem! — O olhar de Mackenzie recai sobre Sassy e Aspen, olhando para nós dos balanços. — Nossa! — Ela suspira. — Acho que isso não vai terminar bem. A coisa vai ficar feia. Fica perto de mim, tá? Eu devia ter sido mais dura lá na Claire. Dito alguma coisa. Batido o pé. Sassy sabe intimidar a gente. Assusta todo mundo, né? É muito cruel o que ela faz! Alguém precisa parar essa menina, ela está fora de controle. — Mackenzie enlaça meu braço. — Não sei o que vamos fazer, mas, tipo, não se preocupa, tá?

— Ah, não me preocupo — digo, olhando diretamente para Sassy. — Pode acreditar.

Por bons vinte minutos, apenas conversamos, rimos e brincamos. Sassy e Aspen continuam nos balanços, fazendo aquele negócio de encarar-e-revirar-os-olhos. O resto de nós fica perto do trepa-trepa. Todo mundo ri de Trey, que faz flexões só pra se mostrar.

Então vejo as luzes no estacionamento. E escuto. É a mãe de Owen.

— Ah, cara — grita ele. — Eu sabia, Sammy! Tinha certeza de que isso aconteceria.

— Owen! Meninos! Venham aqui agora!

Ela se aproxima. Está de roupão e parece brava.

— Ah, não — ouço Sammy sussurrar no escuro.

— Já era — Owen suspira.

Então...

Vejo quando dá uma cotovelada em Elle.

— Cara — sussurra ele. — Acho que ela chamou seu...

— Jack! — Ouço.

Eu me sinto imediatamente enjoado. Viro para Elle. Congelamos. O pânico em nossos olhos é idêntico. Só com isso já posso dizer que Elle sabe quão rápido as coisas vão descer ladeira abaixo a partir agora.

De repente, nada relacionado a Sassy Gaines importa mais.

Todas as outras pessoas meio que desaparecem. Meus olhos se movem do Capitão, que se aproxima, para a expressão assombrada de Elle. A voz na minha cabeça grita: *Por que estou aqui? Sou tão idiota! Devia ter imaginado! Por que vim? Devia ter ficado na casa de Elle, com Summer, então não estaria metido nessa confusão!*

E então lembro, ao ver o Capitão se aproximar, de jeans, moletom cinza do Exército e boné do Red Sox: não é atrás de mim que ele veio.

Viro de novo para Elle, que está com as mãos enfiadas no bolso da frente do moletom. Ela lança um olhar nervoso na minha direção. Meu coração está pulando no peito. Tudo à minha frente parece acontecer em câmera lenta. De repente as coisas deram muito errado. Vejo o Capitão parar e se dirigir a Elle.

— Jack. — Sei pela voz que está furioso.

— Sim, senhor — Elle gagueja baixo.

Por um segundo, fico aliviado que tenha respondido direito. Então meu pai estica o braço e pega com força no ombro que acredita ser meu.

— Entre agora na caminhonete.

É tudo o que diz.

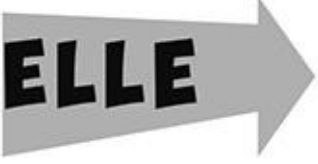
O Capitão pega Elle pelo braço, meu braço. A expressão em seu rosto é intensa. Elle olha para mim enquanto é arrastada. Parece aterrorizada.

“Desculpa”, digo com os lábios, sem produzir som, enquanto a vejo ser conduzida pelo meu pai.

— Segunda! — grito pra ela, e todo mundo pode ouvir.

Elle me olha por cima do ombro.

Seus olhos demonstram o mais puro pânico.



O CAPITÃO NÃO DIZ UMA palavra enquanto passamos pela frente da escola, descendo o morro em direção à caminhonete. Não grita. Sequer vira para olhar. Só anda, pelo menos dez passos adiante, e eu o sigo. Quando chegamos ao carro, ele entra, se estica e destranca a porta do passageiro. Respiro fundo antes de me jogar no assento e fechar a porta.

Eu consigo, eu consigo, repito para mim mesma.

Engulo o medo que trava a minha garganta. Tento bloquear minha própria voz na minha cabeça: *Você é a culpada dessa confusão toda! Não deveria ter saído! Deveria ter pensado em Jack. Mas se deixou levar pelos outros e...*

Olho de lado para o Capitão. Ele parece furioso, como se nem respirasse. Ele está...

Posso. Com os olhos fixos à frente.

Ameudeus. Estraguei tudo. Nem consigo imaginar a confusão em que meti Jack.

O ronco do motor é o único som que ouço. Olho pelo canto do olho para o Capitão. Mas é como se eu nem estivesse presente. Ele apenas dirige. Não diz uma palavra. Dá a ré, engata a caminhonete e se afasta da escola.

E entendo. Sei o que está rolando. Tipo... não falar? O silêncio completo e absoluto...

A escuridão.

Honestamente, acho que é pior do se ele estivesse dizendo alguma coisa. Qualquer coisa! É pior que gritar. Nossa. Mordo o lábio. Respiro.

Aguenta firme, Elle, digo para mim mesma. *Você consegue. Você consegue.* Repito isso muitas vezes na minha cabeça.

Eu me sinto mal por Jack. Minha mãe nunca...

Inclino a cabeça para a janela e encaro a escuridão, os postes de luz passando diante dos meus olhos. Não digo nada, porque... Não sou maluca, né? Sou uma Malloy há apenas um dia e meio, mas já entendi. Sei como funciona.

Nunca fale a menos que falem com você.

Quando o Capitão estaciona na garagem e sai da caminhonete, ele não bate a porta. Só a fecha e entra na casa, me deixando ali. Sentada sozinha. Por um momento, fico aliviada. Então me ocorre que estou sentada sozinha em uma caminhonete de madrugada. Abro a porta e saio.

Parada na entrada para carros, puxo o capuz do moletom e cubro a cabeça. Funciona como um capacete, acho. Mantenho as mãos no bolso da frente, ando até a casa e abro a porta, me preparando para a grande conversa que imagino estar prestes a se desenrolar. Os gritos, os castigos, o não-vai-sair-do-quarto-pelo-resto-da-vida. Pelo menos não vou precisar inventar qualquer desculpa para não ir ao treino amanhã. Quando entro, no entanto, está tudo às escuras. A casa está em total silêncio. Um breu. Tateio à procura do corrimão. Então, devagar e silenciosamente, subo as escadas. Entro no quarto de Jack. Meus olhos se acostumam à falta de luz. Mal consigo discernir o morrinho que é Stryker dormindo. Respiro

fundo e puxo as cobertas da cama de Jack, entrando debaixo delas sem fazer barulho. Nem ligo se ainda estou vestida, com o capuz na cabeça. Deito de lado, virada para Stryker.

— Só mais um dia — sussurro.

Simplesmente escapa da minha boca. *Eu consigo. Eu consigo.* Isso permanece na minha mente como se fosse uma canção de ninar. Fecho os olhos. Estou exausta.

QUANDO DISPARO PELO TERRENO DA escola, ouço me chamarem aos gritos:

— Elle! Volta aqui! Ei! EIIIIIIIIII!

Tenho quase certeza de que são Sammie e Mackenzie, talvez Claire. Não importa. Não ligo. É como se tudo que me preocupasse antes tivesse desaparecido. Mesmo quando estou seguramente fora do campo de visão delas não paro. Não ajoelho para amarrar os cadarços. São exatamente 2,7 quilômetros de lá até a minha casa. Fiz esse percurso de bicicleta um milhão de vezes, calculei a distância. Decorei. Sei exatamente o que tenho que fazer. E não ligo de estar correndo na rua vazia e escura de calça de pijama roxa, ou para o cabelo comprido de Elle batendo nas minhas costas. Minha cabeça gira, meu coração está disparado. Um pé depois o outro. Corro o mais rápido que posso. Parece tudo tão quieto. Tão escuro. É como se estivesse me movimentando no espaço. O ar parece suave. O único som que ouço além da minha respiração é o dos meus pés encontrando o chão. Mil pensamentos passam em minha cabeça. Ouço a voz de Jett me acalmando: “*A única coisa que você pode controlar é a intensidade com que vai fazer as coisas.*”

Engato a próxima marcha.

Preciso chegar em casa.

* * *

Quanto mais perto chego, pior me sinto. Estou suando. Estou em pânico como nunca antes. Minha cabeça está girando e sinto um aperto no peito. Digo a mim mesmo para me acalmar. *Relaxa, Jack! Segura a onda!* Sinceramente, não sei se estou mais preocupado com Elle ou comigo. Trabalhei tão duro, e agora está tudo indo pelo ralo. O Capitão provavelmente não vai nem me deixar jogar. Vai me obrigar a ligar pro treinador e pedir desculpas por...

Pelo quê? Não faço ideia. O Capitão é assim. Faça as coisas certas do jeito certo. Use a cabeça. Posso imaginar ele sentado à mesa da cozinha, olhando em silêncio pra Elle. É culpa minha, e ele vai descontar *nela*. Ah, cara, e se Elle chorar? Já era! Isso porque o Capitão ainda nem sabe da briga na escola! Só está bravo por causa da fuga pro parquinho. Decepcionei todo mundo. Quero tanto deixar meu pai orgulhoso, mostrar pra ele que posso fazer o que espera de mim.

Quando finalmente chego à minha rua, diminuo o ritmo para uma caminhada. Há uma estranha quietude no ar. Olho para as estrelas, mas de repente o céu parece mais escuro. *Não tem jeito*, penso, e baixo os olhos.

— Controle-se — digo para mim mesmo em voz alta, mais como um sussurro, já que estou me aproximando da casa. Quando finalmente chego lá, minha grande ideia de repente parece idiota. O que vou fazer? Tocar a campainha? Jogar uma pedra na janela? Provavelmente acabaria quebrando o vidro. Sou tão idiota! No que estava pensando quando vim pra cá? Fico parado na mesma entrada onde já fiquei um milhão de vezes. O mesmo lugar onde treinei um milhão de tiros. Exatamente no lugar onde treinamos,

onde puxo Gunner em um trenó com pesos. Fico ali parado e me jogo no chão. Sento e coloco a cabeça entre as mãos.

A casa está totalmente escura.

Não tem nenhuma luz acesa.

No breu, ando sozinho até a casa de Claire. Estou perto. Minhas mãos estão frias e suadas e minhas pernas tremem. Estou cansado demais.

Assim que a vejo, meus olhos se enchem de lágrimas. Não consigo mais segurar. O carro para. Summer pula para fora. Perco o controle. Começo a chorar. As lágrimas simplesmente rolam pelo meu rosto, e soluço. Eu me jogo nos seus braços e meio que desfaleço. Summer me envolve com força.

— Ah, querida — sussurra. — A mãe de Claire me ligou. Fiquei preocupada, porque... Ei, ei... fique calma, meu amor. — Summer beija a lateral da minha cabeça. — Estou aqui. Não se preocupe. Está tudo bem. Estou aqui. Te amo. Vamos dar um jeito.

Está escuro não há nenhum som a não ser os meus soluços. Summer não me solta. Continua me abraçando. Ela é forte.

— Vai ficar tudo bem — diz em um sussurro leve. Choro tanto que meu nariz começa a escorrer e a camiseta dela fica toda ensopada. — Está tudo bem — Summer sussurra de novo e de novo. — Está tudo bem, meu amor. Sei que está chateada. Não precisa mais ter medo. Vamos superar isso. As coisas vão melhorar.

— JACK!

Acordo e aperto os olhos. A luz está acesa. O Capitão está de pé à porta, de jeans, com a mesma camiseta cinza do Exército e o mesmo boné de beisebol de ontem.

— Você tem exatamente cinco minutos para levantar, pegar sua mala e entrar no carro.

É só isso que ele diz. Em seguida, vai embora.

— Hum, eu, hã... Doente! — digo, sem forças, parecendo patética. — Não estou me sentindo bem.

O Capitão reaparece na porta. Fica me encarando com os braços cruzados.

— Está respirando? — pergunta.

Faço que sim.

— É, hã, meu olho. Está doendo.

— Está enxergando?

— Sim, senhor — respondo baixo.

— Então pode patinar.

— Mas eu... eu... — começo a falar, mas paro. A expressão no rosto dele cala minha boca.

O Capitão olha para o relógio.

— Está perdendo tempo. Quatro minutos. É melhor estar na caminhonete na hora.

Espero que ele saia e olho para o relógio. São cinco para as seis da manhã! O que eu faço? *Prometi ao Jack.*

Stryker vira na cama e olha para mim como se eu fosse maluca.

— Cara, você está maluco? Você nunca se atrasa pro hóquei. Anda! Vai, se mexe!

— Não posso, eu...

— Levanta, cara! Qual é o seu problema? — Ele senta, meio grogue, esfrega os olhos e boceja. — Vou mijar. — Então levanta e olha pra mim da porta. — Cara, o Capitão vai pirar. É melhor andar logo.

Aimeudeus! O que eu faço? O que eu faço?

Então me sento. Ouço os segundos passarem no relógio. Meu coração está disparado. *Pensa, Elle, pensa! Conseguiu chegar até aqui, certo? A montanha, o levantamento de peso, você consegue, digo a mim mesma.* Eu me lembro do que Jack falou. Mas qualquer um que tivesse visto o olhar do Capitão...

Faria o que faço agora, que é levantar imediatamente. Quando o Capitão manda você ir, você vai. Corro para o banheiro e quase bato em Stryker, que está só de cueca.

— Hã... — gaguejo, parecendo uma pilha de nervos.

Ele boceja, esticando os braços acima da cabeça.

— Cara, o que deu em você?

— É que... Ah, meu Deus — digo. Tenho vontade de chorar, mas seguro. Em vez disso, olho pra ele e respiro fundo. — Stryker? — chamo. Então solto: — Cadê minha mala?

— Calma, cara. — Ele olha pra mim, confuso. — Você está agindo estranho, mas tudo bem. Vai mijar. Vou arrumar a cama e pegar sua mala na Jaula. Relaxa, cara, tenta raciocinar e cai na real. *Não surta.*

Não surtar. Não surtar. Repito isso em minha cabeça. Entro no banheiro, jogo água fria no rosto e olho no espelho. O nariz e o olho de Jack estão melhores. Só um pouco inchados, entre o roxo e o amarelado.

— Hóquei, ok, você consegue.

Solto o ar e forço um sorriso. Então viro para a janela, afasto a cortina e dou uma olhada. Ainda está escuro. O Capitão já está esperando na caminhonete, com os faróis acesos. “Se consegue enxergar, consegue patinar.” Murmuro as palavras dele, como se de alguma forma fossem ajudar.

Um minuto depois estou correndo escada abaixo, vestido com as mesmas roupas de ontem à noite. Jeans. Moletom preto. Desço enquanto vou enfiando os tênis de Jack. Nunca na vida fui tão grata a alguém como a Stryker, ainda só de cueca, que surge de repente vindo do porão com a enorme bolsa de Jack.

— Stryker, meu Deus, eu te amo! — digo. Simplesmente sai da minha boca.

Ele me olha com uma expressão intrigada.

— Também te amo, cara. Não sei o que deu em você, mas hoje é um dia importante. — Stryker para e sorri para mim. — Respira, irmão. Você consegue. Você é o cara.

Pego a mala, jogo nos ombros e me viro para ir embora...

— Uau, tá viajando hoje, hein? — Stryker ri, me puxando de volta pelo ombro e me entrega dois tacos de hóquei. — Vai precisar disso.

— Valeu.

De alguma forma, ele consegue me passar sua tranquilidade. Olho para o irmão de Jack e sinto como se, tipo, tudo fosse dar certo de alguma forma.

— E, cara... — acrescenta ele.

Paro na frente da porta aberta e olho para Stryker.

— Custe o que custar — diz ele. — Não desista. Nunca.

Jogo a mala de Jack na caçamba da caminhonete e pulo no assento em que estava sentado, tipo, há quatro horas. Estou totalmente alerta agora.

Estou totalmente alerta e vou jogar hóquei!

Da última vez que patinei em público, tinha dez anos. Olho para o Capitão. Rapidamente viro o rosto. Ele me intimida com o silêncio. Antes de sairmos, antes de a caminhonete se mover, sem olhar pra mim, o Capitão me entrega um copo de algo com um cheiro nojento. Pego e aproximo o nariz devagar. *Aimeudeus. Eca.* Mas não faço cara de nojo. Acha que sou louca? Não vou irritar o cara. Tenho que aguentar. Preciso fazer isso por Jack.

— Obrigado, senhor — digo, levando o copo de plástico até a boca. Dou uma golada e tento não fazer careta. Conto até cinco, fecho os olhos e viro o resto.

O Capitão não fala o caminho todo até o ringue. Nem uma palavra. Mantenho a cabeça virada para o lado oposto. Tento não vomitar a estranha vitamina de banana. Vejo o sol nascer do outro lado da janela, onde uma névoa violeta se forma. Tem muito mais gente acordada às 6h17 da manhã do que eu imaginava. Carros passam correndo por nós; trânsito. Quando o Capitão estaciona a caminhonete diante do ringue, sinto um vazio no estômago. Não tenho ideia do que vou fazer, mas preciso tentar. É tarde demais agora. Coloco a mão na maçaneta da porta e respiro fundo.

— Jack — diz o Capitão, finalmente quebrando o silêncio.

Viro e olho para ele, que não está sorrindo. *Também, o que eu esperava?*

— Senhor? — digo. Mantenho a mão na maçaneta. Não me movo.

— Isso pode acabar em um instante.

— Sim, senhor! — Minha voz treme e faço menção de me mover, mas sinto sua mão me puxando pelo ombro.

— Eu disse que você estava dispensado?

Sinto um aperto no coração.

— Não, senhor — respondo, nervosa.

— Sobre ontem à noite — diz ele. — Olhe para mim.

Viro e olho para ele.

— Desculpe, senhor — digo baixo. Não vou mentir: preciso me esforçar muito para segurar as lágrimas.

O Capitão nem pisca.

— Sem desculpas.

— Sim, senhor — respondo fraco.

— Não há meio-termo aqui. É preto no branco. Homens fazem o que precisam fazer. Meninos fazem o que querem fazer.

Não tenho ideia do que isso significa ou do que ele espera que eu responda. Ficamos sentados na caminhonete em silêncio por pelo menos um minuto. Até o motor está desligado. Olho para os outros garotos saindo do carro dos pais, sorrindo, a mala no ombro. Todos parecem maiores e mais velhos que Jack.

No que foi que me meti?, penso, enquanto os observo desaparecer atrás das portas de metal.

Finalmente o Capitão respira fundo.

— Pode ir.

É tudo o que diz.

— Mallsy! Raspou as ondas! — Ouço quando me aproximo da porta, com a mala gigante de Jack no ombro e os dois tacos na mão.

Viro para olhar. A voz vem de um garoto alto de olhos claros, com cabelo loiro e comprido saindo do boné de beisebol. Quanto mais ele se aproxima, mais seu sorriso aumenta.

— E aí, cara? Raspou legal, ficou bom. Já está na preparação para o dia do jogo, né? Ficou irado, Mallsy! Adorei, cara.

Ele abre a porta do ringue e a segura pra mim.

Por sorte, todo mundo adora Jack. Sorrio desconfortável para o Loiro Feliz e foco em passar pela porta com a imensa mala no ombro. Uma vez lá dentro, sinto o ar no rosto. Está gelado!

O Loiro Feliz me segue de perto.

— Hora de ralar — diz ele.

Olho por cima do ombro e dou um desses acenos de cabeça que os caras dão, mantendo o olhar focado à frente e caminhando pelo corredor.

— Mallsy! — O Loiro Feliz me chama. — Pra onde você tá indo, cara? — Parado diante de uma porta alguns metros para trás, ele ri. — Surreal. — Sorrindo, Loiro Feliz balança a cabeça enquanto ando de volta até ele. — Ha-ha! Clássico!

Quando entro no vestiário lotado, ninguém nem olha. É como se o lugar fosse outro mundo, composto por caras sem camisa, sorrindo e conversando animadamente. Na parede, alto-falantes emitem uma música. Todos estão sentados lado a lado em bancos de madeira, seminus. Malas cobrem o chão. E, *cara*, como fede aqui dentro. Tenho que me concentrar para não franzir o nariz.

Sento no primeiro lugar vago que encontro e jogo a mala no chão.

O garoto ao meu lado me olha por baixo do boné de beisebol.

— Esse aí é o lugar do Buggy, cara.

— Ah. Foi mal. — Levanto com um pulo e ocupo o único outro espaço livre no vestiário. Desvio de um milhão de malas, carregando a de Jack no ombro. *Ok*, penso, jogando o peso no chão de novo. Acomodo-me no assento e olho ao redor, nervosa.

Isso vai ser... interessante, penso, e quase rio. Não tenho a menor ideia de como vestir isso aqui.

Com a música retumbando e os garotos falando, rindo e atirando coisas uns nos outros, bolo um plano: meu jogo de Siga o Mestre particular. Um que ninguém mais sabe que está rolando. Observo o Loiro Feliz do outro lado do vestiário. Copio tudo o que ele faz.

Ele tira a cueca. Eu também tiro.

Ele revira a mala e pega...

Uma coquilha.

É impossível não rir. Tento não encarar enquanto o vejo vestindo o negócio. Então eu o imito com precisão. E pronto! Agora tenho um escudo protegendo o... Hum...

Negócio do Jack.

Em seguida vem um elástico que parece complicado. Pra que serve? Eu visto, e é tipo um cinto com botões e ganchos pendurados. Tanto faz. Não faço ideia da utilidade disso. Só continuo copiando o que o Loiro Feliz faz. Ele senta no banco, puxa os meiões dourados por cima da caneleira, primeiro o esquerdo, depois o direito. Então levanta e... Ah. É pra isso que serve. Quase balanço a cabeça em concordância. Os ganchinhos no cinto seguram os meiões. Não é tão complicado quanto parece. Depois disso, ele veste uma calça coladinha. Encontro a de Jack e visto também.

Certo. Agora, patins. Primeiro o direito, depois o esquerdo. Começo por baixo e vou puxando o cadarço até chegar ao topo, então aperto bem forte e amarro como se fosse um tênis. Ok. É isso, ok? Olho em volta. Não. Ainda não. Ombreiras. Cotoveleiras. Camisa. Enfio pela cabeça, depois coloco um braço por vez, só que ela fica presa na ombreira. Ah, que ótimo. Meio que rio. Estou sentada num vestiário com vinte garotos, entalada no uniforme.

— Eu ajudo você, Mallsy — diz o garoto ao meu lado, puxando a camisa para baixo.

— Valeu, cara.

Pego o capacete de Jack. Coloco na cabeça. Enfio as luvas e fico de pé nos patins.

Parece que estou indo para a guerra. Sigo os outros garotos. O Loiro Feliz olha para mim de um jeito estranho pouco antes de sairmos.

— Mallsy, melhor trazer seu taco. — Ele ri. — O que deu em você hoje, cara?

— Ah, valeu — digo por trás da máscara, envergonhada. Pego um dos tacos de Jack e o seguro como uma espada nas mãos cobertas por luvas de couro. E pronto. Entro na fila. O pai de alguém bate nas costas de cada um enquanto passamos.

— Isso aí, garotos! — grita ele, meio sorrindo. — Mostrem a que vieram!

Marchamos como um exército.

Sou a última a deixar o vestiário.

ACORDO NA CAMA ENORME DE Elle, com o sol entrando pela janela e o cobertor puxado até o queixo. Sinceramente, não me sinto tão bem há muito tempo. Sento e esfrego os olhos, pra afastar o sono. Acho que nunca dormi tão bem. Não fiquei me revirando na cama, ou acordei suado e preocupado, como costuma acontecer. Só dormi. Longa e profundamente. Então abri os olhos e tive uma sensação boa...

Por cerca de três segundos. Então...

Eu me lembro.

Lembro tudo.

Do olhar no rosto do meu pai. De ter perdido o treino pela primeira vez na vida. Da situação precária em que estava ontem à noite. Chorei tanto. Aquele tipo de choro convulsivo, cheio de soluços. Não conseguia nem falar. Lembro que Summer me abraçou, sentou comigo e eu não disse nada. Só fiquei ali, chorando. Eu me lembro de me desfazer em lágrimas antes de finalmente pegar no sono.

Ah, cara. Deito e enfio o rosto nas cobertas. Respiro fundo.

Menos de um dia.

Vou sentir saudade dessa cama. Coisas óbvias começam a encher meus pensamentos. *Provavelmente estou de castigo. Provavelmente vou pra Saint Joe's.* Eu me imagino com um blazer azul-marinho idiota, gravata e calça cáqui. Elle é muito corajosa, cara! Entrou na caminhonete. Foi pra casa. Nem consigo acreditar. Encarou a bronca! Provou que tem bo... Bem, sou obrigado a rir. Obviamente Elle não tem bolas.

Rá. É. Não quero pensar nisso. Fecho os olhos de novo. Estou exausto. Não vou sair dessa cama nunca.

— Ellie, querida?

Ouçó uma batidinha na porta e abro os olhos.

— Oi, meu amor. — Summer enfia a cabeça pela fresta e então entra e senta em silêncio na minha cama. Ela estica o braço e toca meu rosto. — Ei — diz, com doçura. — Como está se sentindo? Um pouquinho melhor?

— Um pouco — respondo, lentamente, com a voz rouca.

Summer olha pra mim com carinho e respira fundo.

— Em algum momento, querida, vamos ter que falar sobre o que exatamente aconteceu, ok? Mas agora... — Ela faz uma longa pausa, sorrindo com os olhos. Então se debruça e beija minha testa, mantendo os lábios ali por um momento. — Ah, meu amor — Summer sussurra. — Às vezes a gente só precisa da nossa mãe, não é?

Entro na cozinha usando os chinelos felpudos de Elle e sento na cadeira perto da janela. Foi bom lavar o rosto e prender o cabelo. Estou com uma calça larga de moletom e uma camiseta velhinha do time de futebol do Boston College — lembro vagamente de ter tirado a roupa da festa e colocado esta antes de

deitar. Fico observando Summer no fogão, virando panquecas, até que ela me vê sentado à mesa.

— Ah, oi, querida — diz, virando para mim com um sorriso no rosto. Está com a mesma roupa de ginástica de quando a conheci. — Tomou banho?

— Não. — Balanço a cabeça e consigo dar um sorrisinho.

— Não? Bem, pelo menos lavou o rosto? É um bom primeiro passo.

— Lavei.

Ela sorri.

— Espero que esteja com fome, porque fiz panquecas para alimentar um exército!

A palavra “exército” me faz pensar no meu pai. Tenho certeza de que de repente pareço preocupado.

Queria estar no treino agora.

Dou uma olhada no relógio. Os caras devem estar saindo do ringue, com a mala no ombro, atravessando o estacionamento, rindo, brincando. Não tem jeito melhor de começar o dia que patinando. Adoro a sensação que vem depois de um treino. Voltar pra casa, malhar com meus irmãos. Todo domingo é a mesma coisa.

Summer me passa um copo de suco de laranja.

— Ei, tudo bem com você?

— Tudo — minto. — Obrigada — digo, levando o copo à boca. De repente sinto tanta sede que tomo tudo de um gole só.

— Então, vai encarar o futebol? Porque, se for, precisamos sair em — Summer para e olha o relógio — uma hora. — E prossegue: — Olha, querida, a noite passada foi difícil. Não sei o que está acontecendo, mas vou deixar passar porque confio em você. Mas, como disse, precisamos falar sobre o que aconteceu. Pode ser depois do treino.

Olho para Summer. Ela é, tipo, muito legal. Seus olhos brilham. Eu amo a Summer. Sei que isso parece esquisito porque, sei lá, mal a conheço. Mas é que...

Sinto como se conhecesse.

— Querida? — diz ela, ainda de pé, sorrindo carinhosamente. Esperando que eu fale.

— Eu vou — respondo em voz baixa. Tento sorrir também. Pelo menos Elle disse que não vê problema nisso. Vai ser legal suar um pouco, me mexer. Nem ligo se algumas das garotas de ontem vão estar lá. Não me importo com o que vão dizer. Vou ficar de boca fechada e tentar me divertir.

— Fico muito feliz de ouvir isso. — Summer dá um sorriso enorme. — E, se você vai jogar — continua, virando para o fogão —, precisa comer.

Summer volta para a mesa com um prato cheio de panquecas quentinhas empilhadas. Parecem ótimas. Acho que têm formato de coração — ou não. Summer é demais. Coloco um guardanapo no colo e dou uma olhada para a cozinha de Elle, que é o oposto da nossa. Cheira a manteiga e açúcar ou... baunilha. Bolo de baunilha. E tudo é claro e aconchegante. Tem flores na mesa. Summer pega um prato pra ela e se senta à minha frente.

Espero por ela antes de começar. É o que costumamos fazer com meu...

Ela olha pra mim.

— Coma!

Seus olhos são muito, muito bonitos. Idênticos aos de Elle. As mesmas sardas, o mesmo cabelo ruivo comprido na altura dos ombros, dividido ao meio. Sei que parece estranho, mas olho para ela e tenho vontade de chorar.

— Obrigada — digo, dando a primeira garfada e já preparando a segunda.

— Gosto de ver esse sorriso — diz ela, piscando através das flores amarelas e cor-de-rosa. Comemos em silêncio. Mas não um tipo de silêncio vazio. Se é que isso faz algum sentido.



COM O TACO NA MÃO, sigo os garotos pelo longo corredor, marchando em fila com os patins e o equipamento/armadura sobre um tapete de borracha preto. Todo mundo está animado, gritando qualquer coisa do tipo vamos-botar-para-quebrar em uma voz grave e masculina.

— Façam barulho, rapazes!

— Chegou a hora! Vamos lá!

— Deem tudo de si! Nada de se segurar!

Paro na entrada do rink, imediatamente antes de pisar no gelo. É um pequeno passo, mas congelo e fico ali, me preparando. Eu me sinto como um filhotinho assustado. Estou uma pilha de nervos, as pernas vacilam, o corpo todo treme — tenho certeza de que vou perder o equilíbrio e escorregar assim que pisar ali.

O que estou fazendo? Isso é loucura!, penso. E, bem quando estou considerando virar e dar qualquer desculpa para sair dali, um cara grande, de agasalho preto do Boston Junior Bruins e com um capacete reluzente, se aproxima e quase me mata de susto!

— Vamos, Mallsy! Prepare-se! — ladra o sujeito, que está mascando chiclete e tem um apito pendurado no pescoço. — Entre logo e mostre a que veio. Domine, Malloy! Vamos ver do que você é capaz!

Hum. É. Olha, não sei qual é a desses caras se batendo. Mas o que vem em seguida é outro tapa nas costas. *Minha nossa!* Quase engasgo. Não estava esperando! E isso desencadeia uma série de acontecimentos. Vou explicar melhor pra que você (*por favor*) não ria.

O tapa nas costas, o empurrão, o movimento pra frente, o toque no gelo branco e limpo...

É bizarro! Faço sem pensar! Piso com o pé direito e dou um impulso. Só que, em vez de cair de cara no gelo como pensei, o corpo de Jack entra em algum tipo de piloto automático sem qualquer esforço da minha parte. É como se tudo se encaixasse, sei lá! Faço sem pensar. Posso ouvir o gelo sendo cortado pela lâmina sob meus pés, primeiro o esquerdo, depois o direito. Sinto o ar gelado na garganta — sai fumacinha quando expiro — e uau! O nervosismo simplesmente desaparece. Se desse para ver meus olhos pelas grades da máscara, saberiam que estou sorrindo. Jack é bom! E rápido!

Não acredito que demorei tanto para perceber. Jack está no meu corpo e eu estou no dele: *posso fazer qualquer coisa que ele faz!*

Tudo no gelo é fácil. Tudo flui. Piso, empurro e deslizo. Empurro e deslizo. Começo a ir cada vez mais rápido. É um lance natural. Sigo os outros garotos. Dou impulsos longos e poderosos para deslizar pela superfície. Os outros estão se alongando, brincando com os discos, aquecendo — não consigo explicar como é fácil. E não apenas a parte de patinar, mas o controle do taco também. É como se tivesse um fio segurando o disco. Ele nunca sai do controle. Jogo da esquerda para a direita. De um lado para o outro, tudo em movimentos fluidos. Sigo no ritmo por toda a primeira parte do treino.

Quando o grandalhão de capacete apita e chama todo mundo pro centro, sou o primeiro a chegar. Então ajoelho, imitando os outros rapazes.

O treinador cospe o chiclete no gelo. Ele espera até que todos estejam ali para começar falar. Enquanto isso, olho para a arquibancada. Vejo o Capitão olhando para o rink, me observando. Meu coração acelera. Não vou mentir: estou mais nervosa agora do que nunca. É como se, de repente, nada mais importasse além do aqui e agora. Não quero estragar tudo. Ajoelhada com o resto do time, me sinto confiante, quase orgulhosa. Entendo por que Jack gosta tanto de hóquei. Ele é muito bom nisso. Está jogando com os melhores.

O treinador olha diretamente pra mim quando fala.

— Nossa primeira partida está aí e precisamos treinar hoje como vamos jogar amanhã. Quero ver intensidade. Vençam cada disputa. Concluem as jogadas. Se fizermos isso, vamos ganhar. — Ele para por um momento e dá uma olhada nos garotos. Então se concentra de novo em mim. — Muito bem! Vamos lá!

Pelos próximos cinquenta minutos, dou tudo o que tenho. Nos exercícios de aquecimento, na patinação, nos passes, nos tiros a gol.

Fico atrás do disco e o acerto, acompanhando sua trajetória. De alguma forma, meu corpo sabe o que fazer.

— Belo tiro, Mallsy! — Ouço.

Faltando dez minutos para o treino acabar, estou apaixonada pelo hóquei. Nunca me diverti tanto. Jack é tão bom, forte e rápido. É quase como se estivesse dançando, seu corpo se move graciosamente. O último exercício é tiro a gol com marcação. O treinador solta o disco no canto. Dois caras vão pra disputa e o primeiro que pegar tenta marcar. Espero minha vez. Mal posso me segurar. Estou tão feliz que até olho para o Capitão e considero acenar, juro!

Assumo a posição. Serei eu contra um cara bem maior que Jack.

— Estão prontos? — pergunta o treinador. Antes que eu concorde, ele solta o disco no canto.

— Vamos lá, Mallsy!

O outro garoto sai antes, mas o persigo. Chegamos os dois em alta velocidade, mas estou à frente. Começou a batalha. Não preciso nem pensar; meu corpo se move sozinho. Estou prestes a pegar o disco quando o garoto acerta forte meu peito com o taco. Não é só um encontrão, é um golpe. Sou jogado pra trás e ele começa a me provocar enquanto disputamos o disco.

— Quer tentar, novato?

O garoto me dá outro golpe, agora no braço. Sou jogado contra as placas e meu ombro absorve o impacto. Meu primeiro instinto é revidar, mas sei que seria idiotice cair na dele. Em vez disso, disputo o disco, venço e vou para o gol. Engano o goleiro jogando o disco pra esquerda. Quando ele cai, corto e lanço o disco para o gol aberto.

— Isso! — sussurro para mim mesma, tentando não comemorar. “*Seja humilde*”, lembro do conselho de Jett. Tento agir como se marcasse gols o tempo todo. Mas, nossa, como é bom estar por cima.

O garoto está atrás de mim quando volto pro fim da fila.

— O que pensa que está fazendo, novato? — Ele me encara e balança a cabeça. — Por que tanta agressividade? A gente tem um jogo amanhã, cara! Quer entrar nessa pilha, é? Quer arrumar problema? — Ele me dá um empurrão de leve.

Oi? Mas foi ele quem começou! Esse garoto deve ter algum problema, penso. Mas então alguma coisa acontece, e recuo. Aceno com a cabeça e dou de ombros. É como se Jett, Gunner e Stryker estivessem todos aqui agora. “O cão assustado é o que late mais alto, irmão. Não perca tempo com isso. Só relaxa, se controla e manda ver!”

E, pelo resto do treino, sinto uma confiança diferente. Como se estivesse forte, mais rápida. Jogo no limite. Quando o treinador encerra o dia, não queria que acabasse. Estou empolgada! Sinto como se pudesse fazer qualquer coisa. O tempo voou! Foi como...

Se estivesse em êxtase.

Foi mágico.

Ajoelhamos no centro do rinque. Minha respiração está acelerada. Sinto o suor escorrendo pela lateral do rosto. O treinador mastiga o chiclete e fica nos encarando por um bom tempo. Só se escuta o silêncio e o zumbido das luzes sobre nossas cabeças.

— Rapazes — diz ele por fim, parando e cuspiendo. — Normalmente não gosto de apontar o desempenho individual de vocês, mas hoje vi algo que... — Ele para de novo, estreitando os olhos. O ambiente fica realmente silencioso. Meu coração dispara.

Será que fiz alguma coisa errada?

Quando ele volta a falar, está olhando pra mim.

— Se a gente jogar com a intensidade e a vontade que Mallsy demonstrou hoje, estamos feitos. O garoto é durão, nada vai fazê-lo desistir.

O técnico me dá um sorriso e acena com a cabeça. Sinto os olhos de todos em mim. Eles começam a bater o taco no gelo.

— Mallsy!

— Você é o cara!

— Isso aí!

— O novato é nervoso!

O treinador espera até que os garotos se acalmem.

— Malloy. — De novo, ele olha diretamente pra mim. — Você foi agressivo lá no canto, mas não comprou a briga quando Boomer acertou você, algo que vi você fazer outras vezes. Isso mostra disciplina. Boomer é um cara bastante imponente. Ter alguém assim na sua cola, tomar uns trancos e ainda sair com o disco e marcar... Agiu muito bem. — Ele olha pros outros garotos. Fala devagar, escolhendo bem cada palavra. — Quero essa intensidade amanhã, rapazes. A falta sempre é marcada contra o cara que compra a briga. Joguem com paixão, mas usem a cabeça. Amanhã vai ser uma batalha. Temos que superar o adversário trabalhando mais e tendo um desempenho melhor. Vamos mostrar tenacidade e dedicação. — Ele para de novo, um sorriso finalmente surgindo em seu rosto. — Vamos nos inspirar em Mallsy e manter a ofensiva para pressionar o adversário.

— Mallsy!

Os garotos batem os tacos de novo.

— É só controlar o disco e chegar ao gol. Descansem hoje, rapazes. Comam direito, se recuperem e façam alongamento, ok? Amanhã, venham prontos pra dar duro nos sessenta minutos!

Estou patinando, banhada em suor. O sorriso em meu rosto é enorme. Eu me esforcei como nunca. Joguei duro. Apesar de qualquer dificuldade, não desisti. Olho para o Capitão, assistindo a tudo do alto da arquibancada. Cara, ele deve estar orgulhoso! Os garotos acertam minha bunda com os tacos. De um jeito amistoso.

— Bom treino! Não esperava menos de você, Mallsy.

— Vamos lá, pessoal!

— A batalha começa amanhã! Detonou, Malls!

O garoto que me bloqueou, aquele que me atingiu com o taco no peito, vem atrás de mim quando começo a sair do gelo.

— Foi mal, cara — diz ele, abrindo um sorriso. — Perdi a cabeça. Sem ressentimentos?

— Claro. Esquece isso — digo. É tão fácil. Simplesmente sai da minha boca. — Não esquenta — digo, sorrindo. E estou sendo sincera.

JACK

SUMMER ENTRA COM O CARRO no Complexo Esportivo Riverside, mas, em vez de simplesmente entrar na pista exclusiva para quem vai deixar alguém e sair, ela vira para a direita em direção às vagas.

— Achei que seria legal assistir ao treino, pra variar — diz ela.

Entramos juntos, lado a lado. É diferente de quando meu pai me acompanha. Ele normalmente estaciona a caminhonete, sai pra buscar um café e reaparece no início do treino. Fica no mesmo lugar. Toda vez. Não fala com ninguém. Só mantém os olhos colados em mim do alto da arquibancada, observando tudo. Depois repassamos o treino no caminho pra casa. Em geral, repassamos como foi que estraguei tudo. O que fiz de errado. Como melhorar. Os acertos que devem ser feitos.

“São os detalhes, Jack”, diz ele. “São os detalhes que você precisa acertar.”

Enfim.

Olho para Summer. Ela apoia o braço nos meus ombros enquanto andamos e sorri pra mim.

— Vou acabar com sua reputação se abraçar você?

— Não. — Sorrio e me inclino pra ela. A sensação é boa. — Nem um pouco.

— Olha, não se preocupe, não vou ficar gritando da arquibancada nem coisa do tipo. — Ela ri. — Primeiro porque não entendo nada de futebol, e segundo porque acho que você é perfeita, então sou suspeita pra falar. — Os olhos dela se iluminam. — Trouxe um livro muito bom. — E sorri enquanto subimos as escadas. — Não vou nem espiar, prometo. Só quero que saiba que estou aqui, está bem? Não vou a lugar nenhum.

O lugar está lotado. Repleto de alunos suados e rostos vermelhos usando camisas coloridas e de mochila nas costas. A lanchonete está congestionada com garotos tomando raspadinha, crianças menores andando pra lá e pra cá na sala de videogame, perto da vitrine de troféus. Summer e eu passamos por tudo isso e nos separamos quando chegamos aos campos. Ela me dá um sorrisinho e se afasta com o livro, indo para junto dos outros pais nas arquibancadas de metal.

Procuro as Thunderbirds com seus meiões de listras cor-de-rosa. Torço para estar um pouco atrasado e não precisar conversar. Espero que todo mundo já esteja se aquecendo e eu possa, tipo, entrar despercebido.

É. Só que não.

Quando entro no campo, o último, todo mundo olha.

Sassy.

Aspen.

Claire.

Mackenzie.

Sammy Menina.

Antes que tenham a chance de dizer alguma coisa sobre o que aconteceu, sou salvo pelo apito.

— Vamos lá, garotas, mandem ver! — grita a treinadora, de pé no centro do campo.

Carolyn está com o mesmo agasalho preto, a mesma viseira e o mesmo rabo de cavalo. Ela dá um

grande sorriso e todas as garotas se aproximam, formando uma rodinha. Sinto Mackenzie pegando minha mão.

— Que bom que você veio — sussurra ela, sorrindo.

— Temos muito a fazer, meninas. Esse é o último treino antes da peneira. — Carolyn está séria agora.

— Vai ser parecido com sexta, mas, em vez de ver como recebem e tocam, e como trabalham com o resto do time, hoje vou observar dribles e ataques individuais.

Mantenho os olhos na treinadora, mas mesmo assim posso sentir.

Sassy.

Vejo com o canto do olho que ela está me encarando. É, tipo, o olhar mais cruel que já vi na vida. Viro para a arquibancada e encontro Summer na multidão de pais. Está lendo o livro, como prometeu. Respiro fundo e volto a olhar para Carolyn.

— Assim como na sexta, todo mundo vai cometer erros. O que quero é ver a reação de vocês a eles. Se esforcem ao máximo, ok, garotas?

Todas concordam. Dá pra ouvir alguns pés se mexendo.

— Então o treino hoje vai ser assim: vamos aquecer, dividir o campo em estações e cada uma de vocês vai passar por todas elas, num rodízio. Depois, vamos finalizar com marcação individual na defesa e no ataque, ok?

Ela olha pra mim e sorri.

— Sim, senhora! — deixo escapar sem querer. É automático.

— Puxa-saco! — Ouço Sassy resmungar.

Depois da primeira hora, estou bem suado. Tento treinar forte e me manter longe de qualquer confronto mais duro com Sassy. Fico longe dela e, se ela se aproxima, não falo nada. Não faço contato visual. Quando tenho vontade de socar a cara da garota, olho para Summer na arquibancada. Com seu cabelo ruivo comprido e brilhante, é fácil de localizar. E é a única mãe que não está assistindo ao treino, apenas lê.

— Muito bem, meninas, mandem ver!

A treinadora nos chama para o último exercício. Estou sem fôlego. Cada estação é bem intensa. Fico entre Sammy Menina e Mackenzie. É como se elas fossem meio que minhas guarda-costas, sempre guardando um espaço entre elas na rodinha e impedindo que qualquer outra garota fique entre nós. As instruções da treinadora são meio complicadas. No hóquei, simplesmente sei aonde ir, nem preciso pensar. Mas aqui, no campo, preciso me concentrar e ouvir.

— Vamos terminar com a marcação individual no ataque. Todas que estão de colete vermelho esperem ao lado da trave. Goleira, no gol. Todas de colete amarelo vão para a marca do pênalti. Vou passar a bola para a atacante. A defesa começa a correr assim que eu chutar.

Ah, cara. Espero ter entendido. Estou de amarelo, então vou atacar. Fico na fila, perto da marca do pênalti, atrás de Sammie e um monte de garotas que não conheço. Sassy, Aspen, Claire e Mackenzie estão todas de vermelho. Elas ficam ao lado da trave. Conto mentalmente: *nove atacantes e nove defensoras*. No entanto, a disputa é sempre com alguém diferente. Primeiro Aspen, depois Mackenzie, depois uma garota chamada Addi. A cada gol que faço, ouço Sassy provocar.

“Nossa, que sorte.”

“Quero só ver quando jogar contra alguém que preste.”

“Você saiu antes!”

Preciso admitir que estou irritado. A garota é ridícula. *E está conseguindo o que quer*, penso, então olho para Summer. Ainda está lá, tranquila, com o nariz enfiado no livro. Volto pra fila com as outras atacantes. Não posso evitar observar. Já disse que sou assim, que fico contando. Duas meninas à minha frente e duas à frente dela.

— É — digo em voz baixa.

Vou enfrentar Sassy.

A técnica toca a bola pra mim. Vejo Sassy correndo, à toda, dando o máximo de si. Não sei de que outra forma descrever, mas alguma coisa em mim simplesmente desperta. Parece fácil. Meus pés se movem sem que eu pense. Driblo Sassy com perfeição, e penso: *Incrível. Acabei com ela*. Então, de repente, ouço passos e vejo de canto de olho quando Sassy me dá um carrinho.

Dou um toque rápido na bola e, com um pulinho, evito a perna dela, então dou um chute rasteiro perfeito perto da trave, que a goleira não consegue pegar mesmo com os braços esticados. Tudo parece acontecer em câmera lenta. Olho para Sassy, ainda no chão. Não preciso dizer nada. O som da bola tocando na rede foi bem alto. Isso faz com que todo mundo pare. As meninas me olham, de queixo caído. Carolyn pira.

— Uau, Ellie! É disso que estou falando! É assim que se faz um gol!

Volto pra fila. É, estou sorrindo de orelha a orelha. Sammy Menina me encara, sem palavras.

— Nossa! De onde isso saiu? — pergunta ela, surpresa.

Sei exatamente de onde. Ou, melhor dizendo, de *quem*.

Comecei a pensar nisso no segundo em que a bola tocou na rede. Definitivamente não sei jogar assim. Hóquei, sim. Mas não futebol. Foi Elle quem fez isso! Cem por cento! O jeito como meus pés simplesmente sabiam o que fazer, é coisa dela.

Eu sou ela e ela é eu!

Balanço a cabeça. Tenho um enorme sorriso estampado no rosto.

— É puramente Elle! — digo em voz alta, quase rindo. Surreal. — Foi demais!

Os garotos diriam:

— Ela é o cara!

Então rio, porque, é isso mesmo. Sei que não estou sendo muito humilde, mas isso é muito louco. Muito bizarro. Estou mais orgulhoso de Elle do que sou capaz de explicar. E estou empolgado! Olho para Summer e, naquele exato segundo, ela tira os olhos do livro e abre um largo sorriso pra mim. Viro para o gol e vejo Sassy voltando devagar para a fila da defesa. De repente me sinto grato. Aliviado. Não perdi o controle. Não fiz falta em Sassy ou a provoquei. Eu só a derrotei — *nós* a derrotamos, aliás.

NO CAMINHO ATÉ O VESTIÁRIO, mal consigo raciocinar de tão elétrica que estou! Lá dentro está superbarulhento, com música country tocando nos amplificadores, garotos brincando, rindo, falando besteira, relaxando. Sento no banco e absorvo aquilo tudo. Primeiro de tudo, não posso deixar passar: esse lugar fede *muito*, mas acho que... é. Nossa. Eu mesma estou cheirando mal. A maioria dos caras está meio pelada. Sentados, sem camisa, com um sorriso grande no rosto. Muita gozação de um lado pro outro. Ninguém fala nada a respeito do treino. É como se tudo tivesse ficado no gelo e eles seguissem em frente.

— Vou ver os Pats hoje! Vai ser irado!

— Demais, cara, que sorte!

— Belo bigode, Brownie, ha-ha!

— Banho quente. Comida. E sofá pelo resto do dia. E uma maratona de jogos dos Giants, Eagles, Bills, Pats. Se quiserem podem chegar lá em casa.

— Riles, ouvi dizer que você pegou a Shaylee!

— Que isso, Riiiiiiiles! É sério que mandou ver, bonitão?

— Shaylee Landon é demais. Não podia ser mais gostosa.

— Esse taco novo é incrível. Onde conseguiu? A curva é irada, cara. Você vai detonar com isso. Quero um também!

Meio que gosto do barulho de fundo. O modo como todos riem e brincam. Poderia me acostumar com isso. Eu me arrumo com calma, sem correr. Fico ali sentado e deixo a adrenalina baixar. Estou exausta — do melhor jeito possível. Coloco o equipamento de volta na mala, fecho, visto o jeans e o moletom. Levanto e jogo a mala no ombro. Os caras são simpáticos quando levanto pra ir embora.

— Até mais, monstrão!

— Isso aí, Mallsy, patinou bem!

— Manda ver amanhã, cara!

É engraçado, porque, assim como na chegada, estou atrás do Loiro Feliz na saída do vestiário, atravessando o longo corredor. Tento parecer tranquila, não deixar um sorriso escapar. Mas é difícil. Estou agitada! Orgulhosa, acho. Jack vai arrasar amanhã — não tenho nenhuma dúvida!

Caminhando confiante, saio pelas largas portas duplas para o ar fresco e o sol da manhã. A mala jogada em meu ombro nem parece mais pesada enquanto carrego os tacos. Olho em frente e vejo a caminhonete esperando. Viro para o Loiro Feliz.

— A gente se vê amanhã, cara.

— Quero ver você destruir hein, Malls!

Jogo a mala na caçamba e pulo na frente, animada. Olho para o Capitão com um sorriso enorme no meu rosto. Tenho certeza de que ele está orgulhoso. Impressionado até! Mas, assim que o vejo, sinto um buraco no estômago. Ele sequer vira pra mim, nem me olha! Simplesmente engata a marcha e sai do estacionamento. Em questão de segundos, deixo de me sentir no topo do mundo para me sentir...

Um lixo.

Pego no sono na caminhonete. Sei disso porque, quando acordo, já estamos entrando na garagem e tenho um pouco de baba seca no lábio inferior. Eu me endireito depressa e olho para o Capitão. Para minha surpresa, ele olha de volta.

— Está feliz com o seu desempenho? — pergunta, mas soa como afirmação.

— Sim, senhor, acho que joguei bem — respondo depressa, confiante.

O Capitão vira o rosto e olha pela janela. Então, depois de um longo silêncio, finalmente fala, enquanto abre a porta da caminhonete:

— *Bem* não é o bastante. Se continuar assim, não vai a lugar nenhum.

— Mas... — começo. — Quer dizer, o técnico disse...

O Capitão fica de pé do lado de fora, a porta ainda aberta, a mandíbula cerrada. Um minuto passa. Nada. Ele balança a cabeça.

— Francamente, se você não dá conta dos cantos e da marcação, se não consegue agir feito homem e perceber isso... — Seus olhos parecem cansados quando se fixam em mim. — Não pode ficar satisfeito. Se você não luta com unhas e dentes, se não é mentalmente forte, se não faz o que precisa fazer, saiba que há centenas de garotos prontos pra ocupar o seu lugar. — Ele dá de ombros. — Talvez você não seja como seus irmãos. Talvez não queira tanto.

Eu o vejo fechar a porta.

Eu o vejo ir embora.

Continuo sentada enquanto a raiva toma conta de mim. Começa no estômago e sobe até a garganta. É como uma força alienígena. De repente, percebo que não tenho escolha. Sem pensar, pulo da caminhonete e fecho a porta pesada. Pego a mala e carrego os tacos até a casa, entrando na cozinha com o coração acelerado. O Capitão está de pé na pia, pegando café, de costas pra mim.

Os garotos estão todos aqui, em volta da mesa, tomando café da manhã. Olham para mim. Há um silêncio desconfortável. Gunner e Stryker arregalam os olhos, como se entendessem de imediato o que está acontecendo. Jett parece preocupado. “Calma”, ele faz com os lábios, sem emitir som.

O Capitão se vira. Vejo sua mandíbula grande e quadrada, os olhos azuis. Ele me encara. E é isso. Nem penso, as palavras simplesmente saem:

— Por que está sempre no nosso pé? — digo, a voz cada vez mais alta. — Você não consegue dizer nada de bom, nem uma vez? Não importa o que Jack faça, nunca é o bastante! — Paro e engulo em seco, percebendo minha derrapada. — Quer dizer, não importa o que a gente faça! — corrijo depressa. — Nada nunca é o suficiente pra você!

Um silêncio desagradável se segue. Os rapazes olham fixamente para mim, em choque. O Capitão continua exatamente onde está, imóvel, a expressão congelada no rosto. Um longo tempo passa. Ninguém fala. O garfo de Stryker continua parado no meio do caminho até a boca. Ninguém ousa se mexer. O Capitão por fim inspira fundo, tão fundo que dá pra ouvir e ver seu peito subir, então ele estreita os olhos pra mim.

— Jack, só vou dizer uma vez. — Ele me olha como se fosse explodir. As palavras começam a sair da sua boca, cada uma como se fosse uma frase completa: — Vá. Para. O. Quarto.

— Ótimo! — respondo, perigosamente alto. Nada de “sim, senhor”. Nada de “Desculpe”. Não sou educada. Não estou a fim de ser legal. Nem me arrependo disso. Não posso parar agora que comecei. Sinto a energia tomando conta de mim e, de repente, meu rosto começa a queimar. — Tem ideia de como é cruel? — Eu olho bem nos olhos dele. Começo a tremer. — Você é tão... tão...

Paro, então olho para Stryker, Gunner e Jett. Todos me observam em choque. Percebo que ninguém nunca fez isso antes. Mas não quero saber!

— Você só quer que todo mundo seja perfeito! — Sim, agora estou gritando. Dou um passo pra trás. —

Sequer sei se você ama seus filhos!

Viro. Vou embora. Piso firme nas escadas, um degrau de cada vez. E essa é a parte mais louca. Pela primeira vez, não estou com medo. Não estou chorando. Só estou...

Nossa. Com RAIVA! Quando chego no andar de cima, vou direto pro quarto e faço algo que nunca fiz.

Bato a porta.

Com força.



A PRIMEIRA COISA QUE SUMMER diz quando entra no carro é:

— Quer pegar você-sabe-o-que e ir você-sabe-onde?

Independentemente do que seja, ela parece animada.

— Claro — digo, sorrindo. Tem que ser algo bom, né? Ainda estou empolgado. Um: tenho certeza de que Elle vai ficar no time. Dois: não vou mentir, o treino foi muito legal!

Saindo do estacionamento, sinto como se tivesse deixado tudo pra trás. A preocupação com meu pai, com o hóquei. Não sei por que, mas é como se estivesse cinquenta quilos mais leve. É um dia quente pra setembro. O sol brilha. Summer usa óculos escuros pretos enormes, chamativos, e todos os vidros estão abertos. Cabelos ruivos voam por toda parte. O dela e o meu. Saltando e dançando ao sabor do vento. Summer estica o braço e aperta um botão no painel.

— Abrindo o teto solar para começar a festa!

A mão dela passa para o som, aumentando o volume até que sinto meu corpo vibrar com a batida.

— Quem está cantando? — pergunto por cima da música e do barulho do vento.

— Quê? — grita ela de volta, e começamos a gargalhar, porque nossos cabelos estão fora de controle, os vidros estão abaixados e porque, com toda a barulheira, não consigo ouvir nada do que ela está dizendo.

— Quem está cantando? — repito mais alto, rindo.

O cabelo ruivo de Summer está esticado pra trás, voando como uma capa. Eu me vejo por acaso pelo retrovisor. Meu cabelo, o cabelo de Elle, também voa. Abro um sorriso enorme. O vento no rosto está tão gostoso.

— Como assim quem está cantando? — Summer ri. Dessa vez consigo ouvir. — Você sabe, sua boba.

— Sei? — Estou quase gritando.

Ela sorri.

— Os Beatles!

Entramos em um estacionamento lotado, com piso de brita. A placa enorme diz LUNA'S em uma caligrafia vermelha. O lugar parece uma espelunca, com um balcão dando pra rua. Mas, espelunca ou não, é popular. Caminhamos por cima de um monte de brita e pela longa fila, que dá a volta na esquina: mães, pais, bebês em carrinhos, estudantes com sono, idosos. Paramos no final.

— Esse lugar deve ser bom — digo, animado.

Summer levanta os óculos, me puxa e me dá um beijo na testa.

— Deve ser? Você cabeceou bolas demais hoje, hein? A gente já veio aqui mil vezes.

— Ah, é, claro — digo.

— Vai pedir o de sempre? — pergunta ela.

— É — concordo. — O de sempre.

Espero que o de sempre seja bom, penso comigo, enquanto nos aproximamos da frente da fila. Sei que

é absurdo, mas já estou com fome de novo. E não é pouca. Minha barriga meio que dói de tanta fome.

— E você? — pergunto.

Ela pisca.

— Ah, você sabe.

Concordo e rio, me dirigindo ao balcão.

— Oi, Summer! — diz a atendente. Seus olhos se iluminam de imediato quando a vê. É pequena e rechonchuda, com um piercing brilhante no nariz. — Oi, Ellie!

— Oi.

Sorrio de volta. Adoro o fato de todo mundo gostar tanto de Summer. Ela tem esse jeito que faz com que todo mundo à sua volta se sinta especial. Tem algo a ver com a energia dela, e é impossível de descrever. Ela é tão cheia de vida. Fico observando-a se aproximar da janela e meio que sinto orgulho. Por um segundo, é tipo — ela está *comigo*. É minha mãe.

— Ellie, você se lembra da Janie Tate, não lembra? Ela ficou cuidando de você algumas vezes quando era pequena.

Janie Tate fica vermelha.

— Bem, já faz um tempão — diz ela pra mim, com um sorriso grande no rosto. — Você era um bebê muito fofo! Tinha umas orelhinhas de boneca! — A garota faz uma pausa. — O que vão querer, *mamacitas*?

Summer coloca o braço nos meus ombros.

— Vou tomar um café, puro, por favor, e uma casquinha de baunilha. E você? — Ela olha pra mim. Janie Tate aguarda com a caneta e o bloco na mão.

— Hum... Eu quero... é... — enrolo. Passo os olhos pelo cardápio sobre a janela. — Batata frita, por favor, e... Humm, milk-shake de baunilha?

Summer me aproxima pra sussurrar no meu ouvido, e sinto cócegas.

— A mesma coisa toda vez. Somos previsíveis demais.

Rá! Acho que Elle e eu temos muito em comum.

Demora, tipo, um minuto.

— Aqui está — diz Janie Tate, entregando o café e a casquinha de Summer. — E o seu, Ellie.

Ela me passa o copo de milk-shake com um canudo e uma cesta ridiculamente grande de batatas fritas quentinhas e crocantes. Summer se debruça sobre a janela.

— Ela vai querer um pouco de vinagre também, não é, querida?

— Sim, por favor!

Sorrio. É exatamente assim que eu como. Bizarro. *Como Elle sabe disso?*, penso, balançando a cabeça. Batata com vinagre. A melhor combinação do mundo. Nem fico mais chocado. Sério. O dia fica melhor a cada segundo que passa.

É difícil não comer quando entramos no carro. Fico olhando para as batatas e quero engolir todas de uma vez. Mas chegamos a um acordo. Vamos esperar até chegar “lá”. Onde quer que esse lá seja.

Summer é meio rebelde. Ela ignora todas as regras. Sorri, aumenta o volume da música e seguimos pelas ruas tranquilas sob a luz do sol. Depois de algum tempo, finalmente entramos em uma alameda de terra, comprida, toda desnivelada. Há campos gigantescos de girassóis de ambos os lados. Estou meio que em suspense, olhando para todos os lados. Até que...

— Uau — digo quando percebo aonde estamos indo. Beirando a montanha, passando pelas árvores altas, vejo bem diante de mim, estendendo-se por quilômetros. — O lago — digo em voz alta no carro, olhando para a frente.

Adoro esse lago! Tão frio e fundo. Minha mãe costumava trazer a gente aqui. Não exatamente “aqui”, já que não sei onde estamos. É o mesmo lago, mas chegamos nele por um lugar diferente. Meus irmãos e

eu corríamos até a balsa pra jogar Rei da Montanha, um empurrando o outro centenas de vezes na água. Jett e Gunner me pegavam pelos pés e pelas mãos e literalmente competiam pra ver quem conseguia me jogar mais longe. Ha-ha! Ficávamos aqui o dia inteiro, até estarmos exaustos e bronzeados demais. Então minha mãe parava pra gente comprar sorvete ou pegar uma pizza no Lombardi's. Essas lembranças não me incomodam. Até gosto. Andava preocupado, com medo de que estivesse começando a esquecer... Tipo, as pequenas coisas.

Quando não pode mais seguir em frente, porque se não cairíamos na água, Summer para o carro. Eu a sigo por uma trilha de terra e, em cerca de vinte passos, estamos juntos, olhando para a extensão cintilante e sem fim de água azul-esverdeada.

— Gosto daqui — digo, hipnotizado.

Sinto a mão suave dela no meu cabelo.

— Eu também. Principalmente quando estou com você.

Olho em volta — a água, as montanhas verdes à distância. É o esconderijo mais legal do mundo. Jamais encontraria esse lugar, nem em um milhão de anos. Sequer saberia da sua existência.

Sentamos ombro a ombro nas rochas, a poucos passos da água. Summer segura seu café “hum... delicioso”. Tomo meu milk-shake de baunilha bem grosso.

O sol arde.

Não há uma nuvem no céu.

O silêncio é total. Nada de barcos. Nenhum jet-ski. A água está tão limpa que parece transparente, como se fosse uma grande piscina. Ataco as batatas e mato o milk-shake. Não falamos nada. A vista fala por si só.

Tiro as chuteiras, as caneleiras e abaixo os meiões com listras rosas. Summer chuta os chinelos e ficamos os dois deitados de costas nas pedras quentes, os pés mergulhados na água fria do lago.

— Que delícia — suspiro.

— Hum... — concorda Summer. Então tira os óculos escuros e fecha os olhos.

Fico olhando pra ela por um momento, sorrindo. Então imito o que ela faz. A sensação do calor do sol no rosto é gostosa.

Permanecemos assim por um longo tempo, lado a lado, como painéis de energia solar absorvendo o calor em silêncio. Quando Summer finalmente fala, ela o faz para o céu. Sinto sua mão na minha.

— Sabe que, em algum momento, vai ter que falar sobre ontem à noite, certo?

— Sei — sussurro, abrindo os olhos.

Vejo um falcão mergulhar lá do alto e molhar as patas na água.

— E aí? — pergunta ela. Sua voz é convidativa. Tem uma leveza.

— Hum... — começo.

Mas... o que vou dizer? Não é nada do que ela está pensando. Faço barulho ao soltar o ar. Sinto Summer apertar minha mão.

— Dá pra ver que está sendo difícil começar, então vou arriscar um palpite — diz ela, depois faz uma pausa. — Acho que tem um pouco a ver com você e Sassy, e *muito* a ver com seu pai.

Primeiro fico meio, tipo, como você sabe? Então me lembro de que ela está falando do pai de Elle, por mais que eu deseje que, de alguma forma, isso possa me ajudar a entender o meu.

Mantenho o rosto virado para o sol. Mordo os lábios pra me impedir de dizer qualquer coisa idiota.

— Bem, essa coisa com a Sassy, eu... — Summer hesita. Olho pra ela no mesmo momento em que olha pra mim. — Sinceramente, querida. Não preciso dos detalhes pra saber o que aconteceu. Só quero que se sinta segura. Pode falar de qualquer coisa comigo, mesmo que seja difícil.

Ela dá um sorriso doce.

Viro o rosto pro céu. Fecho os olhos.

— Não vale só para quem está no sétimo ano — Summer continua. — Tentar mudar alguém em

qualquer fase da vida é perda de tempo. Demorei pra entender isso. Saber diferenciar o que importa do que não importa. — Ela solta o ar. — Não é fácil...

— É. — Suspiro. Acho que entendo. *Eu não precisava ter acabado com o Porter Gibson. Não preciso entrar na briga toda vez.*

— E é difícil, eu entendo. Pode acreditar. Você quer morder a isca com todas as forças, mas, quando a gente não morde... A sensação é tão boa.

— É — digo. — Acho que foi isso que fiz hoje no treino...

— Exatamente! Eu vi.

Olho para Summer enquanto ela fala. Seus olhos estão fechados, mas ela sorri. Faz uma longa pausa e aperta minha mão.

— Quero que saiba que acredito muito em você.

Respiro. Não me importo que esteja falando de Elle. Sinto essa imensa ligação com as duas.

Há um silêncio, então Summer ri de leve e diz:

— Ainda não acabei. — Ela respira fundo. Dessa vez, vira pra mim e espera que eu a olhe. — Fugir daquele jeito, no dia da festa da Claire. Você me assustou, filha. Não pode fazer isso. Não é seguro e...

— Desculpa — digo. Minha voz vacila, por causa do nó na minha garganta. — Eu só... — começo. Não sei o que dizer. Não encontro as palavras.

— Elle, querida, tudo bem. Não espero que seja perfeita. Você vai cometer erros. Afinal, só tem 12 anos. Então quero que cometa milhares deles! É assim que se aprende, não é? É assim que se cresce.

Summer sorri. Seus olhos são tão verdes. Ela é ao mesmo tempo maluquinha e graciosa. O jeito como fala, o jeito como ouve.

— Você é uma ótima garota, querida. E eu te amo muito. Só quero que viva sua vida, corra atrás dos seus sonhos e... — De repente ela fica bem quieta de novo. — Por muito tempo, eu e seu pai... Bem, quando ele foi embora, aconteceu muito rápido. Foi difícil. Acho que fiquei meio ausente.

Summer para e, de repente, tudo em que consigo pensar é no meu pai e em como ele deve sentir falta da minha mãe. Acho que nunca considerei isso.

Nenhum de nós fala por um tempo.

— Querida — diz Summer. — Fico muito triste quando penso em como você deve sentir falta dele. Quando ele foi embora a ficha meio que não caiu. E... — Ela para de falar e solta o ar. — Foi difícil de aceitar. — Summer aperta minha mão. — Às vezes sentimos tanta falta das pessoas que não dá pra colocar em palavras.

Só consigo pensar na minha mãe. Aperto os olhos pra tentar segurar as lágrimas. Eu me viro, tento esconder.

— Ah, querida, não adianta guardar o que você sente. Pode extravasar. Tudo bem. É parte de ser humano.

Viro devagar pra Summer. Não consigo conter as lágrimas, então as deixo rolar. Ela põe a mão no meu rosto e seu sorriso aumenta quando olha pra mim. Vejo uma lágrima solitária descer pela sua bochecha sardenta. Ela é linda.

— Querida, o que quero dizer...

Ela para, respira fundo e se senta.

Também me sento.

Olhamos os dois para a água.

— Sei que dói, sei que as coisas mudam e que às vezes pode parecer pesado demais para a gente suportar. Mas de alguma maneira... Simplesmente me recuso a deixar que o que aconteceu com seu pai me impeça de viver. Prometi a mim mesma que viveria minha vida como quisesse, que diria o que viesse à cabeça, que não deixaria a opinião das pessoas me impedir de fazer nada. Prometi que me divertiria. — Ela para e enxuga as lágrimas que escorrem pelo rosto. — A vida é preciosa — diz, dando aquele mesmo

sorriso arrasador apesar das lágrimas, jogando os dois braços em torno de mim num abraço enorme.

Adoro Summer. E o jeito como me faz sentir. Como se tudo fosse ficar bem. Como se eu pudesse fazer qualquer coisa. Então, ao seu melhor estilo, ela levanta com um pulo e grita:

— Mas o que estamos fazendo sentadas aqui? Vamos nadar!

Essa é Summer, uma mulher capaz de convencer a gente a fazer qualquer coisa. Nem penso a respeito. Tiramos a roupa e corremos descalças, entrando aos gritos na água gelada. Acho que esse vai ser um dos meus momentos favoritos na vida. Parece loucura? Por que só a conheço há três dias? Parece que a conheço há uma eternidade. Corremos pela água com alegria, chorando e sorrindo ao mesmo tempo. Mergulhamos e nadamos nas profundezas.



QUANDO ACORDO EM CIMA DAS cobertas de Jack — não embaixo, como seria o esperado —, não sei por quanto tempo dormi. E, sim, estou nervosa. Levanto e ando na ponta dos pés sobre a fita no chão, então abro uma fresta da porta, em silêncio, e dou uma espiada. Não ouço ninguém até que...

— Cara — ouço Jett dizer. — É você?

O que ele é, um telepata? Achei que não estivesse fazendo barulho. Meu coração meio que pula. Não quero que o Capitão suba e comece a gritar comigo. Fecho a porta depressa, volto pra cama e pulo de barriga nela, enterrando a cara no travesseiro.

— Jack — Jett me chama. Olho para a porta e o vejo me observando por trás dos óculos. — Tudo bem?

Jett entra no quarto com o uniforme da seleção de hóquei e os olhos brilhando. Traz um prato de comida e um copo de leite.

— Cara, *não derruba*. Você sabe que é uma violação imensa das regras, tipo, estou realmente arriscando minha vida aqui. — Ele para perto da cama, me olhando com um sorriso cheio de dentes. — Cara! É bom ver esse sorriso. Fiz um omelete pra você. — Jett coloca cuidadosamente o prato e o copo na escrivaninha de Jack.

— Valeu — digo. — Mas não estou com fome.

— Não está com fome? — Ele pula em cima de mim, me prendendo. — Você tem jogo amanhã — sussurra. — Um foguete não decola sem combustível!

Jett está brincando comigo. Eu sei. Não tento me soltar. O corpo dele parece um cobertor humano gigante em cima do meu. Amo esse garoto. Ele é tipo um ursinho musculoso. Não consigo ver seu rosto, mas sei pela voz que está tentando me animar. Jett sempre está com um perfume bom, como... Como aquele cheiro que sobe do xampu no momento em que apertamos a embalagem para colocar um pouco na mão, sabe?

Ele me dá um mata-leão.

— Vamos, cara, o que aconteceu? Sem forças pra brigar?

Ele senta, rindo um pouco, e esfrega minha cabeça raspada. Então levanta, dá alguns passos e cai como um tronco na cama de Stryker. Deito de barriga pra cima. Ficamos os dois olhando para o teto em silêncio.

Jett suspira alto.

— Como está se sentindo?

Dou de ombros.

— Já estive melhor.

— Escuta — diz ele —, não tenho ideia do que o Capitão disse pra você pirar daquele jeito, mas sei que como é a sensação de ter decepcionado ele.

Noto de canto de olho que, do outro lado do quarto, Jett me observa. Não o encaro. Mantenho o olhar fixo no teto.

— Você é corajoso. Disse o que pensava. Isso não é motivo para ter vergonha. — E faz uma pausa. — Soltou algumas coisas que, pra ser sincero, eu mesmo sempre quis falar. Não vou mentir. Todos nós quisemos. É só que normalmente fico de bico calado.

Viro e finalmente olho pra ele. Seus olhos revelam um sorriso.

— Agora sou velho o bastante pra entender que é preciso aceitar o Capitão como ele é. Ele não vai mudar. Não que seja uma desculpa pra toda essa bosta que empurra pra cima da gente, mas... — Jett para. — Ele também está sofrendo. Sei que não falamos muito disso, mas desde que... Desde que a mamãe... — A voz de Jett vacila.

Há um minuto de silêncio.

Ele fica quieto.

— Sei que às vezes ele exagera. Mas tudo o que faz é pelos filhos. Ele só tem a gente.

Não sei o que dizer. Nunca pensei naquilo. Respiro fundo. Olhamos um para o outro através do quarto. O rosto de Jett se ilumina.

— O que o Capitão disse que irritou tanto você?

— Basicamente ele me acha péssimo — respondi.

Jett ri.

— Opa, acho que já ouvi isso antes. — Ele abre um sorriso. — O Capitão me disse isso uma ou duas vezes. Cara, a essa altura você já devia saber que ele nunca está satisfeito. O cara é completamente maluco, mas é nosso pai. E te ama.

— Ele tem um jeito estranho de demonstrar, né — murmuro.

— É como nós quatro, cara. Uma hora estamos brigando, na outra somos melhores amigos. Deixa pra lá. As pessoas são livres para dizerem o que quiserem. Não ligo para o que os outros pensam. Já disse isso, você precisa aprender a deixar pra lá. Só seja você mesmo e se divirta.

— É fácil dizer. — Suspiro. — Você é tão...

— Em primeiro lugar, você é demais! — Ele me corta e trocamos um sorriso. — Em segundo lugar...

— Os olhos de Jett se acendem. — Cara, quando vejo você no gelo... Acho que nunca vi alguém com seu talento. Isso não é algo que se ensina. Você é o melhor de nós quatro. Essa sensação de que precisa se provar o tempo todo? Use isso a seu favor. Deixe que isso guie você. Aceite o que não está nas suas mãos e dê mais de si. Não pense no dia seguinte, só no momento.

Sinto um calor dentro de mim. Tudo em que consigo pensar é em como gostaria que Jack estivesse aqui também. Que pudesse ouvir isso de alguma maneira. Que soubesse.

Jett levanta e olha pra mim.

— Olha, cara, o que aconteceu, aconteceu. Mas agora passou e...

— E o quê?

Jett dá de ombros.

— E não seja cabeça-dura. Coma — diz ele, olhando para o prato de comida que trouxe. — E vamos descer pra dar uns tiros, irmãozinho.

— Mas o Capitão, ele... Quer dizer, não estou encrencado?

Jett balança a cabeça, deixando escapar um sorriso.

— Ele não está aqui. Foi pro trabalho.

— Tem certeza? — pergunto.

— Cara, você é meu irmão mais novo — diz Jett com os olhos fixos em mim. Então estica a mão e me puxa. — Sempre vou proteger você. Eu te amo, cara.



QUANDO CHEGO EM CASA, AINDA estou cheirando ao lago.

— Querida — Summer chama ao pé da escada.

Olho para baixo, esperando ao lado do corrimão até ver seu rosto.

— Você deveria tomar um banho. — Ela ri e franze o nariz. — Eu também. Estamos as duas cheirando a...

— Alga — completo, rindo, e tiro uma folhinha preta nojenta da perna.

— Lave bem o cabelo — diz ela. — Ah, comprei condicionador no cabelereiro. Está no meu banheiro. Pode usar a banheira lá, querida. Tome um bom banho.

A banheira.

— Tá — digo, dando de ombros e sorrindo. *Pode me zoar!*

Quando finalmente entro no banheiro claro de Summer, envolto na luz do sol, meus olhos se arregalam. É, tipo, todo branco e muito, muito limpo. Dá uma sensação de tranquilidade. E a banheira? É enorme! Caberiam três de mim e ainda sobraria espaço.

Demoro um pouco pra aprontar tudo: entender como funciona a torneira chique, testar com a mão a temperatura da água, tirar a roupa, mantendo o sutiã e a calcinha de Elle (ambos endurecidos pelo sol e também cheirando a algas) e esperar enquanto a água sobe lentamente. Por último, antes de entrar, pego um dos sete tubos que Summer mantém alinhados sobre o azulejo.

— Banho de espuma explosão de amor, óleo essencial de abeto vermelho — leio em voz alta, então dou de ombros e solto uma risadinha.

Tá bom! Jogo lá dentro. E *bum!* Espuma! O ar é instantaneamente preenchido por um perfume tranquilizante que limpa meu nariz à medida que inspiro. Cheira a casca de laranja e a Natal.

Finalmente fecho a torneira e testo a temperatura da água com o dedão do pé, entrando lentamente até me sentar como um rei, cercado por bolhas de sabão com cheiro de pinheiro. A água está uma delícia, quentinha. Três dias atrás, não poderia imaginar que estaria aqui, tomando um banho de banheira quente sob o sol. Olho para o alto, para o céu azul e o sol da tarde. Só Summer pensaria em colocar uma claraboia no banheiro. Dou risada. É incrível.

Pego a barra de sabão e a cheiro também. É tipo um milagre floral. Potente.

Certo, vou dizer. Cheira a...

Menina.

Sorriso, me recosto e apoio a cabeça na beirada da banheira. A água vai até meu queixo. Estou, tipo, sorrindo de orelha a orelha. Quer dizer, cara! Estão vendo isso? Há poucos segundos eu estava de calcinha e sutiã de florzinha. Fiquei totalmente molenga. Como Stryker diria: virei moça! E quer saber? Balanço a cabeça e dou risada. É esquisito, mas que seja. Estou sinceramente bem com isso. Aprendi muito com Elle.

Repasso os últimos dias na minha cabeça — começando com a briga, Porter, a enfermeira, ver Elle chorando pela primeira vez. Acho que dá pra dizer que mudei. Nós dois mudamos. É bizarro. Nada

aconteceu como eu imaginava. Literalmente não fazia ideia de como era difícil ser garota. Sério. Não é fácil, é muito mais complicado do que parece!

Relaxo e fecho os olhos, então sinto uma paz absoluta tomar conta de mim, como se, de alguma maneira, tudo o que aconteceu estivesse escrito. Então pela primeira vez em muito tempo, não estou assustado ou com medo. Afundo, sinto a água na minha pele, o formigamento causado pela temperatura. Do nada, enquanto prendo a respiração e sorrio em meio a milhares de bolhas mágicas de sabão, sinto essa energia percorrer meu corpo, dos pés até o peito. É um tsunami, uma sensação esquisita, mas gostosa! E, bem... as luzes não tremulam. Não se ouve um BUM! Mas a próxima coisa que noto é que estou...

Tirando a cabeça da água e...

Está gelado pra c%\$#@!

É como se fosse um filme, o jeito como subo pra respirar, abro a boca e cuspo água. A onda de adrenalina chega ao meu coração e arregalo os olhos.

— Tá FRIO demais! — digo. Leva apenas um segundo para meus olhos focarem e minha cabeça se ajustar. Estou em uma lixeira de plástico cheia de gelo! Olho para o lado e vejo Jett. Gunner e Stryker dentro de lixeiras também, com água até o peito...

— Vai melhorar, fica firme, cara! — diz Jett, morrendo de rir.

— Relaxa, Nancy — diz Gunner, balançando a cabeça e sorrindo.

— Aguenta aí, manteiga derretida — brinca Stryker na outra ponta.

Não consigo me recuperar da visão dos meus irmãos — todos sem camisa, enfiados no gelo até a metade do peito! *Estou de volta! Estou de volta!* Não consigo parar de sorrir. Nem ligo para o frio. Não preciso saber como isso aconteceu.

— Uuuuuuuuuuuuuuuuuuu! — Jogo a cabeça pra trás e dou um grito. — Voltei, cara! Voltei! — digo, batendo as mãos na água.

— Minha nossa, calma aí, cara. — Jett olha pra mim e sorri. — Está tudo bem?

Meu coração está a mil e tenho que afundar a cabeça na água pra me acalmar. Mergulho. Conto até três. Então volto à tona, abrindo os olhos, e sim! Continuo aqui. De volta ao meu corpo, com um sorriso bobo no rosto. Tateio em volta do pescoço e pego o pingente da minha mãe, que todos nós usamos. Levo aos lábios frios e trêmulos e dou um beijo nele. Então sei que estou de volta. É verdade! A expressão no rosto dos meus irmãos, a reação deles, é tudo engraçado. Acho que dá pra imaginar, né? Jett me encara, sorrindo e balançando a cabeça.

— Você é maluco, garoto — diz, com uma risada.

É, penso, sorrindo e afundando mais na água. *Você não tem ideia.*

Depois de alguns minutos, o gelo me acalma. Meu coração volta ao ritmo normal. Relaxo. Não luto contra o frio. Imagino Elle, rindo, de volta à banheira quente. Por alguns minutos, o silêncio predomina, ficamos simplesmente ali parados. Não dá pra ficar melhor que isso. Quatro irmãos. Como eu disse, todos com o mesmo sonho.

Gunner quebra o silêncio. Está olhando pra mim.

— Foi preciso coragem pra fazer o que você fez.

Sinto um buraco no estômago. Devo perguntar? Eu me preparo e olho para ele.

— Hã... Como assim?

— O que rolou depois do treino, cara — diz Gunner, erguendo as sobrancelhas.

Elle foi ao treino! Meu coração bate forte no peito. Mordo o lábio.

— Talvez você não queira tocar no assunto. Beleza. Mas não deve ter sido fácil. Estaria mentindo se negasse que queria falar exatamente o que você falou.

Tudo fica quieto por um minuto e então...

Não aguento.

— Hã, o que falei?

Jett ri.

— Cara, fala sério! Você tá bem?

Dou um sorriso e mantenho a boca fechada. Engulo em seco.

— Queria ter a sua coragem. — Gunner continua: — Fiquei observando você na cozinha. Você disse a ele o que sentia.

Putz. Tenho quase certeza de que sei quem é “ele”.

Gunner pisca.

— Você é o mais novo e o mais forte. Estou orgulhoso, cara.

O que quer que Elle tenha dito, eles parecem impressionados.

Stryker concorda, então meio que ri.

— Mas deixa o Capitão esfriar a cabeça antes de encontrar com ele. Vai pra cama cedo, antes que ele chegue.

— Tá — digo, fazendo que sim com a cabeça.

Jett fixa o olhar em mim.

— Deve ter sido difícil de ouvir, cara, mas sei lá. Acho que ele respeitou a sua atitude.

Não consigo imaginar o que Elle pode ter dito. Sinto certo orgulho dela, mas também estou nervoso. Responder ao Capitão? *Ninguém faz isso. Cara!* Posso dar adeus ao hóquei. Esqueci de escrever meus objetivos ontem à noite. Não fiz as flexões ou os abdominais. Não rezei.

Respiro fundo e olho pros meus irmãos. Amo muito os três. E estou aqui, de volta. É como se estivesse tendo uma segunda chance. Afundo no gelo tanto quanto possível, até o pescoço. A voz de Summer soa em minha cabeça: “*Vai ficar tudo bem. As coisas vão melhorar.*” Acho que esse deve ser meu novo mantra.

A voz de Jett me traz de volta à realidade.

— Cara, se prepara. O Capitão provavelmente vai pegar pesado quando for buscar você amanhã na escola.

Concordo sem falar nada. Mordo o lábio.

Os olhos de Jett brilham.

— As coisas são assim, e você vai ter que lidar com isso. Ele deve estar irritado.

— É — digo, soltando o ar.

Jett estica o braço e esfrega meu cabelo espetado e molhado.

— O único jeito de enfrentar qualquer situação é cara a cara. — Ele pisca e me dá um sorriso carinhoso. — Vai ficar tudo bem. Vou estar ao seu lado.

É. DÁ PRA DIZER QUE estou em estado de choque! Em um segundo, estou mergulhada até o peito na lixeira cheia de gelo para recuperação, e no outro... estou até o queixo em água quente, imersa em um zilhão de bolhas de sabão cheirando a árvore de Natal!

— Ai meu Deus! — digo em voz alta. Tenho certeza de que meus olhos saltam das órbitas como se eu fosse um desenho animado, enquanto confiro se sou eu mesma de novo. — Ai meu Deus! — praticamente grito.

Estou rindo, tipo, alto, quando me dou conta. Estou de calcinha e sutiã dentro da água! É a cara de Jack. *Sempre um cavalheiro*, penso, balançando a cabeça e sorrindo. Sim, estou soltando gritinhos. Espirrando água!

— Querida? Ellie? — Ouço minha mãe do lado de fora. — O que está acontecendo? Tudo bem aí?

— Tudo ÓTIMO! Mãe, eu te amo! — exclamo, um pouco alto demais.

Sinto um alívio quando ouço a voz dela. Quando a imagino sorrindo do outro lado da porta.

— Que bom — diz ela. — Também te amo, e fico contente que esteja aproveitando aí!

— Eu estou! — cantarolo, sorrindo de orelha a orelha.

Ainda na banheira, tiro o sutiã e a calcinha sujos de lama — não quero nem saber por quê — e atiro no chão. Eu me reclino, ligo a água quente e deixo que escorra até que o calor faz meu corpo todo, até o peito, formigar. Fico ali de molho, exatamente desse jeito.

Penso em Jack. E nos garotos. Posso imaginar como está feliz por estar de volta com eles. Brincando e rindo no quintal, sob o sol.

Ainda bem que não tirei a cueca dele! Ha-ha!

— Surreal — sussurro entre as bolhas de sabão, e afundo.

Quando volto à tona, meu coração meio que dói. Tipo, estou mesmo de volta? Toco minha cabeça, meu cabelo longo e molhado. Ainda sou eu. Ainda estou aqui. Sorrio e respiro fundo. Muita coisa aconteceu. Muita coisa mudou. Sinto como se estivesse recomeçando. Como se tivesse uma nova chance. Sou eu, mas me sinto meio que...

Mais forte.

Repouso a cabeça na beirada da banheira e fecho os olhos. Fico ali parada e penso em como estou feliz. Empolgada pra ir à escola, pra *tudo!* Abro os olhos.

— Mãe! — grito.

Escuto o silêncio por um momento.

— Mãe! — repito.

— Querida? — Finalmente ouço.

— Vem aqui! — digo.

Meu corpo inteiro está debaixo das bolhas de sabão. Só meu rosto aparece. A porta abre e, nossa, fico feliz de ver os olhos da minha mãe, seu rosto, seu sorriso incrível. Ela abaixa a tampa da privada e senta na beirada.

— O que você tem, querida? Está animada, hein? Está melhor?

Olho pra ela com um sorriso enorme no rosto. Parte de mim quer pular da banheira e abraçá-la com força, ainda que esteja toda molhada. Mas fico onde estou. Respiro fundo.

— Só queria dizer...

Ela fica ali sentada, sorrindo, esperando, com as sobrancelhas erguidas.

— O quê?

— Você é a melhor mãe do mundo. Nunca me deixe, tá?

— Ah, querida — diz ela, olhando pra baixo. — Sou sua mãe. Você não pode fugir de mim. — Então ri. — Sou toda sua. Não vou a lugar nenhum.

Depois que ela desce, continuo na banheira até que cada centímetro do meu corpo esteja enrugado, limpo e macio. Enrolo a toalha branca imensa e fofinha no corpo nu. Quando chego à porta do quarto, fico de queixo caído.

— Uau! — digo, entrando. — Jack.

Dou risada.

O quarto está perfeitamente arrumado, parece uma foto. Minha cama feita, meu ursinho apoiado nos travesseiros. Percorro as paredes com os olhos. Tudo foi guardado. Abro o armário e vejo as camisetas — organizadas por cor, com todos os cabides virados na mesma direção. Encontro o pijama, cuidadosamente dobrado, e vou para o banheiro. Pela primeira vez na vida, penduro a toalha com cuidado. Então olho pra mim — para o meu verdadeiro eu — no espelho. Nunca fiquei tão feliz em ver meu reflexo. Levo as mãos ao rosto e passo os dedos nas bochechas. Minhas sardas! Sorrio pra mim mesma. É esquisito, mas acho que dá pra entender a animação. Penteio o cabelo e deixo solto. Fico encarando o espelho em silêncio por um longo tempo. Não quero ser, tipo, arrogante ou metida, mas me sinto bonita. Respiro fundo, coloco uma calcinha e um sutiã limpos e...

— Mãe! — grito com todas as minhas forças. — Mãe!

Estou meio rindo, meio chorando. Ela corre para o quarto.

— Meu bem, o que é que está acontecendo...

Não tenho que dizer uma palavra. Minha mãe é demais. Não é dramática nem me deixa envergonhada. É muito louco, mas não parece tão esquisito. Ela só dá uma olhada para o meu rosto e então pra baixo.

— Ah, querida — diz ela, sorrindo. Quase rindo, na verdade. — Essa foi uma semana memorável. — Minha mãe vai até o armarinho dela pegar, hã, uma coisa. Ela me entrega o absorvente. — É só tirar a embalagem e...

— Eu sei — corto. — Quer dizer, obrigada.

Sorrio. Tá, estou um pouco envergonhada, mas sei que tenho sorte. Não só porque fiquei... Você sabe. Mas por causa da minha mãe, que...

Ali, de calcinha e sutiã, envolvo a cintura dela com os braços. Exatamente assim, nós duas ali de pé diante da pia, minha mãe em seu enorme roupão branco.

— Te amo muito — digo contra o peito dela. Abraço muito forte. Deixo as lágrimas meio que rolarem. Não me seguro.

Minha mãe só me segura. Nem precisa falar nada. Depois de um tempo, sinto um beijo familiar na lateral da cabeça.

— Também te amo, querida. Muito.

NA SEGUNDA DE MANHÃ, SOU o primeiro a levantar, fazer a cama e me arrumar. Fico à frente na subida do morro, colado em Jett. Gunner segue atrás de mim, depois vem Stryker. Corremos mais ou menos juntos.

— É isso aí, cara! — Jett diz enquanto subimos, subimos, subimos, sob as sombras do dia nascendo.

Sinto essa energia sobre-humana. Estou ainda mais forte do que antes. É, tipo, como se tivesse voltado melhor, mais leve. Aceitei o fato de que o Capitão provavelmente vai me deixar de castigo pelo resto da vida. Meio que desisti da ideia de disputar minha primeira partida de hóquei hoje à noite. Não vou ver o Capitão até que ele me pegue na escola. Não espero por um milagre. Já estou preparado. Pelos comentários, acho que até é bom ainda não ter esbarrado com ele. Talvez dê a chance de ele esfriar um pouco a cabeça.

Supero meus irmãos, os três. É um páreo duro, todos nós, ombro a ombro. Dou tudo nos últimos dez segundos e passo voando por eles.

— Ganhei! — grito, esticando a mão pra ser o primeiro a tocar na pedra, com um sorriso largo no ombro.

— Não tão rápido — diz Jett, rindo e me puxando pelo capuz do moletom.

O cara é um tanque de tão forte. Ele me afasta da pedra com facilidade e me derruba no chão. Olho para os três, rindo. Acima, o sol deixa o céu em um tom rosa alaranjado. E penso que não posso reclamar. Tenho sorte. Esses caras são durões — despertam o melhor em mim. Não me deixo perturbar. Apenas levanto num pulo e fico de pé com eles, em frente a Jett e Gunner, com Stryker na ponta. Jett coloca as mãos nos meus ombros e nós quatro ficamos alguns segundos recuperando o fôlego e aproveitando a vista do sol nascente. A paz que trouxe comigo ao voltar ainda está aqui. A gratidão. A calma que Summer me proporcionava — eu a carrego comigo.

— Cara! Olha aquele falcão! — Gunner exclama, quebrando o silêncio.

Olho para o céu laranja.

— Onde?

A próxima coisa que vejo é minha calça e minha cueca serem abaixadas até os tornozelos.

— Peguei você! — grita Gunner.

Os três saem correndo aos risos, me deixando ali sozinho, balançando a cabeça, com a bunda de fora e um sorriso no rosto.

Posso ouvir a voz deles ecoando no ar matinal, me provocando.

— Ah, se vira, cara! — grita Jett.

— Vamos lá! — dispara Gunner. — Quero ver o que pode fazer!

— Anda, Jackie Chan! — completa Stryker. — Não vai ficar pra trás!

Faço as coisas no meu tempo, sem me perturbar. Puxo a cueca e a calça. Desta vez, dando um nó duplo no cordão. Então disparo montanha abaixo, em ritmo acelerado, suando e sorrindo. Levo só alguns minutos para alcançar meus irmãos.

Em seguida, fazemos musculação na Jaula. Tomo banho e coloco meu jeans velho favorito — que já foi de Jett — e meu moletom preto dos Bruins. Cheira a hóquei.

O café é uma festa. Stryker é o cozinheiro hoje e faz um omelete especial pra cada um. Jett é ninja com o liquidificador, preparando uma jarra da famosa vitamina proteica do Capitão: sete ovos crus, espinafre e banana. Meus irmãos ficam olhando enquanto devoro aquilo tudo.

— Cara, calma. — Jett sorri.

— Ele está em fase de crescimento. — Gunner brinca.

Stryker coloca metade da vitamina verde dele no meu copo vazio, arrota alto, assopra no meu rosto e levanta.

— Os pelos *lá de baixo* do Jackie Chan devem estar começando a crescer, se é que me entendem.

Jett balança a cabeça:

— Ah, cara, para com isso. A gente tá comendo. Não quero ouvir esses troços.

Mantenho a boca fechada, mas continuo olhando para eles. Secretamente, estou adorando cada segundo.

Quando subo no ônibus, Owen e Sammy quase me deixam surdo, falando cada um em uma orelha. Têm preocupações completamente diferentes. Sammy está obcecado com o fato de que “dei uns beijos” no parquinho.

— Cara, fiquei pensando nisso o fim de semana inteiro. Não tem ninguém mais perfeita pra você que Ellie O’Brien, o foguete ruivo. Parece que ela detona no futebol.

Sorrio e balanço a cabeça.

— Ah, ela é demais. E é melhor você não encostar nela — digo, parecendo protetor demais. — Mas somos só amigos.

— Só amigos? — repete Sammy, com os olhos bem abertos e um sorriso de lado. — É? Bem, você que sabe, tanto faz.

Owen está muito mais preocupado com o que aconteceu com o Capitão.

— Foi a minha mãe que ligou pra ele, desculpa, cara. Fiquei mal com isso — diz.

— Tudo bem. Vai dar tudo certo, de alguma forma.

Owen sorri.

— Cara, gostei da atitude positiva.

Ele ri. Dou de ombros.

— Meus irmãos sempre me dizem pra me concentrar no que está sob meu controle.

— Você tem sorte de ter irmãos — diz Owen.

— É — concordo.

Quando o ônibus para, desço os degraus para aquela confusão que é a Thatcher. Os corredores lotados e barulhentos, repletos de gritinhos e risadas. Estou diante do meu armário há um segundo quando sinto um tapinha no ombro e viro para olhar.

— Sr. Malloy — diz a sra. Dean, muito séria, como sempre, com um terninho cinza e uma blusa branca.

— Sim, senhora — digo, imediatamente endireitando a postura e olhando nos olhos dela, forçando um sorriso educado. Tento engolir em seco, com o coração disparado. Porter está ao lado dela.

Entramos na sala da diretora antes de o sinal tocar. Tem duas cadeiras vazias em frente à mesa dela.

— Senhores, sentem-se, por favor — diz a sra. Dean, esperando até que a gente obedeça.

Olho para Porter e aceno com a cabeça pra ele. Está vestido como se fosse jogar golfe: camisa polo amarela, colarinho levantado e calça cáqui.

Sento na cadeira com meu jeans e meu moletom dos Bruins. Ainda bem que o Capitão não me viu antes

de sair. Ir pra escola de jeans sujo é contra as normas — assim como meias não esticadas, camisetas velhas e calças largas. Só que hoje eu... Não estou ligando pra isso. Só estou feliz por ser eu mesmo de novo.

Enfio as mãos no bolso do moletom.

Mantenho os olhos na sra. Dean.

Eu me endireito na cadeira.

Tento me lembrar de respirar.

O sinal toca e um anúncio é feito no alto-falante.

A sra. Dean continua sentada em silêncio atrás da mesa. Não tenho ideia do que vai dizer.

Ficamos ali sem falar nada pelo que parecem cinco minutos. Porter respira pesado, remexendo-se nervoso na cadeira. Inquieto.

Olho de lado. O cara está mal. As bochechas estão vermelhas e ele sua. Que bom que o olho não ficou roxo. Bastou um soco meu e o cara estava no chão. Acho que nunca tinha acertado alguém com tanta força.

Fico surpreso com o que faço em seguida.

Viro pra ele. Olho em seus olhos, como meu pai sempre me manda fazer.

— Porter, cara, sinto muito. Só queria dizer que passei dos limites. Não devia ter batido em você. Perdi o controle e não tem desculpa pra isso.

Ele arregala os olhos. Parece genuinamente chocado. Então me encara de volta, parecendo assustado. Vejo seus lábios meio que tremerem.

— Não, cara — Porter começa, a voz vacilando. — Foi culpa minha. Eu comecei. As coisas que eu disse e...

Viramos os dois pra sra. Dean. Tipo, e agora?

O sorriso no rosto dela vai aumentando.

— Fico contente que tenham iniciado sozinhos uma conversa civilizada. Minha preocupação maior é com a segurança de vocês. Então esse é o único aviso que vou dar. Confrontos físicos não serão tolerados.

— Sim, senhora — digo, baixo.

Porter só afirma com a cabeça.

Mais silêncio. Posso ouvir dois professores falando do outro lado da porta. O barulho do relógio. Engulo o nó na minha garganta. Olho para Porter sentado na cadeira ao lado, os ombros caídos e a cabeça baixa. Então simplesmente acontece. Parece a coisa certa a fazer, embora não seja fácil e eu tropece nas palavras.

— E também, cara — digo, olhando bem nos olhos dele —, sinto muito pelo seu irmão.

Os olhos dele se enchem de lágrimas. Dá pra ver que está tentando segurar. Dou um segundo para ele absorver.

Respiro fundo. Faço questão de olhar pra Porter, ajeitando os ombros enquanto digo:

— Nós dois perdemos alguém. Você, seu irmão; e eu, minha mãe, ela... — Paro e engulo em seco. Nunca disse isso em voz alta. — Ela... — A voz falha. Respiro fundo de novo e o encaro. — Ela morreu. Faz... — Paro. Respiro. — Pouco mais de um ano.

A sala está incrivelmente quieta. Ouço vozes lá fora, a secretária rindo. O telefone tocando. E até as batidas do meu próprio coração, juro. A sra. Dean passa para Porter uma caixa de lenços que estava em cima da mesa. Ele assoa o nariz. Fico surpreso que eu mesmo não esteja tão mal agora. Desde Summer e Elle, sinto como se... Não sei.

Não me sinto mais pressionado.

Depois de mais alguns minutos de silêncio, Porter ergue a cabeça e olha pra mim. Não diretamente nos meus olhos. É mais de relance. Então baixa a vista de novo e fica encarando o chão.

— Valeu, cara. — Ele mal consegue falar. — Significa muito pra mim.

Porter vira lentamente pra mim, estendendo a mão. E, sim, a aperto. Está suada. Seguro por mais tempo do que preciso, num aperto forte, firme, como meu pai me ensinou.

A sra. Dean levanta.

— Muito bem, senhores.

Levanto também.

E Porter.

Os olhos dela passam de um para o outro.

— Espero que não haja mais confrontos.

— Não, senhora — digo.

Porter balança a cabeça, enxugando os olhos com as costas das mãos.

— Ótimo — diz ela, passando um papel para cada um de nós. — Esta é a autorização para vocês entrarem atrasados na aula.

Porter pega a dele. Sinto sua mão amassando um pouco o papel. Ele passa por mim no caminho da porta. Vendo seus olhos, dá pra perceber que está enfrentando uma barra.

— Aguenta firme, cara — digo.

Simplesmente sai. Ele acena com a cabeça, para na porta e olha por cima do ombro, como se também quisesse dizer alguma coisa.

Seus olhos estão vermelhos.

Dou um sorriso tímido pra ele.

— Cara, quando quiser conversar estou aqui, ok? — digo.

A sensação de fazer alguma coisa que não seja simplesmente apagar o que aconteceu é boa. Coloco a mochila no ombro, mas hesito antes de seguir para a porta. Olho para a sra. Dean em seu terninho cinza, de pé atrás da mesa. Parece uma juíza sem a toga.

— Isso quer dizer que a senhora não vai... — começo, e então paro. Talvez não devesse ter tocado no assunto.

— Sr. Malloy, estou impressionada com sua humildade e consideração hoje. Você assumiu a responsabilidade e demonstrou arrependimento. — Ela para por um momento e fica olhando pra mim, os olhos brilhando. — Acho que seu pai ficaria muito satisfeito com a maneira como se comportou esta manhã. Sei que ele é bastante exigente com você. — Ela para e deixa escapar o princípio de um sorriso. — Desde que continue usando a cabeça, no que me diz respeito, a sexta-feira passada nunca aconteceu. Sua ficha está limpa, Jack. Aproveite.

NA SEGUNDA-FEIRA, ACORDO SORRINDO E me espreguiço. Estar de volta à minha cama é uma delícia. Pego meu ursinho e dou um apertão nele.

Não há lugar como o nosso lar, penso e sorrio. Viro de barriga para baixo e, ainda deitada, abro a cortina fina. A vista não é tão boa quanto a do topo da montanha, mas fico parada ali, sem me mover. Não perdi a alvorada — ainda dá para ver o sol surgindo no horizonte. Por entre a copa das árvores na calçada, observo a luz matinal preencher o céu, com pinceladas de laranja e cor-de-rosa. Surreal. Por alguns minutos de silêncio fico apenas observando a vista. É hipnotizante, mágico. Continuo assim até que o céu esteja azul, com um travesseiro sob o peito e o queixo apoiado nos braços dobrados. Fico pensando no monte de coisas que quero fazer. Acho que acordar pra assistir ao sol nascer vai ser um novo hábito. Isso me acalma. Parece que é o jeito certo de começar o dia. É como acho que deve ser.

Tomo um banho.

Cuido dos meus “negócios”. (Sim. *Aquilo que aconteceu ontem.*)

Penteio o cabelo.

Fico de pé, enrolada na grande toalha branca, em frente ao guarda-roupa perfeitamente organizado por cores graças a Jack e pego a primeira coisa que chama minha atenção — jeans e uma camiseta nova. É roxa. Ainda está com a etiqueta. Arranco e desdobro. É acinturada. Eu não teria escolhido algo assim, mas e daí? Vai ser essa! Enquanto visto, penso no dia de ontem — a camisa de hóquei de Jack presa na cabeça e o garoto ao lado me ajudando. Aqueles caras eram legais. Descalça, de jeans e blusa nova, observo meu reflexo no espelho que fica atrás da porta. Balanço a cabeça e dou aquele sorriso estranho que a gente dá para a própria imagem refletida. Quase rio. Não sei se dá para entender, mas é como se eu fosse amiga dessa menina que está olhando pra mim. Não tem a ver com a roupa. É mais o jeito como mantenho os ombros abertos. Como meus pés estão plantados no chão. Como me sinto forte.

Talvez por ter acordado com o sol, me sinto energizada quando desço a escada e entro na cozinha. Sou a primeira a levantar! Acendo a luz e começo a trabalhar. Chá e mingau de aveia com mel e passas. Fico bem orgulhosa de mim mesma quando coloco as duas tigelas na mesa. A expressão no rosto da minha mãe quando entra na cozinha é impagável! Ela já está vestida pra dar aula de ioga, com o cabelo solto ainda molhado do banho.

— Bom dia — diz, sorrindo e parecendo positivamente surpresa. — Será que alguém roubou minha filha e a substituiu por um marciano?

— Bom dia — digo, entregando uma caneca pra ela. — Chá de hortelã com leite, como você gosta.

Ela olha pra mim, a boca meio aberta e as sobrancelhas erguidas.

— O que está acontecendo? Não é meu aniversário nem dia das mães. Hum... — Ela leva o chá até a boca. — Uau, está perfeito. É exatamente o que eu precisava.

— Não é nada demais — digo, sorrindo. — Só levantei cedo e...

— Você? Levantou cedo? — Minha mãe parece surpresa. — Como está se sentindo? Com a...

— Estou bem — digo depressa, um pouco feliz que tenha tocado no assunto, mas também um pouco envergonhada.

— Cólicas? — pergunta ela, sentando à mesa.

— Um pouco, mas... — Também me sento. — Já aguentei coisa pior.

Minha mãe fica olhando pra mim. Seus olhos brilham.

— Você mudou o cabelo ou... — Ela faz uma pausa e estuda meu rosto pelo que parece um longo tempo. — Tem alguma coisa diferente. Não sei dizer o quê.

Dou risada.

— Bem, eu cortei o cabelo.

— Não, não é isso. Você está linda. Sempre acho que está, é claro, mas acho que... É alguma coisa *por dentro* — diz ela, radiante. — São seus olhos.

— Sei lá — digo, ficando meio vermelha.

— *Sei lá* — imita minha mãe, brincando.

— Acho que amadureci — digo, dando de ombros.

— Acho que sim — concorda, bebericando o chá. Então se recosta, joga a cabeça pra trás e fica me encarando com um sorriso enorme no rosto. Meio que rio, porque isso costumava me irritar muito. Eu ficava tão brava. Mas esta manhã sorrio de volta. Nada me incomoda.

Olha, os últimos três dias mexeram com a minha cabeça. Mas vou ser completamente honesta: quando desço do ônibus, sinto um friozinho esquisito na barriga, uma mistura de nervosismo e ansiedade. E não por causa dos “assuntos femininos”, se é que me entende. É porque, conforme caminho pelas centenas de alunos saindo dos ônibus escolares estacionados, vejo a distância — além das mochilas coloridas, da multidão, dos cumprimentos, da gritaria, da animação barulhenta — Sassy Gaines e seu grupo de acompanhantes idênticas de cabelo sedoso, todas diante do bicicletário. Respiro fundo. *Eu consigo*.

Mantenho a cabeça erguida e continuo andando. Com a mochila nos ombros e uma vizinha dentro da cabeça me dando forças, me misturo ao mar de rostos ansiosos. *Eu consigo*, repito pra mim mesma enquanto atravesso as portas abertas da Thatcher.

— Bom dia — diz o sr. Santos, vice-diretor, de terno e gravata. Está parado onde sempre fica, cumprimentando os alunos enquanto entram. — Valorize o dia de hoje! — diz, em seu tom de voz potente. — Seja a mudança que você deseja no mundo!

É o que ele sempre diz. Mas, pela primeira vez, entendo o que significa.

Antes que o sinal toque, eu o vejo a distância.

Cabelo raspado.

Moletom preto dos Bruins.

Está diante do armário, perto da diretoria. Literalmente paro no meio do caminho. Só isso. As pessoas esbarram em mim no corredor lotado, me mandam sair da frente. Nada me tira do transe. Eu me mantenho firme. Não tenho vergonha. O barulho pulsante do corredor diminui e tudo sai de foco. Tudo menos Jack. Meus olhos se aproximam dele como uma câmera dando zoom.

A sra. Dean.

Porter.

O olhar ansioso no rosto de Jack.

Os três andando pelo corredor até a sala dela. Sei que tem algo errado.

E aí é que está. Nesse momento, quando o vejo, estou muito mais nervosa por Jack do que por mim. E ali, parada no corredor barulhento, cheio de alunos batendo em mim enquanto passam, isso me atinge de imediato...

Sei o que é ter um amigo de verdade.

Conheço a sensação.

Entra a música! Começam os aplausos! Bem ali, com o sinal prestes a tocar, a luz se apaga. Talvez seja melhor dizer que a luz se acende. Quatro palavras vêm à minha mente: *Não estou nem aí*. Ou sete? *Não me importa o que Sassy pensa!* Ela não me assusta mais. Não quero que goste de mim. Não *preciso* que ela goste de mim. Quando entro pela porta para a primeira aula e nossos olhos se encontram, quando ela previsivelmente sussurra para Aspen, franze o nariz e ri, eu só, tipo, lanço um sorriso simpático de volta. Sento. Pego meus livros. Olho para a sra. González de pé atrás da mesa. Nem penso a respeito! É difícil explicar, mas sequer estou brava. Só... não me importo.

Não tem nenhum superpoder envolvido. Nenhuma mágica, nenhum segredo. É simples. Não sei como dizer de outro jeito, mas: se você tiver a sorte de conseguir uma segunda chance, não a desperdice.

Estou no meu armário, antes do almoço, quando Sammie, do futebol, chega correndo e me abraça. Nunca falei muito com ela, não sei por quê. Sammie é, tipo, superlegal e muito engraçada. Ela fica ali, esperando que eu guarde minhas coisas.

— Ai — diz, se aproximando. — Posso contar uma coisa meio constrangedora?

Faço que sim com a cabeça.

Sammie respira fundo. Seus olhos brilham, como se guardasse um grande segredo. Ela baixa a voz até um sussurro.

— Acabei de ficar menstruada e acho que pode ter vazado!

Meu queixo cai. Hesito por um momento. Quase não conto. Penso em guardar pra mim, mas então... quer saber? Preciso fazer novos amigos, né?

— Eu também fiquieeei!

— Ah, não. Não brinca! — diz Sammie, sorrindo. — Nossa, tipo, minha irmã disse que quando um monte de mulheres fica muito tempo junto a menstruação delas meio que sincroniza! Vai ver que foi, sei lá, por causa da festa da Claire!

— Pode ser — digo, rindo.

— Aimeudeus, Elle! É como se fôssemos irmãs! — diz Sammie, se esforçando pra manter a voz baixa.

Sammie é muito engraçada. É impossível não rir com ela.

— E aí? — Sammie franze o nariz, parecendo um pouco envergonhada. Então se inclina e sussurra no meu ouvido. — Você me diz se, tipo, estiver aparecendo?

— Claro — concordo, com risinhos nervosos.

Ela vira, olhando pra mim por cima do ombro enquanto anda como uma modelo pelo corredor semivazio.

Eu a observo.

Nós duas começamos a rir.

Vou até ela. Agora estamos gargalhando.

— Tudo certo! — anuncio.

— Ufa! Sei que é esquisito, mas é como se...

— É realmente esquisito, né? — concordo em meio aos risos.

— Super! — diz Sammie, enlaçando meu braço conforme caminhamos para a lanchonete, atravessando o longo corredor da Thatcher, passando pelos armários laranja e por dois professores conversando.

Ela olha pra mim.

— O mais engraçado é que, tipo, eu estava tão louca pra, você sabe, vir! — Sammie faz uma pausa pra pensar. — Mas, sério, agora que veio, parece um *saco*.

— Acho que sim — digo com um sorriso tímido. — Faz só 12 horas pra mim.

— Pra mim também, mas quer uma opinião baseada totalmente em inexperiência? A vida é muito mais fácil pros meninos. Eles são tão sortudos! Quer dizer, imagina como seria se tivessem que suportar

sangue saindo do próprio corpo... — Sammie ri e balanceia a cabeça. — É tão mais tranquilo ser menino. Eles não precisam se preocupar com esse tipo de coisa.

— É — digo, e continuo andando. Quase não falo, mas mudo de ideia. — Mas eles têm que enfrentar coisas difíceis também.

— Acha mesmo? — pergunta Sammie, nossos braços ainda dados enquanto andamos pelo corredor. — É isso que adoro em você! É sempre, tipo, tão atenciosa, tem tanta consideração pelos outros. Você é a melhor, Ellie! A gente precisa passar mais tempo juntas!

— Verdade — concordo, sorrindo. — Seria legal.

— Dorme lá em casa um dia depois do futebol! Mackenzie também! A gente pode fazer brownies e comer a massa crua que sobrar.

— Tô dentro.

Sorrio ao me ouvir, porque pareço um dos garotos. Ela continua, chegando cada vez mais perto enquanto andamos:

— A gente precisa convencer a Mackenzie a voltar pra Thatcher!

— Total! — concordo, lembrando o que Jack me disse. *Mackenzie e Sammie são demais.*

Ela fala alto quando entramos na lanchonete barulhenta.

— Ei, você jogou muito ontem! Gostei de ver, garota! Mandou bem!

— Mandei? — pergunto, então me corrijo. — Quer dizer, obrigada.

Como sempre, a lanchonete está lotada de alunos do sétimo e do oitavo ano. É muito barulho! Na fila pra pegar a comida, eu e Sammie nos juntamos a outras meninas: Claire (que também me dá um abraço), Addi, Annie Hutchinson, que fazem aula de canto comigo, Emma e Hannah. Quando pegamos a comida e começamos a procurar por uma mesa vazia, parecemos um desfile completo, com mais três aquisições: Tatum, Hope e Catherine.

Ficamos ali paradas, segurando as bandejas de plástico, olhando para o labirinto de mesas lotadas.

— Onde vamos nos sentar? — pergunta Claire que, assim como eu, vasculha o salão.

Nesse exato segundo, Aspen surge do nada. Sinto um frio na barriga. Pra ser completamente honesta, alguns sentimentos familiares e não tão bons voltam. Ela olha para mim, parecendo irritada, então pega o braço de Claire.

— O que você está fazendo? Estamos sentadas *ali*. — Ela aponta para uma mesa. — Vem!

Não conseguimos evitar olhar. Viramos todas a cabeça como uma equipe de nado sincronizado.

Em um canto da lanchonete está Sassy, na cabeceira da mesa das “meninas populares”. A rainha e sua corte têm a mesma cara, cabelo perfeito e brilhante, maquiagem. Ninguém parece muito feliz.

Todas nos encaram.

Dá pra sentir a tensão.

— Hã... — Claire gagueja a princípio. — Estou bem aqui, obrigada — diz finalmente para Aspen, olhando para mim e sorrindo.

— É, valeu — diz Sammie, com um sorrisinho desafiador e corajoso no rosto.

Então...

— Elle!

Ouçõ meu nome. Conheço a voz. Bem demais.

Ele precisa gritar acima do caos da lanchonete e parece que todo o local fica em silêncio nesse exato momento. Levanto a cabeça para tentar enxergar e sigo sua voz até o outro lado, perto da sala de orientação.

— Elle! — Jack coloca as mãos em concha em volta da boca. — Elle! — grita.

Ele me lança um sorriso enorme e agita os braços como um louco. Owen, Sammy, Demaryius, Trey, Dominic, Brayden. Vejo todos levantarem, sorrindo, acenando e gritando pra mim.

— Elle O'Brien — chamam todos ao mesmo tempo. — Elle!

Não consigo ouvir nada do que dizem além do meu nome, mas sei o que querem que eu faça. Meus olhos se iluminam. Eu me pego sorrindo. Faço um sinal de cabeça para Sammie, dou um sorriso confiante e digo:

— Vamos lá!

Então começo a andar, passando pelo emaranhado de mesas, desviando de mochilas e me espremendo entre cadeiras. Por um segundo, o barulho diminui. Sinto todos os olhos em mim. Por cima do ombro, vejo que as meninas me seguem, um rastro de novas amigas. Quando viro pra frente, vejo Sammy e Demaryius carregando uma mesa vazia para colocar ao lado da deles. Dominic, Brayden e Owen pegam as cadeiras extras e as deixam de lado, para que as duas mesas se tornem uma.

E lá está Jack. Olhando diretamente pra mim enquanto me aproximo, com um enorme sorriso no rosto. Está de pé atrás de uma cadeira vazia, ao lado da dele.



NA SEXTA AULA, ESTOU SENTADO no meu lugar quando ouço a voz de uma mulher pelo alto-falante.

— Jack Malloy, por favor compareça imediatamente à diretoria.

Sino um nó no estômago. Ser chamado no meio do dia... Nada de bom pode sair daí. Levanto e pego a mochila e meus livros. Meu coração começa a bater mais forte.

Demaryius faz um sinal com a cabeça.

— Chamaram você, cara? O que tá rolando?

Dou de ombros e digo:

— Não faço ideia.

Tento agir como se não estivesse pensando no que estou pensando. Basicamente me preocupo com todo mundo que conheço. Pode ter acontecido alguma coisa com meus irmãos. Meu pai talvez tenha surtado. Ou algo envolvendo Elle e a enfermeira maluca!

Minha cabeça começa a latejar. Estou suando. Milhões de pensamentos passam à mil pela minha cabeça. Quando saio da classe e me apresso pelo corredor vazio, me sinto tonto, estranho. Quente. Paro pouco antes de chegar à diretoria. Fico imóvel do lado de fora, com as costas coladas aos armários. Digo a mim mesmo para me acalmar. Não precisam ser necessariamente más notícias, certo? Pode ser algo bom. Por um momento gostaria que Summer estivesse aqui. Que fosse ela me esperando na sala da diretoria. Mas ela não está aqui; eu estou. Respiro fundo e ponho a mão na maçaneta.

Vejo Jett de pé antes que ele me veja, de camisa, gravata e blazer azul-marinho. O sentimento horrível em meu estômago chega até meu coração. Deve ser ainda pior do que estou pensando. Ele está falando com o sr. Santos perto da mesa da secretária. Começo a andar mais rápido. Tento criar coragem, ainda que me sinta mais enjoado a cada passo que dou.

Meu irmão me vê e sorri, com seus óculos grossos e a gravata afrouxada. Nesse momento, sei que, tipo, ninguém morreu. *Conheço* aquela cara. Respiro aliviado como nunca, deixando o ar sair devagar dos pulmões. Então me apresso. Ainda estou meio preocupado. Jett nunca veio me buscar na escola. Nunca fui chamado durante a aula.

Ele acena com a cabeça e pisca quando me aproximo.

— E aí?

— Está tudo bem? — solto.

Jett não responde. Ele vira para o sr. Santos e oferece a mão pra um aperto.

— Obrigado, senhor — diz, olhando bem em seus olhos.

Assim que saímos da Thatcher, quando pisamos na calçada, Jett me conta.

— O Capitão quer fazer uma reunião.

Ele não para ou olha pra mim. Diz isso enquanto andamos até a caminhonete estacionada na área de visitantes.

— Reunião? Por quê? — pergunto, confuso.

— Não sei, cara.

Jett ergue as sobrancelhas, parecendo ansioso.

— Ah, cara — murmuro. — Não deve ser coisa boa.

Enquanto dirige, meu irmão não liga a música alto como costuma fazer. O silêncio é completo a não ser pelo som das rodas sobre o asfalto. Quando entramos na garagem, sinto que estou prestes a vomitar.

Jett olha pra mim antes de sair.

— Fica calmo. Não seja negativo, cara. Nunca se sabe. — Ele faz uma pausa e abre a porta da caminhonete. — Pode ser algo bom pra variar.

— Duvido — retruco baixo.

Jett fica de pé do lado de fora esperando até que eu saia. Não falamos nada enquanto nos dirigimos para a porta de casa. Antes de entrar, ele me lança um olhar.

— Se for ruim — diz, apoiando a mão no meu ombro —, vamos estar juntos nessa, e vamos aguentar.

A reunião é na sala, o que me deixa ainda mais preocupado. Não ficamos na sala desde que... Você sabe, minha mãe. As portas duplas, com vidros enormes e cortinas, tudo está sempre fechado. Inacessível.

Tudo ali me lembra dela. O cheiro. O sofá espaçoso, a lareira, os livros alinhados na estante, as fotos de família, provando que um dia meu pai foi feliz de verdade — retratos do casamento, dos meus irmãos me segurando pela primeira vez nos patins.

Quando entramos, Gunner e Stryker já estão esperando no sofá, vestindo o blazer azul-marinho com o símbolo da Saint Joe's.

— E aí?

Stryker balança a cabeça. Parece tão nervoso quanto eu. Sua gravata está afrouxada, como a de Jett, e o primeiro botão da camisa está aberto.

Afundo no espaço entre Stryker e Jett. Gunner está espremido na ponta, parecendo preocupado.

Ninguém fala.

Ninguém se mexe.

Fico sentado olhando pro chão.

Meu pai entra com as roupas do trabalho: gravata frouxa, camisa azul com as mangas dobradas e calça social escura. Ele parece diferente, recém-barbeado; a sombra de cavanhaque branco sumiu. Para diante das fotos, solta um pigarro e, com uma das mãos, pega a pesada cadeira de madeira do canto da sala e a puxa para se sentar bem na nossa frente.

Meu coração bate forte. Minha perna não para de balançar. Stryker põe a mão no meu joelho e me dá um olhar que diz “para com isso”.

Meu pai se senta. Eu me obrigo a olhar pra ele, a erguer os olhos. E o que vejo não é o que eu esperava: ele está sorrindo. Tipo, de um jeito simpático e afetuoso. Não o vejo assim há um bom tempo. Dou uma olhada nos meus irmãos igualmente surpresos.

— Garotos, vou direto ao ponto — diz ele. Seus olhos estão muito azuis e límpidos. Ele respira fundo e olha pra mim. — Jack, em primeiro lugar, muito obrigado.

Olho de volta, confuso. Então me dou conta. *Elle*.

— Ontem não foi fácil. As coisas que você disse... — Ele para. Respira. — Aquilo realmente me magoou. Não vou usar meias palavras. Perder sua mãe...

Ele para. Fecha os olhos. Leva as mãos ao rosto e abaixa a cabeça.

Tudo fica quieto.

Silêncio completo.

Nem me mexo. Não movo os olhos. Não me ajeito. Nunca vi meu pai assim. Ele é, tipo, o cara mais durão e forte que conheço.

— Sua mãe. — Ele recomeça, com a voz vacilando: — O que era mais importante pra ela...

E para de novo.

Nós todos sabemos.

— É difícil. Sei que não tenho sido... — Ele para de novo, engasgado. Seus olhos começam a se encher de lágrimas. — Meu trabalho como pai é amar vocês completamente.

Há de novo um longo momento em que ninguém fala. Ficamos sentados, assistindo às lágrimas se acumularem nos seus olhos até não ter mais espaço pra elas, e o sofrimento escorrer pelo seu rosto.

Fica tudo tão quieto. Ninguém diz nada. Tento me conter. Segurar a respiração, guardar tudo dentro de mim. Até que não aguento mais. Olho de lado pros meus irmãos. Jett, Gunner e Stryker estão enxugando as lágrimas.

Sinto um alívio imenso.

As lágrimas continuam rolando.

— Vocês são meu orgulho e minha alegria — prossegue meu pai. — A maior benção na minha vida. Fazem tudo direito. E não estou falando do hóquei, que é só um jogo e não é o que define vocês. Você são garotos lindos, bondosos, que cuidam uns dos outros... — Vejo os olhos dele brilhando entre as lágrimas. Não ficam assim há mais de um ano. — Ao longo do último ano vocês têm se criado sozinhos. O que eu tenho a dizer não podia esperar. Sinto muito ter demorado tanto — diz ele, se desfazendo em lágrimas. — Estou de volta. Quero apenas dizer o quanto amo vocês.

CINCO MESES DEPOIS



É 4 DE FEVEREIRO, O que tem duas implicações: é meu aniversário e estou fazendo 13 anos.

A primeira coisa que faço quando acordo é pegar o pedaço de papel dobrado dentro do meu livro. Sim, é de Jack. Penso nele desde que o descobri. Às vezes eu o pego, desdobro com cuidado e dou uma olhada antes de ir dormir. Estava esperando completar 13 anos pra começar uma nova tradição.

Faço logo quando acordo, depois de ver o sol nascer, ainda deitada na cama, agarrada ao travesseiro.

— Aí vai — digo em voz alta, sorrindo pra uma folha de papel pautado em branco, então coloco a caneta azul a postos.

Vou ter como meta um ano de cada vez. Coisas que quero fazer ou tentar.

“Elle O’Brien, 13 anos!”, escrevo em letras 3-D sombreadas.

- Entrar para a equipe de corrida!
- Aprender hóquei!
- Passar no teste para o musical da escola!

Em vez de numerar, como Jack faz, desenho caixinhas para marcar quando conquistar o objetivo. Pode rir o quanto quiser, mas talvez seja melhor fazer algo do tipo. Como Jack diz: se você pode sonhar, pode conquistar! Acho que acredito nele. Desde que voltei pro meu corpo, estou muito feliz. Olho as pessoas nos olhos. Tenho muitos amigos. Eu me sinto mais segura, como se pudesse falar com qualquer pessoa que quiser, sem problemas. E, hoje à noite, vai rolar uma superfesta do pijama pra comemorar meu aniversário!

Depois do café, minha mãe me deixa no rinque. Achou que eu estava brincando? Vou até o porta-malas, abro e coloco a mala imensa no ombro.

— Pegou tudo, aniversariante? — pergunta ela de dentro do carro, por cima do ombro.

— Peguei! — digo. — Obrigada!

Minha mãe me oferece seu sorriso imenso de sempre.

— Estou tão orgulhosa dessa história toda de hóquei. Acho incrível!

Com o taco na mão, começo a me afastar e então a ouço chamar e me viro.

— Vou tomar um café no Lulu’s — diz minha mãe pela janela aberta. — Vólto logo!

Ainda não estou em um time de verdade. Quer dizer, a temporada de futebol acabou de terminar. Como presente de aniversário adiantado, minha mãe me comprou todo o equipamento de hóquei e, desde então, me deixa no rinque aberto todo sábado de manhã. Eu que descobri o lugar e me inscrevi. Eu que liguei e falei com o responsável. Usei minhas economias para pagar a taxa de utilização durante o inverno: 175 dólares. Foi um investimento.

Nossa, patinar é muito mais difícil fora do corpo de Jack. Da primeira vez que pisei no gelo com o material, literalmente caí de cara no chão. Beije o gelo. Foi bem engraçado. É preciso começar de algum lugar!

Sem ligar muito, levantei lentamente, um pé de cada vez. Dei passos bem curtos, como um pato, bamboleando pelo gelo. Estou melhorando aos poucos.

Atravesso as portas do ringue com o agasalho do futebol, um rabo de cavalo preso bem alto e a mala de hóquei no ombro. Adoro esse cheiro. O ar frio atinge o rosto e é como...

É incrível.

Chego cedo demais. Tem um jogo acontecendo. Olho o placar no centro: faltam dez minutos. Tem um monte de gente assistindo, pais na torcida. Deixo a mala na arquibancada de madeira, pego o taco e fico no nível do gelo, perto do goleiro, olhando através do vidro. Eu os vejo de costas, e meu queixo cai.

Sei que são eles.

Posso ouvir as vozes.

À minha direita, a um passo de distância, Jett, Stryker e Gunner estão de pé, o rosto colado no vidro. Literalmente me arrepio toda. Cara, quero correr e abraçar os três! Tenho que me segurar, porque... Bem, eles nunca me viram. Não me conhecem, mesmo que meio que sim. Provavelmente achariam estranho se uma menina de 13 anos os abraçasse, se agarrando a eles como uma velha amiga. Meu coração acelera e fico agitada. Se os garotos estão aqui, quer dizer que Jack também está! Nós somos bem próximos agora. Ele sempre me dá força e uns bons conselhos. É bem legal ter um amigo menino. Somos como irmãos. Eu o ajudo com Mackenzie — mesmo que ele garanta que são “só amigos”! E Jack está sempre cuidando de mim. É tipo uma tradição todos os amigos deles e todas as minhas amigas sentarem juntos no almoço. Mas não somos uma panelinha. Qualquer um que quiser almoçar com a gente é bem-vindo.

Vou para mais perto de Jett. Fico apoiada no taco, a ponta sob o queixo, apertando o nariz no vidro.

Ele vira e me dá uma olhada rápida.

— Oi — diz, simpático. Seus olhos brilham como se me conhecesse.

— Oi — digo, sorrindo avidamente.

Os outros dois se inclinam pra ver com quem ele está falando.

— Belo taco! — diz Gunner. — É um Easton Stealth?

— É.

Balanço a cabeça e sorrio como se não fosse nada de mais.

— Cara, que incrível! — diz Stryker. — Posso ver?

Entrego o taco, orgulhosa. Os três se aglomeram em volta dele. Stryker pega e finge acertar um disco invisível.

— Ah, cara, esse cabo é surreal! Você claramente sabe o que está fazendo — diz ele, sorrindo e devolvendo o taco.

— Na verdade, não — explico, um pouco tímida. — Acabei de começar.

— Bem, com um taco desses você vai detonar! — Gunner dá uma piscadela pra mim.

Jett me olha, sorrindo por trás dos óculos grossos.

— Continue treinando — diz ele. — Logo mais vai estar destruindo!

Dois jogadores batem no vidro, que treme com o impacto.

— É isso aí, cara! — O rosto de Gunner se ilumina.

Dou um passo pra trás.

Jack é um deles!

Quando o apito soa, os três piram.

— Valeu, cara! — diz Gunner. — Quero ver mais disso!

Stryker vira pra Jett.

— É, ele detonou. Bom tiro, boa velocidade... Quebrou tudo nesse turno! Ele é o cara.

Jett bate no vidro com a mão.

— É assim que se faz, Jack!

A princípio, não acho que nos vê, de tão focado que está. Então, antes do reinício do jogo, Jack se posiciona à direita do goleiro, olha rapidamente para nós quatro e lança um enorme sorriso.

E tem mais.

Depois da partida, fico esperando que a máquina de limpeza dê a última volta no gelo. Estou de pé na entrada do ringue, completamente paramentada com todo tipo de proteção, capacete, taco na mão e mordendo meu protetor bucal com sabor de menta. O pessoal que assistiu ao jogo de Jack está indo embora. Olho para a arquibancada e a vejo.

Minha mãe.

Usando botas Ugg, legging e uma parca gostosa e quentinha forrada com pele de ovelha. Está com um daqueles chapéus de pele russos, seu lindo cabelo ruivo escapando em ondas. *Ela está linda*, penso, e sorrio para minha mãe, pensando na sorte que tenho.

Eu a vejo sorrir também, só que não pra mim. Está falando com alguém. Quase não o reconheço por causa do sorriso enorme e do cabelo mais comprido, cheio de ondas como o de Jett.

Então...

Eu me dou conta.

Meus olhos se demoram nos dois, conversando e rindo. Jack me contou tudo. Como o pai dele mudou. Como está muito mais relaxado e tranquilo. Como se divertem juntos, e ele agora não precisa mais seguir tantas regras.

Minha mãe está envolvida na conversa. Joga o cabelo, se inclina para a frente e ri. Em sua versão dois ponto zero, o Capitão é bem bonito, não vou mentir. O jeito como se comporta, forte, confiante, uma mistura de força e delicadeza. Admito que, parada ali, prestes a entrar no gelo, com a máquina estacionando na pequena garagem, o pensamento passa pela minha cabeça. Ué, coisas mais malucas já aconteceram nesse mundo! Estou longe, mas posso ver pelo jeito dela. Minha mãe parece feliz. Posso ouvir seu riso ecoando pelas arquibancadas vazias. Piso no gelo, sorrindo ao pensar nesse desejo secreto, então começo a deslizar.

TRÊS ANOS DEPOIS



FAZ TRÊS ANOS QUE TUDO aconteceu. Tem tanta coisa pra contar, vou tentar fazer meu melhor. Vendemos a casa e compramos um terreno lindo, perto do lago — no qual havia um chalé antigo que meu pai praticamente derrubou e reconstruiu do zero. Todos ajudamos. Levou dois anos. Toda a madeira que usamos na nova casa foi reaproveitada do chalé derrubado. As vigas, o assoalho. A casa nova cheira a pinheiro. Os quartos têm vista pra água. Toda manhã vejo o nascer do sol, e no verão corremos para o deque, mergulhamos e nadamos até o outro lado. Bem, meus irmãos, Elle e eu nadamos. Meu pai e Summer ficam na canoa, nos incentivando. Estão lá se precisarmos deles.

Minha vida é quase perfeita. Nunca pensei que teria uma irmã, isso é certo. Amamos Elle. Ela tem quatro irmãos mais velhos que fariam qualquer coisa por ela. E você devia ver como joga hóquei! Cara, a garota é rápida! Patinação impecável, com o longo cabelo ruivo voando sob o capacete. Agora sou irmão mais velho dela — embora a diferença seja de apenas um ano —, então posso elogiar.

No último ano, ela conseguiu o papel principal na produção de *O violinista do telhado* da escola, mesmo ainda estando no primeiro ano do ensino médio. Bem impressionante. Ela foi incrível. Ficamos todos lá, os seis, na terceira fileira, aplaudindo como loucos. Elle também entrou para as equipes de futebol, hóquei e corrida, apesar da pouca idade. O sonho dela é ir pra Harvard. Tenho certeza de que vai conseguir.

Meu pai não estava brincando no dia daquela reunião. Foi sincero. E mudou. Mais do que eu poderia pedir. Em primeiro lugar, pediu demissão e passou a trabalhar em casa. Transformou o antigo celeiro do terreno em uma marcenaria. Agora ele faz umas esculturas bem legais, pelas quais as pessoas pagam um bom dinheiro. No outro lado do celeiro, construiu um espaço pra gente jogar e passar o tempo. É muito melhor que a Jaula. Abrimos as portas gigantescas e parece que estamos do lado de fora, mesmo quando está nevando ou chovendo forte.

Eu, meus irmãos e meu pai decidimos juntos que só jogaríamos hóquei durante a temporada. Não encaramos mais como trabalho. É pra ser divertido, então não pisamos no gelo de maio a agosto. Só fazemos musculação, nadamos e comemos muito — o que quisermos. Summer fez com que todos nós — inclusive meu pai — curtíssemos ioga. Esse novo estilo de vida “menos-é-mais” está realmente sendo bom. Jett e Stryker jogam pelo Boston College. Jett é capitão e foi draftado na primeira rodada pelos Los Angeles Kings. Gunner se aposentou do hóquei depois de concussões demais. Aprendeu a tocar violão e tem uma banda. Eles ensaiam no celeiro. São bem bons. Tocam country acústico.

Ainda anoto meus objetivos todas as noites. Mas tenho orgulho em dizer que já conquistei um. Este ano assinei uma carta de intenção de jogar para o Boston College depois que me formar na escola. Stryker vai estar no segundo ano, e eu no primeiro.

Ainda visualizo meus sonhos, mas mudei. Tenho muito menos medo e não entro em pânico. Meu pai é meu maior exemplo. Ele me ajudou a me tornar quem sou. E a única razão pela qual estou onde estou. A disciplina que nos passou está internalizada. A ética de trabalho. “Se quer fazer alguma coisa, faça o que ama”, ele diz. Faça e se divirta!

Meus momentos preferidos com a família são as noites quentes de verão, com o céu aberto. Ficamos os sete juntos, com Summer impressionante como sempre com seu cabelo vermelho flamejante e seu sorriso incrível, e meu pai com a barba que deixou crescer. Estão sempre de mãos dadas. Ficamos sentados em volta de uma fogueira à beira do lago.

Os gestos de amor e a risada de Summer nos conquistaram. Só sua presença, sua força, são o bastante. Acho que, se tivesse que explicar, diria que ela nos ensinou que suavidade não é o mesmo que fraqueza. Gunner traz o violão e cantamos Beatles, Eagles e James Taylor com a fogueira acesa, o lago brilhando sob o céu estrelado. Rimos muito. Às vezes, até falamos sobre minha mãe. A gente se lembra dela, dos bons momentos.

Ainda uso a correntinha no pescoço.

Nunca tiro.

Tem uma palavra gravada em letra manuscrita no pingente. Só dá pra ver com uma lupa.

AMOR.

Amo minha família mais do que posso dizer. Quando olho através da fogueira para Summer, meu pai, Jett, Elle, Gunner e Stryker, sou tão grato. Eu me sinto o garoto mais feliz do mundo. E talvez seja mesmo.

AGRADECIMENTOS

*Moro na casa
perto da esquina, que chamei de
Gratidão.*
Mary Oliver

GOSTARIA DE AGRADECER A KATHERINE Tegen, Maria Barbo, Kate Morgan Jackson e a todo mundo na HarperCollins Children's e na KT Books que usou tanto de sua magia para levar este livro até as mãos de cada leitor e fazer com que ficasse lindo.

Um agradecimento especial à minha maravilhosa agente literária, Margaret Riley King, e a toda a equipe da William Morris Endeavor, em especial Chelsea Drake, Laura Bonner, Jo Rodgers, Anna DeRoy, Erin Conroy e Jennifer Rudolph Walsh. Que alegria é ser representada por essas mulheres inteligentes e adoráveis.

Sou imensamente grata a Ken Weinrib. Ele é praticamente um super-herói e sorte de quem o tem ao lado.

E, finalmente, aos campeões silenciosos que apoiaram esta história. Graças à bondade de vocês, este livro é um *farol iluminando* a escuridão. Sou mais grata do que as palavras podem expressar.

PUBLISHER

Omar Souza

EDITORA

Giuliana Alonso

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Thalita Aragão Ramalho

PRODUÇÃO EDITORIAL

Isis Batista Pinto

COPIDESQUE

Marina Góes

REVISÃO

Fernanda Silveira

Marcelo Vieira

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

PRODUÇÃO DO EBOOK

Ranna Studio